

DIANA LIZ REIS DE BITTENCOURT

**O DOMÍNIO FUNCIONAL DO FUTURO DO SUBJUNTIVO:
ENTRE TEMPORALIDADE E MODALIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Edair Maria Görski.

Florianópolis/SC
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

REIS-BITTENCOURT, Diana Liz

O domínio funcional do futuro do subjuntivo: entre temporalidade e modalidade [Tese] Diana Liz Reis de Bittencourt; Edair Maria Görski. Orientadora. Florianópolis/SC, 2014 (344 páginas).

Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências.

1. Linguística.

DIANA LIZ REIS DE BITTENCOURT

Esta tese foi julgada adequada para obtenção do Título de Doutor em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 25 de setembro de 2014.

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
Coordenador do Programa

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Edair Maria Görski
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dra. Maria Alice Tavares
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
Universidade Estadual de São Paulo/São José do Rio Preto/SP

Prof. Felício Wesling Margotti
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dra. Leandra Cristina de Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Tarcísio de Arantes Leite
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dra. Angela Cristina Di Palm Back (Suplente externo)
Universidade do Extremo Sul Catarinense

Prof. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina (Suplente interno)

Dedico aos meus.

AGRADECIMENTOS

À professora Edair Maria Görski, pela orientação precisa em todo o percurso de desenvolvimento desta pesquisa e pela constante aprendizagem que me permitiu, por ser minha orientadora.

Aos meus pais, Mariléia e Sérgio, pelo incentivo, dedicação e afeto.

Ao Wagner, meu marido, por todo carinho, amor, atenção e disposição constantes em me apoiar.

À Talita e ao Mateus, pela alegria e presença como irmãos e grandes amigos.

À professora Izete L. Coelho e à professora Leandra C. Oliveira pelas ideias sugeridas durante a defesa do projeto.

Aos colegas pós-graduandos em linguística da UFSC, em especial, aos amigos do grupo do VARSUL.

Ao CNPq pelo apoio financeiro à pesquisa.

Agradeço.

“Ars longa, vita brevis”.
"A arte é longa, a vida breve"

RESUMO

O futuro do subjuntivo é abordado nesta tese como um meio de expressão de categorias funcionais complexas, *tempo* e *modalidade*. Portanto, buscamos distribuir o seu domínio funcional a partir desses dois eixos: temporalidade e modalidade, assumindo que sua expressão pode direcionar-se mais a um ou a outro eixo, a depender do uso, que sofre influência de forças de natureza distinta: discursivo-pragmática, semântica e morfossintática, que se entrecruzam no contexto discursivo. Ademais, como um tempo verbal de *futuro*, e ainda como uma forma de *subjuntivo*, as categorias – tempo, modo e modalidade – se inter-relacionaram de maneira direta para a expressão do *irrealis*, o que permitiu que correlações entre elas fossem traçadas ao longo do estudo. A amostra compõe-se de dados de fala sincrônicos oriundos do banco de dados Varsul, enquanto a fundamentação teórica ancora-se no funcionalismo de vertente norte-americana, norteado principalmente por Givón (1995; 2009); Bybee (1985); Bybee *et al.* (1994) e Fleischman (1982). Os principais resultados apontam que o futuro do subjuntivo distribui-se em padrões funcionais de usos, num *continuum* entre ‘mais tempo (futuro) e menos modalidade’ e ‘menos tempo e mais modalidade’. Nos extremos do *continuum*, as principais forças atuantes são: (i) *para o domínio mais temporal*: a presença de fatores que reforçam a projeção futura e a ideia de predição no enunciado, como conector temporal, tempo verbal futuro na oração principal, além de expressão da modalidade epistêmica de probabilidade e maior certeza do falante; (ii) *para o domínio mais modal*: a expressão da modalidade orientada ao agente, orientada ao falante e, sobretudo, da modalidade epistêmica de baixa certeza, assim como certos tipos de construções relativas, além da presença de dados em que o item verbal é de modalidade inerente ou modal. Contudo, a grande maioria dos dados de futuro do subjuntivo distribui-se no entremeio, em que fatores como temporalidade no enunciado – presença do presente habitual –, alguns valores modais deônticas, como volição, e epistêmicos, como possibilidade, além de aspecto da situação, sequência discursiva, tipo oracional, irregularidade morfológica, dentre outros fatores, atravessam-se em seu domínio, realçando seu caráter multifuncional. Estruturalmente, um elemento que se destaca é o conector condicional *se*, devido a sua alta recorrência junto ao futuro do subjuntivo na amostra, correlação essa atestada já desde os primeiros usos desse tempo verbal, ou melhor, de sua forma de origem no latim arcaico (Cf.

BECKER, 2010), o que indica certa estabilidade funcional em seus usos principais.

Palavras-chave: futuro do subjuntivo; funções; modalidade; temporalidade.

ABSTRACT

The future subjunctive is addressed in this study as a means of expressing complex functional categories, *tense* and *modality*. Thus, we seek to distribute his functional domain from these two axes: temporality and modality, assuming that its expression can be directed more to one or the other axis, depending on use, which is influenced by forces of different kind: discursive pragmatic, semantic and morphosyntactic, which intersect themselves in a discursive context. Moreover, as a future tense, and also as a subjunctive form, the categories – time, mood and modality – inter-related in a direct way for the expression of *irrealis*, allowing that correlations between them were described along the study. The sample consists of synchronous speech data coming from database VARSUL, while the theoretical foundation is based on American functionalism, mainly on Givón (1995, 2009); Bybee (1985); Bybee et al. (1994) and Fleischman (1982). The main results demonstrate that future subjunctive is distributed in patterns of functional uses, on a *continuum* between 'more (future) tense and less modality' and 'less tense and more modality'. In the extremes of the *continuum*, the main acting forces are: (i) *for the most temporal domain*: the attendance of factors that reinforce the future projection and the idea of prediction in the statement, as temporal connector, future tense in the main clause, and the expression of epistemic modality of probability and more speaker's certainty; (ii) *for the modal domain*: the expression of the agent-oriented modality, speaker-oriented, and above all, the epistemic modality of low certainty, as well as certain types of relative constructions, besides the attendance of data with inherent modality verbs or modal verbs. However, the considerable majority of future subjunctive data is distributed in a insertion, wherein factors like temporality in the statement - presence of habitual present -, some deontic modal values, such as volition, and epistemic, such as possibility, beyond of situation's aspect, discursive sequence, clausal type, morphological irregularities, among other factors, move along in his domain, highlighting his multifunctional feature. Structurally, an element that stands out is the conditional connector *if*, due to its high frequency along future subjunctive in the sample, a correlation which has been described since the earliest uses of this tense, or rather, its source form in archaic Latin (BECKER, 2010), indicating some functional stability in its main uses.

Key-words: future subjunctive; functions; modality; temporality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação do domínio funcional do FS.....	47
Figura 2 – Hipótese ilustrativa para o domínio funcional do FS.....	50
Figura 3 – Representação para <i>tense</i>	97
Figura 4 – Representação da modalidade de um período com FS	137
Figura 5 – Correlação entre a temporalidade e o continuum de modalidade realis-irrealis no contexto.....	203
Figura 6 – Gradiente para correlação entre tempo do verbo principal e relação temporal entre as situações	217
Figura 7 – Gradiente para a relação de anterioridade entre as situações e aspecto da situação no FS	237
Figura 8 – Gradiente de valores modais associados aos tipos de modalidade	246

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Gramática Comparativa Houaiss: espanhol, francês, italiano e português	53
Quadro 2 – O Futuro do Subjuntivo em cantigas portuguesas	63
Quadro 3 – Futuro do subjuntivo nas gramáticas	68
Quadro 4 – Síntese para tempos absoluto e relativo, cf Comrie (1985)	109
Quadro 5 – Distribuição da modalidade entre tempos e aspectos.....	130
Quadro 6 – Relação entre traços e classes aspectuais	147
Quadro 7 – Distribuição dos informantes das três capitais do Sul - Projeto Varsul	151
Quadro 8 – Temporalidade e gradiente (<i>ir</i>) <i>realis</i>	162
Quadro 9 – Tipos/sequências textuais	182
Quadro 10 – Escala modal <i>irrealis</i> de certeza epistêmica	252
Quadro 11 – Escala de certeza epistêmica para as adverbiais <i>irrealis</i>	273
Quadro 12 – Funções/significados mais específicos para o FS em situações específicas.....	318
Quadro 13 – Padrões funcionais de uso funcionais de usos do FS: ocorrências	321

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Resultados relativos à projeção de tempo no contexto...	198
Gráfico 2 – Resultados referentes ao presente do indicativos na oração principal do período com FS.....	208
Gráfico 3 – Resultados da relação de tempo verificada entre o FS e outra situação no enunciado	214
Gráfico 4 – Resultados referentes aos valores temporais associados ao FS	223
Gráfico 5 – Aspecto da situação descrita pelo FS na oração	234
Gráfico 6 – Resultados quanto ao tipo aspectual do verbo da oração principal	239
Gráfico 7 – Frequência da pessoa do discurso na oração com FS	250
Gráfico 8 – Frequência dos tipos de sequência textual predominante nos contextos.....	259
Gráfico 9 – Frequência da pessoa do discurso na oração com FS.....	267
Gráfico 10 – Orações subordinadas mais frequentes.....	276
Gráfico 11 – Frequência da posição da oração subordinada com FS em relação principal.....	284
Gráfico 12 – Frequência do tipo gramatical do verbo no FS – pleno ou auxiliar	290
Gráfico 13 – Frequência de ocorrência de verbos (ir)regulares na amostra.....	294
Gráfico 14 – Frequência dos padrões funcionais do FS nos dados	323

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência dos principais tempos verbais encontrados nas orações principais	204
Tabela 2 – Correlação entre tempo da oração principal e relação temporal entre o FS e a situação principal	215
Tabela 3 – Resultados relativos à correlação entre os valores temporais do FS e a temporalidade do contexto	229
Tabela 4 – Correlação entre os valores temporais do FS e o tempo do verbo da oração principal	230
Tabela 5 – Correlação entre os valores temporais do FS e a relação temporal entre as situações do enunciado	232
Tabela 6 – Correlação entre aspecto da situação no FS e relação temporal entre as situações.....	236
Tabela 7 – Correlação entre aspecto da situação e valor temporal de FS	238
Tabela 8 – Resultados concernentes à presença de advérbios no contexto.....	241
Tabela 9 – Resultados relativos à correlação entre presença de advérbios no contexto e valor temporal do FS	243
Tabela 10 – Frequência das noções modais no contexto de FS encontradas na amostra	247
Tabela 11 – Correlação e entre traços modais e valores temporais do FS	254
Tabela 12 – Correlação entre noções modais da oração e natureza modal do verbo no FS.....	257

Tabela 13 – Correlação entre tipo de modalidade predominante no contexto com FS e tipo de sequência textual	260
Tabela 14 – Correlação entre modalidade predominante no contexto e pessoa do discurso	268
Tabela 15 – Correlação entre tipo sequência discursiva e pessoa do discurso	270
Tabela 16 – Frequência dos conectores que introduzem orações com FS	275
Tabela 17 – Correlação entre tipos de modalidade no contexto e tipos de construção de subordinação	277
Tabela 18 – Correlação entre noção modal identificada na proposição e os tipos de oração	279
Tabela 19 – Correlação entre valor temporal do FS e os tipos de oração	280
Tabela 20 – Correlação entre relação temporal do FS com outra situação e tipos de oração.....	281
Tabela 21 – Correlação entre posição da oração subordinada e tipos de oração	285
Tabela 22 – Correlação entre posição da oração subordinada e valor temporal do FS	286
Tabela 23 – Correlação entre noção modal e FS <i>pleno</i> ou <i>auxiliar</i> ... 291	
Tabela 24 – Frequência de cada verbo irregular encontrado na amostra	294
Tabela 25 – Correlação entre os itens verbais no FS mais frequentes em tipos orações mais frequentes	295
Tabela 26 - Correlação entre os valores temporais do FS e o uso da forma verbal <i>for</i>	302

Tabela 27 – Distribuição dos principais resultados referentes à análise da temporalidade na expressão do FS entre as três cidades da amostra	307
Tabela 28 – Distribuição dos principais resultados referentes à análise da modalidade e de fatores de natureza morfossintática na expressão do FS entre as cidades	309
Tabela 29 – Correlação entre os <i>valores temporais</i> do FS e <i>escolaridade</i> dos informantes.....	311
Tabela 30 – Correlação entre a <i>modalidade</i> predominante no enunciado e <i>escolaridade</i>	312
Tabela 31 – Correlação entre <i>modalidade</i> predominante no enunciado e <i>sexo</i> do informante	312
Tabela 32 – Correlação entre os <i>valores temporais</i> do FS e <i>sexo</i> do informante	313
Tabela 33 – Correlação entre os <i>valores temporais</i> do FS e <i>faixa etária</i> do informante	313
Tabela 34 – Correlação entre <i>modalidade</i> no enunciado e <i>faixa etária</i> do informante	314

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	31
1.1	O OBJETO.....	
	355	
1.2	JUSTIFICATIVA.....	39
1.3	OBJETIVOS.....	43
1.4	DOMÍNIO FUNCIONAL DO FUTURO DO SUBJUNTIVO: A HIPÓTESE.....	45
2	O FUTURO DO SUBJUNTIVO.....	55
2.1	A HISTÓRIA FUTURO DO SUBJUNTIVO.....	55
2.1.1	O <i>futurum exactum</i>	56
2.1.2	O futuro do subjuntivo no espanhol e português rcaicos.....	60
2.1.3	Hipótese histórica.....	64
2.2	CONTEXTOS SINTÁTICOS DE USO DO FUTURO DO SUBJUNTIVO NO PORTUGUÊS.....	67
2.2.1	Construções relativas.....	70
2.2.2	Construções temporais.....	72
2.2.3	Construções condicionais.....	73
2.2.4	Construções condicionais factuais e contrafactuais.....	73
2.2.4.1	Construções condicionais hipotéticas/potenciais/eventuais.....	75
2.3	A DESCRIÇÃO DO FUTURO DO SUBJUNTIVO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS.....	77
2.3.1	O estudo antecedente.....	77
2.3.2	Macedo (1980).....	79
2.3.2.1	Macedo (1980) e Reis (2008; 2012b).....	79
2.3.3	Justino (2011).....	81
2.3.4	Gryner (1990) e Neves (1999).....	82
2.3.5	Ferrari (2005).....	86

3	TEMPO E MODALIDADE: CATEGORIAS FUNCIONAIS	
	COMPLEXAS	89
3.1	A ABORDAGEM FUNCIONALISTA.....	89
3.2	A EXPRESSÃO DO TEMPO.....	93
3.2.1	A codificação . tempo e os tempos verbais.....	93
3.2.2	A interação entre tempo verbal, sintaxe e discurso.....	98
3.2.2.1	Tempo <i>verbal</i> e tempo <i>real</i> no enunciado.....	99
3.2.2.2	Tempo verbal: outras funções no além da localização do tempo no enunciado.....	103
3.2.3	Tempo verbal: uma categoria dêitica.....	106
3.2.4	Tempo absoluto e tempo relativo na perspectiva de <i>Comrie</i>	108
3.2.5	Tempo absoluto-relativo: quando há dupla referência de tempo.....	111
3.2.6	A questão do ponto de referência além do moment de fala.....	113
3.2.7	O futuro do subjuntivo como tempo absoluto-relativo: a perspectiva.....	116
3.3	A EXPRESSÃO DA MODALIDADE.....	119
3.3.1	Conceito e classificação.....	120
3.3.2	A distribuição da modalidade na gramática.....	128
3.3.2.1	Modalidade em verbos e advérbios.....	129
3.3.2.2	Modalidade e tipos de oração.....	130
3.3.2.3	A modalidade nas orações adverbiais <i>irrealis</i>	131
3.3.3	A expressão das modalidades nos enunciados com o futuro do subjuntivo	134
3.4	O FUTURO: TEMPO E MODALIDADE.....	139
3.4.1	Futuro, subjuntivo e <i>irrealis</i>	142
3.5	ASPECTO.....	143
3.5.1	O aspecto gramatical: definição concisa.....	143
3.5.2	O aspecto da situação.....	144
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	149

4.1	AMOSTRA.....	149
4.2	PROCEDIMENTO DE ANÁLISE.....	151
4.3	A HIPÓTESE CENTRAL.....	155
4.4	OS GRUPOS DE FATORES.....	157
4.4.1	Categoria tempo.....	157
4.4.1.1	Temporalidade no contexto.....	158
4.4.1.2	Tempo verbal da oração principal.....	162
4.4.1.3	Relação de tempo entre a situação descrita pelo FS e outra situação	165
4.4.1.4	Expressão temporal do FS.....	169
4.4.1.5	Aspecto da situação descrita pelo verbo no FS.....	172
4.4.1.6	Perfil do verbo da oração principal.....	173
4.4.1.7	Presença de advérbios no contexto.....	174
4.4.2	A categoria modalidade.....	177
4.4.2.1	A expressão da modalidade no enunciado.....	177
4.4.2.2	Sequência discursiva.....	180
4.4.2.3	Pessoa do discurso.....	186
4.4.2.4	Fatores contextuais de natureza morfossintática.....	188
4.4.2.5	Tipo de conector que antecede a oração com FS.....	189
4.4.2.6	Posição da oração com FS em relação à principal.....	190
4.4.2.7	Futuro do subjuntivo como verbo principal ou auxiliar.....	191
4.4.2.8	Item lexical verbal no FS e (ir)regularidade morfológica.....	192
5	O DOMÍNIO FUNCIONAL DO FUTURO DO SUBJUNTIVO: DISCUSSÃO DE HIPÓTESES E RESULTADOS.....	195
5.1	A EXPRESSÃO DOTEMPO.....	195
5.1.1	A temporalidade no contexto.....	197
5.1.2	O tempo verbal da oração principal do período.....	204
5.1.3	A relação de tempo entre o FS e outra situação no enunciado.....	213
5.1.4	A expressão do tempo pelo futuro do subjuntivo.....	221
5.1.5	O aspecto da situação no FS.....	233

5.1.6	Tipo do verbo da oração nuclear.....	238
5.1.7	A presença de advérbios no contexto: algumas considerações.....	240
5.1.8	A expressão do FS no eixo da temporalidade: fechando a seção.....	244
5.2	A EXPRESSÃO DA MODALIDADE.....	245
5.2.1	A modalidade.....	246
5.2.1.1	Os traços modais identificados no enunciado da ocorrência de FS.....	246
5.2.1.2	A hipótese acerca da correlação entre tempo e valores/attitudes modais.....	251
5.2.1.3	A força dos verbos modais ou de modalidade na expressão modal do enunciado.....	256
5.2.2	Sequência textual.....	258
5.2.2.1	Argumentação, enunciados hipotéticos e modalidade epistêmica.....	262
5.2.2.2	Os dados de discurso reportado e a modalidade orientada ao falante.....	265
5.2.3	A pessoa do discurso.....	266
5.2.4	A distribuição do FS no eixo da modalidade: fechando a seção.....	270
5.3	CONTEXTOS MORFOSSINTÁTICOS.....	271
5.3.1	A oração subordinada com o FS: tipos de conectores.....	272
5.3.2	Posição da oração subordinada com o FS em relação à principal.....	283
5.3.3	O futuro do subjuntivo como verbo auxiliar ou pleno.....	289
5.3.4	O item verbal no FS e (ir)regularidade morfológica.....	293
5.3.5	A influência de fatores morfosintáticos na expressão do FS: fechando a seção.....	303
5.4	OS FATORES DE NATUREZA EXTRALINGUÍSTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	305
5.4.1	O fator localidade.....	306

5.4.2	Sexo, idade e escolaridade.....	311
6	DELINEANDO PADRÕES DE USOS E FUNÇÕES PARA O FUTURO DO SUBJUNTIVO.....	
	3155	
6.1	PRESSUPOSTO FUNCIONAL.....	
	3155	
6.2	DISTRIBUIÇÃO DO FS: ENTRE TEMPORALIDADE E MODALIDADE.....	317
	7	
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	
	3244	
	REFERÊNCIAS.....	
	33131	
	APÊNDICES.....	
	34040	
	APÊNDICE A – QUADRO-SÍNTESE DO FS NOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E GRAMÁTICAS.....	
	34141	

1 INTRODUÇÃO

A proposta desta tese consiste em descrever a expressão do futuro do subjuntivo através da análise da temporalidade e da modalidade em seus contextos multiproposicionais de uso. Em uma abordagem de cunho funcionalista, consideramos diversas forças de natureza semântico-pragmática e estrutural que se apresentam no contexto, associando-se à expressão do tempo e da modalidade nos usos do futuro do subjuntivo, em uma análise que contempla o fenômeno no discurso.

Inicialmente, apresentamos o futuro do subjuntivo como um tempo verbal que descreve situações¹ posteriores ou simultâneas ao momento de fala, cujo emprego se restringe a orações subordinadas. Ordinariamente, estabelece ainda uma segunda expressão de tempo, relativa à outra situação do enunciado, geralmente de anterioridade ou cotemporalidade à situação codificada pela oração principal da construção de subordinação. Não obstante, junto à principal, a oração com o futuro do subjuntivo tende a formar enunciados não factuais, em que a ideia do eventual, do hipotético, do provável ou ainda do incerto ou desejado, enfim, do *irrealis* se sobressai. Em outros termos, o futuro do subjuntivo é uma forma verbal cujo valor se caracteriza por codificar uma *situação* que apresenta comumente os seguintes traços:

- (i) situe-se em algum intervalo de tempo entre o presente e o futuro;
- (ii) é cotemporal, anterior ou ainda posterior à situação principal do enunciado;
- (iii) está associada à expressão de noções, como possibilidade, (in)certeza, desejo, obrigação, manipulação, dentre outras nuances modais relacionadas à avaliação do falante frente a sua proposição, ou seja, à modalidade.

Essas características podem ser observadas na situação descrita pelo futuro do subjuntivo no enunciado que se segue:

¹ A palavra situação recobre noções como evento, ação ou estado.

(01) *Acredito* na lei do carma, né? Que tudo que tu **FIZERES** (Fut. Subj.), tu *vais prestar* conta um dia. (Informante 18, de Porto Alegre)²

Em poucas palavras, percebemos que essa situação no futuro do subjuntivo: (a) é *posterior* ao momento de fala; (b) é *anterior* à situação descrita pela oração principal; (c) compõe um enunciado não factual, em que a avaliação do falante é posta em evidência³; (d) o traço/valor modal de *possibilidade, probabilidade* é expresso no enunciado, bem como a ideia de futuridade, sendo ambas as noções relacionadas à expressão da modalidade *irrealis*. Logo, desde o início, ressaltamos que, como um tempo verbal de futuro, e ainda como uma forma de subjuntivo, as categorias *tempo, modo e modalidade* se inter-relacionam de maneira direta para a expressão do *irrealis* nos contextos de uso do futuro do subjuntivo.

A fundamentação teórica da tese apoia-se na perspectiva funcionalista norteada principalmente por Bybee (1985; 1998); Bybee *et al.* (1991; 1994); Fleischman (1982) e Givón (1995; 2001; 2002; 2009)⁴, além de Comrie (1976; 1985), em razão do tratamento dado pelos autores para as categorias principais – tempo, modo e modalidade –, que se inter-relacionam na expressão do futuro do subjuntivo, compondo ainda um domínio complexo: *tempo-aspecto-modalidade* (TAM), segundo Givón. Já para descrever os principais contextos de uso do futuro do subjuntivo em português, sobretudo as construções sintáticas em que o futuro do subjuntivo é empregado, tomamos como base principal Mateus *et al.* (1989), além de outras descrições gramaticais mais tradicionais e de estudos antecedentes, como Reis (2010; 2012).

A partir da visão funcionalista, assume-se que “as estruturas linguísticas podem somente ser entendidas e explicadas com referência às funções semânticas e comunicativas da linguagem, cuja função primária é ser um veículo para interação social entre seres humanos”

² Esse dado é extraído da entrevista do informante (18) de Porto Alegre, pertencente ao banco de dados Varsul. Doravante, os dados serão representados seguidos somente pelo número do informante e pela abreviatura de cada cidade: POA (Porto Alegre); CTB (Curitiba); FLN (Florianópolis).

³ A presença do verbo *acreditar* já evidencia que se trata de um enunciado avaliativo.

⁴ Além de outros de autores e trabalhos que compõem a corrente funcionalista referida como de linha norte-americana.

(ALLEN, 2007, p. 254),⁵ além do pressuposto de que não há uma paridade arbitrária entre *forma* e *função* na língua. Nesses termos, pode-se analisar e descrever o uso de uma determinada forma na língua admitindo-se que esta poderá atender a mais de uma função semântica e comunicativa, sendo que essas funções passam a compor o seu domínio funcional. Basicamente, é o que se propõe neste estudo, uma vez que partimos da forma *futuro do subjuntivo* para discutir sua expressão multifuncional, através de uma análise que se ancora na *língua em uso*, pois tomamos como base dados sincrônicos de fala da Região Sul do Brasil, pertencentes ao Núcleo de Pesquisa Varsul.⁶

Especificamente, um dos pressupostos funcionais principais que norteiam a hipótese central da tese, assim como os objetivos da pesquisa, é o de que os valores de *tempo* e *modalidade* sempre coexistirão nos usos das formas verbais associadas ao futuro (em diferentes níveis de força e expressão), conforme descreve Fleischman (1982). A partir disso, buscamos distribuir os usos e funções do futuro do subjuntivo nesses dois eixos (temporalidade e modalidade), diferenciando ainda os usos que se direcionam mais à codificação do tempo, dos que se voltam mais à expressão da modalidade no enunciado.

A seguir, passamos a descrever o futuro do subjuntivo com base na literatura tradicional (gramática normativa).

⁵ “[...] Linguistic structures can only be understood and explained with reference to the semantic and communicative functions of language, whose primary function is to be a vehicle for social interaction among human beings.” (ALLEN, 2007, p. 254)

⁶ Utilizamos dados extraídos de entrevistas sociolinguísticas que compõem o banco de dados do Núcleo de Pesquisa Varsul – Variação Linguística na Região Sul do Brasil –, que é composto por amostras de fala de informantes das principais áreas urbanas de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, coletadas na década de 1990. Atualmente, o banco de dados vem se expandindo com novas coletas em áreas urbanas e não urbanas. Nesta tese, utilizamos os dados das 72 entrevistas do banco-base com informantes das cidades de Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre. Mais informações sobre o Varsul podem ser obtidas no sítio www.varsul.org.br. Dessa forma, priorizamos uma análise da *língua em uso*, buscando maior aproximação ao vernáculo.

1.1 OBJETO

Um dos primeiros estudos linguísticos acerca do uso do futuro do subjuntivo, doravante também FS, no português do Brasil é o de Macedo (1980). Na ocasião, a autora já reconhece seu trabalho como pioneiro e chama atenção para a escassez de estudos linguísticos e de descrições gramaticais sobre essa forma verbal: “Nas gramáticas tradicionais, pouco espaço é dedicado especialmente ao futuro do subjuntivo. Geralmente, apresenta-se este tempo verbal no quadro mais amplo da conjugação dos verbos nos diversos tempos e modos” (Macedo, 1980, p. 20).⁷

Neste presente trabalho, depois de uma consulta a mais de vinte gramáticas do português⁸ – de dezoito (co)autorias diferentes⁹ –, ratificamos as palavras da referida autora: pouco espaço é dedicado ao FS em boa parte nesses materiais, se compararmos à apresentação dos outros tempos verbais do indicativo, por exemplo, e até mesmo do

⁷ Contudo, cabe citar que temos encontrado na literatura estudos que tratam de construções sintáticas as quais o FS aparece, como: Neves (1999; 2000); Gryner (1990; 2008); Ferrari (2005), que, de modo geral, analisam construções condicionais do português. E, como o FS aparece frequentemente em condicionais chamadas de eventuais/hipotéticas (fazendo oposição às factuais e contrafactuais), esses trabalhos acabam fazendo considerações pontuais sobre possíveis motivações (de diferente natureza) que levam o sujeito usar, geralmente, FS ou presente do indicativo nesses contextos de condicionais.

⁸ Dessas gramáticas, 23 são de fato *gramáticas normativas do português*, que se somam a uma gramática *histórica*, a uma gramática *latina* (latim-português) e a uma gramática *comparativa* (estudo comparativo de quatro línguas românicas: português, espanhol, italiano e francês); 7 são de diferentes edições da mesma gramática. A opção pelo uso de gramáticas prescritivas deve-se ao fato de não termos encontrado definições ou descrições de usos para o FS em gramáticas descritivas, assim como em gramáticas de usos do português.

⁹ Almeida (1983), *gramática latina*. Almeida (1995); Azeredo (2008); Azeredo *et al.* (2010), *gramática comparativa*. Bechara (1968; 1982; 2009); Bueno (1968); Coutinho (1974), *gramática histórica*. Cegalla (2005; 2008); Cunha (1980; 1982); Cunha; Cintra (2001; 2008); Faraco; Moura (1991; 1996); Infante & Nicola (1990; 1997); Mesquita (1999); Neto & Infante (2010); Rocha Lima (1977; 2011); Sacconi (1987; 2011), *gramáticas normativas*.

subjuntivo: neste modo, o tempo presente, notadamente, ocupa grande parte da descrição de usos em construções subordinadas.

Exceção à parte foi a abordagem do futuro do subjuntivo encontrada em Azeredo (2008) e Azeredo *et al.* (2010), ao dedicarem mais espaço ao objeto: “O futuro do subjuntivo é empregado para a expressão de uma ação ou estado hipotéticos, prováveis, que ordinariamente se situam no futuro, mas também podem situar-se no presente’ (AZEREDO, 2010, p. 210), descrição essa que consideramos pertinente, pois presume-se que o domínio do futuro do subjuntivo em português envolve uma série de fatores, como atitude/julgamento do falante na enunciação para expressar situações hipotéticas. Somado a isso, tal descrição agrega ao FS ações/estados, não somente projetadas a um tempo futuro – como notadamente descrevem as demais gramáticas (tradicionais) pesquisadas –, mas também eventualmente associadas ao presente.

Para contrastar, citamos Infante e Nicola (1990, p.111), que observam: “Emprega-se o futuro do subjuntivo para indicar um fato futuro já concluído em relação a outro fato futuro: Quando eu *voltar, saberei o que fazer*”, ou seja, tratam de uma descrição de muita incompletude, não só por considerar apenas fatos futuros (não mencionam o tempo presente), como também por considerar tal futuro “já concluído em relação a outro futuro”, o que não é verdadeiro, visto que nem sempre a situação estará concluída, como será visto nos capítulos subsequentes em que discutimos os dados de futuro do subjuntivo.

Em Azeredo *et al.* (2010), gramática comparativa das principais línguas românicas, tem-se a noção clara de quão incomum é o uso do FS nas línguas latinas: costuma ser usado apenas em alguns dialetos (mais antigos) falados no Sul da Itália e no espanhol atual (em contextos mais formais), a depender do lugar em que esse idioma é falado.¹⁰ Por tal razão, os autores alegam que seu uso apresenta grau elevado de dificuldade para falantes estrangeiros (na aprendizagem do português como segunda língua), mesmo que sejam usuários de outras línguas neolatinas.

Entretanto, destacamos que, na maioria das gramáticas de cunho normativista analisadas, muito pouco é dito sobre o futuro do

¹⁰ (Cf. ALMEIDA, 1980; BECKER, 2010; COUTINHO, 1974; FLEISCHMAN, 1982). Alguns desses autores observam ainda que, em certas regiões da Romênia, usa-se o FS, ou melhor, o *futurum exactum* do latim, sua forma-mãe.

subjuntivo. Por exemplo, observa-se uma descrição muito vaga do objeto, em Bechara (2009, p. 222), que o descreve como um tempo do subjuntivo, o modo que “referencia fatos incertos, como em: *talvez cante*”. Nesta mesma gramática, quando há descrições sobre o emprego do subjuntivo em diferentes estruturas sintáticas, o autor não apresenta sequer um exemplo de uso do FS em orações subordinadas, mas somente do presente (principalmente) e do pretérito do subjuntivo, nas construções apresentadas (p. 280-283). Na verdade, Bechara (1968; 2009) só menciona o futuro do subjuntivo quando mostra o seu paradigma, juntamente ao dos outros verbos, sem especificidade alguma acerca de seu emprego.¹¹

Geralmente quando há referência ao futuro do subjuntivo, isso acontece em partes descritivas sobre os modos verbais, em que os autores (de gramática tradicional) definem brevemente o que é o modo subjuntivo e quais são os seus tempos, relacionando aí o FS. Inclusive, na maioria das descrições sintáticas sobre construções de subordinação adverbial ou adjetiva no português – casos em que o futuro do subjuntivo é usado –, foram utilizados exemplos com verbos no indicativo (na oração principal) e no presente e passado do subjuntivo (na oração subordinada).¹²

Além disso, de modo geral, os poucos autores que tratam do FS parecem apontar uma associação entre futuro do subjuntivo e a expressão de eventualidade/possibilidade futura. Dentre esses, Cunha (1980), Cunha & Cintra (2001), Cegalla (2005), Neto e Infante (2010) e Azeredo (2008) são os que mais discorrem sobre o FS, inclusive relatando sua ocorrência em outras orações subordinadas, além das temporais, condicionais e adjetivas.

Sobre a questão do emprego do futuro do subjuntivo em orações subordinadas, se somarmos todos os tipos orações apontados pelos

¹¹ Rocha Lima também não define nem discorre especificamente sobre o futuro do subjuntivo: apenas cita-o como um dos três tempos do modo subjuntivo (LIMA, 1972, p. 108). Contudo, na descrição sobre as orações subordinadas condicionais – uma das mais ricas dentre as encontradas nas gramáticas (tradicional) pesquisadas – ele afirma que “a conjunção condicional característica é ‘se’, que requer o verbo no subjuntivo (pretérito, pretérito mais-que-perfeito, futuro)” (p. 250)

¹² Só para citar um caso, na gramática de Cegalla (2005, p. 398-402), encontramos apenas dois exemplos de futuro do subjuntivo, em toda a descrição apresentada sobre as orações adverbiais condicionais e temporais.

autores em que o futuro do subjuntivo pode aparecer, teremos o seguinte:

- (i) **orações adverbiais condicionais:**
Se PUDER, volte amanhã. (MESQUITA, 1999)
- (ii) **orações adverbiais temporais:**
Quando eu VOLTAR, saberei o que fazer.(INFANTE; NICOLA, 1990)
- (iii) **orações adverbiais conformativas:**
Farei conforme MANDARES (CUNHA; CINTRA, 2001)
- (iv) **orações adverbiais comparativas:**
Será como QUISERES(AZEREDO, 2008)
- (v) **orações adverbiais proporcionais;**
Quanto maior FOR a altura, maior será o tombo (CEGALLA, 2005)
- (vi) **orações adjetivas.**
Quem OBTIVER o primeiro prêmio receberá bolsa integral (NETO; INFANTE, 2010)

No que concerne à temporalidade expressa pelo futuro do subjuntivo, somente em três gramáticas encontramos a observação de que o FS pode indicar um fato também no presente, e não apenas no futuro, como no exemplo (fabricado): “Se você estiver em casa, me avisa.” Já quanto às formas compostas, verificamos que algumas gramáticas observam que o valor de passado perfeito (como tempo absoluto anterior ao presente) pode ser atribuído ao futuro do subjuntivo composto. Ademais, as gramáticas geralmente apontam que o verbo da oração principal que se combina à oração subordinada com FS na construção é o futuro do presente do indicativo. Sobre essa questão, Macedo (1980, p. 15) fez consideração semelhante: “as gramáticas tradicionais limitam-se a descrever a sua ocorrência em orações subordinadas, introduzidas por conectivos específicos [...] e enfatizam a necessidade de que haja referência explícita ou implícita a um tempo futuro na oração principal.”¹³

¹³ Cabe observar também que nessas gramáticas a grande maioria dos exemplos do FS em construções sintáticas subordinadas apresenta sempre o verbo principal no futuro do presente do indicativo, como é possível se verificar na maioria dos exemplos de (i) a (vi) acima, evidenciando o traço de futuridade no emprego do FS.

Por fim, mencionamos que, numa das gramáticas mais antigas e tradicionais da língua portuguesa, a de João de Barros, o futuro do subjuntivo atual é referido como “tempo futuro ou que está por vir” e um dos exemplos dados é: *como eu for* (BARROS, 1540, p. 43)¹⁴.

1.2 JUSTIFICATIVA

A justificativa em dar continuidade ao estudo funcional do futuro do subjuntivo iniciado em Reis (2010) dá-se em função da necessidade de aprofundar a discussão sobre o tema, a partir das considerações já traçadas, quando indicamos haver uma forte relação entre os sentidos do FS e a expressão das modalidades *irrealis* deontica e epistêmica nos contextos discursivos *irrealis*.¹⁵ Naquele momento, foi tomada como base a abordagem funcionalista desenvolvida principalmente por Givón (1995; 2001; 2002; 2009), sobretudo o tratamento que o autor oferece à modalidade, ao considerá-la uma categoria da interação discursiva, que se distribui entre o submodo deontico e o epistêmico. Para Givón (2009), em poucas palavras, a modalidade epistêmica está mais relacionada aos fatos do mundo ao redor do falante, e a deontica, ao que o falante quer para si, ou o que ele deseja que o outro faça por ele. Assim, em Reis (2010), numa amostra de fala de informantes somente de Florianópolis (Varsul), foram analisados todos os contextos discursivos imediatos em que aparecia a oração com FS, para entender como o *irrealis* se apresenta, verificando-se que, em 80% dos casos, houve a presença de, no mínimo, uma outra expressão ou operador *irrealis* no enunciado, além do próprio FS, conforme especificamos melhor no terceiro capítulo.

Nesta tese, discutimos a modalidade, não mais a partir da expressão da megamodalidade *irrealis*¹⁶ no contexto discursivo maior,

¹⁴ Essa gramática não é exatamente a primeira gramática do português, porém, é considerada a mais importante, por ser mais completa que a primeira, de Fernão de Oliveira (1536).

¹⁵ Em Reis (2010) realizamos uma análise mais voltada a descrever os contextos discursivos mais amplos de uso do FS, também a partir de dados orais.

¹⁶ Conforme a nossa interpretação de Givón (2001; 2002), a *megamodalidadeirrealis* (como ele assim a chama) seria um grande domínio (contexto) não factual em que surgem as modalidades proposicionais *deontica* e *epistêmica*, por vezes, referidas pelo autor como *submodos*.

mas principalmente através da distribuição da modalidade no escopo do enunciado que contém a construção de subordinação que abriga o FS, a partir da proposta defendida por Bybee *et al.* (1994),¹⁷ sobretudo na distinção mais fina proposta por Bybee (1985) para as modalidades em: *orientada ao falante*, *epistêmica* e *orientada ao agente*, diferenciado-se assim da classificação mais geral de Givón (2001), em modalidades deontica e epistêmica. Através dessa nova classificação, será possível diferenciar os usos do FS voltados à expressão da modalidade *orientada ao falante*, quando as forças pragmáticas tendem a ser mais fortes no contexto, daqueles usos voltados à modalidade *orientada ao agente*. Nos dois últimos casos, suspeitamos que o FS deverá desempenhar funções mais específicas do que normalmente desempenha nos enunciados notadamente epistêmicos.¹⁸

Além dessas razões, um novo trabalho sobre o FS justifica-se ainda pela necessidade de discutirmos o seu comportamento como *tempo verbal*, bem como sua *expressão temporal*, tarefa que não foi realizada no estudo anterior mencionado, quando nem ao menos discutimos valores temporais que se associam ao FS. Assim, naquele trabalho, não analisamos a sua multifuncionalidade através da inter-relação entre tempo (futuro ou outros), modo subjuntivo e modalidade – que são os propósitos sobre os quais se firma esta tese.

Outros pontos que motivam uma nova análise sobre o mesmo objeto são: (i) expansão do *corpus*, estendendo-o às três capitais da Região Sul, o que permitiu alargamento das hipóteses aventadas; (ii)

¹⁷ É bem reconhecida no funcionalismo a classificação sobre modalidades proposta por Bybee; Perkins & Pagliuca (1994, p. 174-180), em quatro categorias. 1. *Modalidade epistêmica*: indica o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição, recobrindo: *possibilidade*; *probabilidade*; *certeza inferida*. 2. *Modalidade orientada ao falante*: permite ao falante impor condições ao interlocutor, como dar ordem ou permissão a alguém. Envolve atos de fala diretivos: *ordem*, *proibição*, *exortação*, *permissão*. 3. *Modalidade orientada ao agente*: é parte do conteúdo proposicional da oração, e reporta à existência de condições internas e externas de um agente para a realização da ação expressa no predicado principal. Recobre: *obrigação*; *necessidade*; *habilidade*. 4. *Modos subordinantes*: envolvem relações sintáticas entre orações, por exemplo, entre certos verbos e seus complementos oracionais.

¹⁸ Um exemplo: quando a condicional com FS vem posposta à principal, num enunciado orientado ao falante, há maiores chances de a oração servir mais a propósitos pragmáticos, como o de o falante demonstrar polidez: “Pode abrir a geladeira, se quiser”.

refinamento dos fatores controlados anteriormente, como a modalidade, no âmbito discursivo, e o tipo oracional, no âmbito estrutural, através da descrição dos vários tipos de conectores que antecedem o FS, por exemplo; (iii) necessidade de investigar novos grupos de fatores, principalmente no eixo da expressão do tempo e aspecto (da situação), como também no campo discursivo/textual, através da análise do contexto, a partir de tipos de sequências textuais.

Justifica-se ainda a retomada e aprofundamento do estudo acerca do futuro do subjuntivo, por se acrescentarem novos perfis de uso e resultados às descrições já realizadas sobre esse tempo/modo no português, que ainda hoje se mostram limitadas, além de escassas. Dentre essas, citamos dois estudos linguísticos específicos sobre o uso do FS: a tese de Macedo (1980), que trata de um estudo variacionista, com foco no que a autora chamou de processo de regularização das formas irregulares de FS (*for/ir; retiver/reter*), e a dissertação de Justino (2011), que analisa a distribuição do FS em contextos estruturais de condicionais, de temporais e de relativas, através de uma abordagem formal, estudos que vamos descrever no próximo capítulo. No mais, o que encontramos a respeito do FS são discussões acerca de construções subordinadas que requerem o seu emprego, como é o caso das adverbiais temporais e principalmente das condicionais: tratam-se de estudos que, ao analisarem os esquemas modo/temporais desses períodos, acabam citando o FS.¹⁹

Outrossim, após investigados esses trabalhos citados (várias gramáticas e estudos mais históricos sobre o FS), sentimos falta de uma pesquisa sobre o futuro do subjuntivo que busque investigar de maneira aprofundada e sob o olhar da língua em uso, algumas das seguintes questões, que pretendemos então discutir na tese: (i) como se realiza e se caracteriza o domínio funcional do futuro do subjuntivo em português? (ii) De que forma *atuam* em funções mais temporais e/ou mais modais? E assim, de que maneira se pode estabelecer e distinguir os valores de tempo futuro e de modo subjuntivo, ambos *irrealis*, a partir de usos e funções do FS? (iii) O futuro do subjuntivo aparece apenas nas construções sintáticas adverbiais e adjetivas previstas pela descrição gramatical normativa? E nessas construções, quais são as

¹⁹ Dentre esses, citamos aqueles que tratam das condicionais, numa perspectiva mais alargada, isto é, não estritamente semântica, mas também discursivo-pragmática, mesmo que não analisem esse objeto a partir da mesma base teórica funcional utilizada nesta pesquisa, como: Neves (1999; 2000); Gryner (1990; 1995; 2008); Ferrari (2005; 2008); Hirata-Vale (2008).

conjunções/conectores que costumam anteceder o FS? (iv) Até que ponto outros fatores, como a natureza do item verbal no FS, o aspecto da situação e a ligação de tempo e conexão entre as orações do período composto interferem nas funções FS? Essas questões serão retomadas ao longo da tese, sobretudo nos capítulos quatro e cinco, quando iniciamos a apresentação e discussão de dados.

1.3 OBJETIVOS

Em face do exposto, traçamos como objetivo central desta tese descrever o domínio funcional²⁰ do futuro do subjuntivo em português, analisando-o como um macrodomínio que contempla a expressão das categorias funcionais gramaticais *tempo* e *modalidade*, que são investigadas no enunciado associadas ao uso do FS. Para tanto, serão analisados vários fatores semântico-discursivos e morfossintáticos que podem se atravessar na expressão do FS, inserindo-os em *grupos de fatores*, possibilitando analisar quantitativamente (além de qualitativamente) a relevância de cada um desses fatores de natureza diversa nos contextos de uso do FS, bem como testar as hipóteses funcionais levantadas.²¹ Arelado a esse propósito, está também o intuito de retratar o uso do FS em termos mais estruturais, investigando aspectos como: principais tipos de conectores que antecedem o FS na oração, frequência de cada forma verbal irregular de FS na amostra, dentre outros, haja vista a falta de estudos linguísticos que buscam descrever o uso deste tempo/modo verbal no português do Brasil.

Para atender a objetivo geral, traçamos os específicos:

- ⇒ Investigar os *valores temporais* que podem ser associados ao FS, bem como a frequência de cada um deles nos dados.
- ⇒ Discutir as *relações de tempo* que se estabelecem *entre o FS e outra situação* expressa na oração principal do período composto, visto que estamos tratando de uma forma verbal

²⁰ Cabe observar que, tradicionalmente, o termo “domínio funcional” é empregado tanto para se referir a áreas funcionais gerais (macrodomínios), conforme Givón (1984; 1995; 2008), como o ‘TAM’ (tempo-aspecto-modalidade), como para áreas mais específicas como o ‘tempo futuro’ (microdomínios). Neste trabalho, adotamos o termo também para se referir ao conjunto de funções designadas ao futuro do subjuntivo no português, que compõem um macrodomínio formado pelas categorias funcionais *tempo* e *modalidade*, conforme descreveremos melhor na próxima subseção.

²¹ As hipóteses da pesquisa serão apresentadas no capítulo 2 e no capítulo 5, após termos apresentado melhor o fenômeno, assim como a revisão teórica sobre os temas discutidos (Capítulo 3).

típica de orações subordinadas, considerando-se ainda a expressão temporal do verbo da oração principal.²²

- ⇒ Caracterizar a *temporalidade* e a *aspectualidade* nos contextos que abrigam a oração com o FS, estabelecendo um *continuum* entre temporalidade e modalidade *realis-irrealis* nesses contextos.
- ⇒ Descrever *valores e nuances modais* assinalados no contexto mais próximo ao dado, bem como investigar a presença das *modalidades orientada ao agente, orientada ao falante e epistêmica* no contexto mais amplo do enunciado, verificando como essas modalidades e os valores modais se associam à expressão do FS.
- ⇒ Investigar quais são os *conectores* que podem anteceder o FS e analisar a recorrência de cada *tipo oracional* na amostra, assim como o papel do contexto sintático na distribuição funcional do FS entre os eixos temporalidade e modalidade.
- ⇒ Analisar a natureza do *item verbal no FS*, que pode estar mais atrelada à codificação de noções modais ou aspectuais e/ou temporais, além de quantificar a presença de *formas (ir)regulares* na amostra.
- ⇒ Verificar outros *fatores* que afetam de forma menos direta o domínio funcional do FS, mas que contribuem para a descrição dos seus usos, bem como para uma melhor compreensão do objeto.
- ⇒ Mapear o que denominamos de *padrões funcionais* do FS, a partir de uma distribuição de usos e funções mais associados à expressão: (i) do tempo; (ii) do tempo/modalidade; (iii) da modalidade, conforme será melhor especificado através das hipóteses.

²² Nos casos em que essa situação seria a descrita pela oração principal, visto que, em alguns enunciados, não houve uma oração nuclear.

- ⇒ Investigar o papel de *fatores extralinguísticos* correlacionados ao uso do futuro do subjuntivo nas três capitais da Região Sul (Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre).

1.4 O DOMÍNIO FUNCIONAL DO FUTURO DO SUBJUNTIVO: A HIPÓTESE

Observamos que os objetivos da tese (descritos na seção anterior) nasceram da hipótese principal que aventamos para a distribuição do futuro do subjuntivo entre as categorias tempo e modalidade – firmada nos pressupostos teóricos a serem abordados no capítulo três, e sintetizados ao final desta subseção, assim como numa análise preliminar dos dados –, descrita da seguinte forma:

- ⇒ *No eixo da modalidade*, possivelmente deve prevalecer a expressão da modalidade epistêmica, isto é, os valores notacionais de (in)certeza, possibilidade, probabilidade, que poderão estar mais ou menos em sintonia com os valores de temporalidade (um presente ou futuro hipotéticos, por exemplo). Contudo, em algumas situações em que a força da modalidade deôntica for muito forte na situação comunicativa, o FS poderá deslocar-se para a marcação da modalidade orientada ao agente ou para a modalidade orientada ao falante, ressaltando mais os sentidos modais deônticos do que valores epistêmicos em geral, e menos ainda os valores temporais.²³
- ⇒ *No eixo da temporalidade*, devem predominar usos de FS em que o valor temporal de futuro seja o mais comum, principalmente em contextos portadores de um julgamento epistêmico de maior certeza por parte do falante, que imprime à sua declaração maior caráter de predição; por outro lado, ainda devem ser frequentes os casos em que a função do FS esteja mais atrelada à incerteza do falante, refletindo valores modais mais fortes, juntamente com o enfraquecimento da marcação do tempo, seguindo a ideia da metáfora da balança

²³ A nota 17 anterior sintetiza definições para essas modalidades.

de Fleischman (1982)²⁴ sobre a coexistência de valores de modalidade e temporalidade em formas de futuro, descrita ao fim da seção.

A partir disso, colocamos em perspectiva a ideia de domínio funcional do futuro do subjuntivo a partir da Figura 1 subsequente. Contudo, antes esclarecemos que entendemos o *domínio funcional* do FS como um macrodomínio que comporta, basicamente, dois microdomínios – tempo e modalidade – que se entrecruzam em sua expressão. Assim, com o termo “domínio funcional do FS” nos referimos, por conseguinte, ao conjunto de funções do FS, ou seja, a sua multifuncionalidade na língua. Logo, quando Becker (2010) afirma que o FS ‘herdou’ o domínio funcional do *futurum exactum* latino, entendemos que o leque de funções desempenhadas pelo antigo futuro no latim passou a ser codificado pela forma verbal de futuro do subjuntivo no português. Assim, podemos utilizar o nome “domínio funcional” (do FS), posto que acreditamos não haver nenhuma outra forma verbal na língua que codifique exatamente as mesmas funções do FS nos dois microdomínios citados. Todavia, observamos que outras formas verbais do português podem compartilhar determinadas funções com o FS em um ou outro microdomínio, como, por exemplo, o futuro do presente do indicativo que tem como função marcar projeção temporal a partir do momento de fala no enunciado, mas, não haveria uma outra forma verbal que desempenhasse o mesmo conjunto de funções ou significados do FS. Nesse sentido, embora este estudo parta da análise de um dado tempo verbal (forma), busca investigar categorias gramaticais que compõem um determinado domínio funcional (funções).

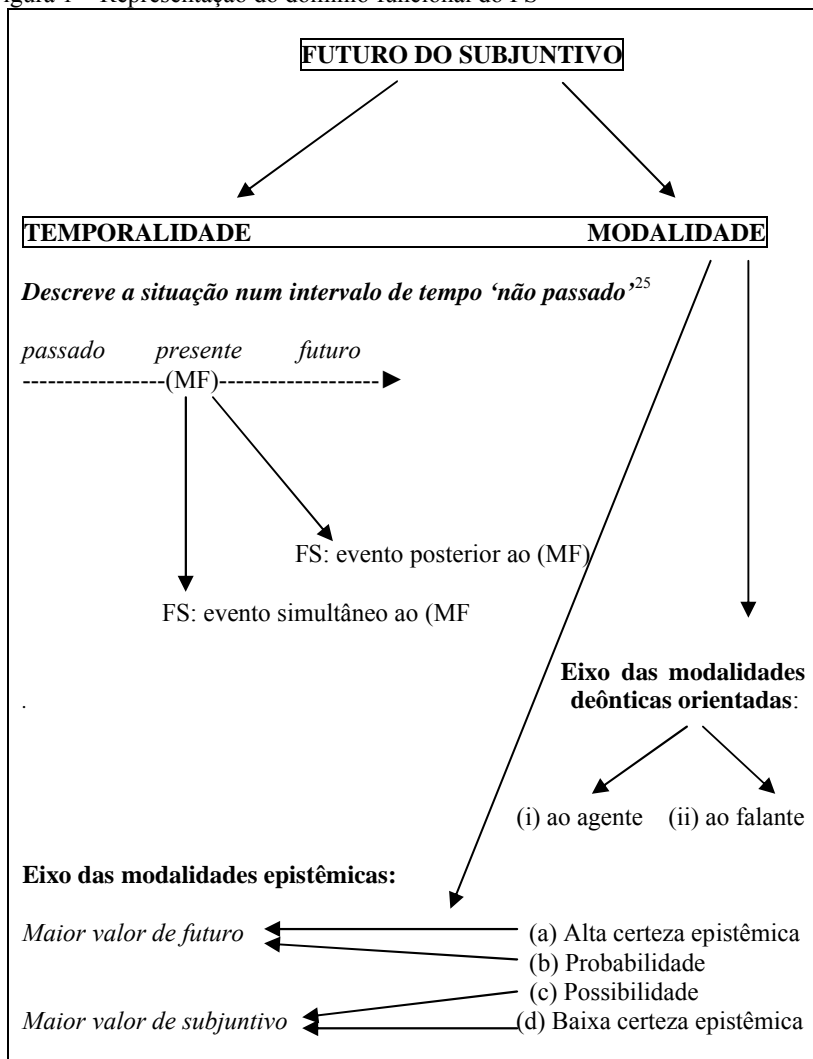
Cabe observar ainda que o termo “domínio funcional” é comumente empregado na literatura funcionalista para se referir aos (sub)sistemas funcionais que compõem a gramática, conforme descreve Givón (1984; 2002), ou ainda como o define Görski (2012): “área da gramática coberta por macrofunções/significações que se projetam, via codificação, em mecanismos linguísticos que se articulam de forma mais, ou menos, recorrente em níveis diferentes”. Portanto, esse conceito se aplica a diferentes domínios superordenados nas hierarquias funcionais em que se distribuem as funções da língua. Logo no caso

²⁴ Conforme pode ser visto na página 41.

desta pesquisa, o FS pode designar tanto um microdomínio em relação ao TAM, como um *domínio funcional*.

Isso posto, segue a figura 1 abaixo:

Figura 1 – Representação do domínio funcional do FS



²⁵ Posicionamento que descreveremos melhor a partir de Comrie (1985).

Com relação ao *aspecto da situação*, também denominado *lexical*, aventamos que prevalecerá o uso de verbos menos dinâmicos.

Vejam, então, alguns dados que ilustram a hipótese:

a) No âmbito da modalidade:

⇒ *Usos do FS no eixo das modalidades orientada ao falante ou ao agente:*

(02) *Quando eu FICAR velha, [que não PUDER dançar], daí eu vou, né? Porque aí não dá pra dançar.* (CTB 08)

[O sentido de *puder* representa a existência de forças internas e/ou externas agindo sobre o agente, portanto marca a **modalidade orientada ao agente**]

(03) *Se você BOBEAR aí, você FOR tomar uma cervejinha e tal, DAR uma saidinha aí e tal, você tem que olhar: [se a mulher ESTIVER na cozinha, você tem que ficar na sala.]* (CTB 03)

[Conselho: **modalidade orientada ao falante.**]

⇒ *Usos do FS no eixo da modalidade epistêmica:*

(04) *E eu tenho a impressão de que nós vamos ter, realmente, se não HOUVER um ajuste do Plano, adequadamente, nós vamos ter recessão realmente²⁶, já estamos tendo e vamos ter mais desemprego, vai haver dificuldade séria* (FLN 21).

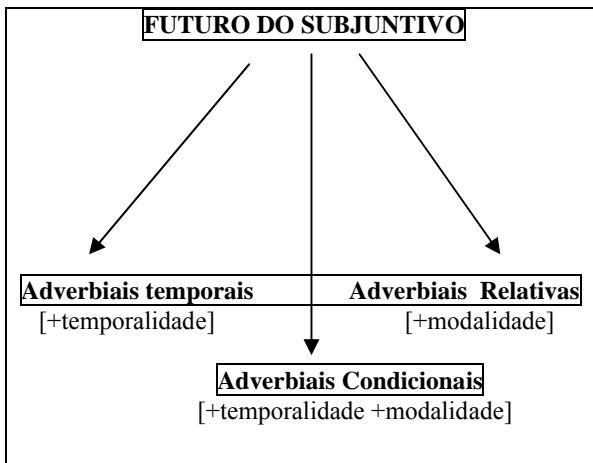
[**Modalidade epistêmica:** certeza, alta probabilidade; (mais temporalidade)]

b) No âmbito da temporalidade:

⇒ *Uso do futuro do subjuntivo com valor mais temporal de futuro:*

²⁶ Identificamos a presença de vários verbos no futuro e do vocábulo ‘realmente’, um advérbio epistêmico, caracterizando a modalidade epistêmica.

Figura 2 – Hipótese ilustrativa para o domínio funcional do FS



Vejamos alguns dados que representam essa perspectiva:

+ **Temporalidade**

[**ADV-Temporal**] Quando eu **MORRER**, eu não quero nem flor e nem vela.

(CTB 08)

[**ADV-Condicionais**] Se a gente se **ACOMODAR**, o tempo passa e a gente fica. (POA 22)

[**Relativa**] Você vai lá vota e daí seja o que Deus **QUISER**. (CTB 7)

+ **Modalidade**

Por último, descrevemos os pontos teóricos principais que norteiam a hipótese:

1. **Temporalidade e modalidade nos futuros.** “Uma metáfora para mostrar a relação ou balanço entre temporalidade e modalidade nos futuros é a noção matemática de conjuntos, em que as partes podem variar numa relação de inversão uma com a outra, mas a soma das partes deve permanecer constante. Uma vez que uma língua tenha estabelecido o futuro como uma categoria formal da gramática, estes dois

valores irão a todo o tempo estar copresentes em suas formas [...]”. (FLEISCHMAN, 1982, p. 31, tradução nossa)²⁷

2. **As formas de futuro nas línguas.** Segundo Bybee *et al.* (1991; 1994), os morfemas de futuro não fazem referência ao tempo futuro da mesma maneira (precisa) que o passado representa referência ao tempo passado; assim, o uso prototípico das formas de futuro é o de fazer uma *predição*. Geralmente ainda, as formas gramaticais de futuro têm outras funções na língua (além da marcação temporal dêitica de futuro), como marcar a modalidade orientada ao agente ou a modalidade epistêmica. Dessa instabilidade dos futuros decorre a frequente constatação interlinguística de que formas de futuro se tornam marcadores modais (como de modo subjuntivo) e vice-versa.
3. **O tempo verbal de futuro.** Para Comrie (1985), os tempos verbais de futuro tendem a carregar ambos os sentidos *modal* e *temporal* em seu significado básico, como é o caso do “*will*”, em inglês, sendo difícil eleger uma única categoria (entre tempo ou modo) como a determinante para sua significação e consequente qualificação de um modo ou tempo verbal, em todos os seus usos.
4. **Modo subjuntivo.** Para Bybee (1985 p, 169-186), as flexões de subjuntivo, tão comuns às línguas neolatinas, atuam principalmente como formas de marcar a modalidade epistêmica, isto é, assinalando atitudes de *dúvida*, *(in)certeza*, *possibilidade*, *probabilidade* do falante em face a seu enunciado, contribuindo assim para expressar nuances não assertivas à declaração. Nesta perspectiva, o *modo* é uma marcação (meio/forma) que serve para assinalar as escolhas/atitudes do falante na colocação de

²⁷ *An apposite metaphor for viewing the relationship, or balance between temporality and modality in futures is the mathematical notion of a whole where the parts can vary in inverse relation to each other, but the sum of the parts must remain constant. Once a language has established future as a formal category of the grammar, these two values will at all times be co-present in its forms[...]* (FLEISCHMAN, 1982, p. 31).

sua asserção num contexto discursivo maior e, desse modo, toma toda a declaração sob seu escopo. Ainda para a autora, modalidade designa um domínio conceitual complexo, que pode ser codificada através de diferentes estratégias linguísticas e, enquanto modo, expressa uma subdivisão desse domínio conceitual.

5. ***A relação entre subjuntivo e a modalidade epistêmica de baixa certeza ou deôntica de fraca manipulação.*** De acordo com Givón (1995, p. 124-130), quando houver subjuntivo numa língua, provavelmente este vai surgir em contextos em que a atitude do falante seja de *fraca certeza epistêmica ou de fraca manipulação deôntica*. O autor prevê assim que, se uma língua tiver um subjuntivo gramaticalizado, então “ele provavelmente vai aparecer sob essas duas subdimensões do *irrealis*”. (GIVÓN, 1995, p. 124, tradução nossa).

No capítulo três, detalharemos um pouco mais esses pontos teóricos, assim como descreveremos a fundamentação teórica adotada para a tese, principalmente no que diz respeito às principais categorias estudadas: *tempo e modalidade*, que se inter-relacionam na expressão do *futuro do subjuntivo*, além das categorias *modo subjuntivo, futuro e aspecto* (da situação).

Quanto ao restante da organização da tese, destacamos que, no capítulo dois a seguir, realizamos uma contextualização histórica do futuro do subjuntivo, além de descrevermos com mais detalhes os contextos de uso dessa forma verbal, em termos de construções sintáticas. Ademais, apontamos ainda alguns resultados principais de estudos linguísticos sobre o futuro do subjuntivo.

O quarto capítulo descreve os principais procedimentos metodológicos seguidos para a análise do fenômeno, desde a descrição pormenorizada da amostra, até a exposição dos vários grupos de fatores elaborados para concretizar essa investigação. No quinto capítulo, discutimos as hipóteses levantadas e os resultados encontrados através do controle sistemático de diferentes grupos de fatores, analisando, assim, o (macro)domínio funcional do FS. No capítulo seis, descrevemos alguns ‘padrões funcionais de uso’ para o futuro do subjuntivo, e, no último, as considerações finais do trabalho são traçadas.

Por fim, cabe registrar ainda que este trabalho vincula-se à Linha de Pesquisa ‘Cognição e Uso’ do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, mais especificamente ao Projeto de Pesquisa “Modos verbais e verbos modais: uma abordagem sociofuncionalista da modalidade”, coordenado pela Profa. Dra. Edair Görski.²⁸

²⁸ Este trabalho se alinha a outros que analisam o uso da categoria verbal em português, numa perspectiva teórica sociofuncionalista ou funcionalista que contempla a língua em uso, como: Coan (1997), Silva (1998), Gibbon (2000), Reis (2003), Freitag (2007); Back (2008); Reis (2010); Pimpão (2012).

2 O FUTURO DO SUBJUNTIVO

Neste capítulo, aprofundamos um pouco mais a descrição do futuro do subjuntivo, através de: (i) uma breve incursão na história do futuro do subjuntivo; (ii) uma descrição acerca dos principais contextos sintáticos em que o futuro do subjuntivo é usado; (iii) uma exposição concisa sobre estudos linguísticos que analisam ou mencionam o FS em português.

2.1 A HISTÓRIA FUTURO DO SUBJUNTIVO

Dentre todas as línguas que se originaram do latim, o futuro do subjuntivo que conhecemos hoje está em uso mais efetivo na língua portuguesa, de acordo com Coutinho (1974); Becker (2010) e Fleischman (1982), além de estar presente em alguns dialetos falados no Sul da Itália, em parte da Romênia e em algumas regiões que possuem o espanhol como idioma, embora, neste último caso, esteja mais restrito à modalidade escrita da língua.²⁹

De acordo com Almeida (1980, p. 278), na maioria dos contextos sintáticos de domínio do futuro do subjuntivo hoje, usava-se o *futuro simples do indicativo* no latim clássico, como podemos ver nos verbos em destaque:

⇒ *Si impiger **FUERIS**, messis tua larga ertit.*
[Se **fores** incansável, tua messe será abundante.]

⇒ *Si istam urbem **DELEVERIMOS**, neminem postea formidabimus.*
[Se **destruirmos** esta cidade, a ninguém temeremos depois.]

É interessante observar ainda, a partir gramática comparativa de Azeredo *et al.* (2010) que, enquanto o usuário do português emprega o futuro do subjuntivo nas orações temporais, o espanhol oemprega principalmente o presente do subjuntivo, de modo geral, enquanto o

²⁹ No espanhol arcaico, há várias referências ao seu uso em textos escritos. Sobre o seu uso enfraquecido no espanhol, indicam-se os estudos de Eberenz (1990) e Luengo (2002).

italiano e o francês usam as formas de futuro do indicativo (nas referidas orações), como podemos visualizar no quadro abaixo:

Quadro 1 – Gramática comparativa Houaiss: espanhol, francês, italiano e português

Português	Espanhol	Italiano	Francês
Quando puder , sairei.	Quando pueda , saldré.	Quando potro , usciro.	Quand je pourrai , jê sortiral.

Fonte: Azeredo *et al* (2010, p. 209)

Observamos ainda, nos exemplos do Quadro 1, que o verbo da oração principal está sempre no futuro simples do indicativo.

A seguir, tratamos mais especificamente da origem e formação do futuro do subjuntivo a partir de uma velha forma de futuro do latim arcaico (anterior a 75 a.C.), segundo aventa a maioria dos autores consultados, com o propósito de destacar como sua origem é antiga.

2.1.1 O *futurum exactum*

A respeito da origem do futuro do subjuntivo no português, ou melhor, no *ibero-romance*³⁰, Fleischman (1982) aponta que o seu uso tenha sido fruto de uma pequena alteração no *futurum exactum* – uma forma velha do latim arcaico que deu origem também ao *futuro simples* no latim (clássico) – ocorrida em função da semelhança com o *perfeito do subjuntivo* latino, originando a forma que se conhece hoje como *futuro do subjuntivo*.³¹

Em consonância à Fleischman, Maurer (1959 *apud* MACEDO 1980) defende que o futuro do subjuntivo provém de uma mistura do futuro perfeito do indicativo latino com o pretérito perfeito do subjuntivo, o qual diferia do primeiro somente na primeira pessoa do singular. Entretanto, assim como Almeida (1980), o autor observa que

³⁰ Nome que se refere ao latim falado na Península Ibérica até os séculos X e XI.

³¹ Também conforme Fleischman (1982), o futuro simples do latim teria originado o atual futuro simples do indicativo do italiano padrão. As formas *fueres* e *deleverimos* citadas anteriormente são exemplos do futuro simples do latim.

muitos usos do futuro do subjuntivo em português só ocorriam em latim no futuro perfeito, como em:

- ⇒ “*Si fecero*” (*Se eu fizer*)
- ⇒ “*Qui dixerit*” (*Quem disser*)

De forma mais precisa, Becker (2010, p. 181) descreve que “o futuro do subjuntivo não só é derivado do *futurum exactum* latino, como herda os seus principais contextos de ocorrência, sendo o mais proeminente o de orações condicionais, temporais e relativas livres”³² (grifos nossos).

A partir de tal descrição, podemos, então, conceber o domínio funcional herdado pelo futuro do subjuntivo como o do *futurum exactum* latino – até porque o perfeito do subjuntivo estava relacionado à expressão de passado perfeito. Ainda segundo Becker (2010):

A correlação entre *se* (*si* em latim) e o futuro do subjuntivo (o *futurum exactum* em latim) era profundamente enraizada no sistema de modo latino e pode ser rastreada através das primeiras manifestações da língua latina, como, por exemplo, na famosa tábua das 12 leis de 451 a.C.³³ (BECKER, 2010, p. 190, tradução nossa)

Contudo, para entendermos melhor a expressão do *futurum exactum*, cabe retomar ainda algumas questões sobre a origem das primeiras formas gramaticais de futuro no latim. Para Fleischman, o *proto-indo-europeu* (também referido como língua *proto-indo-europeia*)³⁴ não possuía um paradigma explícito de futuro. Nesse caso, a

³²*The Future Subjunctive does not only derive from the Latin futurum exactum, but also inherits most of its contexts of occurrence, the most prominent being conditional, temporal and free relative clauses.*

³³*The correlation between se (si in Latin) and the Future Subjunctive (the futurum exactum in Latin) was deeply entrenched in the Latin mood system and can be traced back to the earliest manifestations of the Latin language (as is for instance in the famous Twelve Table Law of 451 B.C.).* (BECKER, 2010, p. 190).

³⁴A língua proto-indo-europeia (PIE) seria o ancestral comum às línguas indo-europeias, que era falado há cerca de 5000 anos atrás na região do Mar Negro. Das línguas descendentes do PIE, como as itálicas (entre elas o latim), é comumente dito que o grego antigo e o sânscrito são as que mais se

referência do tempo da ação era assinalada por elementos nominais e adverbiais, conforme Fleischman (1982, p. 32, grifos nossos).

Posteriormente, então, a futuridade passou a ser expressa por duas modificações diferentes do presente do indicativo: (i) um *subjuntivo sintético* pela adição do -e/o (geralmente referido como *e-subjuntivo*); (ii) um *optativo analítico* (perifrástico), pela adição de um elemento -ye/i, que possui um sentido *fonte/raiz* equivalente ao de *ir*. A forma de subjuntivo expressava uma futuridade mais vívida, enquanto o optativo, uma futuridade mais remota, ou alternativamente uma *futuridade voltada ao passado*. Somente o grego e o sânscrito preservaram ambas as formas de subjuntivo e optativo (Cf. FLEISCHMAN, 1982; JASONOFF, 1991).

As formas de *subjuntivo* que expressam um *futuro vívido/certo* originaram as formas verbais de futuro no latim (incluindo o *futurum exactum*), enquanto as formas de *optativo* (que expressavam um futuro remoto) às formas de subjuntivo, afirma Fleischman (1982, p. 33). Em consonância a essa descrição, Jasonoff (1991) afirma ainda que não só o latim, mas as línguas itálicas (também referidas com *italianas*) de modo geral tinham mais de uma forma de situar a ação verbal no futuro:

As línguas itálicas tinham originalmente duas maneiras de localizar a ação do verbo no futuro: uma era baseada no subjuntivo do pronto-indo-europeu (PIE), que era formado por uma vogal entre a raiz do verbo e a desinência pessoal final (como o subjuntivo grego λύ□ς, que veio do λύ + ε + εις)³⁵, e a outra, era baseada no presente desiderativo do PIE, que era formado por um 's' entre a raiz do verbo e a desinência pessoal final (como o tempo futuro grego λύσω). Por fim, a forma de subjuntivo PIE venceu e se tornou a principal maneira de formar o tempo futuro nas

aproximam da forma ancestral. Para uma consulta mais completa no assunto, vejam-se em Lehman (1974; 1979), estudos constantemente referidos nos artigos que tratam desse tema. (JASONOFF, 1991).

³⁵Sobre essa questão, pesquisamos exemplos do referido subjuntivo em uma gramática do grego clássico (HORTAS, 1987), na qual encontramos os seguintes exemplos de usos do subjuntivo (λύ□ς):(i) temporais: *Οτ αν ειπη, ά□ούω* (*Quando ele falar, ouvirei*); (ii) condicionais eventuais: *ε αν ειπη, ά□ούω* (*Se ele falar, ouvirei*);(iii) relativas: *Ο τι αν ειπη, ά□ούω* (*O que ele falar, ouvirei.*)

línguas itálicas³⁶ (JASONOFF, 1991, p. 86, tradução nossa).

Posteriormente, no latim antigo, houve vários paradigmas de futuro, sendo que a maioria deles veio desse velho subjuntivo (PIE).³⁷ E, dentre esses paradigmas, havia um futuro terminado em ‘r’ (*dixero*, *dixeris*), chamado de *futurum exactum*. A respeito do desenvolvimento do *futurum exactum*, a autora descreve:

O desenvolvimento semântico deste futuro é o mais complexo. Etimologicamente, estamos tratando da continuação de um subjuntivo aoristo, que foi migrado para um território de indicativo, onde inicialmente expressava uma futuridade não-durativa (pontual) – daí a ideia de ‘futuro exato’[...]. Pelo latim clássico mais recente, o **valor do anterior foi enfraquecido**, ao ponto que ‘dixero’ tornou-se equivalente do futuro simples ‘dicam’, em orações dependentes. A semelhança formal deste paradigma com o subjuntivo perfeito (*dixerem*, *dixeris*) acarretou, em última instância o seu fim. Contudo, o futuro exato prosseguiu em alguns dialetos do sul da Itália e, da fusão formal do futuro perfeito e do subjuntivo perfeito, emergiu o futuro do subjuntivo no ibero-romance

³⁶*Italic languages originally had two ways of placing the action of a verb in the future. One was based on the Proto-Indo-European (PIE) subjunctive, which was formed with a vowel between the verb’s stem and the personal ending (like the Greek subjunctive λῶϰς, which came from λῶ + ε + εις) and the other was based on the PIE present desiderative, which was formed with an s between the verb’s stem and personal ending (like the Greek future tense, λῶσω). Ultimately, the PIE subjunctive form won out and became the primary way of forming the future tense in Italic languages (JASONOFF, 1991, p. 86).*

³⁷*Latin had several future paradigms that will be regard here as synthetic. One of these – amabo – was periphrastic in origin [...] Three other ‘simple’ futures developed from subjunctives: the e-future (dicam, dices) from presente subjunctive; the s-future (Old Latin dixo, dixis), and likewise the r-future, often referred to as the futurum exactum (dixero, dixeris), from the aorist subjunctive, going back ultimately to an old optative (FLEISCHMAN, 1982, p. 33).*

e no velho romeno.³⁸ (FLEISCHMAN, 1982, p. 34, tradução nossa, grifo acrescido).

Ainda de acordo com a autora, a formação do *futurum exactum* era inicialmente a de um futuro perfeito, pois marcava um evento como completo num tempo futuro e anterior a um outro ponto de referência futuro, que ela ilustra da seguinte maneira: “S ___ E ___ R”.³⁹ Cabe observar, nesse caso, que a definição vista é muito próxima de algumas encontradas nas gramáticas normativas para o futuro do subjuntivo composto, como no exemplo: “Se eu tiver lido até amanhã, te avisarei”. Contudo, como apontaremos adiante, em toda a nossa amostra não houve nenhum dado de FS composto, o que nos restringe às prescrições gramaticais sobre essa formação, assim como não nos permite mapear uma função do FS para dar conta desse domínio.

Como pode ser visto, é clara a semelhança funcional de ambas as formas, *futurum exactum* e futuro do subjuntivo, visto que ambos são tempos verbais de futuro que aparecem em orações subordinadas, principalmente quando antecidos por *se* (ou *si* no latim) ou *quando* (*cuando*), geralmente expressando uma relação de tempo também com o verbo da oração principal – principalmente de anterioridade.

2.1.2 O futuro do subjuntivo no espanhol e português arcaicos

Em face do exposto, diremos que há autores que defendem que o FS evoluiu a partir do *futurum exactum*. Contudo, a maneira como ele foi se desenvolvendo, variando e distanciando-se um pouco da forma

³⁸ *The semantic development of dixero is a complex one. Etymologically the continuation of an aorist subjunctive, the form migrated into indicative territory, where it initially expressed non-durative (i.e. punctual) futurity – hence the label futurum exactum [...] By later the anterior value had weakened to the point where dixero became the equivalent of the simple future dicam in dependent clauses. The formal resemblance of the paradigm to the perfect subjunctive (dixerem, dixeris) led ultimately to its demise. The futurum exactum form was continued as simple future in Dalmatian and vestigially in dialects old the Southern Italy. From the futureperfect-perfect subjunctive conflation there emerged a future subjunctive in Ibero-Romance and in older Romanian.* (FLEISCHMAN, 1982, p. 34)

³⁹ Explica-se. ‘S’ (de *speech*) é o momento de fala, ‘E’ (*event*) é o evento predicado pelo *futurum exactum* e ‘R’ (*reference point*) é o evento predicado pela oração principal.

de origem, no latim corrente da Península Ibérica, não se sabe ao certo, em função principalmente da escassez de textos dessa época. Entretanto, Fleischman (1982, p. 137) apresenta algumas considerações interessantes sobre os seus usos primeiros, registrados no ibero-romance, período de formação das línguas portuguesa e castelhana.⁴⁰ Dentre essas, apontamos algumas.

Em primeiro lugar, a autora afirma que o FS teria sido usado no ibero-romance, inicialmente em orações temporais e condicionais, e funcionava para expressar a incerteza ou mera possibilidade de um evento já contingente, como um *subjuntivo dubiamente reforçado*, como podemos ver:

⇒ *Si vos assi lo **FIZIERDES** e la ventura me **FUERA** complida, mando al vuestro altar buenas donas e ricas.*(*Cid*)⁴¹ (FLEISCHMAN, 1982, p. 138)

Entretanto, já nos textos medievais, encontra-se o FS sendo substituído pelo presente do subjuntivo, notavelmente em instâncias em que o evento predicado está sendo visto como um presente prospectivo avançando. Fleischmann (1982, p. 138) descreve mais dos exemplos do *Cid*, muito semelhantes aos anteriores:

⇒ Mientras que **VISQUIEREDES**. (*Enquanto [que] vivires*)
[futuro do subjuntivo]

⇒ Mientras que **VIVADES**. (*Enquanto [que] vivas*)
[presente do subjuntivo]

É interessante observar nesses usos a ocorrência de duas variantes concorrendo no mesmo espaço sincrônico, uma no futuro do subjuntivo e outra no presente do subjuntivo. Hoje, no espanhol moderno, as funções do FS passaram a ser mais desempenhadas pelas formas verbais do presente do indicativo ou do presente do subjuntivo, sendo que o futuro do subjuntivo está restrito principalmente a textos escritos,

⁴⁰ Esse período de formação histórica do português de espanhol (europeu) compreende o espaço entre o século IX e o século XIII.

⁴¹ *Se vós assim fizerdes e a fortuna me for cumprida, mando ao vosso altar, boas e ricas senhoras.* (tradução nossa).

sobremaneira a expressões arcaicas, documentos formais e alguns provérbios, conforme Fleischman (1982, p. 139):

- ⇒ Sea lo que **FUERE**. (Seja o que for)
- ⇒ Venga lo que **VINIERE**. (Venha o que vier)

Assim, segundo a autora, atualmente o futuro do subjuntivo está em uso pleno mesmo só no português, aparecendo, principalmente, em construções com orações condicionais, mas também em algumas orações temporais, como nos exemplos citados por Fleischman:

- ⇒ Se **PERGUNTAREM** por mim, diz-lhes que me não sentia bem.
- ⇒ Quando eu **TIVER** a minha loja no Chiado, sou eu que o hei-de convidar para tomar chá.

No português antigo, conhecido como galego-português, acreditamos que o futuro do subjuntivo era bastante usado. Essa afirmação se baseia na análise que fizemos de cerca de 150 cantigas portuguesas, onde encontramos a presença dessa forma verbal em muitas delas e, em sua grande maioria, estavam em orações condicionais, conforme apontamos em Reis (2010). Para oferecer uma visão mais ampla do uso do FS nos primórdios do português (pelo menos na modalidade escrita da língua), mostraremos então alguns outros trechos de cantigas medievais. Essas cantigas foram escritas entre os séculos XII, XIII, XIV, conforme Nunes (1982, p. 191-227):

Quadro 2 – O Futuro do Subjuntivo em cantigas portuguesas

(a) E nũca mi ben queirades, que me será de morte par, se SOUBERDES , meu amigo, ca poss' eu rê no no múd' achar.	(b) Mays dona que amig' OUVER des oie mays (crea, per Deus) non s' esforecen os olhos seus,ca des oi mais no lh' é mester.
(c) E, sse FEZER [bon] tenpo e mha madre non FÔR , querrey andar mui leda, por parecer melhor e por veer meu amigo logu'i, fazede-mh ora quanto mal PODERDES , can non me guardaredes, pero QUISERDES , d'ir a San Leuter falar com me amigo.	(d) Baylemos nós ia todas tres, ay amigas, so aquestas aueleneyras frolidas e quen FOR velida, como nós, velidas, se amiga AMAR , so aquestas aveleneyras frolidas, verrá baylar.
(e) Tan coitado que morrerá, se me nõ VIR ; id' ay, mha madre, vee-lo por lo guarir, e yrei eu cõvosco, se vós QUYSERDES .	(f) Hu estava conmigo falando, dix-lh' eu: que farey se vcs non VIER ou se vosso mandad non OIR .

Fonte: Reis (2010)

Por último, apresentamos os dados mais antigos que encontramos de futuro do subjuntivo no português arcaico (considerado um período de formação da língua), em busca efetuada no *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CIPM)⁴²:

- (i) [...] subre becio e sup(er) fi'í'm(en)to, **se ar Q(U)ISERDES** ouir as deso~ras qve ante ihc fur(u~), (Notícia de Torto, 1214)
- (ii) [...] ma~do ainda **q(ue)** se s'asunar todos no~ **PODEREM** ou no~ **Q(UD)SERE~** ou descordia **FOR** ent(r)'(a)q(ue)stes a q(ue) eu ma~do departir aq(ue)stas dezimas. (Testamento de Dom Afonso II, Ms L, 1214)

⁴² O CIPM é um *corpus* digital, sendo possível acessá-lo em: <http://cipm.fcsh.unl.pt/>

- (iii) [...] E ma~do ainda q(ue) se s'asuar no~ **POD(ER)EN** ou no~ **Q(UDS(ER)EN** ou discordia **FOR** antr'aq(ue)stes a q(ue) eu ma~do ((L026)) d(e)partir aq(ue)stas dezimas susu nomeadas [...] (Testamento de Dom Afonso II, Ms L, 1214)
- (iv) E **seDAR** nu~ la**S Q(UDS(ER)EN**, rogo os arcebispos e os bispos com'eu en eles (con)fiio q(ue) eles o dema~den pelo ap(osto)ligo e p(er) si.[...] (Testamento de Dom Afonso II, Ms L, 1214)
- (v) [...] **se** todos n(on) **se POD(ER)EN** asuar ou n(on) **Q(UDS(ER)EN** ou descordia**FOR**antr'eles ualia aq(ui)lo q(ue) **MA~DAREN** os ch(us) muitos p(er) no~bro. [...] (Testamento de Dom Afonso II, Ms L, 1214)

Observe-se que, somente neste último caso, datado de 1214, há quatro ocorrências de futuro do subjuntivo, o que é um registro não somente da sua existência nos primórdios do português, como uma pista de sua alta frequência na língua (escrita). Além disso, não há como não perceber a forte presença dos verbos ditos irregulares, como *quiser* e *for*, nesses textos, sendo que atualmente aventamos ainda que sejam frequentemente usados (e não regularizados a partir do paradigma do infinitivo pessoal) no português do Brasil.

2.1.3 Hipótese histórica

Em face do exposto, certificamo-nos de que há indícios consideráveis para assumirmos que o *futurum exactum* tenha sido de fato usado na Península Ibérica, uma vez que o latim desta região se caracterizava, sobretudo, por traços arcaicos, rurais (ou rústicos, segundo dizem os autores) e provinciais/itálicos (em oposição aos traços urbanos de Roma), provavelmente, trazidos por falantes do Sul da Itália, que compunham boa parte dos exércitos romanos. Presume-se que, ainda hoje, haja regiões que usam formas semelhantes ao futuro do subjuntivo e/ou *futurum exactum* distribuídas na Península Itálica.

De acordo com Bueno (1959, p.16), “as inovações apareciam primeiramente no centro da romanização, isto é, no centro-Norte da

Itália e, dadas as distâncias, as dificuldades de contatos, raramente, chegavam aos extremos da România, como a Ibéria.” Na opinião do autor, isso explica a origem do caráter *essencialmente arcaico* do latim da Península Ibérica e principalmente o da Lusitânia (região hoje de Portugal).

Desse modo, diferentemente de Roma, o latim da Lusitânia apresenta duas características muito próprias: arcaico e dialetal, segundo Bueno (1959), ou arcaico e provincial, conforme Neto (1977), o que, em outros termos, significa dizer que não tinha como padrão o latim da região urbana central da Itália, mas teria como base o latim (e outros dialetos) de regiões rurais italianas, sobretudo as do Sul.⁴³

Já o caráter arcaico do latim da Península Ibérica, segundo Neto (1977, p. 70), pode ser justificado a partir da perspectiva de *Gröber*, de que “cada língua românica reproduziria o latim da época da conquista e colonização, variável segundo as províncias.” No caso da Lusitânia, conquistada a partir de 218 a.C. (data em que foi oficialmente registrada como província romana), deveria em tese reproduzir o latim desse momento, que era considerado da fase arcaica, e não clássica.⁴⁴

Além do traço arcaico, outra característica importante do latim da Lusitânia foi o cunho *dialetal* do latim introduzido na Península, de acordo com Bueno (1959, p. 17), que ainda afirma: “O dialeto confunde-se aqui com o rústico e era absolutamente evitado, em Roma, pelos autores todos.” Isso porque o latim que chega às províncias não é o mesmo das cidades centrais da Itália, e menos ainda o de Roma. Em outras palavras, as variedades latinas dos territórios conquistados foram trazidas pelas legiões de soldados oriundos de regiões diferentes e afastadas de Roma, sendo que uma legião, geralmente, era composta por

⁴³ Para esclarecemos melhor essas denominações, apresentamos uma divisão básica para as diferentes formas de latim usadas a partir do início do século I d.C.: (1) o latim culto, literário: a *urbanitas*; (2) o latim dos bairros pobre (*slums*) e as gírias; (3) o latim *vulgar*, isto é, a língua da classe média [substrato das línguas românicas]; (4) o latim dos campos. (RIEMANN *apud* NETO, 1977, p. 13). Quanto a essa classificação ainda, o autor observa que “o substrato das línguas românicas deve dizer-se, simplesmente, que foi o latim, o verdadeiro latim, isto é, a língua viva e *corrente*.” (NETO, 1977, p. 34).

⁴⁴ O autor justifica que a *data de conquista* de um novo território e, conseqüentemente, da sua colonização, é fundamental, posto que a língua dos colonizadores variava quanto à antiguidade e ao aspecto social. E isso explicaria por que em dialetos e falares românicos, como os da Sardenha e da Ibero-România, é possível encontrar palavras latinas usadas antes do período clássico.

membros de uma mesma região italiana. E segundo Neto, muitos soldados e colonizadores que ocupavam a região da Península Ibérica vieram do Sul da Itália, o que explicaria as inter-relações linguísticas traçadas entre essas duas regiões em vários estudos românicos. Dentre tais inter-relações, estariam tanto o infinitivo pessoal, como o futuro do subjuntivo, que são usados até hoje em algumas regiões dessas localidades italianas.

Contudo, vale ressaltar que essa hipótese contraria muitas gramáticas históricas do português, que afirmam ser o futuro do subjuntivo uma inovação do português arcaico – assim como o infinitivo pessoal – quando, na verdade, tudo indica que o FS seja apenas uma modificação de um tempo verbal já existente no latim arcaico, não padrão, falado principalmente em regiões do Sul da Itália.

Essa discussão histórica é interessante, pois serve de suporte para a hipótese principal de que o FS tem também a função que cabe a um tempo verbal de futuro, além das funções modais que competem ao subjuntivo. Outrossim, uma vez que resgatamos sua origem como forma verbal de futuro (através do *futurum exactum*), é mais fácil compreendermos sua função primária de futuro possível, ou seja, mais *irrealis* do que o futuro do presente do indicativo, além de sua relação temporal de anterioridade, que geralmente se estabelece com outra situação do período, tendo em vista que o domínio do *futurum exactum* era muito próximo a de um futuro perfeito, em muitos usos. Além disso, o fato de o FS ser um verbo típico de orações subordinadas se justificaria em função de o *futurum exactum* ter se desenvolvido a partir de um subjuntivo antigo (supostamente) e muito correlacionado ao uso de conjunções.

Através desse olhar histórico, foi possível ainda resgatar que os principais contextos sintáticos atuais de emprego do FS (condicionais, adverbiais e relativas) são praticamente que os mesmos do *futurum exactum* latino, sobretudo o de condicionais que segundo Reis (2010), é o tipo oracional que mais favorece o uso do FS em português, o que está em consonância com Becker (2010), que destaca a forte correlação entre (*si*) e o *futurum exactum* já nos primórdios do latim.

Assim, o percurso histórico do surgimento do FS está de acordo com o que Fleischman (1982) destaca, isto é, que as categorias subjuntivo e futuro são mutuamente inclusivas: “Enquanto um grupo de pesquisadores tem argumentado que os subjuntivos tendem a evoluir vindo de formas velhas de tempo futuro, outros alegam que o futuro surge de antigos subjuntivos” (p. 133).

A autora ressalta ainda que a ligação conceitual entre futuridade e o leque de modalidades *irrealis* é natural, visto que o que está por vir é um “fato desconhecido e incerto, portanto, *irrealis*; eventos futuros existem na forma de predições, intenções, vontades, desejos, obrigações [...]” (*op. cit.*). Sendo assim, as formas associadas ao futuro constituem uma projeção hipotética advinda do conhecimento experiencial do homem. Logo, entende-se o porquê de as principais origens do futuro serem um grupo de modalidades não factuais, como obrigação, volição e intenção, que são frequentemente os usos principais do modo subjuntivo. E, como o subjuntivo é, em muitas línguas, o modo generalizado do não fato ou da subjetividade, a conexão entre posteridade e subjuntivo é completamente lógica e esperada.

Por fim, devido à sobreposição entre *futuro* e *subjuntivo*, não é por acaso que tão poucas línguas disponham de um paradigma explícito de futuro e subjuntivo, como é o caso do FS em português. E uma das possíveis explicações para isso seria a sua complexa trajetória histórica que, infelizmente, não pode ser precisamente recuperada, em virtude da escassez de textos escritos que remontam à época de chegada do latim na região de Portugal, há mais de dois mil anos atrás.

A seguir, passamos a discorrer sobre os principais contextos sintáticos de uso do futuro do subjuntivo no português contemporâneo.

2.2 CONTEXTOS SINTÁTICOS DE USO DO FUTURO DO SUBJUNTIVO NO PORTUGUÊS

Como foi visto no capítulo introdutório sobre o objeto, as gramáticas normativas de modo geral descrevem que o futuro do subjuntivo é empregado nas seguintes orações subordinadas: (i) *adverbiais condicionais*: “Se DESTRUIRMOS esta cidade, a ninguém temeremos depois.” (ALMEIDA, 1980); (ii) *adverbiais temporais*: “Quando eu VOLTAR, saberei o que fazer.” (INFANTE & NICOLA, 1990); *adjetivas*: “Só poderão entrar os que TIVEREM ingresso.” (CEGALLA, 2005)

No que concerne às definições encontradas para o FS nas gramáticas pesquisadas, o quadro 3 (abaixo) resume essa discussão iniciada no primeiro capítulo, bem como apresenta uma descrição sucinta sobre a formação do seu paradigma. Após esse quadro, poderemos então prosseguir com as descrições dos contextos sintáticos em que o FS é empregado, visto que na introdução comentamos já os

aspectos principais sobre o uso do futuro do subjuntivo, conforme prescrevem as gramáticas do português.

Quadro 3 – Futuro do subjuntivo nas gramáticas

Formação do Paradigma do Futuro do Subjuntivo (FARACO & MOURA, 1996)			
Constitui-se um tempo derivado do pretérito perfeito do indicativo. Nos verbos regulares é “formado pelo tema do perfeito mais as terminações <i>-r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem</i> ”			
Tema do perfeito:	1ª. Conjugação	2ª. Conjugação	3ª. Conjugação
	(Eu) Falar	Comer -	Partir
	(Tu) Falares	Comermos	Partirmos
Fala-	(Ele) Falar	Comeres	Partires
Come-	(Nós) Falarmos	Comerdes	Partirdes
Parti-	(Vós) Falardes	Comer	Partir
	(Eles) Falarem	Comerem	Partirem
Definições e prescrições de usos para o Futuro do Subjuntivo			
(1) Emprega-se o futuro do subjuntivo para exprimir um fato que pode acontecer ou não, hipotético e, portanto, eventual, e que apresenta relação com outro fato: <i>Quando você chegar, dê-me notícias. Se puder, volte amanhã.</i> A forma composta deste tempo verbal indica um acontecimento futuro com relação a outro fato também futuro: <i>Eles vão passear quando tiverem feito o serviço. Ganharemos o jogo quando tivermos treinado bastante.</i> (MESQUITA, 1999, p. 303)		(2) O futuro do subjuntivo simples marca a eventualidade no futuro e emprega-se em orações subordinadas: adverbiais (condicionais, conformativas e temporais), cuja principal vem enunciada no futuro ou no presente: <i>Se quiser, irei vê-lo. Se quiser vê-lo, vá a sua casa. Farei conforme mandares. Faça como souber. Quando puder, passarei por aqui. Quando puder, venha ver-me;</i> adjetivas, dependentes de uma principal também enunciada no futuro ou no presente: <i>Direi</i>	

<p>3) Futuro simples. a) Emprega-se em orações adverbiais condicionais, temporais, proporcionais e outras: <i>Se transpuserem a fronteira, serão capturados. Caso persistirem as chuvas, os rios transbordarão. Enquanto não a vir, não descansarei. Quanto maior for a altura, maior será o tombo.</i> b) Aparece em orações subordinadas adjetivas: <i>Só poderão entrar os que tiverem ingresso.</i> Futuro composto. Usa-se em orações subordinadas e enuncia um fato futuro relacionado a outro também futuro, ou um fato no passado, mas hipotético: <i>Depois que tiver visto o filme, darei minha opinião. Se tiver acertado na loteria, comprei uma fazenda.</i> (CEGALLA, 2005, p.590)</p>	<p><i>uma palavra amiga aos que me ajudarem. Diga uma palavra amiga aos que o ajudarem.</i> O futuro do subjuntivo composto indica um fato futuro como terminado em relação a outro fato futuro (dentro do sentido geral do modo subjuntivo): - <i>D. Sancha, peço-lhe que não leia este livro; ou, se o houver lido até aqui, abandone o resto</i> (M. de Assis, DC). <i>Quando tiverdes acabado, sereis desalojados de vosso precário pouso e devolvidos às vossas favelas</i> (R. Braga).(CUNHA; CINTRA, 2008, p. 489)</p>
<p>(4) Na forma simples, indica fatos possíveis, mas ainda não concretizados quando se fala ou escreve: <i>Quando comprovar sua situação, será inscrito. Quem obtiver o primeiro prêmio receberá bolsa integral. Se ela for a Siena, não quererá mais sair de lá.</i> Esse tempo geralmente se associa ao futuro do presente do indicativo quando se expressa circunstância de condição: <i>Se fizer o regime, emagrecerá rapidamente.</i> O futuro do subjuntivo composto expressa um processo futuro que estará terminado antes de outro, também futuro: <i>Quando tiverem concluído os estudos, receberão o diploma. Iremos sempre depois que ela tiver adormecido.</i> (INFANTE& CIPRO NETO, 2010, p. 197)</p>	<p>(5) Futuro do subjuntivo. Representando o fato como não concluído, situa-o num intervalo de tempo simultâneo ou posterior ao presente: <i>Voltem sempre que vocês desejarem</i> (posterior ao presente). <i>Quem não souber o caminho deve aguardar o guia.</i> (simultâneo ao presente). Formas compostas. Representando o fato com concluído, situa-o num intervalo de tempo anterior a presente ou a futuro. Tem, portanto, o mesmo conteúdo temporal do pretérito perfeito, do qual se distingue apenas pelo contexto sintático. Repete-se aqui a mesma variação já descrita entre o presente e o futuro do subjuntivo simples: <i>Se eles não tiverem enchido</i> (= Caso eles não tenham enchido) <i>o tanque, podem</i></p>

<p>(6) Futuro do subjuntivo – Empregase o futuro do subjuntivo para indicar um fato futuro já concluído em relação a outro fato futuro: <i>Quando eu voltar, saberei o que fazer.</i> (INFANTE & NICOLA, 1990, p.111)</p>	<p><i>ficar sem combustível no caminho.</i> (anterior a presente). <i>Quando você tiver localizado</i> (= Tão logo tenha localizado) <i>todas as notas fiscais, vamos iniciar o relatório com a prestação de contas.</i> (AZEREDO, 2008, p. 365-366).</p>
---	---

Observamos que, no quadro anterior, os principais contextos sintáticos de uso do futuro subjuntivo se firmam nas adverbiais. Entretanto, além destes referidos contextos sintáticos contemplados, o FS também aparece em orações adjetivas, chamadas de *relativas*, na gramática de Mateus *et al* (1989), principal suporte teórico-metodológico sobre o qual sustentamos a descrição dessas construções de subordinação, em razão de sua natureza mais descritiva (não prescritiva): adotamos, por conseguinte, a mesma nomenclatura utilizada pelos autores. Assim, a partir desta subseção, faremos uso preferencialmente do termo oração relativa. Vale ressaltar que a referida gramática descritiva não foi citada na seção anterior (assim como outras classificadas como gramáticas de uso), por não termos encontrado descrição do objeto em tais gramáticas.

Logo, levando em conta as descrições gramaticais, bem como os resultados de Reis (2010), podemos afirmar que as três principais construções subordinadas em que o FS aparece são as condicionais (principalmente), as temporais e as relativas, sendo este último grupo o tipo oracional que abrirá a descrição a seguir. Ademais, como as construções condicionais provavelmente corresponderão à grande parte dos contextos sintáticos com os dados de FS, maior peso será dado ao estudo dessas construções, inclusive com pequenas considerações de outros autores, como Neves (1999), sobre o tema.

2.2.1 Construções relativas

De acordo com Mateus *et al.* (1989, p. 285), as construções de relativização podem ser formadas por orações relativas que têm um antecedente, quando são chamadas de restritivas ou apositivas, ou por orações relativas sem antecedentes, também denominadas de livres. Dentre essas, acreditamos que o FS vai aparecer tanto nas relativas restritivas, mas principalmente nas relativas sem antecedentes.

Vejamos alguns exemplos descritos pelas autoras:

- ⇒ Vi o homem que roubou a tua carteira. [*restritiva*]
- ⇒ O Antônio, que encontrei ontem, regressou do estrangeiro. [*apositiva*]
- ⇒ Quem vai ao mar perde o lugar. [*sem antecedente*]

Os pronomes relativos que comumente caracterizam as orações relativas, segundo Mateus *et al.* (1989), são: *que, o que, quem, o qual, cujo, quanto, onde*. E, nas relativas sem antecedentes, os pronomes *qual* e *cujo* são os mais recorrentes.

As autoras também observam que, além do nexos semântico de correferencialidade, outras relações podem ainda ser expressas pelas proposições envolvidas em alguns tipos de construções relativas: dentre essas, destacamos as relações de condição e consequência, que também estão presentes nas construções condicionais, visto que esse tipo de conexão parece relativamente comum a enunciados com dados de FS, como podemos perceber no exemplo dado por Mateus *et al.* (1989, p. 296):

- ⇒ Quem vai ao mar perde o lugar.

A relação causal estabelecida entre as orações (*Quem vai, perde*) é de uso recorrente em construções relativas de FS na amostra, como podemos ver a seguir:

- (06) Quem **PERDER** vai ficando com oito (FLN 10)
- (07) Aquele que **TIVER** a nota melhor entra, e aquele que não **TIVER**, como se diz, fica, né? (CTB 18)

Por fim, Mateus *et al.* também ressaltam que é possível verificar semelhanças semânticas e sintáticas entre construções relativas e outras construções de subordinação: dentre essas, citamos os exemplos descritos pelas autoras que apontam as semelhanças com as temporais:

No tempo em que vivi que fui feliz.
Quando vivi aqui fui feliz.
Enquanto vivi aqui fui feliz.
(MATEUS *et al.*, 1989, p. 297)

2.2.2 Construções temporais

Mateus *et al.* (1989) afirmam que a ordenação temporal entre dois estados de coisas, ou eventos, pode ser expressa em português por subordinação ou por coordenação. Na subordinação, que é o caso pertinente a este estudo, sempre há uma oração cujo sentido é explicitamente temporal, e “os dois estados de coisas podem ser homo ou heterotemporais; no primeiro caso, são simultâneos, no segundo, são sucessivos” (p. 10). Nas situações sucessivas, um estado de coisas é posterior ou anterior ao outro estado, ao passo que, nas situações simultâneas, os dois estados estão situados num mesmo intervalo de tempo ou então se intersectam em algum ponto.

Os autores distinguem da seguinte maneira os conectores temporais do português: a) conectores, como *quando ou enquanto*; b) conectores de base adverbial: *agora que, logo que, sempre que, assim que, antes que, depois que*; c) conectores de base prepositiva: *desde que, até que*; d) conectores implícita ou explicitamente correlativos: *mal, apenas*; e) conectores de base nominal (locuções temporais): *no momento em que, na altura em que, todas as vezes que, cada vez que* (Idem, p. 30).

A seguir, apresentamos algumas ocorrências com alguns desses conectores e, em seguida, passamos a descrição das construções condicionais.

(08) Então, tudo planejado, só tudo já certinho pra quando **CHEGAR** na época lá, você tirar aquela [...] (CTB 01)

(09) Enquanto **ESTIVER** chovendo, o nosso serviço não dá pra ser executado com chuva. (CTB 01)

(10) A hora que **COMEÇAREM** te procurar, daí que você vai ver quem que vai sair e pra quem que você vai torcer daí. (CTB 01)

2.2.3 Construções condicionais

As construções condicionais são tradicionalmente definidas como estruturas formadas por uma oração subordinada adverbial⁴⁵, chamada de prótase ou antecedente, e por uma oração principal, a apódese ou conseqüente, como pode ser visto nos dados seguintes:

(11) Se elas **ESCUTAREM** isso, ficarão apavoradas.(FLN 11)

(12) Se Deus **QUISER**, eu vou ainda. (FLN 16)

É possível perceber nesses enunciados que o sentido das proposições condicionais parece muito dependente do contexto maior em que aparecem. Em outros termos, uma boa interpretação das condicionais depende de informações que não são explícitas nem no antecedente, nem no conseqüente, mas que podem ser encontradas no conjunto de informações compartilhadas pelos interlocutores durante a interação, observa Santos (2006, p. 118).⁴⁶

No que diz respeito à natureza das construções condicionais, Mateus *et al.* (1989) e Neves (1999) defendem a mesma classificação para as condicionais em português, dividindo-as em três subgrupos: factuais, contrafactuais e potenciais/hipotéticas/eventuais, as quais descrevemos nas subseções seguintes.

2.2.4 Construções condicionais factuais e contrafactuais

De modo geral, as construções condicionais factuais são definidas como aquelas asseguradas pela realidade através dos fatos ou estado de coisas no mundo e, pelo comprometimento do falante com a verdade da proposição. Para Mateus *et al.* (1989, p. 299), nesse tipo de construção

⁴⁵ O termo oração subordinada adverbial está sendo utilizado por ser bem cunhado na literatura, porém, reconhece-se que muitos autores discordam desta nomenclatura, afirmando que essas orações não são exatamente subordinadas, uma vez que são mais independentes das orações principais. Em função disso, muitos autores na linha funcionalista utilizam o termo hipotaxe adverbial, como consta, por exemplo, em Neves (2006).

⁴⁶ Por isso são construções que geralmente estão presas a um contexto discursivo maior.

condicional o falante “assume que os conteúdos das duas proposições se verificaram no mundo real, no intervalo de tempo relevante. Os enunciados exprimem uma relação de causalidade entre estados de coisas descritos na proposição antecedente e na proposição consequente.”

De acordo com Neves (1999), o enunciado de uma prótase condicional factual é tido como real e, a partir daí, o enunciado da apódose é entendido como uma consequência necessária, e também real, conforme se observa no enunciado seguinte:

- (11) Se ele não ESTUDA, se ele VIVE, assim, ele não é um marginal. (FLN 17)

Neste sentido, pode-se descrever uma condicional factual como aquela que envolve uma relação de *condição preenchida* para uma *consequência/conclusão*, possibilitando uma interpretação mista entre causa e consequência para essas proposições. Uma prova disso seria o fato de que o conectivo *se* pode ser substituído pelo conectivo causal *já que* e vice-versa, asseguram Neves (2000) e Gryner (1990).

Sobre a configuração modo-temporal mais frequente nas orações que compõem as construções condicionais factuais, destaca-se o trabalho de Neves (1999) – baseado em usos do português através de textos escritos – no qual foram encontradas as seguintes formas verbais nesse tipo de construção condicional. Nas prótases, as formas mais frequentes foram as de presente do indicativo, seguidas pelas de pretérito perfeito e depois pelo pretérito imperfeito do indicativo. De forma semelhante, nas apódoses, as formas verbais mais frequentes foram: (i) o presente do indicativo; (ii) o pretérito perfeito e imperfeito do indicativo; e (iii) o futuro do presente do indicativo. Ainda sobre as formas verbais dessas construções, Mateus *et al.* (1989) observam que, no português, as prótases condicionais factuais não podem apresentar o verbo no futuro do subjuntivo.

Já, no que diz respeito às construções contrafactuais, diferentemente das factuais, elas assentam-se na não realidade de fatos ou estado de coisas, tanto na prótase, como na apódose. De acordo com Neves (1999, p. 524), “as condicionais contrafactuais comunicam uma falsidade segura, enunciando como não-existente um estado de coisas e, a partir daí, apresentam um outro estado de coisas, consequentemente também não-existente”, como em:

- (12) Mas se fosse, é um lugar que eu gostaria de ir. (FLN 16)

Em consonância a esses usos, Mateus *et al.* (1989, p. 302) afirmam que os enunciados formados por condicionais contrafactuais exprimem “relações gerais entre proposições que se verificam em mundos alternativos ao mundo real. Ou melhor, no intervalo de tempo relevante, o antecedente verifica-se num mundo alternativo ao mundo real e, no mesmo intervalo, a sua negação verifica-se no mundo real” (p. 302)

Sobre os tempos verbais presentes nas contrafactuais, destaca-se como marca dessas construções a presença do verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo nas prótases, segundo os autores pesquisados.

2.2.4.1 Construções condicionais hipotéticas/potenciais/eventuais

O futuro do subjuntivo está frequentemente presente nas construções condicionais *potenciais* – também denominadas de *eventuais* ou *hipotéticas* –, segundo Neves (1999) e Gryner (1990). Além disso, Mateus *et al.* (1989, p. 301) afirmam que os estados de coisas descritos nessas construções geralmente estão localizados no *futuro*.

Por exemplo, em seu estudo, que buscou verificar a configuração modo-temporal dessas construções, Neves (1999) encontrou 22 ocorrências de futuro do subjuntivo, 10 ocorrências de presente do indicativo, 02 de presente do subjuntivo e 01 com verbo elíptico, num universo de 35 dados.⁴⁷ Já Gryner (1990) encontrou 1.114 dados de FS em sua amostra, que se compunha também de enunciados hipotéticos, num universo de 2.789 ocorrências. Todavia, a autora não considerou apenas o presente do indicativo como variante nas orações condicionais, mas também o gerúndio e a justaposta.

Via de regra, as construções condicionais hipotéticas são definidas como aquelas em que a prótase é marcada pela *eventualidade* de um fato que, se ocorrer, o enunciado da apódose será tido como

⁴⁷ Já nas apódoses, sobressaiu-se a frequência significativa do presente do indicativo e do futuro do presente, apesar de terem sido encontradas diferentes formas verbais, aqui elencadas de maneira decrescente em relação à frequência: (i) presente do indicativo; (ii) futuro do presente do indicativo; (iii) pretérito imperfeito; (iv) futuro do pretérito do indicativo e (v) presente contínuo. Ressalta-se ainda que o *corpus* de Neves (1999) era composto por dados de escrita.

certo, quase como uma consequência. Essas condicionais são naturalmente implicativas, pois *a condição enunciada implica o estado de coisas que está na predicação nuclear da frase*, afirma Neves (1999, p. 526).

Diferentemente de Neves e Gryner (*op. cit.*), Mateus *et al.* (1989) preferem o termo *condicionais hipotéticas*, e defendem que, nessas construções, o conteúdo proposicional de prótase especifica o mundo real epistemicamente não acessível ao intervalo de tempo da enunciação em que se verifica o conteúdo proposicional da apódose.

Vejam essas duas construções hipotéticas encontrados nos dados:

- (13) Se eu não **ENTREGAR** sexta-feria, vai ficar ridículo, meio xarope. (POA 03)
- (14)
- (15) Agora me realizo se eu **TIVER** um Versailles. (CTB 04)

Gryner (1990, p. 234) acrescenta ainda que é possível se identificar uma condicional potencial pela possibilidade de acrescentar-se a expressão *por acaso* no enunciado, e pela possibilidade de se usar a variante futuro do subjuntivo na subordinada condicional. Para a autora, a proposição potencial caracteriza-se por não pressupor a afirmação nem a negação do fato anunciado.

2.3 A DESCRIÇÃO DO FUTURO DO SUBJUNTIVO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Nesta seção, descrevemos parte da pesquisa anterior a esta, a dissertação de Reis (2010), destacando: (i) o objetivo do trabalho; (ii) a hipótese principal; (iii) os principais resultados obtidos com a análise a partir da análise. Trazemos também alguns resultados de estudos linguísticos que tratam do FS no português – mesmo que de forma indireta, haja vista que a maioria descreve as construções condicionais e, dentro desse quadro, dispõem (ainda que de modo sucinto) algumas considerações sobre o uso do FS em contraponto ao uso de outras formas verbais nas prótases condicionais.

2.3.1 O estudo antecedente

Em Reis (2010), foram analisados os contextos de uso do FS a partir de uma análise abordagem ampla, que investigou a relação entre subjuntivo e modalidade *irrealis* nos contextos multiproposicionais, em que o FS foi usado. Para tanto, realizamos um estudo de cunho funcionalista, contando com uma *amostra* de dados de fala, também oriunda do banco de dados Varsul, só que composta apenas por dados de informantes de Florianópolis.

A principal hipótese norteadora da dissertação foi a de que o papel fundamental do FS nas situações comunicativas seria de contribuir com a significação do não fato ou modalidade *irrealis*, reforçando sentidos de domínio tanto da modalidade deôntica (intenção, desejo, preferência, manipulação) como da epistêmica (dúvida, incerteza, crença, possibilidade) e envolvendo-se ainda com outros elementos do enunciado que projetam futuro nas situações comunicativas, haja vista que a relação entre subjuntivo e futuridade é largamente apontada na literatura funcionalista. Assim, para investigarmos a hipótese principal, analisamos o uso do FS em três níveis: (i) multiproposicional; (ii) proposicional (e sintático); (iii) morfológico. Parte da análise e resultados alcançados em cada nível serão aqui apresentados.

Primeiramente, quanto aos resultados que obtivemos em relação aos grupos que controlaram o contexto multiproposicional, destacamos que esses contextos discursivos, em sua maioria, caracterizaram-se como *irrealis* e pela alta subjetividade do falante, captada através da presença de várias expressões, com base no critério que teve como

principal fator a presença de, ao menos, uma expressão *irrealis*⁴⁸ (80% dos casos) e/ou de uma predicação subjetiva⁴⁹ (48% dos casos). Numa segunda subdivisão proposta, identificamos que 50% dos contextos eram mais *irrealis*, outros 30% ficavam na interface *realis-irrealis*, e aproximadamente 20% eram compostos apenas por asserções *realis*. Já quanto à temporalidade, investigamos apenas se havia marcas explícitas de futuridade no contexto (o que ocorreu em 26% dos casos), ou marcas de habitualidade (28% dos casos). E, no que diz respeito à natureza mais textual/discursiva dos contextos analisados, sobressaiu a presença de enunciados híbridos do tipo explicativos/narrativos.

Quanto à natureza dos contextos proposicionais que abrigam o FS, ressaltamos os resultados seguintes: (i) a modalidade proposicional mais recorrente foi a epistêmica (em 70% dos casos), em relação à deontica (30%); (ii) a oração subordinada mais recorrente foi a condicional, que esteve presente em cerca de 73% das construções sintáticas em que o FS estava; (iii) o traço considerado como temporal foi o mais frequente no enunciado; (iv) a ordem das orações que prevaleceu no período foi de anteposição da oração subordinada em relação à oração principal (80%).

Destacamos também que: (i) o presente do indicativo é o tempo/verbal típico dessas construções que possuem o FS na oração subordinada sob seu escopo, alcançando 65% dos casos, seguido pelo futuro do presente do indicativo (18%); (ii) a maioria dos verbos no FS não é de modalidade inerente (apenas 22% o são), assim como são do tipo pleno (83% dos casos); no que tange à (ir)regularidade morfológica do verbo, verificou-se que 63% das formas de FS encontradas foram de verbos irregulares, com destaque para maior frequência das formas verbais *quiser* e *for*, visto que o item verbal também foi um fator controlado.

Em resumo, os resultados em Reis (2010) evidenciam que o futuro do subjuntivo se constitui como uma forma verbal cuja principal função volta-se à expressão da modalidade *irrealis*, instaurando, junto a outras expressões de natureza similar, um contexto harmonicamente modal, mantendo estreita relação semântica com as noções modais epistêmicas nesses contextos, ao passo que, em termos estruturais,

⁴⁸ São expressões que projetam escopo *realis* aos termos que se seguem (Cf. GIVON, 2002).

⁴⁹ São expressões lexicais que marcam a subjetividade no falante na língua (Cf. GIVON, 2002).

destaca-se como um tempo/modo verbal empregado frequentemente em orações condicionais, apresentando ainda alta recorrência de uso de formas morfológicas irregulares nos dados analisados.

2.3.2 Macedo (1980)

São poucos os estudos específicos sobre o futuro do subjuntivo, isto é, que não sejam estudos acerca de construções subordinadas no português do Brasil (PB), mas que acabam por descrever o uso do FS nessas orações. Dessa forma, sintetizamos os trabalhos sobre construções que mencionam o uso do FS nesses contextos sintáticos (construções subordinadas), sobretudo Macedo (1980), que trata do futuro do subjuntivo especificamente, nem enfoque diferente desta tese.

2.3.2.1 Macedo (1980) e Reis (2008; 2012b)

No âmbito da sociolinguística, Macedo (1980) realizou um trabalho relevante, ao estudar o processo denominado de regularização das formas irregulares de FS no português do Brasil.

Explica-se: o uso variável das formas irregulares de FS (ex.: *ter* por *tiver*) deve-se ao fato de o falante, ao fazer uma analogia do futuro do subjuntivo com o infinitivo pessoal – já que as formas dos verbos regulares desses dois paradigmas são idênticas –, produzir formas ditas regularizadas, como em: “Se o banco *reter* (Infinitivo) o meu cartão”/ “Quando você *ver* (Infinitivo) ele hoje” (no lugar de *retiver* e *vir*, respectivamente), fato esse observado em manuais de norma padrão, como costumam pontuar os principais ‘erros’ de português, objetivando que o falante os evite, como percebe-se a seguir:

Não se confunda o Infinitivo Pessoal com o Futuro do Subjuntivo, estes dois tempos são análogos na forma, nos verbos regulares, sendo sempre desiguais se o verbo é irregular. Por falsa analogia, o povo confunde infinitivo pessoal com futuro do subjuntivo e vice-versa (GÓIS *apud* MACEDO, 1980, p. 23).

Em linhas gerais, Macedo (1980), em sua tese, realizou 328 testes escritos⁵⁰ com adolescentes, adultos e crianças no Rio de Janeiro e constatou que quase dois terços dos informantes de sua amostra regularizaram as formas irregulares de FS nesses testes, que consistiam em preencher lacunas com o verbo no FS.

Essa taxa de regularização coincidiu com os resultados de um estudo de Reis (2008), em que foram realizados testes escritos inspirados nos de Macedo (no total foram 66) com crianças e adolescentes da região de Tubarão (SC), nos quais os informantes tinham também que preencher lacunas com as formas no FS em frases previamente selecionadas. Tanto na amostragem de Reis (2008), de natureza mais qualitativa, portanto menor, como em Macedo (1980), que se trata de uma amostra quantitativa e expandida, os resultados foram muito próximos: cerca de apenas um terço dos estudantes usou as formas irregulares gramaticalmente corretas. Houve também lacunas preenchidas com o presente do indicativo e com o futuro do indicativo.

No entanto, em Reis (2012b), observamos que, em ambas as pesquisas, foram utilizados testes que continham vários verbos irregulares (cognitivamente) *pouco frequentes na língua*, ou seja, que têm baixa frequência de uso, como no casos: *compor/compuser, reter/retiver*, o que pode ter influenciado no alto índice de regularização por parte dos falantes. Isso porque observamos nos dois estudos que os informantes regularizaram bem menos os verbos irregulares com alta frequência de uso, por exemplo, *quiser, souber, estiver, fizer*.

Hipotetizamos, neste caso, que esteja ocorrendo uma variação/mudança por analogia, devido ao fato de o falante desconhecer certas formas irregulares de FS (dada a sua baixa frequência de uso): como consequência, ele acaba por regularizá-la, com base no paradigma dos verbos regulares no FS, que é igual ao do infinitivo pessoal, mas que, para uma análise e descrição mais refinadas do fenômeno em variação, é relevante observar a frequência de uso de cada item verbal irregular (Cf. REIS, 2012, p. 8).

Isso porque muitos autores, por exemplo, Bybee (2007), sustentam a hipótese de que a mudança sonora tende a afetar primeiro as

⁵⁰ Mais exatamente, Macedo realizou 197 testes escritos com adolescentes entre 12 e 19 anos, 42 testes com informantes de mais de 50 anos e 89 com crianças na faixa etária de 5 a 10 anos, todos informantes do Rio de Janeiro. Para melhor ilustrar, seguem dois exemplos desse teste: (i) A professora *está* doente. Quando ela já _____, boa, voltaremos às aulas; (ii) Não *ponha* a mão no fogo, pois se você _____ [...].

palavras mais frequentes, enquanto a mudança analógica, as menos frequentes, primeiramente. Os que defendem essa tese apontam como evidência o caso de certas formas verbais irregulares de passado em inglês, que não sofreram regularização pelos falantes, muito provavelmente devido ao fato de elas terem alta frequência de uso na língua. Para Bybee (2007, p. 29), os falantes adultos podem muito bem atuar no processo de nivelamento analógico, posto que, em paradigmas não frequentes, os falantes podem não ter certeza, desconhecer todas as formas desses paradigmas, sendo que a mera não frequência de um paradigma supletivo torna uma formação analógica mais aceitável.⁵¹

Então, no caso da regularização de certas formas irregulares do FS, é possível supor que o processo de mudança por analogia ocorra mais com os verbos de uso menos frequente, pois, como a forma verbal irregular não está tão automatizada pelos falantes, é mais fácil nivelá-la pelo padrão regular. Como exemplo, citamos as formas de FS: *contiver*, *mantiver*, *propuser*, que comumente são pronunciadas respectivamente como *conter*, *manter*, *propor* pelos falantes do português. Por tais razões, uma análise que relacione frequência de uso e o processo de regularização do FS deve trazer, por certo, números interessantes sobre os percentuais de regularização, que muito provavelmente seriam mais baixos (dos que os vistos em Reis, 2008 e Macedo, 1980), se observadas as proporções de usos entre os verbos de maior e menor frequência de uso.

2.3.3 Justino (2011)

O estudo de Justino (2011), na verdade, não investiga o português do Brasil, mas trata-se de uma análise comparativa entre o uso do futuro do subjuntivo (ou *conjuntivo*, como chama o autor) no português europeu e no português de Moçambique, em construções temporais, relativas e condicionais, com ênfase nas últimas, em que compara (através de testes de agramaticalidade) o uso do FS e o uso do presente

⁵¹A autora exemplifica: “Por exemplo, [...], *creeped* (rastejou) não é uma forma padrão, mas eu não estranharia ao ouvi-la, e poderia até mesmo produzi-la, embora eu saiba que *crept* é a forma 'correta'. No entanto, *keeped* (mantido) iria causar uma reação negativa, porque a forma *kept* é bem solidamente estabelecida devido à sua frequência”(BYBEE, 2007, p. 30, tradução nossa).

do indicativo, ou seja, através de testes em que os informantes têm que escolher qual forma consideram como mais adequada em diferentes tipos de frases. Em outros termos, trata-se de uma proposta teoricamente distante do viés funcional adotado nesta tese.

A amostra é composta por dados de fala e escrita do português de Moçambique (de entrevistas) e por dados de escrita do português europeu. Segundo o autor, o *corpus* escrito é resultado de dois testes: um de produção provocada e outro, de juízo de gramaticalidade, aplicados a estudantes universitários de Moçambique e de Portugal. Como se nota pela nomenclatura, a perspectiva teórica usada pelo autor baseia-se em pressupostos de natureza mais formalista de Chomsky (1995), diferenciando-se da perspectiva teórica funcional adotada em nosso estudo.

No entanto, Justino traça considerações descritivas sobre os usos do FS que consideramos pertinentes de serem pontuadas: uma delas é a de que a distribuição do FS em construções sintáticas no português africano e europeu parece muito semelhante ao do português do Brasil, ocorrendo principalmente em orações subordinadas adverbiais condicionais e temporais, e em orações subordinadas relativas restritivas, se tomarmos como base Reis (2010), Neves (1999) e as próprias descrições gramaticais.

Além disso, os resultados de Justino mostram que, nessas construções, o FS coocorre com verbos que na matriz se apresentam no presente do indicativo, futuro do indicativo ou imperativo, o que também está em consonância aos resultados de Reis (2010), com uma exceção: segundo Justino (2011, p. 135), “o PM particulariza-se por admitir a possibilidade de o futuro do conjuntivo correlacionar-se com o infinitivo, entre os dois domínios frásicos,” sendo nesse ponto diferente do PE.

No mais, o autor traça considerações de outra natureza teórica, bem como discute, em boa parte da análise, a questão ainda do uso das formas irregulares do FS, de maneira a descrever como se dá esse uso variável, uma vez que não há muitos estudos sobre essa questão em Moçambique (África).

2.3.4 Gryner (1990) e Neves (1999)

Como já mencionamos, os estudos que fazem mais referência ao uso do FS são os que tratam das construções condicionais do português. No que diz respeito aos trabalhos nesta direção e com dados do PB,

destacamos principalmente os de Neves (1999) e Gryner (1990), por levarem em conta a configuração modo-temporal dessas construções e, como consequência, trazerem resultados sobre o uso do FS em contextos de orações (prótases) condicionais.

Neves (1999, p. 534) investigou, dentre outras questões, os esquemas modo/temporais das construções condicionais classificadas como potenciais/eventuais/hipotéticas.⁵² A autora define as construções condicionais hipotéticas como aquelas em que a prótase é marcada pela *eventualidade* de um fato que, caso venha a ocorrer, o enunciado da apódose será tido como certo, quase como uma consequência. Um exemplo típico desse tipo de construção é o que está presente na mídia, em propagandas de cerveja, a saber: *Se for dirigir, não beba*. Além desse, mostramos dois exemplos de construções condicionais eventuais citados em Neves (1999, p. 527), com o uso do FS:

- ⇒ *Eu acho que se sair antes das seis horas da manhã sai melhor.* (D2 SSA)
- ⇒ *Se a gente for parar para fazer as coisas calmamente não dá.* (D2 RJ)

A ideia de que o falante hipotetiza sobre algo que pode ocorrer (eventualmente/potencialmente) num futuro (próximo, imediato ou mais distante, projetado) fica claro nesses casos. A autora ainda aponta que, em relação ao uso das condicionais hipotéticas no discurso, este normalmente está voltado ao trabalho argumentativo do falante:

Todo bloco hipotético, por exprimir uma relação entre uma condição que se hipotetiza (como possivelmente/realmente verdadeira/falsa) e um

⁵² As condicionais eventuais/hipotéticas/potenciais diferenciam-se das orações *condicionais factuais*, definidas por Neves (1999, p. 508), como aquelas asseguradas pela realidade através dos fatos ou estado de coisas no mundo e pelo comprometimento do falante com a verdade da proposição; e mais ainda das condicionais *contrafactuais* que se assentam na não-realidade de fatos ou estado de coisas, tanto na prótase como na apódose. De acordo com Neves ainda (1999, p. 524), *as condicionais contrafactuais comunicam uma “falsidade segura”, enunciando como nãoexistente um estado de coisas e, a partir daí, apresentam um outro estado conseqüentemente também não-existente*. Por outro lado, o enunciado de uma prótase condicional factual é tido como real e, a partir daí, o enunciado da apódose é entendido como uma consequência necessária e também real.

estado de coisas que depende de que a condição seja satisfeita, constitui uma construção que se presta muito eficientemente para apoio de argumentação, não importa seja ela factual, contrafactual ou eventual; essas diferenças, aliás, são postas a serviço do ofício de argumentar (NEVES, 1999, p. 539).

Geralmente, ao utilizar-se de uma condicional factual, o falante possui maior certeza ou total certeza sobre o fato enunciado na prótase, enquanto em uma condicional eventual, ele marca a *falta de certeza* sobre o fato, sinalizando a eventualidade do mesmo. E, nas contrafactuais, é implícita a certeza da não realidade do fato enunciado pelo falante, de acordo com Neves (1999).

Nessa mesma direção, Ferrari (2005, p. 4) observa que há uma relação entre tempo verbal expresso na prótase e a postura epistêmica do falante, que é uma consequência da noção e da suposição que o falante possui sobre a realidade da prótase. Essa noção de suposição do falante sobre a realidade é de certa forma definida por Gryner (1990) como experenciação do falante, o que também, segundo a autora, poderá influenciar no uso de formas do presente do indicativo ou do FS nas prótases das condicionais potenciais.

Outrossim, Gryner (1990, p. 280) defende que o enunciado hipotético pode servir à argumentação como uma estratégia, favorecendo exemplos de validade de posição assumida pelo locutor, ou fornecendo razões que sustentem a posição do locutor. Pode-se ilustrar melhor essa descrição, através do exemplo (12) do VARSUL, em que o período com o FS funciona exatamente com o propósito de servir como exemplo *de validade da posição* do falante:

(17) É, por incrível que pareça, [se você for analisar], eu não vou lhe garantir, não vou lhe garantir, não na Prefeitura hoje, eu acho que o médico na Prefeitura está ganhando[...]. Mas **[se eu PEGAR o salário de um médico na Fundação Hospitalar de Santa Catarina, nível inicial, e PEGAR o salário de um gari, de cinco, seis anos na Comcapo, comparando as funções, capaz do gari estar ganhando mais do que o médico.]**(FLN 21)

O trabalho de Gryner trata de um estudo sociolinguístico variacionista, em se verificou a ocorrência de formas consideradas variantes em contextos de prótases condicionais potenciais/eventuais,

através da investigação de fatores de ordem social (relacionados ao informante) e de natureza linguística, que levou em conta principalmente as relações lógico-semânticas entre as orações que compõem a construção condicional, e semântico-pragmáticas, que se estabelecem no uso dessas orações na enunciação.

Os dados são de uma amostra de 76 entrevistas com informantes do Rio de Janeiro, coletadas entre 1980 e 1983. Nas palavras da autora: “Podemos definir o objeto do nosso estudo como sendo a variação de tempo-modo e conexão constituída pela alternância entre futuro do subjuntivo (FS), presente do indicativo, gerúndio e justaposta em orações condicionais de *se*.” (GRYNER, 1990, p. 23)

Citamos, como um dos resultados mais relevantes de Gryner (1990) para o nosso estudo, o número total de ocorrências de FS encontrado nas orações condicionais da amostra, que foi de 1.144 dados, contra 612 de presente do indicativo, 654 de gerúndio e 379 de justaposta. Em termos de frequência, o FS ocorreu em 41% dos casos, enquanto o presente do indicativo em apenas 22%. Esse é um dado importante, pois surge como mais um indício de que o ambiente de orações condicionais hipotéticas parece ser de fato o contexto prototípico em que o FS surge em português.

No que diz respeito à consideração final traçada pela autora quanto ao uso do FS nas orações condicionais pelos informantes, Gryner (1990, p. 292) descreve:

Ele (o FS) tende a retratar conteúdos não vivenciados pessoalmente pelo locutor ([- experienciados]). Os argumentos veiculados por esses fatos baseiam-se, preferencialmente, no ponto de vista antagônico ([- confirmação]) com o qual, portanto, o locutor não se sente envolvido. [...] a realização dos fatos supostos nas prótases do futuro do subjuntivo (FS) tende a ser vinculada à disposição subjetiva (vontade, deliberação) dos sujeitos da apódose. (GRYNER, 1990, p. 23)

Com relação à comparação específica entre o uso do FS e do presente do indicativo nas orações condicionais, a autora considera que o FS tende a ocorrer em contextos de menor experiênciação do falante e menos genéricos.

2.3.5 Ferrari (2005)

O último trabalho que citamos é o de Ferrari (2005), sobre o tema das condicionais, estudo que se apoia na perspectiva sociocognitiva, buscando destacar a força da proposição condicional na imposição de forças e remoção de barreira no domínio sociointeracional. Nesse sentido, são analisadas as condicionais chamadas de pragmáticas (ou usos pragmáticos de condicionais)⁵³ – referentes aos atos de fala diretivos, que funcionam como tentativa de levar o ouvinte a fazer algo⁵⁴, segundo a autora, muito semelhante ao que consideramos aqui, como proposições orientadas ao falante – nas quais são investigadas questões referentes ao seu uso no discurso.

Em relação ao uso pragmático das condicionais, Ferrari (2005, p. 3) afirma que as condicionais pragmáticas são excelentes recursos de polidez, posto que “permitem ao interlocutor que ele tenha algum espaço de recusa em relação aos atos de fala propostos”. E, dentre os vários atos de fala que foram investigados no estudo – como, sugerir, aconselhar, pedir e convidar – a autora explica que as condicionais hipotéticas (que geralmente requerem o uso do FS) parecem talhadas para emoldurar os atos de pedir e convidar, posto que “sinalizam uma postura epistêmica neutra, permitindo a administração preventiva de possíveis recusas e, portanto, contribuindo para a preservação da face do falante” (p. 9). E exemplifica:

⇒ “GV: e o espetáculo, **se você tiver urgência e quiser conferir** dê uma chegadinha no espetáculo lá no teatro Glória, né.” [convite]

⇒ “**Se você puder**, me ligue hoje à tarde.” [pedido]

Todavia, em função do referencial teórico-metodológico usado por Ferrari (2005) ser diferente do adotado nesta pesquisa, novamente, torna-se difícil traçar muitas correlações entre esse estudo e o nosso, até porque Ferrari faz uma análise do uso das condicionais (no discurso) de modo geral e, neste universo, é que são analisadas as hipotéticas/eventuais, as comumente referidas como as condicionais que

⁵³ Com base na divisão proposta por Sweetser (1980) para as condicionais.

⁵⁴ (Cf. FERRARI (2005 p. 8).

admitem o FS na prótase⁵⁵, ainda que não exclusivamente, posto que o presente do indicativo é também usado nessas orações.

Em face do exposto em Ferrari (2005), Neves (1999)⁵⁶ e Gryner (1990), em relação ao uso do FS e do presente do indicativo em contextos de orações condicionais do tipo eventuais/hipotéticas/potencias⁵⁷, seus trabalhos mostraram-se interessantes à tese, especificamente por abordarem o uso do subjuntivo e do indicativo nas referidas orações (condicionais) motivado por vários fatores, desde os mais discursivo-pragmáticos (Ferrari) até os mais lógico-semânticos (Gryner). Vale lembrar, mais uma vez, que os resultados alcançados pelas autoras se remetem mais à natureza das construções condicionais, do que ao uso específico das formas verbais de FS nessas orações.⁵⁸

Por fim, com base na revisão da literatura na área, ainda há muito a ser feito sobre a descrição do FS no português do Brasil: nesta direção, que sejam priorizados os estudos que contemplem a *língua em uso*,

⁵⁵ (NEVES 1999; 2000 e GRYNER, 1990; 2008).

⁵⁶ No geral, o trabalho de Neves tem um caráter mais descritivo, até porque faz parte de uma gramática de usos do português, todavia, a autora utiliza como suporte teórico principalmente o funcionalismo de Dik (1989), mas discute ainda a abordagem de Sweetser (1990) sobre as condicionais. comenta diversas considerações tecidas por outros autores sobre as condicionais, como Ducrot (1972).

⁵⁷ Outras formas verbais aparecem timidamente nessas orações, às vezes, o *perfeito do subjuntivo*, segundo Neves (1999).

⁵⁸ Além desses trabalhos, citamos ainda Pimpão (2012), em função de que no referido estudo, os usos do presente do subjuntivo foram distribuídos entre a modalidade deontica e a modalidade epistêmica, o que nos permite comparar alguns resultados com os de Reis (2010), pois também distribuímos os usos do FS entre as modalidades deontica e epistêmica. Em resumo, ao tomar os tempos verbais presente do indicativo e presente do subjuntivo como variantes, a autora descreve que o submodo deontico, principalmente a noção de volição, favorece mais o uso do presente do subjuntivo do que o submodo epistêmico, em relação ao presente do indicativo nos contextos sintáticos descritos pelas gramáticas como do subjuntivo. Relacionando esse resultado ao de Reis (2010), observa-se que, enquanto o presente do subjuntivo parece estar mais associado a noções modais deonticas, o FS está mais direcionado à expressão das noções modais epistêmicas, posto que a modalidade epistêmica esteve presente em quase 70% das proposições com o FS em Reis (2010).

preferencialmente a falada, para que possamos ter uma descrição mais precisa do fenômeno, como já observara Macedo (1980).

3 TEMPO E MODALIDADE: CATEGORIAS FUNCIONAIS COMPLEXAS

Este capítulo trata dos pressupostos teórico-metodológicos adotados na tese: o quadro teórico funcionalista no qual o estudo se insere de forma mais ampla, seguido da discussão das categorias principais tempo e modalidade (nesta sequência) que permeiam a expressão do futuro do subjuntivo. As categorias que se inter-relacionam ao domínio funcional complexo denominado de TAM (tempo-aspecto-modalidade), segundo a perspectiva givoniana, como modo e aspecto(da situação), são referidas no decorrer do texto, assim como a discussão acerca de futuro e subjuntivo e sua relação, como meios/formas de expressão do *irrealis*.

3.1 A ABORDAGEM FUNCIONALISTA

Nesta tese, tomamos como base teórica norteadora da pesquisa o funcionalismo linguístico de linha norte-americana, com destaque aos trabalhos de Bybee (1985; 1998); Bybee; Pagliuca e Perkins (1991; 1994); Bybee e Fleischman (1995); Fleischman (1982) e Givón (1995; 2001; 2005).

Ancorado nessa perspectiva teórica, o estudo assume a visão de *gramática cognitivo-funcional* de base tipológica, que vale dizer que concordamos com a afirmativa de que os universais linguísticos não são absolutos, sendo muitas vezes uma questão de grau, tendência ou distribuição entre os sistemas linguísticos. E é através do uso de um método de base *prototípica*⁵⁹ para análise das relações gramaticais que se torna possível olhar para a considerável variação interlinguística como algo mais sistemático do que caótico.⁶⁰

A partir dessa visão, o que é universal na gramática não são as construções particulares ou esquemas formais, mas principalmente os princípios adaptativos funcionais universais que controlam e explicam

⁵⁹ A visão prototípica das categorias não as considera discretas, mas principalmente escalares, partindo de um elemento mais prototípico central até um menos prototípico, na codificação de um domínio funcional, semelhante ao modelo de Rosch (1973).

⁶⁰ E essa perspectiva, diz Givón (2005, p. 21), teria ressurgido com os trabalhos de Greenberg (1966).

essas construções linguísticas, atesta Givón (2002, p. 47). Esses princípios universais se aplicam não somente à organização funcional da gramática, mas também à nãoarbitrariedade pareada entre forma e função.

Um pressuposto básico da perspectiva tipológica da gramática é a assunção de que as línguas podem codificar o mesmo domínio funcional por mais de um meio estrutural, apesar de a diversidade de *tipos estruturais* que codificam o mesmo domínio ser relativamente restrita. Assim, através de um olhar tipológico e funcional, assume-se que: (i) as línguas podem codificar a mesma categoria funcional por mais de um meio estrutural; (ii) os domínios funcionais universais podem ser classificados em diversos *tipos*, por isso o nome tipologias gramaticais.⁶¹

Givón considera que as pressões adaptativo-funcionais que moldam a estrutura sincrônica (idealizada) da língua são exercidas durante a performance, defendendo que o lugar da performance é fundamental para o estudo dos fenômenos linguísticos, uma vez que é onde a língua emerge e “onde a forma se ajusta por si só, constantemente para novas funções e significados, por extensão” (GIVÓN, 2002, p. 5). Esse também é lugar em que “variação e indeterminação são elementos indispensáveis ao desenvolvimento de mecanismos que dão forma e remodelam a competência”⁶² (*op. cit.*).

Como consequência desse processo de constante adaptação, a gramática se revela como (i) um sistema parcialmente automatizado e convencionalizado, mas também (ii) retendo flexibilidade residual, visto que a mudança e a inovação não acontecem em um sistema sem flexibilidade e sem variação. Assim, o autor admite que as regras da gramática não são 100% rígidas, nem são 100% flexíveis. Em outras palavras, assume, numa tendência moderada⁶³, que há regras (vistas

⁶¹ Entretanto, conforme observam Oliveira & Votre (1997), a definição de *tipo*, assim como a de *função*, não se clarifica na obra de Givón, talvez em virtude do excesso teórico que marca o texto do autor, dificultando a compreensão do leitor.

⁶² “[...] Is where form adjusts itself constantly to novel functions and extended meanings. This is also where variation and indeterminacy are indispensable components of the developmental mechanisms that shape and reshape competence”. (GIVÓN, 2002, p. 5)

⁶³ Observamos, no entanto, que essa postura moderada de Givón não esteve presente em suas primeiras obras, onde o autor critica duramente certos pontos teóricos e metodológicos gerativistas, veja-se: by dissociating itself

como generalizações gramaticais) que são categóricas e regras que são variáveis – essas últimas associadas a formas emergentes.

Nesse sentido, o autor admite a noção de gramática emergente. Decorre daí que as relações entre formas e funções podem ser arbitrárias, quando automatizadas; ou icônicas, quando funcionalmente transparentes. A proposta de Givón caracteriza-se, pois, como um meio-termo entre duas visões radicais, tratando-se de um funcionalismo de perfil moderado.

Na visão de Givón (2002, p. 58), uma mudança gramatical invade um domínio e então gradualmente se espalha e se generaliza. Há, assim, primeiramente uma inovação funcional (que se propaga) e o subsequente ajustamento estrutural. Quando se está em meio a uma mudança em curso, ou seja, diante da emergência de novos usos, as categorias não são discretas, mas se manifestam num *continuum*. E quando os falantes expandem a aplicação de regras gramaticais, ao lado de usos mais automatizados, permanece uma flexibilidade residual do contexto adaptativo semântico-pragmático. E essas motivações, segundo o autor, retardam a gramaticalização. Nesse sentido, a gramaticalização é vista como “a aquisição de propriedades formais por uma categoria funcional, pode ser uma questão de grau sem necessariamente destruir a validade de categorias gramaticais formais” (GIVÓN, 2002, p. 48).

Considerando a relação entre linguagem, informação e comunicação, Givón (2002, p. 7-8) divide a codificação da comunicação humana em dois subsistemas: (i) o sistema de representação cognitiva e (ii) os códigos comunicativos. O sistema de representação cognitiva envolve três níveis concêntricamente arranjados: a) o léxico conceptual (mapa cognitivo de nosso universo de experiências); b) a informação proposicional (informações sobre estados/eventos e participantes); e c) o discurso multiproposicional (coerência discursiva). Para o autor, a gramática codifica simultaneamente o nível da semântica proposicional

from the consideration of communicative functions, speech processing, diachronic [...] transformational linguistics had already restricted itself to the narrow band of language-internal data covered by Bloomfieldians. A more damaging development, however, was the rise of the distinction performance versus competence, the postulation of grammaticality (GIVÓN, 1979, p. 23). A partir de meados da década de 1980, porém, o autor foi defendendo um quadro teórico funcionalista menos emergencista, admitindo alguns pontos de teorias formais, como a gerativista, de que as línguas apresentam, ao lado de formas emergentes, também formas já sistematicamente automatizadas, ou seja, gramaticalizadas.

(âmbito da oração) e o da pragmática discursiva (âmbito multiproposicional). O escopo da gramática são as relações coerentes entre as proposições e seu contexto discursivo mais amplo.

Em relação ao foco de interesse desta tese, Givón (2001; 2002) aborda tempo, aspecto e modalidade como subsistemas gramaticais que compõem o amplo e complexo domínio funcional TAM (tempo-aspecto-modalidade). O tempo (*tense*), segundo Givón (2001, p. 285), envolve a codificação sistemática da relação entre dois pontos ao longo de uma dimensão linear ordenada do tempo (*time*): o tempo de referência e o tempo do evento. Na perspectiva givoniana, o tempo verbal (*tense*) é fundamentalmente um fenômeno pragmático (mais do que semântico-proposicional), que ancora a proposição em um ponto temporal externo a ela. O aspecto é tratado em termos de perspectiva perfectiva e imperfectiva que, num discurso coerentemente conectado, adquire uma outra dimensão: sequencial e simultâneo, respectivamente. Segundo o autor, o falante manipula a perspectiva a partir da qual ele deseja que o interlocutor perceba o evento. A modalidade também é vista como um subsistema gramatical orientado para o discurso, cuja função recobre a perspectiva do falante e do ouvinte, a intencionalidade e a epistemicidade (GIVÓN, 2002, p. 15). Essas três categorias estão inter-relacionadas, formando um subsistema gramatical complexo, e normalmente são codificadas pelas formas verbais.

E como nosso objeto de estudo (uso do FS) está diretamente relacionado a tempo verbal futuro e modo subjuntivo, ambas categorias (tempo e modo) *irrealis* ou atreladas ao não fato, objetivamos, ao longo da tese, aprofundar a discussão sobre tempo futuro (e também aspecto, visto tratar-se de um tempo interno), modo subjuntivo e modalidades *irrealis*. Essas categorias serão analiticamente tratadas mediante vários (grupos) fatores investigados na análise dos dados.

3.2 A EXPRESSÃO DO TEMPO

Para tratarmos de questões referentes à expressão do tempo na língua, destacamos como base teórica Comrie (1985), em função do aprofundamento do tratamento dispensado pelo autor à questão dos tempos verbais, dentre outros autores, como Klein (2009), Fleischman (1982; 1989), Givón (2001) e Mateus *et al.* (1989).

A seção obedece à seguinte organização: primeiramente é realizada uma distinção entre as duas dimensões que envolvem a noção de tempo, isto é, a categoria linguística *tempo verbal (tense)* e o conceito extralinguístico de *tempo (time)*, depois apresentamos o conceito básico de tempo verbal. Num segundo momento, direcionamos a discussão para a questão da multifuncionalidade dos tempos verbais, principalmente quando se analisam contextos sintáticos complexos. Num terceiro momento, tratamos de certas especificidades da categoria tempo verbal, destacando sua natureza dêitica, bem como as diferenças entre tempos verbais absolutos e relativos.

3.2.1 A codificação do tempo e os tempos verbais

Em muitas línguas neolatinas, como o português, há somente um termo, oriundo do latim *tempus*, para se referir a duas noções distintas – *time* e *tense* –, o que pode levar à ideia equivocada de que é possível expressar o tempo somente através do tempo verbal (*tense*), argumenta Klein (2009). Enquanto *time* (tempo) é um conceito extralinguístico, *tense* (tempo verbal)⁶⁴ trata-se de um fenômeno linguístico, isto é, uma categoria gramatical cuja função é codificar diferentes tempos numa língua. Mais precisamente, *time* é uma entidade experiencial, um constructo mental, ao passo que *tense* é “uma das diversas estratégias desenvolvidas para o propósito de mapear o tempo através da linguagem, ou mais precisamente, através da gramática”, segundo Fleischman (1982, p. 8).⁶⁵

A percepção de que o tempo verbal é uma noção distinta de *tempo* é fundamental, pois permite compreendermos que *tense* não é o

⁶⁴ Neste estudo, utilizaremos tempo verbal como equivalente a *tense*.

⁶⁵ “[...] tense is a grammatical category, one of the several strategies developed for the purpose of mapping time onto language or, more precisely, onto Grammar.” (FLEISCHMAN, 1982, p. 8)

único meio para a expressão do tempo, até porque existem línguas que nem possuem a expressão de tempo verbal e, mesmo nas que o têm, este se apresenta como uma categoria redundante, às vezes, defende Klein (2009).

As línguas possuem meios variados para codificar o tempo, uma vez que se trata de um conceito fundamental para a cognição e ação humana, sendo que esses meios podem ser distribuídos em seis ferramentas principais para a sua expressão: (i) os tempos verbais (*tense*); (ii) os advérbios de tempo; (iii) a categoria *aspecto*; (iv) o aspecto lexical (*aktionsart*)⁶⁶; (v) certos princípios discursivos⁶⁷; (vi) além do caso específico de alguns participípios temporais (no chinês), de acordo com Klein (2009, p. 1). Dentre esses, tratamos especialmente dos tempos verbais nesta seção, em virtude da natureza do nosso fenômeno, além de apontarmos definições relativas ao aspecto lexical, haja vista que será investigado nos dados.⁶⁸

Em consonância à descrição acima, Comrie (1985, p. 8) afirma que a marcação do tempo nas línguas não é uma função exclusiva dos tempos verbais, uma vez que é realizada também através de itens lexicais. Dessa forma, o autor distingue as categorias que expressam o tempo em lexical e gramatical, diferentemente de Klein. Como lexical, estão incluídos os itens lexicais, como *ontem, hoje e amanhã*, por exemplo, e as *expressões lexicalmente compostas*, entendidas como um grupo infinito formado pelas diversas composições entre os itens lexicais que funcionam como marcadores de tempo, como a expressão *ano passado*. Já a categoria gramatical é representada pelas formas verbais gramaticalizadas para situar o tempo, como os tempos verbais: *presente; passado; pluperfect; futuro e futuro perfeito do inglês*.⁶⁹

⁶⁶ O autor esclarece que ‘aktionsart’ é o termo tradicional para englobar a subdivisão dos tipos verbais segundo as propriedades temporais da situação descrita e que, atualmente, a maioria dos estudos baseia-se em Vendler (1957) para classificar as quatro classes aspectuais do verbo em *state, activity, accomplishment, achievement* (Cf. KLEIN, 2009, p. 22).

⁶⁷ Com o termo princípios discursivos, o autor se refere aos casos em que a expressão temporal é expressa por vários meios, como a ordem das sentenças no discurso, e não especificamente através de palavras, como os verbos.

⁶⁸ Retomaremos o tema *advérbios temporais* no capítulo de metodologia, posto que será um fator controlado na análise.

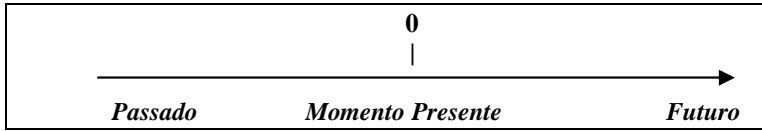
⁶⁹ Comrie (1985) complementa ainda que é possível distinguir quando a localização/marcação do tempo é do tipo gramaticalizada, isto é, expressa pelas categorias gramaticais, de quando é da forma lexicalizada, ou seja, realizada através das expressões lexicais. Isso porque as noções mais

Entretanto, apesar da existência de vários elementos lexicais que denotam referência temporal, é através do verbo que a maioria das línguas localiza o tempo, seja pela própria morfologia verbal – como no inglês *loved* (passado), versus *loves* (não passado) –, seja ainda por meio de palavras gramaticais adjacentes ao verbo, como é o caso dos auxiliares, observa Comrie (1985, p. 9). Logo, a diferença, em inglês, entre *John sang* (John cantou) e *John sings* (John canta) é temporal, ou melhor, de tempo verbal – diferentemente da oposição entre *John sings* (John canta) e *John is singing* (John está cantando), que se trata de uma diferença de *aspecto*. E essa oposição entre passado e não passado seria um caso claro de oposição gramaticalizada, visto que parece impossível construir uma sentença em inglês contendo um verbo finito que seja neutro em relação aos dois pólos dessa oposição, defende o autor.

Em resumo, a expressão do tempo verbal (*tense*) é um meio, uma forma gramaticalizada para localizar, ou seja, marcar o tempo nas línguas, na perspectiva de Comrie. Do ponto de vista canônico, o tempo verbal é ainda entendido como uma categoria relativa, pois indica uma relação temporal entre a situação descrita pela oração e algum outro intervalo de tempo dado, que normalmente é o momento de fala, afirma Klein (2009). Por conseguinte, ficam estabelecidas as três principais relações temporais, *anterioridade*, *posterioridade* e *simultaneidade*, ao se tomar o momento/situação de fala, como o ponto de referência zero, também denominado de âncora ou centro dêitico, como descrevemos na próxima subseção.

Tal argumento fica mais claro se visualizado através do que se chama *linha do tempo*, que seria uma linha reta geralmente utilizada para a representação do tempo. Nela há um ponto zero ocupado pelo momento presente e, por consequência, o *passado* fica à esquerda do ponto zero (como se fosse anterior a ele), enquanto o *futuro* situa-se à direita do ponto zero (posteriormente):

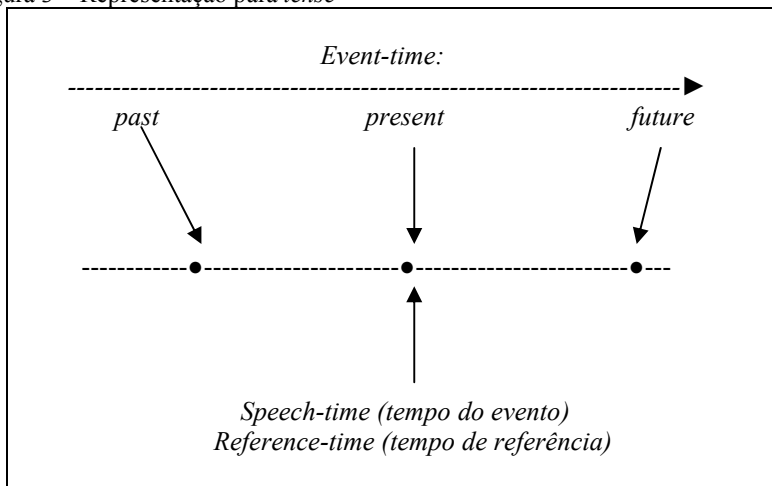
comumente gramaticalizadas entre as línguas são de *anterioridade*, *simultaneidade* e *posterioridade*, que possuem sempre o momento presente como ponto zero na linha do tempo. Já em relação aos itens lexicais, é comum que eles tenham traços semânticos temporais mais gerais, com exceção de *now* (agora) e sua relação com o presente.



À vista disso, tempos verbais ditos como de presente situam um evento/situação como simultâneo ao momento presente, que equivale ao momento de enunciação ou momento de fala, bem como tempos verbais de passado localizam as situações anteriores ao presente; já os tempos de futuro marcam as situações como posteriores ao momento presente.

Givón (2001, p. 286) distingue ainda um ‘quarto’ tempo, além de passado, presente e futuro: o *habitual*, que inclui os casos em que “um evento (ou estado) ou ocorre sempre ou repetidamente, ou cujo ‘tempo do evento’ fica indeterminado”, como em: “Ela sempre assiste baleias”⁷⁰, diferentemente da maioria dos outros autores citados que, assim como Comrie (1976), consideram o habitual sendo um traço aspectual. Ademais, Givón (2001; 2005) aponta ainda que o tempo verbal se comporta mais como um fenômeno pragmático, pois situa a proposição em um ponto temporal fora dela mesmo. No caso de um tempo absoluto, por exemplo, a oração é ancorada no ato de fala corrente, proferido por um falante em particular, no exato momento em que a oração é declarada, como pode ser visto na seguinte representação diagramática da ancoragem temporal, apresentada por:

⁷⁰ “An event (or state) that either occurs always or repeatedly, or whose event-time is left unspecified.” (GIVÓN, 2001, p. 286)

Figura 3 – Representação para *tense*

Fonte: Givón (2005, p. 154)

No caso do português, Mateus *et al.* (1989, p. 76) descrevem a seguinte relação entre os tempos verbais e a expressão dos três tempos básicos – passado, futuro e presente:

- ⇒ **presente:** expresso geralmente pelo presente do indicativo e, em alguns casos, pelo futuro do indicativo;
- ⇒ **passado:** expresso, em geral, pelo pretérito perfeito ou imperfeito do indicativo;
- ⇒ **futuro:** expresso pelo futuro do indicativo, pelo presente ou pelo futuro do subjuntivo (em orações temporais ou condicionais), pelo imperativo ou pelo presente do conjuntivo em certas frases.

Ainda na concepção de Mateus *et al.* (1989, p. 76), *tempo* seria uma categoria linguística que "exprime, no modo experiencial, a ordem do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito por uma predicação relativamente ao intervalo em que ocorre a enunciação da mesma, e está gramaticalizada nos tempos verbais [...]".

Além disso, um ponto que merece destaque nesta discussão inicial seria o fato de haver certa confusão terminológica envolvendo a

palavra *tense* na literatura, normalmente usada das seguintes maneiras, segundo Klein (2009, p. 5):

1. para se referir à noção gramatical de tempo verbal (*tense*), como uma categoria flexional do verbo;
2. como uma *forma* particular, como em *O tempo verbal passado em inglês é marcado por...* Nesse sentido, *tense* frequentemente liga uma forma em particular a um conjunto de funções, como “passado” e “aspecto perfectivo”;
3. para se referir a uma *função*, como *Esta forma expressa tempo futuro*. Em russo, por exemplo, a ‘forma de tempo presente’ do aspecto perfectivo tem um “significado temporal de futuro”⁷¹ (tradução livre).

Na subseção que se segue, amplia-se a discussão sobre *tempo verbal*, através de um olhar sobre o comportamento dessa categoria no discurso, considerando-se ainda as forças que interagem no período sintático. Dessa forma, poderemos visualizar que vários elementos podem se inter-relacionar para orientar o tempo no enunciado, ampliando assim a visão acerca da expressão (multi)funcional dos tempos verbais. Esse olhar mais alargado é relevante para a tese, uma vez que o FS é uma forma verbal típica de orações subordinadas, ou seja, interagindo sempre com outros elementos no enunciado, além se relacionar com a força discursivo-pragmática da modalidade.

3.2.2 A interação entre tempo verbal, sintaxe e discurso

No início do capítulo introduzimos a reflexão sobre a diferença entre *time* e *tense*, e nesta subseção retomamos o tema, apontando a questão da assimetria percebida por alguns autores entre tempo verbal e

⁷¹ *The word “tense” is used in at least three ways: it can refer to – the grammatical notion tense (as in Tense is an inflectional category of the verb), – a particular form, such as in The English past tense is marked by... In this sense, “tense” often links a particular form to a bundle of functions, such as “pastness” and “perfective aspect” – a particular function, as This form expresses future tense. In Russian, for example, the “present tense form” of the perfective aspect has a “future tense meaning”* (KLEIN, 2009, p. 5)

tempo real expresso em certos enunciados, sobretudo aqueles formados por construções de subordinação, que são os contextos sintáticos de uso do FS. Contudo, neste momento, argumentamos que essa assimetria se explica ainda pelo fato de que um dado tempo verbal ter mais de uma função/significado temporal, assim como pode ter outras funções que vão além de localização temporal da situação descrita. Numa abordagem funcional, uma explicação para tal comportamento se justifica pelo pressuposto da não arbitrariedade entre forma e função. Esclarecemos ainda que essa é uma questão pertinente para a nossa abordagem, posto que, assim como identificamos mais de um valor temporal para o FS, também defendemos que o tempo verbal da oração principal pode não refletir o tempo no qual se refere. Em particular, o que discutiremos nos capítulos seguintes⁷² é que, muitas vezes a situação descrita pelo presente do indicativo – na oração principal que forma o período sintático com o FS – está localizada no futuro.

3.2.2.1 Tempo *verbal* e tempo *real* no enunciado

Uma ideia-chave dessa discussão é a de que uma mesma *forma* de tempo verbal pode ter mais de uma *função*, inclusive funções não temporais, como o tempo verbal futuro do alemão que, de modo ambíguo, pode significar tanto futuro, como ter uma interpretação apenas modal, ou ainda o passado simples do inglês, que pode expressar irrealidade em condicionais, como “*If they were here...*”, defende Klein (2009, p. 7)⁷³.

Em consonância a essa visão, Fleischman (1982) afirma que um tempo verbal pode ser deslocado para outros propósitos expressivos e modais, ou seja, para outras funções. Logo, ele pode não refletir o tempo real da sentença na qual se encontra. E para justificar essa ideia, a autora descreve alguns enunciados em inglês e em espanhol, em que o tempo lógico dos eventos é o *presente*, embora sejam usados tempos verbais de passado e futuro:

Here! I *thought* you might like to have one of these [...] (1) *Quisiera* decirte cuánto me encantó el regalo. (2) I wish it *wasn't* raining right now.

⁷² Nas seções: 4.4.1.2 e 5.1.2

⁷³ “Se eles estivessem aqui” (tradução nossa).

[...] (3) There's the doorbell: that'll be the delivery boy. (FLEISCHMAN, 1982, p. 9)

Ao passarmos esses exemplos para o português, veremos que o mesmo fenômeno se repete, isto é, apesar dos verbos em destaque serem tempos verbais de passado e futuro (ou presente, no último caso), o tempo real dos enunciados é o presente. Vejamos:

- ⇒ Aqui! Eu *pensei* que você poderia gostar de ter um desses.
- ⇒ *Gostaria* de ter dito o quanto me encantou o presente.
- ⇒ Eugostaria que não *estivesse* chovendo agora.
- ⇒ É a campainha. *Será/deve ser* o entregador.

Ou seja, podemos afirmar que nem sempre vai haver uma correspondência direta entre *time* e *tense*, visto que um dado tempo verbal poderá se referir a algum outro tempo real, além do tempo que costuma codificar, dependendo do enunciado. Além dos casos acima, um dos exemplos mais típicos dessa não correspondência descrita na literatura seja provavelmente de enunciados formados por um verbo no tempo *presente do indicativo* e por um advérbio de futuro, quando a leitura do presente desse tempo verbal passa a ser de futuro, como: “Viajo amanhã”; “Ligo semana que vem”, etc.

Fleischman (1982) apresenta ainda vários outros enunciados em inglês e nas quatro principais línguas romanas, de modo a corroborar seu argumento de que pode haver assimetria entre tempo verbal e tempo real, em certos enunciados, principalmente os formados por períodos compostos. E, além de justificar esse fenômeno com base no pressuposto de que os tempos verbais possam ter ainda outras motivações funcionais em determinados contextos discursivos, a autora observa que a própria *exigência gramatical* em determinadas construções sintáticas – como as adverbiais – também é responsável pela escolha desses tempos. Dentre os casos descritos por Fleischman (1982, p. 9), destacamos alguns enunciados de *orações adverbiais temporais*, por haver um exemplo com o *futuro do subjuntivo*:

- ⇒ When he *arrives*, I'll leave (present/future) [inglês]
- ⇒ Quand il *arrivera*, je m'en irai (future/future) [francês]
- ⇒ Cuando *llegue*, me voy (present subj/present indic) .
[espanhol]
- ⇒ **Quando *chegar*, vou-me embora (future subj/present indic) [português]**

⇒ Quando *arriverà*, me n' andrò. (future/future)⁷⁴[italiano]

Segundo a autora, todos esses enunciados têm em comum a expressão temporal real de dois eventos no futuro, numa relação de posterioridade imediata entre esses eventos do período, apesar de apresentarem essas configurações modo-temporais variadas. Quanto ao uso do futuro do subjuntivo, destacamos a relação diretamente correspondente entre a sua categorização como tempo verbal de futuro e a sua expressão temporal real de futuro, diferentemente de alguns exemplos em que o verbo da oração temporal está presente.

Sobre essa questão, Comrie (1985) observa que pode ser complexa a interação entre tempos verbais e outros elementos sintáticos no enunciado, sobremaneira quando há outra referência de tempo no contexto, principalmente através de advérbios temporais. Para exemplificar, o autor usa um exemplo em português:

⇒ *Quando você chegar, eu já sai.* (COMRIE, 1985, p. 31)

Comrie afirma que o verbo no passado “*sai*” é interpretado como tendo referência temporal futura anterior a um ponto de referência no futuro, apesar de que normalmente esse tempo verbal (passado do indicativo) signifique anterioridade ao momento presente. Isso pode indicar novamente que investigar um tempo verbal fora do contexto – como em: “Eu já sai”, cuja ideia seria apenas de passado – pode trazer um resultado diferente ao de uma análise que considera vários elementos no contexto.

No que diz respeito ainda a essa questão da interação entre tempo verbal e período sintático, trazemos para discussão a perspectiva de Cutrer (1994), que analisa a expressão do tempo em construções condicionais, embora não utilize uma abordagem funcionalista. Para tanto, trazemos alguns exemplos descritos por Cutrer (1994, p. 259):

a. If it rains tomorrow, I will buy an umbrella.
[Se **CHOVER** amanhã, eu vou comprar um guarda-chuva]

b. If she calls me tonight, (it's because) she is bored.⁷⁵
[Se ela me **LIGAR** hoje à noite, (é porque) ela está entediada.]

⁷⁴ (Cf. FLEISCHMAN, 1982, p. 9, grifos nossos)

⁷⁵ A autora complementa ‘She always calls me when she is bored.’ (Ela sempre me chama quando está entediada).

c. If she calls her therapist tomorrow, then (that means) she broke up with her boyfriend.

[*Se ela LIGAR/CHAMAR o terapeuta dela amanhã, então (isso significa) ela terminou com o namorado.*]

A autora argumenta que, nos casos *b* e *c*, ambos os enunciados estão situados no futuro (hipotético), como consequência da função temporal das orações condicionais, e não das principais, cujos verbos não denotam *presente* (em *b*) e *passado* (em *c*) em relação ao MF. Já quanto ao exemplo *a*, Cutrer (1994) considera que a interpretação para “*I will buy an umbrella*” não seja de uma predição *futura* em relação ao MF, mas de futuro em relação ao evento hipotético “*it rains*”. Assim, somente “se de fato chover amanhã, a oração *I will buy an umbrella* poderá ser interpretada como futuro em relação à amanhã quando começar a chover” (p. 259).⁷⁶ Quanto aos exemplos *b* e *c*, a autora esclarece:

Em (b), ‘ela está entediada’ pode ser interpretada como presente em relação ao tempo da ligação hoje à noite, tanto no domínio hipotético como no domínio da realidade. A apódose ‘ela está entediada’ não indica que ela esteja entediada ‘agora’; a apódose somente indica que ela está entediada no momento da ligação. Ela pode de fato estar entediada agora, mas nós podemos tirar essa conclusão somente a partir de inferências e de outras informações. Em (c), ‘ela terminou’ é passado em relação ao momento da ligação/chamada amanhã [...]. O término pode até ser anterior ao agora, mas não precisa ser. O término pode ocorrer essa noite, por exemplo, entre agora e a chamada telefônica de amanhã, e nesse caso não pode ser interpretado como passado em relação ao ‘agora’. Em todos esses casos, o tempo verbal da apódose não está ancorado ao momento de fala, mas em vez disso, está ancorado no tempo futuro da ‘ligação’ [...].⁷⁷ (CUTRER, 1994, p. 250, tradução nossa)

⁷⁶ If indeed it rains tomorrow, the ‘I will buy an umbrella’ may be interpreted as future in relation to tomorrow when it starts to rain (op. cit.).

⁷⁷ In (5.5b), ‘she is bored’ can be interpreted as present in relation to the time of calling tonight, either in the hypothetical domain or the domain of reality. The

Desse modo, com base nessa discussão e principalmente levanto em conta esses últimos exemplos, consideramos que tomar o tempo do evento da oração principal como ponto de referência para o tempo expresso pelo FS não seria a melhor opção para a análise da expressão temporal do FS, uma vez que, sob um olhar mais atento, percebemos que nem sempre o verbo principal poderá ser considerado o marcador de tempo do período composto, até porque a situação descrita por ele poderá estar localizada em outro tempo (real) diferente do que ele designa, além do fato de que há diferentes interações complexas que podem ocorrer entre tempo verbal e outros elementos do enunciado.

Na subseção que se segue, a discussão direciona-se a análise de outras funções, além da expressão do tempo, que podem ser atribuídas aos tempos verbais.

3.2.2.2 Tempo verbal: outras funções no além da localização do tempo no enunciado

Comrie (1985) discute mais profundamente a questão referente às diferenças de significados/funções que os tempos verbais podem apresentar em alguns usos, quando passam a desempenhar outras funções além da marcação do tempo. Para tanto, o autor utiliza como exemplo principal o caso do *past tense* em inglês que, em certas orações, como as condicionais, pode ter interpretação de futuro, além de expressar noções tipicamente modais, como *polidez*.

Para o autor, o *past tense* em sentenças condicionais contrafactuais não exerce a sua função tradicional de localizar situações anteriores ao momento presente, mas indica uma situação potencial no

apodosis 'she is bored' does not indicate that she is bored 'now'; The apodosis only indicates that she is bored at the time of calling. She may in fact be bored now, but we can only draw this conclusion from inferences and other information. In (5.5c), 'she broke up' is past in relation to the time of calling tomorrow [...]. The break up may also be prior to now, but it does not have to be. The break up may occur tonight, for example, between now and the phone call tomorrow, in which case it cannot be interpreted as past in relation to 'now'. In all of these cases, tense in the apodosis does not anchor to speech time, but rather, it anchors to the future time of calling, either in the hypothetical domain or the domain of speaker reality (CUTRER, 1994, p. 250).

futuro ou no presente, como no exemplo “*If you **did** this I would be very happy*” (p. 19) – que em português ficaria algo como “*Se você **fizesse** isso, eu ficaria muito feliz*”, ou seja, também é utilizado uma forma de pretérito, mas com ideia de futuro. A partir desse exemplo, o autor defende que o uso principal e independente do contexto para o *past tense* é o de marcar a referência temporal de passado, mas que outros usos e significados podem ser atribuídos a ele – como no exemplo de ‘*did*’ na *contrafactual* –, desde que sejam sustentados pelo contexto.⁷⁸

Desse modo, argumentando a favor dessa concepção⁷⁹, Comrie descreve mais alguns usos do *past tense* em contextos de pedidos feitos com polidez pelo falante, como no enunciado *I just wanted to ask you if*

⁷⁸Em poucas palavras, Comrie (1985) assume como princípio a existência de uma distinção básica entre *significado independente do contexto* e *interpretação sustentada pelo contexto* no estudo de qualquer categoria gramatical, como o *tempo verbal*. Logo, é possível, então, definir *tempo verbal* a partir da análise de certos usos dessa categoria gramatical aos quais não se pode contrariar (cujo significado independe do contexto), pois seriam esses usos os responsáveis por definir a expressão (localização) temporal dessa categoria. Para o autor, a sua visão sobre a categoria gramatical verbal seria mais *flexível*, uma vez que busca caracterizar sentidos, significados gramaticais para o tempo verbal que podem ser variáveis, além de se apropriar da ideia de protótipo para a categoria gramatical, diferenciando-se assim da forma como teorias mais rígidas (ou formais) tratam essa questão, justifica o autor.

⁷⁹No que diz respeito ainda à distinção entre significado básico versus secundário está a questão se a definição de uma categoria deve ser dada em termos de condições necessárias e suficientes ou em termos de protótipo. O tipo formal de definição estabelece critérios rígidos para decidir se uma entidade pertence (ou não) ao conjunto descrito, sem diferenciação entre as entidades que pertencem ao grupo, i.e., usando uma clara linha divisória entre os membros que são do grupo e os membros que não o são. Por contraste, uma definição em termos de protótipos caracteriza um membro mais típico do grupo, e outras entidades podem então ser classificadas em termos de seu grau de similaridade ou diferenças com o membro prototípico do grupo. Uma definição prototípica não estabelece uma fronteira clara para um grupo, uma vez que definir filiação é uma questão de grau, acima de qualquer outra decisão; de forma similar, até mesmo entre entidades que são próximas ao membro prototípico do grupo, há ainda diferenciação em termos de mais ou menos próximo, correspondente ao protótipo (COMRIE, 1985, p. 22, tradução nossa).

*you could lend me a pound*⁸⁰ (*op. cit.*). Para o autor, o verbo no *past tense* ‘*wanted*’ é dificilmente interpretado como uma denotação do desejo do falante no passado, mostrando-se mais como a expressão de um desejo seu para que lhe emprestem dinheiro no momento. Logo, tudo indica que a função do *past tense* nesse exemplo seja de *indicar polidez*. Contudo, essa função de polidez não invalida a caracterização geral desse tempo verbal como marca de referência temporal no passado, que seria responsável pela interpretação do significado básico do *past tense* comoreferência de tempo passado, defende Comrie (1985, p. 20).

O autor também afirma que uma dada categoria gramatical pode ter mais de um significado, sem necessariamente ter apenas uma significação principal – diferentemente do exemplo *past tense*, que teria um significado básico de passado –, como no caso do *future tense* (*will*) em inglês, que parece ter ambos os sentidos *temporal* e *modal*, sendo difícil determinar seu significado principal. *Comrie* esclarece:

O *future tense* certamente pode ser usado para indicar referência de tempo futuro, como em “it will rain tomorrow”⁸¹, mas pode também ser usado para fazer previsões sobre outros tempos, como por exemplo, o presente em: “It will be raining already”⁸², (dito por alguém que percebeu uma aglomeração de nuvens de tempestade, mas não teve ainda como verificar que já está chovendo), em adição a vários outros usos modais, como em: “He will go swimming in dangerous waters”, i.e. “he insists on going swimming”; “Will you do this for me”?, i.e. “Are you willing to do this for me?”⁸³. (COMRIE, 1985, p. 21, tradução livre)

Para o autor, grande controvérsia tem cercado a questão do futuro

⁸⁰“Eu só gostaria de lhe perguntar se você poderia me emprestar uma libra” (tradução nossa).

⁸¹ “Vai chover amanhã” (tradução nossa)

⁸² “Já deve estar chovendo.” (tradução nossa)

⁸³ “Ele vai nadar em águas perigosas”, i.e. “Ele insiste em ir nadar”; “Você fará isso para mim”, i.e. “Você está disposto a fazer isso para mim?”. (tradução nossa)

com o auxiliar ‘*will*’ do inglês no que diz respeito a sua definição, isto é, se ele deve ser considerado como tendo uma caracterização única que capture ambos os seus usos modal e temporal, ou como basicamente um tempo verbal, mas com usos secundários modais, ou ainda como basicamente um modo com usos secundários temporais, ou tendo dois tipos de significado, temporal e modal, em que nenhum dos dois é o dominante.

Esses questionamentos despertam nossa atenção, visto que também estão presentes quando buscamos melhor definir um tempo verbal como o futuro do subjuntivo em português, principalmente se tentarmos aplicar a ideia de haver um significado, uma função principal para a forma verbal, nos moldes de Comrie (1985). Por isso, buscamos analisar o seu domínio como multifuncional.

Além disso, é preciso considerar que há mais fatores interferindo na opção do uso de um dado tempo verbal pelo falante, que vai além do seu significado gramatical, geralmente visto como resultado da suposta oposição gramaticalizada entre o seu valor de tempo e o sentido de outros tempos verbais, como, por exemplo, a oposição gramaticalizada entre tempos de passado e tempos de não passado, descrita por Comrie (1985). E esses fatores parecem ser mais relevantes ainda no caso das formas de subjuntivo, que são inerentemente *irrealis*, ponto a ser aprofundado na seção 3.4 sobre futuro.

À vista disso, podemos compreender que analisar e estabelecer significado(s) para a categoria tempo verbal, principalmente se for a partir da língua em uso, é um trabalho amplo, haja vista que geralmente serão encontradas mais de uma *função* para uma determinada *forma* verbal, tanto no âmbito da temporalidade, como muitas vezes ainda no eixo do modo e modalidade.

A seguir, aprofundamos mais a definição sobre tempo verbal, descrevendo sua natureza como uma categoria dêitica, e considerando-se de forma mais precisa uma distinção para os tempos verbais entre: absoluto, relativo e absoluto-relativo, de modo a acomodarmos o futuro do subjuntivo em umas dessas categorias.

3.2.3 Tempo verbal: uma categoria dêitica

De acordo com Comrie (1985), Fleischman (1982), Lyons (1977) e Givón (2001; 2005), o tempo verbal pode ser considerado uma *categoria dêitica*. Isso porque ao relacionar entidades a um ponto de referência, o tempo verbal atua como qualquer outro sistema dêitico,

justifica Comrie (1985), que ainda o diferencia do *aspecto*, que é uma categoria não dêitica.

O caso mais claro de um sistema dêitico é aquele onde o 'aqui e agora', i.e.; a situação de fala é tomada como centro dêitico. Em termos de *pessoa*, isso define a primeira pessoa como falante e a segunda pessoa como ouvinte, e todo o restante como sendo a terceira pessoa. Em termos de lugar, o lugar onde a situação de fala acontece é tomada como *aqui*, e todos os lugares restantes como *lá* [...] (COMRIE, 1985, p. 14, tradução nossa)⁸⁴

Assim, a situação de fala, o aqui e o agora ou o momento presente são termos usados voltados ao que se considera, de modo geral, como o centro dêitico para os tempos verbais. Todavia, outras âncoras ou centros dêíticos podem ser fornecidos pelo contexto, além do momento de fala, a depender do tempo verbal, considera o autor.

Logo, um ponto essencial para a especificação do tempo na sentença seria a presença de um centro dêitico, ou seja, um ponto de referência. Em outros termos, Lyons (1977, p. 683) afirma que “uma proposição com marcação temporal conterá uma referência a algum ponto ou período de tempo que não pode ser identificado, exceto em termos do ponto-zero do enunciado”⁸⁵.

Em consonância a essa descrição, Fleischman (1982, p. 10) então define como a principal função de um tempo verbal sequenciar linearmente dois pontos num enunciado, isto é, o tempo do evento é localizado a partir da relação que estabelece com um ponto de referência, que geralmente é o momento, situação de fala, mas que pode ser outro elemento do enunciado.

⁸⁴*The most straightforward instance of a deitic system is one where the 'here and now', i.e. the speech situation, is taken as deictic centre. In terms of person, this defines first person as the speaker and second person as the hearer, with everything else being third person. In terms of place, the place where the speech situation takes place is defined as here, and everywhere else as there* (COMRIE, 1985, p. 14).

⁸⁵ A tensed proposition [...] it will contain a reference to some point or period of time which cannot be identified except in terms of the zero-point of the utterance (COMRIE, 1977, p. 682).

A autora distingue também que é possível localizar um evento em relação ao momento de fala (o ponto zero na linha do tempo), ou em relação a outro ponto no tempo, que pode estar antes, depois ou junto ao momento de fala. No primeiro caso, em que o evento é visto em relação ao momento de fala, enquadram-se os tempos verbais considerados absolutos, enquanto, no segundo caso, em que se utiliza outro ponto de referência na linha do tempo, estariam os tempos ditos relativos. Sobre essa distinção entre tempo absoluto e relativo, tratamos melhor na próxima subseção.

3.2.4 Tempo absoluto e tempo relativo na perspectiva de Comrie

Comrie (1985) descreve *tempo absoluto* como o termo utilizado geralmente para se referir a tempos verbais que têm o momento presente como centro dêitico. Todavia, a ideia de um tempo verbal absoluto não deixa de ser um conceito ilusório, posto que uma referência temporal absoluta seria algo impossível, haja vista que a única maneira de localizar uma situação no tempo é através da relação estabelecida entre ela e algum outro ponto temporal, uma vez que o tempo é um fenômeno relativo, destaca o autor. Além disso, o momento presente seria em princípio somente um dentre vários pontos temporais que podem ser escolhidos como ponto de referência.

No entanto, visto que já é um termo tradicionalmente usado na literatura, Comrie (1985, p. 36) defende a utilização desse termo para se referir aos casos em que um tempo verbal tem como parte do seu significado o momento presente como centro dêitico. E esse é um ponto-chave na definição de tempo absoluto, pois é a partir daí que se estabelece a diferença entre *tempo absoluto* e o chamado *tempo relativo* – que se caracteriza por fazer referência a um tempo verbal que não inclua como parte do seu significado o momento presente como centro dêitico –, de acordo como autor (*op. cit.*).

Assim, diferentemente do tempo absoluto, o tempo verbal, no qual o ponto de referência para a localização de uma situação se encontra no contexto, é considerado como *tempo relativo*, para Comrie. Um bom exemplo de tempo relativo seria o caso dos participios em orações relativas no inglês, como em *The passengers awaiting flight 26*

*proceeded to departure gate 5.*⁸⁶ (COMRIE, 1985, p. 57). Nesse caso, entende-se que a referência temporal de *awaiting* (esperando/aguardando) é simultânea à referência temporal do verbo principal *proceeded* (procederam/prosseguiram), que é de passado (tempo absoluto). Logo, o tempo de referência de *awaiting* é entendido como simultâneo ao momento passado, na interpretação mais provável desse enunciado, argumenta o autor. Portanto, *awaiting* seria considerado nesse caso como um tempo relativo, posto que toma como ponto de referência temporal outro tempo dado pelo contexto e não o momento presente.

A seguir, trazemos uma representação para os tempos absolutos e relativos, com base em Comrie (1985, p. 123-125). No entanto, é preciso esclarecer a simbologia utilizada pelo autor, bem como compará-la a nossa. Enquanto nesta tese optamos por tratar as situações descritas pelos tempos verbais pela letra ‘S’⁸⁷, e o momento de fala por ‘MF’, Comrie utiliza ‘E’ (*event*) para descrever eventos/situações descritos pelo verbo, e a letra ‘S’ (*speech*) para se referir ao momento/situação de fala. Já nos casos dos tempos relativos, o autor utiliza ‘R’ ao invés de ‘S’, que seria o ponto de referência para ‘E’. Assim, na figura a seguir, ‘E’ refere-se ao *evento*, e ‘S’ ao *momento de fala*:

Quadro 4 – Síntese para tempos absoluto e relativo, cf Comrie (1985)

Tempo Absoluto	Tempo Relativo
<i>Presente</i> => (E) simultâneo a (S)	<i>Presente Relativo</i> => (E) simultâneo a (R)
<i>Futuro</i> => (E) posterior a (S)	<i>Futuro</i> => (E) posterior a (R)
<i>Passado</i> => (E) anterior a (S)	<i>Passado</i> => (E) anterior a (R)

Tradicionalmente, no caso do português, os tempos relativos vão corresponder às formas nominais do verbo (gerúndio, infinitivo e particípio) presentes nas chamadas orações reduzidas.

Por último, destacamos que o autor defende a posição de que é necessária uma representação dos tempos também a partir da distinção entre não passado e não futuro, levando em conta que (i) essa divisão é comum a várias línguas; (ii) a oposição entre passado e futuro é a mais

⁸⁶ “Os passageiros esperando o voo 26 procederam ao portão de embarque 5.” (tradução nossa).

⁸⁷ O termo situação recobre tanto eventos e estado de coisas, de modo geral.

gramaticalizada interlinguisticamente, sendo que há tempos verbais que localizam situações num intervalo entre presente e futuro, bem como há outros tempos que situam eventos entre o passado e presente, de forma mais abrangente, menos pontual. Para tanto, Comrie (1985, p. 124) propõe.⁸⁸

⇒ **Não passado:** E simultâneo a S ou E posterior a S /
(*Non-past: E simul S or E after S*)

⇒ **Não futuro:** E anterior a S ou E simultâneo a S /
(*Non-future E before S or E simul S*)

A mesma representação se aplica aos tempos relativos, substituindo-se somente o 'S' (situação de fala) pelo 'R' (tempo de referência).

No caso do futuro do subjuntivo, podemos visualizá-lo claramente como um tempo verbal cujo valor/significado seja atrelado ao *não passado*, visto que nos dados analisados há casos em que o FS descreve eventos e situações no presente, além da sua expressão mais comum, que está associada ao futuro. Quanto à questão referente a uma categorização do FS como um tempo absoluto ou relativo, apenas uma ou outra definição parece não dar conta do objeto, visto seu comportamento multifuncional no discurso, assim como sua inter-relação complexa com o período composto. Além disso, em vários casos, podemos identificar na expressão do FS mais de uma referência de tempo: uma relativa ao momento/situação de fala, outra relativa a um ponto de referência temporal localizado na oração principal do período⁸⁹. Essa questão foi aqui pontuada, pois a noção referente a tempo verbal com mais de uma expressão de tempo, isto é, que se configure como uma espécie de *tempo absoluto-relativo*, será apresentada a seguir, também com base em Comrie (1985).

⁸⁸ Uma outra alternativa apresentada por Comrie(1985, p.124), que evitaria esse caráter disjuntivo seria:

Non-past E *not-before* S.

Non-future E *not-after* S

⁸⁹Ao final do capítulo, retomamos essa discussão acerca de como incluir o FS numa categorização para tempo verbal.

3.2.5 Tempo absoluto-relativo: quando há dupla referência de tempo

Comrie (1985) defende que, quando um mesmo tempo verbal combinar dois tipos de referência temporal: uma em relação ao momento de fala e outra em relação a outro ponto de referência temporal, ou melhor, quando seu significado indicar uma situação localizada em algum ponto antes ou depois de um ponto de *referência de tempo* – que por sua vez está localizado de forma anterior, posterior ou simultânea ao momento de fala –, esse tempo verbal deve ser identificado como *tempo absoluto-relativo*, “visto que seu sentido combina localização temporal absoluta de um ponto de referência com localização temporal relativa de uma situação, apesar de não ser um termo tradicional” (p. 65)⁹⁰. Isso porque a literatura tradicional costuma agrupar esses casos como formas de tempo relativo, segundo o próprio autor.

Esse seria o caso, por exemplo, de dois tempos verbais do inglês: o *pluperfect* eo *future perfect*. Em relação ao primeiro, o autor esclarece que o seu “significado é que há um ponto de referência no passado, e a situação em questão está localizada antes desse ponto de referência, i. e., o *pluperfect* pode ser pensado como passado no passado”.⁹¹ Não obstante, afirma que, no caso de um tempo absoluto-relativo, é comum o ponto de referência ser dado por um advérbio de tempo, como no exemplo: “*John had arrived by six o'clock yesterday evening*”. (Cf. COMRIE, 1985, p. 65)

Comrie conclui, então, que o significado do *pluperfect* restringe-se à marcação de anterioridade a um ponto de referência que, por sua vez, é anterior ao momento presente. Por fim, propõe a seguinte representação para esse tempo verbal como: “E (*pluperfect*) anterior a R anterior a S”.

O *future perfect* do inglês também se encaixa como um tempo verbal absoluto-relativo, posto que seu significado indica que há uma situação anterior a um ponto de referência situado geralmente no futuro

⁹⁰[...] since their meaning combines absolute time location of a reference point with relative time location of a situation, although it should be noted that this is not a traditional term (COMRIE, 1985, p. 65).

⁹¹“The meaning of the pluperfect is that there is a reference point in the past, and that the situation in question is located prior to that reference point, i. e. the pluperfect can be thought of as ‘past in the past’.”(COMRIE, 1985, p. 65).

(em relação ao MF) – ao invés do passado, como no caso do *pluperfect* –, segundo Comrie (1985, p. 69), como no exemplo: “*I will have left*”,⁹² em que *left* (saída) se localiza antes desse ponto de referência. Assim, no caso anterior do pretérito, o ponto de referência pode ser dado pelo contexto linguístico, como no exemplo a seguir, em que a referência é dada por uma construção adverbial temporal (sublinhado): “*I will have finished this manuscript by the end of next month*.”⁹³ (*op. cit.*). Nesse caso, o futuro perfeito estabelece um ponto de referência anterior ao qual o término do manuscrito está ancorado, cabendo ao advérbio temporal indicar o tempo do evento, servindo de ponto de referência para o futuro perfeito. A representação feita por Comrie (1985, p. 126) para o futuro perfeito pode ser a seguinte: “E anterior a R posterior a S”.⁹⁴

No caso do português, Comrie (1985) afirma que ambos *pluperfect* (pretérito mais-que-perfeito) e *future perfect* localizam uma situação como anterior a um ponto de referência no passado ou no futuro, respectivamente, do mesmo modo que em inglês, e “são formados pelo auxiliar *ter*, no passado e no futuro, respectivamente, com o particípio passado do verbo lexical” (p. 80), como nos exemplos dados em português:

- ⇒ Ele já **tinha saído** quando eu cheguei.
(*He had already left when I arrived.*)
- ⇒ Ele vai já vai **ter saído** quando eu chegar.
(*He will already have left when I arrive.*)

De forma similar, Coan (1997; 2003) tratou a expressão do pretérito mais-que-perfeito no português, definindo seu domínio como *anterioridade a um ponto de referência no passado*. Para ilustrar essa

⁹²“Eu terei saído” (tradução nossa).

⁹³“Eu terei terminado esse manuscrito pelo final desse mês” (tradução nossa).

⁹⁴ O autor ressalta ainda que não há relação direta estabelecida entre *E* e *S*, e, com base nisso, todas as relações possíveis são compatíveis com o futuro perfeito (E anterior a S, E simultâneo a S, E posterior a S). Assim, a preferência pela interpretação *E posterior a S* seria apenas pragmática, ao invés de ser parte do significado de futuro perfeito.

definição, apresentamos uma exemplificação do pretérito mais-que-perfeito, a partir de Coan (1997, p. 43):

...todo mundo gostava muito daquela iniciativa que a gente TINHA TOMADO. (FLP 23, L1057)		
-----S-----	-----R-----	-----F-----
TINHA TOMADO	gostava	tempo de fala

A autora argumenta que, neste enunciado, o pretérito mais-que-perfeito *tinhatomado* não toma como *ponto de referência* o momento de fala, mas sim um ponto intermediário representado pelo verbo no passado *gostava*.

Por último, trazemos uma representação geral que se aplica a qualquer tempo absoluto-relativo, a partir Comrie (1985, p. 126):

⇒ E *relativo* R *relativo* S

3.2.6 A questão do ponto de referência além do momento/situação de fala

Na questão do ponto de referência além do momento de fala, cabe uma reflexão inicial: a do ponto de referência de tempo (R) extra, conforme visto anteriormente. Enquanto Comrie (1985) defende que somente os tempos relativos (ou absoluto-relativos) necessitam ser descritos e representados levando em conta também um terceiro ponto temporal, isto é, um outro tempo que serve como referência que não seja o momento/situação de fala, outros autores da literatura sobre tempo verbal, como Reichenbach (1947), afirmam que, para a localização no tempo é sempre necessário o uso de três pontos temporais para representar qualquer tempo verbal, diferenciando-se do sistema binário composto pelo tempo do evento/situação e pelo momento de fala, conforme vimos até o momento.

Na realidade, a proposta de um terceiro ponto temporal denominado de ponto de referência (R) é um traço característico do sistema de Reichenbach (1947) e tem sido um tópico aprimorado ou criticado ao longo do tempo. Em poucas palavras, o autor busca demonstrar que as relações temporais vão além das três tradicionais,

passado, *presente* e *futuro*, estabelecidas entre (E), o evento/situação (*event*) e (S), o momento/situação de fala (*speech*). Para tanto, Reichenbach utilizou uma segunda relação de *simultaneidade*, *anterioridade* e *posterioridade* paralela à tradicional, que se estabelece entre (R), o ponto de referência, e (E). Por conseguinte, o resultado do modelo proposto é a existência de uma relação estabelecida entre (R) e (S), de um lado, e entre (R) e (E), de outro, o que permite determinar as seguintes relações: (i) *passado* (R precede S); (ii) *futuro* (S precede R); (iii) *presente* (S simultâneo a R); (iv) *anterior* (E precede R); (v) *posterior* (R precede E); (vi) *simultâneo* (E simultâneo a R); além das três tradicionais. Já a relação entre (S) e (E) é mais indireta no seu sistema.

Aplicando o seu sistema aos tempos verbais do inglês, Reichenbach descreveu seis ‘*tenses*’, sintetizados aqui a partir de Michaelis (2006, p. 5):

- ⇒ **Present:** E,R,S (e.g., “She’s at home right now”; R = right now)
[*Presente:* E, R, S (e.g., Ela está em casa neste momento/agora; R=agora)]
- ⇒ **Past:** E,R_S (e.g., “She was at home yesterday”; R=yesterday.)
[*Passado:* E,R_S (e.g., Ela estava em casa ontem; R=ontem.)]
- ⇒ **Future:** S_E,R (e.g., “She will be home this evening”; R= this evening)
[*Futuro:* S_E,R (e.g., Ela estará em casa esta noite; R=esta noite)]
- ⇒ **Present perfect:** E_S,R (e.g., “The crowd has now moved to Plaza”; R= now) [*Presente perfeito:* E_S,R (e.g., A multidão tem agora se movido/deslocado para a praça; R=agora)]
- ⇒ **Past perfect:** E_R_S (e.g., “The crowd had moved to the plaza when the police howed up”; R=the time at which the police arrived) [*Passado perfeito:* E_R_S (e.g., A multidão tinha se movido para a praça quando a policia apareceu; R=o momento que a policia chegou)]
- ⇒ **Future perfect:** S_E_R (e.g., “The crowd will have moved to the plaza by the time you call the police”; R=the time at which the police are called) or E_S_R (e.g., “That’s Harry at the door;

he will have bought wine”]; R=the time of Harry’s arrival)[*Futuro perfeito: S_E_R (e.g., A multidão terá se deslocado à praça pela hora em que você chamar a polícia; R=ao tempo no qual a polícia é chamada) ou E_S_R (e.g., É Harry na porta; ele deve ter comprado vinho; R=o tempo da chegada de Harry.)*]⁹⁵

Todavia, essa facilidade do sistema em pré-determinar os tempos tem acarretado diversas críticas ao longo dos anos, pois não explica a presença de outros tempos verbais em línguas distintas (ao inglês) nem a falta de ocorrência na prática de alguns tempos elencados pelo autor, como os três futuros diferentes do inglês, segundo Declerck (1992). Assim, essa multiplicidade de esquemas temporais é alvo de críticas, principalmente de autores que se enquadram numa visão mais funcionalista, que se fundamentam no fato de que nenhuma língua parece ter todos esses tempos verbais. Por exemplo, Comrie argumenta que a utilização constante de um terceiro ponto referência na representação dos tempos verbais na linha do tempo acaba gerando uma proliferação exagerada de representações para os tempos verbais, não verificada interlinguisticamente.⁹⁶ Outrossim, no caso de períodos mais complexos, a utilização mais objetiva do modelo do autor para a determinação dos tempos verbais parece não ser suficiente – conforme Michaelis (2006); Fleischman (1989) –, posto que diferentes fatores podem interferir na expressão temporal em contextos sintáticos mais amplos.⁹⁷

⁹⁵ Podemos observar que a vírgula indica que os dois pontos (S, R ou E) são idênticos, enquanto o uso do traço situa um ponto como anterior ou posterior ao outro ponto.

⁹⁶ Além disso, a compreensão do que exatamente seria o conceito de um ponto de referência para o autor não fica muito clara em sua obra, uma vez que Reichenbach nunca explicou diretamente esse conceito, assegura Klein (2009).

⁹⁷ Nesse sentido, para Michaelis (2006, p. 8), a visão de Reichenbach acerca da referência temporal adverbial é excessivamente restritiva. A autora critica ainda a proposta do autor, em função da sua concepção de ponto referência estático, o que dificulta uma análise temporal em contextos narrativos mais amplos. Por consequência, muitos autores tiveram que desenvolver propostas para expandir essa concepção de ponto de referência (estático) em análises discursivas mais amplas.

Por tais razões, optamos por embasar a fundamentação teórica sobre *tempo verbal* (principalmente) dentro da perspectiva de Comrie (1985), visto que este tem um olhar mais funcional para a linguagem, semelhante ao dos principais autores utilizados na tese, como Givón (2001) e Fleischman (1982). Como a proposta da tese não se volta exclusivamente à discussão da expressão do tempo verbal, visando ao enquadramento do FS em sistemas – como o de Reichenbach, ou mesmo expandindo a ideia de ponto de referência no discurso, como fizeram outros autores da área –, mas fundamenta-se mais na análise de uso do FS no discurso, não se justificaria uma aproximação com uma teoria sobre tempo mais lógica, como vista em Reichenbach (1947).

Entretanto, cabe ressaltar que a representação do autor para o *future perfect* e para o *past perfect*, conforme pode ser visto acima, é muito próxima à que foi vista anteriormente a partir de Comrie (1985). Ou seja, a ideia é similar, como se vê no caso da descrição do passado mais quer perfeito em “E anterior a R anterior a S” (Comrie) ou “E_R_S” (Reichenbach). Em outros termos, não se tratam de visões antagônicas acerca de tempo verbal, mas que contemplam alguns pontos distintos.

3.2.7 O futuro do subjuntivo como tempo absoluto-relativo: a perspectiva

Nesta tese, defendemos que o futuro do subjuntivo se comporta como um tempo verbal absoluto-relativo (não prototípico), uma vez que costuma estabelecer duas referências temporais: uma em relação ao momento de fala e outra em relação à situação do enunciado, embora a segunda não esteja sempre presente em sua expressão (como será visto a partir do próximo capítulo), visto que em alguns casos o FS descreve situações localizadas no presente, segundo nossa perspectiva.

O fato é que, ao se enquadrar como um tempo verbal de orações subordinadas, o FS acaba por quase sempre estabelecer uma relação de tempo com o verbo principal do período composto, pois a situação no FS pode estar localizada *anteriormente*, *posteriormente* ou *simultaneamente* em relação à situação descrita na oração principal do período. Todavia, sendo essa segunda relação de tempo uma leitura consequente do contexto de construção (geralmente adverbial) no qual se encontra, ou mesmo de outros fatores, não cabe designar que essa

relação de tempo faça parte de seu significado principal como tempo verbal⁹⁸. Por isso, na análise que se segue nos capítulos seguintes, distinguimos essas duas relações de tempo, para que fosse possível analisá-las separadamente, de forma a possibilitar a captação de outros fatores que influenciam em cada um dos casos, sobretudo, na relação temporal entre o FS e outra situação do enunciado (como o aspecto da situação).⁹⁹ Não obstante, consideramos ainda que o FS se qualifica como um tempo absoluto-relativo menos categórico, se comparado ao passado e futuro perfeitos, uma vez que as situações descritas por esses tempos verbos indicam sempre que há uma relação temporal de anterioridade com outro ponto de referencia que não é o MF, sendo que isso faz parte do seu significado como tempo verbal, segundo Comrie (1985), o que não é o caso do FS, conforme discutimos mais à frente.¹⁰⁰

Nessa direção, um estudo histórico sobre o FS poderia investigar a seguinte hipótese – formulada com base nos apontamentos de Fleischman (1982) sobre o FS e o *futurum exactum* –, de que o FS tinha em sua origem uma ideia maior de *anterioridade* a uma situação, assim como era mais típico de orações adverbiais do que de relativas. Dessa forma, poderia ter *atuado* mais na função de tempo perfeito, inclusive em usos semelhantes aos citados em gramáticas normativas, no que se refere a sua forma composta.¹⁰¹ Contudo, hoje, a partir dos dados da amostra, podemos identificar usos do FS em que a situação descrita por ele é simultânea e até posterior à situação denotada pela oração nuclear do período – conforme será visto nos capítulos subsequentes –, além dos usos tipicamente modais, sobretudo em orações relativas. Portanto, não é possível considerarmos que o FS tenha uma função de futuro perfeito,

⁹⁸ Até porque, se considerarmos essa segunda relação de tempo como parte de sua significação, teríamos que aceitar que todos os tempos verbais, inclusive os do modo indicativo, que podem ser empregados em orações subordinadas, teriam essa relação de tempo como parte de sua expressão e significação. Esse não seria o caso do presente do indicativo, por exemplo, que é utilizado frequentemente em condicionais e temporais.

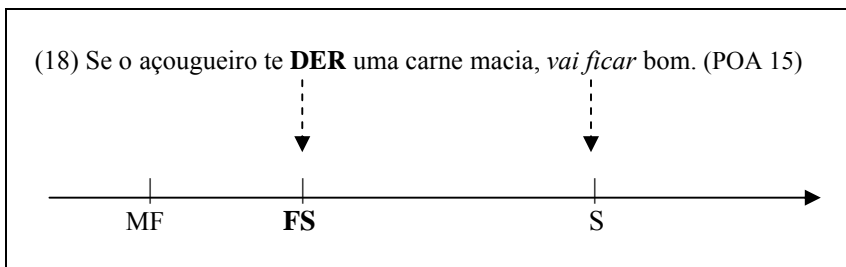
⁹⁹ Hipótese que será descrita no capítulo seis.

¹⁰⁰ Uma exceção seria os usos do FS em sua forma composta, os quais não foram encontrados em nossa amostra, visto que o valor de anterior faz parte do seu significado/função.

¹⁰¹ Exemplo extraído da Gramática Houaiss (Azeredo, 2008): “Quando você tiver localizado todas as notas fiscais, vamos iniciar o relatório com a prestação de contas”.

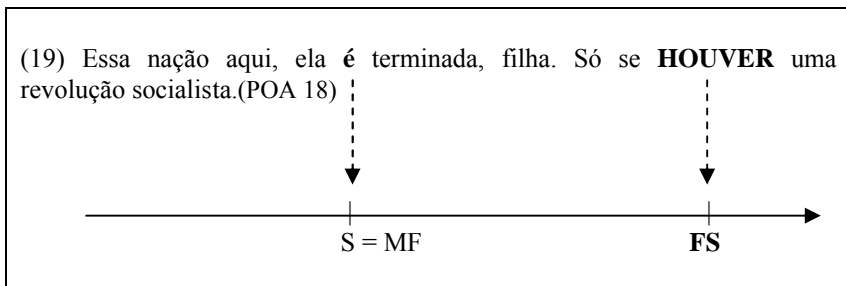
tendo como base os dados da amostra, os quais serão discutidos ao longo dos próximos capítulos.

Isso posto, neste momento passamos a descrever alguns dados de FS de forma a analisar sua expressão temporal. Iniciamos com uma ocorrência que representa a expressão mais esperada, posto que localiza uma situação como: (i) futura em relação ao momento de fala; (ii) anterior a outra situação futura, descrita na oração principal.



Nesse caso, em razão da dupla referência temporal estabelecida pelo FS – futuro e anterior –, podemos enquadrá-lo como um tempo absoluto-relativo, embora consideremos que esteja mais ligado à ideia de futuro.

No próximo dado, o FS também está associado ao *futuro*, sendo tanto posterior ao momento de fala, como posterior a outra situação do período. Dessa forma, também expressa duas relações de tempo, o que caracteriza a expressão de um tempo absoluto-relativo, embora a leitura de tempo absoluto de futuro também seja permitida pelo contexto, em razão da mesma relação (de posterioridade) estabelecida com esses dois pontos temporais.



Por último, trazemos um dado diferente para ilustrar o seu comportamento variado, em que consideramos a expressão temporal do FS mais fraca, provavelmente relativa apenas a um ponto de referência que, no caso, seria o tempo verbo da oração principal: *seja*.

(20) Agora não acredito que todo o dinheiro estava investido, **seja** em que papel **FOR**. (FLN 21)

Em casos dessa natureza, identificamos que o FS tem uma expressão de presente relativo, uma vez que a ideia de presente na situação no FS é advinda da relação de cotemporalidade estabelecida com a outra situação no presente. Na realidade, percebemos que a expressão temporal da construção relativa “seja em que papel for” é muito fraca. Parece que sua função como um todo é só assinalar uma dúvida do falante.

A partir desses dados, foi possível visualizarmos, inicialmente, o comportamento do FS como tempo verbal, tendo como base as definições vistas. Todavia, a análise da expressão temporal do FS será mais detalhada através da discussão de diversas ocorrências que será realizada a partir do próximo capítulo. Contudo, desde o início fica claro que o FS não se comporta de forma ‘prototípica’ como um tempo verbal, apesar de sua expressão ser característica de um tempo absoluto-relativo. Sobre essa questão, nos apoiamos em Declerck (1991; 1995), posto que o autor descrever usos do *past perfect* do inglês para mostrar que um dado tempo verbal pode ter usos como ‘tempo absoluto’ ou ‘tempo relativo’ (ou ‘tempo absoluto-relativo’).

Na próxima seção, tratamos particularmente da modalidade e, então, na subsequente, tratamos do *futuro* – categoria verbal que se situa no entremeio de tempo e modalidade.

3.3 A EXPRESSÃO DA MODALIDADE

A subjetividade do falante pode ser codificada na língua por uma grande variedade de meios e formas, inclusive não verbais, como, por exemplo, expressões faciais, entonação e gestos. Mas, quando se busca entender de que maneira, isto é, com quais estratégias e dispositivos linguísticos o falante constrói seu enunciado de modo a marcar seu julgamento, sua avaliação sobre os fatos – seja através da simples escolha de palavras, como *talvez*, seja pelo uso de formas verbais, como as do modo subjuntivo –, entra-se no complexo domínio da *modalidade*,

categoria que vem sendo estudada e debatida desde a lógica clássica, por filósofos e estudiosos da linguagem em geral.

A modalidade é uma das categorias que mais interessa ao presente estudo, visto que está envolvida diretamente na expressão da subjetividade do falante através do uso de recursos linguísticos, como o subjuntivo, bem como se inter-relaciona ainda com futuridade, visto que o que está por vir não é fato, portanto, pertence ao domínio *irrealis* (modalidade não fato). Assim, futuro, subjuntivo e modalidades não factuais se intersectam continuamente na linguagem, tornando difícil a tarefa (pretendida aqui) de estabelecer valores e funções para o futuro do subjuntivo, posto que seu domínio se inter-relaciona com todas essas noções. E, para realizar tal empreitada, se há um conceito que precisa estar bem fundamentado e esclarecido na análise é o da modalidade e, a respeito disso, tratamos a subseção seguinte, em que discorreremos acerca de definições, classificações e exemplificações sobre esse domínio conceitual.

3.3.1 Conceito e classificação

Os conceitos e classificações de modalidade são vastos na literatura linguística, devido à diversidade de abordagens teóricas: mais lógicas, semânticas ou discursivo-pragmáticas. Soma-se a isso a própria dificuldade em caracterizar a modalidade, uma vez que se está lidando com um domínio conceitual abstrato codificado por diversas expressões e categorias linguísticas.

Vamos às definições e classificações para modalidade apresentadas por Givón (1995; 2001; 2005; 2009); Fleischman (1982), além de Palmer (1986), com o propósito de melhor discutirmos a expressão do fenômeno, bem como fundamentarmos uma conceitualização mais completa acerca do tema. No entanto, cumpre esclarecer que a classificação priorizada para a análise dos dados é a defendida por Bybee (1985; 1998); Bybee *et al.* (1994); Bybee e Fleischman (1995).

A proposta desta subseção é também de evidenciar que as visões de modalidade postuladas por esses autores não são antagônicas, mas convergentes, diferindo principalmente em termos de nomenclatura e agrupamento de uma ou outra noção modal como pertencente à modalidade deôntica ou à epistêmica. É o caso, por exemplo, da *habilidade*, considerada por Givón (2001) como *deôntica*, por Bybee (1985) como *orientada ao agente*, e ainda por Traugott e Dasher (2005)

como uma modalidade à parte. Ademais, podemos argumentar que as diferentes propostas no âmbito funcionalista mais se complementam do que se contrariam.

Isso posto, iniciamos a discussão através da distinção entre modo e modalidade, a partir de Fleischman (1982) e Bybee e Fleischman (1995), haja vista que às vezes essas duas categorias são tomadas como sinônimos:

(i) *modo* se refere a uma morfologia particular da categoria dos verbos que tem uma função modal e que geralmente envolve um grupo distinto de paradigmas verbais (indicativo, subjuntivo, imperativo, optativo);

(ii) *modalidade* concerne a certos elementos de sentido expressos pela linguagem que têm como denominador comum a adição de sentidos ao valor semântico mais neutro de uma proposição factual e declarativa.

Em outras palavras, Bybee (1985) afirma que *amodalidade* se refere a um domínio conceitual codificado na língua através de diferentes recursos linguísticos, ao passo que *modo* designa a expressão desse domínio geralmente através de formas, flexões gramaticais, sendo o modo, portanto, uma subdivisão desse domínio conceitual (modalidade). Logo, “modo pode se referir tanto a uma forma de expressão como a um domínio conceitual” (p. 169). Por conseguinte, podemos entender o modo como uma marcação (meio/forma) que serve para assinalar as escolhas, julgamentos e atitudes do falante em relação a sua proposição no contexto discursivo, visto que ele é uma das categorias que representa a modalidade na língua.

Assim, enquanto o modo está mais diretamente relacionado à categoria verbal, a modalidade diz respeito ao enunciado todo, como afirma Palmer (1986, p. 2): “Modalidade não se relaciona semanticamente ao verbo primariamente, mas a todo o enunciado. Não é surpreendente, então, que existam línguas nas quais a modalidade é marcada em outro lugar que não o verbo ou dentro do complexo verbal.” Como categoria gramatical, é passível de ser descrita e comparada tipologicamente entre as línguas, defende o autor.

Quanto à definição de modalidade, Givón (1995; 2001; 2002), partindo do ponto de vista da lógica clássica – em que a modalidade é vista como uma propriedade lógica das proposições – associa-a à codificação da atitude do falante em face da proposição que ele enuncia;

indo mais além, ao sugerir que a atitude do falante não se restringe somente à proposição, mas alcança também o ouvinte e o próprio falante, ou seja, envolve os participantes da situação comunicativa.¹⁰² Assim, para o autor, a expressão da modalidade revela uma forte interação entre a modalidade inerente ao verbo (lexical), a modalidade epistêmica oracional (semântica proposicional) e a atitude/perspectiva epistêmica e deôntica entre falante e ouvinte (coerência discursiva). E, para Givón, a atitude do falante pode ser diferenciada por dois tipos de julgamentos, considerados duas modalidades (por vezes denominadas pelo autor de submodos), que não são mutuamente exclusivas, podendo se intersectar:

⇒ ***julgamento epistêmico***: verdade, probabilidade, possibilidade, (in)certeza, crença;

⇒ ***julgamento deôntico***: desejo, preferência, intenção, obrigação, manipulação, habilidade¹⁰³.

Além dessa caracterização, Givón (2009, p. 132) acrescenta em sua análise a ideia de epistêmico como tudo o que pertence aos fatos do mundo ao nosso redor, incluindo os fatos integrantes da transação comunicativa. Já, por deôntico, o autor entende: “tudo o que eu quero que você faça por mim ou o que você quer que eu faça por você”. E exemplifica:

¹⁰²Givón (2005, p. 177) sugere que o desenvolvimento do código gramatical da modalidade proposicional revela uma fina sintonia dos falantes com a realidade informacional e social circundante, mais exatamente com a constante mudança de estados epistêmicos e deônticos dos interlocutores. O autor chama a atenção para o fato de que, como em outros domínios codificados gramaticalmente, no domínio da modalidade, a perspectiva é constantemente mudada e a performance para tal é subconsciente e automatizada. Essa habilidade faria parte de nossa capacidade adaptativa e refletiria a maneira como vivemos, comportamo-nos e nos comunicamos.

¹⁰³ Para muitos autores, a habilidade não é uma modalidade deôntica, mas uma modalidade à parte.

- a. DEONTIC: I **want** to eat the apple.
 b. DEONTIC: **Let me** have a toy.
 c. EPISTEMIC: **I know (that)** is broken ¹⁰⁴
 (GIVÓN, 2009, p. 130)

Nesse seu estudo, Givón acaba refinando um pouco mais a discussão sobre a expressão real da modalidade no discurso – a partir de um estudo de aquisição, em que analisou diálogos gravados entre mães e filhos –, através de uma proposta que buscou demonstrar a maneira como as crianças desde cedo aprendem a negociar fatos e desejos na interação comunicativa. Nele, o autor afirma que o uso de verbos principais deônticos ou epistêmicos como operadores modais não ocorre num vácuo comunicativo, mas está diretamente inter-relacionado a motivações que nascem na interação. Como ilustração, segue um dos diálogos entre mãe e criança, apresentado pelo autor.

EVE: **Give me** a diaper. (request = DEONT)
 MOT: Yes, I'll get you a diaper, honey.
 (promise = DEONT) You **let go** again.
 (manipulation = DEONT) Okay, **want** to come
 down (offer = DEONT) and get this diaper
 changed?
 NAO: No. (refusal = DEONT)
 MOT: You **told** me about it, Nomi.
 (past-quotative = EPIST) You **said**: "Mommy
 change my diaper". (past-quotative = EPIST)
 NAO: Boom Mommy. (utter disdain = DEONT)
 (GIVÓN, 2009, p. 134)¹⁰⁵

Givón (idem, p. 133) considera que construções gramaticais modais complexas, como as ilustradas acima, são embutidas dentro de

¹⁰⁴ a. DEÔNTICA: Eu quero comer a maçã.
 b. DEÔNTICA: Deixe-me ter um brinquedo.
 c. EPISTÊMICA: Eu sei que está quebrado. (tradução nossa)

¹⁰⁵ EVE: Me dá uma fralda. (pedido = DEONT)
 MOT: Sim, eu vou pegar uma fralda pra ti, querida. (promessa = DEONT)
 Você 'deixou acontecer' novamente. (manipulação = DEONT)
 Ok, quer descere pegar esta fralda trocada? (oferta = DEONT)
 NAO: Não. (recusa = DEONT)
 MOT: Você me disse isso, Nomi. (passado *quotative* = EPIST)
 Você disse: "Mamãe, mude minha fralda". (passado-*quotative* = EPIST)
 NAO: 'Boom mamãe'. (desdém absoluto = DEONT) (**tradução livre**)

um contexto interativo modal, que funciona como um envelope em que dois participantes se empenham para impor seus objetivos deônticos ou epistêmicos, ou para resolver seus conflitos deônticos ou epistêmicos.

Associando modalidade e modo verbal, Givón (1995, p. 124) salienta que o subjuntivo mantém uma forte correlação com os submodos *irrealis* de baixa certeza epistêmica e de fraca manipulação deôntica, e prevê que “Se uma língua tem um subjuntivo gramaticalizado, então é mais provável que ele apareça nesses dois focos ao longo das duas subdimensões do *irrealis*.”¹⁰⁶

Em consonância às definições do autor, Fleischman (1982, p. 13) distingue, como duas modalidades básicas do discurso, a epistêmica e a deôntica:

- ⇒ **modalidade epistêmica:** expressa atitudes de dúvida, pensamento, crença; refere-se à qualificação do falante do seu comprometimento com a verdade da proposição;
- ⇒ **modalidade deôntica:** expressa atitudes cuja interpretação está fundamentalmente ligada às noções de obrigação e volição.¹⁰⁷

Também em Palmer (1986, p. 18) encontramos a distinção dessas duas modalidades principais: a *modalidade epistêmica*, que se refere ao conhecimento, à crença ou opinião, e a *modalidade deôntica*, que se refere à necessidade ou possibilidade dos atos desempenhados por agentes moralmente responsáveis. O autor ([1979], 1990) fala ainda em modalidade dinâmica para se referir à habilidade/capacidade.¹⁰⁸

Um pouco diferente dessas duas divisões propostas para a modalidade, ou melhor, mais especificada que as anteriores, é a classificação desenvolvida por Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 177-

¹⁰⁶“If a language has a grammaticalized subjunctive, then it is most likely to appear at those two foci along the two *irrealis* sub-dimensions. If a language has a subjunctive, then it is most likely to appear at those two foci along the two *irrealis* sub-dimensions” (GIVÓN, 1995, p. 124).

¹⁰⁷Como se pode notar na abordagem de Fleischman, a modalidade deôntica, ao recobrir basicamente as noções de obrigação e volição, deixa de lado a habilidade.

¹⁰⁸ Há autores ainda, como Traugott e Dasher (2005), que trabalham claramente com três tipos de modalidade: (i) deôntico: obrigação; (ii) epistêmico: conclusão; (iii) habilidade/capacidade.

180), cuja principal diferença é a subdivisão da(s) modalidade(s) deôntica(s) em duas: *orientada ao agente* e *orientada ao falante*, além da particularização de uma modalidade (mais estrutural) intitulada de modos subordinantes. Vejamos:

⇒ **Modalidade epistêmica**: indica o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição. Recobre: *possibilidade* (a proposição pode ser verdadeira); *probabilidade* (há grande probabilidade de a proposição ser verdadeira); *ecerteza inferida* (o falante tem boas razões para acreditar que a proposição é verdadeira).

⇒ **Modalidade orientada ao falante**: permite ao falante impor condições ao interlocutor, como dar ordem ou exortar alguém. Envolve atos de fala diretivos: *ordem*, *proibição*, *exortação*, *conselho*.

⇒ **Modalidade orientada ao agente**: é parte do conteúdo proposicional da oração, e reporta a existência de condições internas e externas de um agente para a realização da ação expressa no predicado principal (o agente exerce a ação descrita na oração). Recobre: *obrigação* (há condições sociais externas compelindo um agente a completar a ação predicada); *necessidade* (há condições físicas compelindo um agente); *habilidade* (há condições internas de um agente face à ação predicada).

⇒ **Modos subordinantes**: envolvem relações sintáticas entre orações, por exemplo, entre certos verbos e seus complementos oracionais, como no caso das orações concessivas e finais. Têm como marca o subjuntivo.

Entretanto, a categoria relativa a *modos subordinantes*¹⁰⁹, por ser específica de certos tipos oracionais, que não são os contextos sintáticos

¹⁰⁹ Alguns autores funcionalistas, como o próprio Givón, criticam essa *quarta modalidade* de Bybee *et al.*, alegando que ela fugiria à pretensão de compreensão da modalidade como uma categoria funcional universal, uma vez que dá um estatuto diferente a ela em relação às outras modalidades, visto que seria reconhecida pelas marcas sintáticas (estruturais e não conceituais).

de uso do FS, não será analisada aqui. Não obstante, consideramos que elase defini por critérios (de natureza estrutural) diferentes dos que fundamentam as outras três modalidades, o que inclusive acarretou críticas por parte de autores funcionalistas, que argumentam que os *modos subordinantes* não contemplam a redefinição comunicativa das modalidades (Cf. GIVÓN, 1995). À vista disso, optamos por considerar as três outras modalidades, também retratadas em Bybee e Fleischman (1995):

Modalidade orientada ao agente engloba todos os sentidos modais que predicam condições sob um agente, no que diz respeito à realização da ação referida pela predicação principal. Exemplos: *obrigação, desejo, habilidade, permissão e (root) raiz de possibilidade*. **Modalidade epistêmica** retém sua definição tradicional: epistêmicos são indicadores com escopo oracional de comprometimento de um falante com a verdade de uma proposição. Marcadores de atos diretivos, como *imperativos, optativos e permissivos*, que representam atos de fala através dos quais o falante busca direcionar um destinatário para a ação, são chamados de **orientados ao falante**.¹¹⁰ (BYBEE e FLEISCHMAN, p. 6, 1995; tradução livre)

Para Bybee (1985), as principais diferenças entre essas três modalidades são: que as *modalidades epistêmicas* assinalam o grau de comprometimento/certeza do falante com sua proposição, enquanto as *modalidades deônticas orientadas ao falante* refletem o tipo de ato de fala a ser performado, assim como a força ilocucionária da declaração. Essas duas (epistêmica e orientada ao falante) distinguem-se de *modalidades deônticas orientadas ao agente*, como as de *permissão e obrigação*, pois as orientadas ao agente descrevem condições

¹¹⁰ **Agent-oriented modality** encompasses all modal meanings that predicate conditions on an agent with regard to completion of an action referred to by the main predicate, e.g. obligation, desire, ability, permission, and root possibility. **Epistemic modality** retains its traditional definition: epistemics are clausal-scope indicators of a speaker's commitment, to the truth of a proposition. Markers of directives, such as imperatives, optatives or permissives, which represent speech acts through which a speaker attempts to move an addressee to action, are called **speaker-oriented**. (BYBEE & FLEISCHMAN, 1995, p. 6)

direcionadas ao agente que está na oração principal, diferentemente das duas outras modalidades, que tomam todo o enunciado sob seu domínio. Além disso, defende que a modalidade orientada ao agente é restrita a orações com um agente animado – alguém em quem possam recair as condições de obrigação, permissão, habilidade ou volição, isto é, condições que possam ser associadas a ele.

A autora ainda observa que muitos auxiliares modais (em inglês) podem marcar ora uma modalidade, ora outra. Exemplificamos essa ideia, com os auxiliares *may* e *must*, (BYBEE, 1985, p. 166):

⇒ *Sally must be more polite to her mother.* (Sally precisa ser educada com sua mãe.) [**Obrigação: modalidade orientada ao agente**]

⇒ *The students may use the library at any time.* (Os estudantes podem usar a livreria a qualquer hora.) [**Permissão: modalidade orientada ao agente**]

Observe-se que, nos exemplos (acima) a modalidade recai/impõe-se diretamente ao agente (*Sally* e *the students*) de cada oração, diferentemente dos casos dos ilustrados nos exemplos abaixo, que mostram as funções epistêmicas desses verbos auxiliares, evidenciadas em frases sem um sujeito-agente:

⇒ *It must be raining.* (Deve estar chovendo). [**Probabilidade: modalidade epistêmica**]

⇒ *It may rain.* (Pode chover). [**Possibilidade: modalidade epistêmica**]

Então, se compararmos a classificação de Bybee *et al.* (1994) àquelas inicialmente expostas, especialmente à de Givón, podemos perceber que os autores separam a modalidade deontica em duas: uma orientada para o falante (envolvendo manipulação) e outra orientada para o agente (envolvendo desejo/preferência e também habilidade).

De maneira geral, vimos que a literatura de tendência funcionalista mostra semelhança na identificação e conceituação das modalidades, embora haja algumas diferenças, notadamente no campo terminológico, que têm a ver em parte com o escopo de cada subtipo. Por exemplo, Coates (1983) e Sweetser (1990) falam em modalidade raiz (*root*), que recobre as noções de obrigação e habilidade – o que corresponderia à noção de modalidade orientada para o agente de Bybee *et al.* (1994).

Na tese, optamos trabalhar com a distinção de Bybee *et al.* (1994), também descrita em Bybee e Fleischman (1995) e em Bybee (1985; 1998), por permitir diferenciar melhor os enunciados marcados pela modalidade deôntica, através da divisão desta em: (i) *modalidade orientada ao falante*, que geralmente envolve manipulação e atos de fala diretivos; (ii) *modalidade orientada ao agente*, que envolve sentidos modais direcionados mais ao agente da proposição do que ao enunciado em geral.

Dessa forma, podemos distinguir os usos do futuro do subjuntivo mais associados a noções modais orientadas ao agente (em funções que podem ser equiparadas às de verbos auxiliares modais) dos usos mais atrelados a enunciados em que predomina a expressão modalidade orientada ao falante (que tem, portanto, geralmente uma expressão mais discursivo-pragmática).

Para ilustrar tal diferenciação, bem como a proposta de análise, apresentamos (mais à frente) alguns enunciados com dados de FS, destacando a presença de cada uma das modalidades nesses enunciados.

Contudo, antes, apresentamos (na próxima subsecção), alguns pontos traçados por Givón acerca da expressão da modalidade *irrealis* através de recursos e estratégias gramaticais, haja vista que isso servirá como suporte para a nomenclatura utilizada nos capítulos quatro e cinco subsequentes, como por exemplo, no que tange à denominação de verbos de inerente modalidade *irrealis*, como é o caso dos itens *quiser*, *puder*, bem como para a compreensão das construções adverbiais condicionais e temporais como tipos oracionais naturalmente não factuais.

3.3.2 A distribuição da modalidade na gramática

Givón (2001, p. 302) afirma que a falta de uniformidade entre as línguas, quanto à marcação morfológica da modalidade, deve-se ao fato de as modalidades serem gramaticalizadas diacronicamente através de uma grande variedade de domínios-fonte. Todavia, ao contrário da imprevisibilidade natural em relação à marcação morfológica da modalidade, a distribuição das principais modalidades através de contextos gramaticais é de certa forma previsível e universal, sendo que os principais contextos gramaticais apresentados por Givón (2001, p. 302), estão aqui sintetizados em modalidade em verbos e advérbios; modalidade e tipos de oração; modalidade nas orações adverbiais

irrealis – conforme descrevemos a partir da próxima subseção –, pois são contextos mais relacionados ao uso do FS.

Para o autor, os tipos oracionais que tradicionalmente são agrupados dentro do *irrealis* possuem coerentemente traços em comum, conforme Givón (1995, p. 167):

- ⇒ Eles tendem a ter uma projeção de futuro.
- ⇒ Eles permitem uma interpretação não-referencial de SNs sob seu escopo.
- ⇒ Tendem a se agrupar dentro de dois amplos grupos submodais: epistêmico e deôntico-avaliativo.
- ⇒ Não importa se epistêmico ou deôntico, todos eles tendem a envolver interação de baixa certeza e, portanto, ansiedade.
- ⇒ Ao contrário do *realis*, eles tendem a envolver grande flexibilidade de perspectiva modal na interação com o interlocutor.

Isso posto, passamos a descrever de forma concisa os meios/formas de codificação do *irrealis* na língua.

3.3.2.1 Modalidade em verbos e advérbios

Ao abordarmos a modalidade em verbos e advérbios, cumpre inicialmente enumerarmos os principais itens verbais de *irrealis* inerente, que são: *querer, gostar, sonhar, pensar, acreditar, achar, desejar, pretender, conseguir, poder, precisar, necessitar*, dentre outros (Givón, 2001, p. 304). Em seguida, também vale partirmos da distribuição da modalidade entre os tempos e os aspectos, sintetizada a partir de Givón (2001, p. 304), conforme o quadro seguinte:

Quadro 5 – Distribuição da modalidade entre tempos e aspectos

MODALIDADE	TEMPO	ASPECTO
Fato	Passado Presente	Perfeito perfeito progressivo Habitual Repetitivo
Não-fato	Futuro	

Fonte: Givón (2001, p. 304)

Por fim, no que concerne aos advérbios, Givón (1995, p. 117) afirma que lançam um escopo *irrealis* sobre a proposição a que se vinculam os advérbios epistêmicos, como: *talvez, provavelmente, possivelmente, supostamente, certamente, presumidamente*. Por exemplo: *Provavelmente ela assistiu ao show*.

3.3.2.2 Modalidade e tipos de oração

Entram, nessa categoria, os seguintes subgrupos: (i) *complementos oracionais* (orações objetivas diretas): verbos de modalidade e auxiliares modais; verbos de manipulação; verbos de percepção-cognição-enunciação; (ii) *orações relativas*; (iii) *atos de fala não-declarativos*; (iv) *orações adverbiais*. O primeiro deles não será tratado aqui, visto não estar relacionado aos contextos oracionais de uso do FS. Quanto aos outros, vejamos:

a) *Orações relativas*

As orações relativas que modificam nomes (SN) referenciais (definidos ou indefinidos) ficam sob o escopo da pressuposição, a menos que algum operador não-fato intervenha. O único caso em que as relativas caem sob o escopo do *irrealis* é quando elas forem restritivas e o seu nome (*head noun*) for modificado, segundo Givón (2001, p. 310):

⇒ Non-Ref head noun

Ex: *I know of no woman who came in late.*

(*Eu não sei de nenhuma mulher que chegou atrasada*).

b) Atos de fala não declarativos

Certos atos de fala, tais como comando, pedido, exortação, estão relacionados a eventos futuros, por isso são *irrealis*. Quanto mais manipulativos eles forem, mais associados ao submodo deôntico-avaliativo do *irrealis*, segundo Givón (2001, p. 312). Como ilustração, temos:

- ⇒ Comando: *Apague a luz!*
- ⇒ Pedido: *Você poderia apagar a luz?*
- ⇒ Exortação: *Vamos apagar a luz.*
- ⇒ Perguntas sim/não (*yes/no question*): *Ela apagou a luz?*

c) Orações adverbiais

As orações adverbiais subordinadas tendem a vir sob o escopo de pressuposição, *irrealis* e negação. De acordo com o autor, as adverbiais com típico escopo *irrealis* são:

⇒ Oração adverbial temporal:

Ex: *Quando você CONSEGUIR um empréstimo, eu venderei meu carro.*

⇒ Oração adverbial condicional:

Ex: *Se você CONSEGUIR um empréstimo, eu venderei meu carro.*

⇒ Oração adverbial de finalidade (*purpose*):

Ex: *Para você conseguir um empréstimo, eu vou ter que assinar.*

Dentre os tipos oracionais apresentados, destacamos os contextos de orações adverbiais, pois é nessas construções que encontramos frequentemente dados do FS no português, por isso elas são o tópico da próxima subseção.

3.3.2.3 A modalidade nas orações adverbiais *irrealis*

Descrevemos com mais aprofundamento a caracterização de Givón (1995; 2001) para as adverbiais condicionais *irrealis* e certas

adverbiais temporais (*when-clauses*) que se comportam semelhantemente àquelas condicionais, por serem contextos que cabem o uso FS em português.

Givón divide as orações adverbiais condicionais em condicionais *contrafactuais* e condicionais *irrealis*. Nas *contrafactuais*, o valor de verdade é firme e negativo. Esse tipo de condicional envolve estados ou eventos que podem ter ou teriam tido um valor de verdade – se outros estados ou eventos fossem verdadeiros. Mas, desde que esses outros estados ou eventos sejam de fato não-verdade, então a proposição condicional também não será verdadeira. Por exemplo: *If she had known, she would have done it.* (GIVÓN, 2001, p. 332).

Já as orações condicionais *irrealis* caem sob o escopo da modalidade não-fato. Mais do que outras orações *irrealis*, elas não têm valor de verdade. Além disso, a verdade delas depende da verdade das orações principais associadas a elas, as quais, via de regra, não têm valor de verdade também. Geralmente condicionais *irrealis* têm uma futuridade implicada à própria oração principal, que vai aparecer marcada tanto pelo futuro como por um modal ou por outro operador *irrealis*, apresentadas em Givón (1990, p. 829):

- a. **Modal:** If you finish on time, you can have this
(*Se você terminar em tempo, você poderá ter isto.*)
- b. **Futuro:** If she comes, you will see her.
(*Se você vier, você a verá.*)
- b. **Imperativo:** If you see him, please tell him that...
(*Se você vir ele, por favor, conte a ele que... .*)
- c. **Pedido indireto:** If she comes, I would like to know
(*Se ela vier, eu gostaria de saber.*)
- e. **Marcador de certeza:** If she comes, then I think we're
in good shape
(*Se ela vier, então eu penso que nós estamos em boa
forma.*)

Observe-se que todos esses exemplos descritos pelo autor, quando transferidos para o português, requerem o verbo no FS nas prótases, confirmando a expectativa de que esses contextos contemplam os usos do FS.

Ainda segundo Givón (1984, p. 830), em muitas línguas, condicionais *irrealis* são marcadas identicamente em adverbiais temporais, como ‘when-clauses *irrealis*’, tanto que a sutil diferença entre elas é inferida pelo contexto. Tal sobreposição também é possível em inglês, como no exemplo *When you bring to me, I’ll pay you*. Numa interpretação condicional dessa sentença, o falante tem baixas expectativas epistêmicas em relação à verdade eventual da oração condicional, enquanto numa interpretação temporal, o falante tem maior expectativa quanto à verdade da proposição.

Esse primeiro olhar sobre os contextos adverbiais temporais e condicionais é relevante, posto que, no capítulo 5, quando discutirmos os resultados encontrados, será visto que uma das hipóteses relaciona graus de certeza epistêmica do falante em adverbiais à marcação gramatical do futuro e do subjuntivo, ainda de acordo a visão de Givón (*op. cit.*).

Por último, vale ressaltar que a distinção *realis* e *irrealis* sustenta principalmente dentro da perspectiva givoniana, sendo questionada por autores, como Bybee *et al.* (1992), em alguns aspectos, principalmente no que tange ao fato de essa distinção binária ser raramente realizada em uma língua através de distinção morfológica. Contudo, Givón defende sua visão, afirmando, sobretudo, que a modalidade não é uma categoria mental discreta, binária e simples, diferenciada em termos morfológicos, mas sim uma megacategoria complexa, sendo o *irrealis* uma dimensão escalar dessa categoria e, “como tal, ela se intersecta com uma multidão de outros códigos gramaticais semânticos e categorias pragmáticas.” (Givón, 1995, p. 167).

Na verdade, essa diferença entre a visão de Bybee e Givón para a modalidade se justifica em termos de proposta central de cada autor. Enquanto Bybee (1985) volta seu trabalho à análise dos domínios conceituais, como tempo, modo, aspecto e modalidade através da comparação entre *forma* e *função*, ou seja, com um olhar mais semântico, inclusive através de um banco de dados interlinguístico de base morfológica (GRAMCATS), Givón (1984; 1995; 2001) prioriza o que denomina de estudo da gramática, sintaxe no discurso multiproposicional.

A discussão entre os dois olhares para a modalidade mostra-se interessante nessa tese, pois se relaciona à diferença entre o tratamento dado à modalidade que adotado no anterior (REIS, 2010) e no presente estudo: naquele, realizamos uma análise dos contextos discursivos de uso do FS investigando todos os itens e construções *irrealis*, através de

uma abordagem mais alargada. Nele buscamos, sobretudo, relacionar a função/significado do FS à expressão de cada modalidade: epistêmica, orientada ao agente e orientada ao falante, no enunciado composto principalmente pela construção subordinada que abriga o dado de FS. Sobre essa questão, tratamos melhor na seção a seguir.

3.3.3 A expressão das modalidades nos enunciados com o futuro do subjuntivo

Vamos iniciar essa subseção mostrando a expressão do FS relacionada ao domínio *irrealis*, nos estudos de Reis (2010). Com isso, buscamos evidenciar a diferença entre tal abordagem (mais correlacionada à perspectiva givoniana) da atual, apoiada em Bybee *et al.* (1994), adotada na tese. A opção pela classificação proposta por estes últimos autores deve-se, dentre os fatores já citados, pelo fato de o foco (na tese) estar mais direcionado à forma de FS, no que diz respeito a sua função, uso e significado, e não mais à expressão modal do contexto discursivo maior. Para tanto, buscamos, ao longo da análise (Capítulo 5), associar os valores do FS à expressão de traços/noções modais no contexto no enunciado, assim como à expressão de valores temporais.

Isso posto, passamos a descrever a análise de Reis (2010), através da transcrição de dois contextos discursivos, em que destacamos todos os elementos que operam escopo *irrealis* nos termos que o seguem, colocando a informação adiante no domínio do não fato. São expressões dessa natureza que marcam a subjetividade do falante no discurso. Por exemplo, um dos operadores verbais que mais espalham escopo modal sobre orações complementos – o que indica que tal sistema seja gramaticalizado (para essa função) no inglês, segundo Givón (2002, p. 297) –, seriam os verbos de percepção-cognição-declaração, como podemos visualizar abaixo (no português) através do verbo *achar*.

(21) ENT: Tu **acreditas**¹¹¹ que exista alguma razão **religiosa** para que se **proíba** o aborto?

INF: Olha, eu sou uma pessoa que eu só tenho **fé** no meu Deus, e na espiritualidade. Então, **acho**¹¹² que [*tudo que você TIVER*

¹¹¹ O verbo *acreditar* é um verbo de modalidade inerente.

¹¹² O verbo *achar* funciona com um *P. C. U verb*, projetando *irrealis* em seu complemento.

que fazer melhor, pra ti, pro ser humano, você **deve**¹¹³ fazer] (FLN 16 L 294).

(22) ENT: Tens algum **plano** pro **futuro**¹¹⁴?
 INF: Parada, [**se**¹¹⁵ Deus me **DER**¹¹⁶ vida e saúde, eu não **VOU FICAR**¹¹⁷, né?] **Talvez**¹¹⁸ eu **vá fazer**¹¹⁹ marmita pra fora de casa, botar uma ajudante, assim, que o meu **sonho**¹²⁰ na vida é comprar meu carrinho zerinho. Mas não é assim, que eu **tenho que**¹²¹ comprar o carro. [**Se DER**, eu **COMPRO**.] Mas isso aí eu **sei**¹²² que Deus **vai** me **ajudar**¹²³ e Deus **vai** me **dar** saúde. Até os cinquenta anos eu **acho**¹²⁴ que eu vivo aqui nessa terra.. (FLN 16 L 574).

A hipótese (em Reis, 2010) se assenta principalmente na ideia de Givón (2002, p. 267), segundo a qual as codificações das expressões *irrealis* não aparecem isoladas no discurso, mas fundamentalmente elas surgem todas juntas, em bando, com uma licenciando o uso da outra. E, de fato, na maioria dos contextos investigados, encontramos a presença de outros termos *irrealis*. Dessa forma, os contextos foram caracterizados através de grupos de fatores que analisam a distribuição de um continuum *realis-irrealis* no contexto, bem como a expressão da

¹¹³ O verbo *dever* quase sempre funciona como um auxiliar modal, portanto, um operador *irrealis*.

¹¹⁴ O item lexical futuro (assim como sonho) pode enfatizar o *irrealis* no discurso.

¹¹⁵ O *se* descarrega um escopo *irrealis* nos termos que o seguem na proposição.

¹¹⁶ O verbo no FS parece também projetar escopo *irrealis*.

¹¹⁷ Verbos no futuro em geral também projetam escopo *irrealis*.

¹¹⁸ Advérbios epistêmicos são sempre operadores *irrealis*.

¹¹⁹ Verbo no futuro é sempre *irrealis*.

¹²⁰ Item lexical que assinala intenção, volição, ou seja, noções deônticas, portanto, é um operador *irrealis*.

¹²¹ *Tem que* expressa o sentido modal deôntico de obrigação, marcando assim o *irrealis*.

¹²² O verbo *saber* é um verbo não-factivo, e por isso projeta sempre escopo *irrealis* no complemento oracional que o segue.

¹²³ Mais um verbo no futuro, assim como *vai me dar*. Ambos, então, *irrealis*.

¹²⁴ O verbo *achar* também é um não-factivo.

modalidade como epistêmica ou deôntica. Logo, nos dois contextos acima descritos, consideramos como predominante a marcação da modalidade deôntica. Contudo, enquanto no primeiro enunciado (21): “[...] acho que tudo que você TIVER que fazer melhor, pra ti, pro ser humano, você deve fazer” identificamos a expressão da modalidade orientada ao falante (*conselho, sugestão*), nos dois enunciados com o FS, em (22), a modalidade se apresenta como orientada ao agente (*desejo, intenção*), sendo que ambos foram categorizados apenas como associados à modalidade deôntica.

A seguir, passamos a descrever a análise atual (da tese), que tem como objetivo tratar da expressão do FS associado a marcação das modalidades epistêmica, orientada ao agente e orientada ao falante, de modo a identificar as funções do FS em cada enunciado. Uma das hipóteses é de que enunciados assinalados pela modalidade orientada ao agente, o FS tenha um uso mais *modal*, ou melhor, de auxiliar modal, ao passo que os usos mais temporais do FS sejam distribuídos em enunciados epistêmicos.

Partimos de uma ocorrência que surge num contexto notadamente marcado pela modalidade epistêmica:

(23) Pra tudo, até dentro do próprio lar. [**Se não TIVER educação e não TIVER respeito, aquilo vira bagunça**]. E a gente está vendo ali, né? Casamento desfeitos, brigas, às vezes por pouquinho coisa de nada, né? (FLN 13)

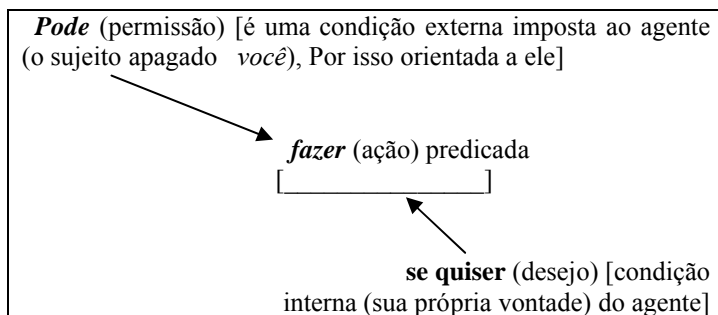
Nota-se que os valores epistêmicos são claros neste contexto, principalmente pela atitude de *certeza epistêmica* do falante (expressando uma *opinião*). A construção condicional com o FS funciona como uma *possibilidade epistêmica*, sendo uma hipótese levantada pelo falante, um julgamento seu.

Já no enunciado (24) (na parte em destaque) ilustra a expressão da modalidade orientada ao agente:

(24) O Estreito não está mais com prédios mais altos porque eles não deixaram fazer. [**Agora pode fazer até cinco, seis, sete, oito andares, se QUISER**]. Mas antigamente não podia fazer não. (FLN 06)

Para ilustrar melhor a expressão da modalidade, recortamos o enunciado formado pelo período que abriga o dado de FS, com intuito de se realçarem as forças modais orientadas ao agente. Vejamos:

Figura 4 – Representação da modalidade de um período que abriga um dado do FS



Os enunciados seguintes configuram-se como atos de fala diretivos, portanto, caracterizando a expressão da modalidade orientada ao falante:

(25) “Quem **QUISER** que venha aqui”¹²⁵. (FLN 22)

(26) “Nos primeiros, ou primeiro e segundo vencimento que tu **RECEBERES** do teu ordenado, você vai me pagar essa dívida”. (FLN 23)

Neste momento, não alongaremos a discussão da modalidade através de exemplificações com usos do FS, posto que os dois capítulos seguintes, de metodologia e análise dos dados, descrevem (e analisam) diversos contextos de uso do FS que ilustram não só a expressão dessas três modalidades principais, como (de maneira mais pormenorizada) a identificação de vários traços/noções modais no enunciado com o dado.

¹²⁵ Lembrando que o uso das aspas nos enunciados remete a discurso reportado nas entrevistas do Varsul.

3.4 O FUTURO: TEMPO E MODALIDADE

O questionamento acerca da definição do futuro como tempo e/ou modo verbal (ou ambos) é um tema relativamente discutido em Fleischman (1982), Comrie (1985) e Bybee *et al.* (1994).

De fato, Fleischman (1982) observa que, ao estudar a variação e desenvolvimento de vários tempos verbais de futuro ao longo da história do latim, desde o seu período arcaico até as atuais formas de futuro presentes nas principais línguas românicas, tem verificado que este é o tempo que mais sofreu variação, transformações e até extinção, ao longo dos séculos. Por exemplo, a autora descreve que comumente o futuro é marcado através de afixos ao verbo, depois passa a ser marcado por auxiliares modais também, ou ainda transformando-se somente em formas perifrásticas e, no final, acaba voltando à forma sintética, quase como um ciclo de variação e mudança que ocorre ao longo de anos e séculos, o que parece ser uma trajetória recorrente aos tempos verbais de futuro em muitas línguas, mostrando quão inconstante é essa categoria.

Na concepção de Comrie (1985, p. 43), embora o futuro seja apresentado essencialmente como um tempo verbal, assim como é o passado, apenas ocupando uma direção oposta (à direita) no diagrama da linha do tempo, a ideia que ele expressa é bem diferente da de passado: este denota algo que ocorreu, portanto imutável, o que o torna mais definido do que o futuro, que possui uma natureza mais especulativa. No futuro, ao contrário, “qualquer predição que façamos sobre ele pode ser mudada por eventos interferentes, incluindo nossa própria intervenção consciente” (*op. cit.*). Dessa forma, o autor argumenta que as diferenças entre passado e presente são de fato de tempo, ao passo que a diferença entre futuro e os outros dois tempos (passado e presente) é essencialmente uma questão mais de *modo* do que de *tempo*.

Isso posto, surge um problema para enquadrar as formas verbais que fazem referência ao tempo futuro, isto é, se devem ser qualificadas como tempo ou como modo, o que, para Comrie, pode ser resolvido através de uma investigação empírica. Explica-se:

No caso do inglês, deve ser notado que o tempo futuro faz uma predição clara sobre o futuro estado de coisas e, dessa forma, é claramente distinto das construções modais que fazem referência a mundos alternativos. Assim, “it will

rain tomorrow”¹²⁶ é uma sentença muito definida sobre um estado de coisas ancorado em um certo tempo subsequente ao momento presente, e sua verdade pode ser testada no tempo futuro através da verificação se vai chover ou não. Pode ser contrastado com “it may rain”¹²⁷, o que é simplesmente uma reivindicação de um mundo possível no qual haverá chuva amanhã (COMRIE, 1985, p. 44, tradução livre).

Em consonância à descrição acima, Bybee, Pagliuca e Perkins (1991; 1994) defendem que o futuro não representa referência ao tempo futuro da mesma forma exata que o passado representa referência ao tempo passado, pois noções de futuro envolvem sempre *hipóteses* (possibilidades), *obrigação*, *volição*, *intenção* (domínios conceituais da modalidade *irrealis*) do falante, e nunca fatos referencialmente concretos, ou seja, asserções *realis*. Dessa forma, tudo indica que o uso prototípico das orações com morfemas de futuro serve para assinalar que uma *asserção sobre o tempo futuro está sendo feita*.

Além disso, os autores observam que as formas de futuro parecem ter sido desenvolvidas a partir das mesmas origens lexicais em várias línguas, como no inglês e nas línguas românicas, seguindo a ideia de gramaticalização. Isso se explica com base ao preceito defendido por Bybee, de que o significado de um morfema gramatical pode ser consequência também de sua origem lexical:

descobertas de pesquisas sobre gramaticalização têm grandes consequências para a teoria do significado gramatical. Primeiro, na maioria dos casos, é a semântica do conteúdo dos itens lexicais que se molda em sentidos gramaticais. Assim, o significado gramatical não é derivado somente por contraste com outros itens do sistema: mais do que isso, ele é, ao menos em parte, um sentido retido do significado lexical originário da forma de origem. Em segundo, as mesmas origens lexicais dão origem às mesmas

¹²⁶“Vai chover amanhã” (tradução nossa).

¹²⁷ “Pode/deve chover” ou “É provável que chova” (tradução nossa).

categorias gramaticais em línguas sem parentescos (BYBEE, 1998, p. 261).¹²⁸

Com base nessa descrição e a partir de uma análise de dados do banco *GRAMCATS*, Bybee, Pagliuca e Perkins (1991) afirmam que os morfemas de futuro tendem a se desenvolver a partir de um pequeno grupo de origens lexicais, que geralmente envolvem modalidades – como volição, obrigação, possibilidade, probabilidade, intenção – atravessando estágios similares de desenvolvimento semântico.¹²⁹ E, dentre essas modalidades, as orientadas ao agente (como volição, obrigação, intenção) são as origens mais comuns para o desenvolvimento de morfemas de futuro, afirmam. Os autores também concluem, a partir de seus resultados, que codificar uma *predição* seja o uso prototípico de morfemas verbais de futuro.

Isso explicaria a interação entre os sentidos modais *irrealis* nos usos de formas codificadoras de futuro e nas formas modais de subjuntivo, o que torna difícil definir categoricamente se o futuro está mais para tempo ou para modo verbal. Mas, mesmo sem ter uma resposta exata para essa questão – que deve ser sempre analisada através de estudos empíricos sobre um dado tempo verbal, segundo Comrie –, é importante ressaltar esse *questionamento*, mostrando que nem sempre os limites entre as categorias tempo, modo e modalidade são fáceis de serem determinados.

A seguir, discorreremos mais sobre a inter-relação entre futuro e subjuntivo.

¹²⁸The findings in grammaticization research have several consequences for a theory of grammatical meaning. First, in most cases it is the semantic content of lexical items that is molded into grammatical meaning. Thus, grammatical meaning is not derived solely from contrast with other items in the system; rather, it is, at least in part, meaning retained from the original lexical meaning of the source items (BYBEE, 1998, p. 261).

¹²⁹A hipótese dos autores é de que há somente um pequeno número de categorias gramaticais maiores, ou *gram-types* (como passado, futuro ou perfectivo) nas línguas do mundo, e que cada uma delas se desenvolveu historicamente via um pequeno número de padrões distintos, como, por exemplo, construções auxiliares com os sentidos de desejo, obrigação, ou movimento para um objetivo.

3.4.1 Futuro, subjuntivo e *irrealis*

Existem claras interações entre tempo e modalidade, e um candidato preferencial para essa conexão é o futuro. Segundo Fleischman (1982, p. 131), parece haver conexões lógicas e universais entre a ideia de futuro e o grupo de modalidades *irrealis* associado a ela. Se uma língua tiver uma expressão de futuro, a temporalidade e a modalidade estarão copresentes.

A ligação conceitual entre futuridade e o *spectrum* de modalidades *irrealis* parece óbvia para Fleischman (1982, p. 133), pois “aquilo que ainda está para ocorrer é um fato desconhecido e incerto, portanto *irrealis*; eventos futuros existem na forma de predições, intenções, vontades, desejos, obrigações e coisas parecidas”. Sendo assim, os futuros constituem uma projeção hipotética advinda do conhecimento experiencial do homem.

Além disso, as principais origens do futuro são um grupo de modalidades nãofactuais: obrigação, volição e intenção, que são frequentemente os usos principais do modo subjuntivo. E o subjuntivo é, em muitas línguas, o modo generalizado do nãofato ou da subjetividade. Dessa forma, a conexão universal entre posteridade e subjuntivo tem sido largamente reconhecida, conforme a autora.

Entre as várias estratégias gramaticais usadas pelas línguas do mundo para expressar subjetividade ou modalidades nãofactuais, a categoria do subjuntivo é de longe a mais conhecida, sendo comumente associada às noções de possibilidade, probabilidade, dúvida, inferências, suposição (modalidades epistêmicas), obrigação, necessidade, intenção e desejo (modalidades deônticas). Em resumo, muitas das funções do subjuntivo se reúnem sob o rótulo geral do eventual, quando há então a sobreposição com a ideia de futuro.

As duas categorias (subjuntivo e futuro) são de larga extensão mutuamente inclusivas. “Enquanto um grupo de pesquisadores tem argumentado que os subjuntivos tendem a evoluir vindo de formas velhas de tempo futuro, outros alegam que o futuro surge de antigos subjuntivos”, diz Fleischman (1982, p. 133).

Nas línguas românicas atuais, o subjuntivo é frequentemente usado com certas conjunções que projetam a ação adiante, como o caso do futuro do subjuntivo. A autora acredita que, devido à sobreposição dessas duas categorias, não é surpreendente que tão poucas línguas disponham de um paradigma explícito de futuro do subjuntivo, como é o caso do português.

Desse modo, parece que, para uma melhor compreensão do uso de formas de futuro e de formas de subjuntivo nas línguas, é necessário admitir antes que há uma estreita e complexa relação entre futuro, subjuntivo e *irrealis*.

3.5 ASPECTO

Nesta seção tratamos do aspecto, última categoria que envolve o domínio funcional TAM (tempo-aspecto-modalidade), com ênfase na concepção do *aspecto lexical*, posto que será um fator controlado na análise.

3.5.1 O aspecto gramatical: definição concisa

Em relação ao domínio funcional TAM, podemos perceber que em razão de sua natureza ‘duplamente *irrealis*’ – futuro e subjuntivo –, o FS está muito mais voltado à expressão da modalidade não fato, juntamente com a ideia de futuridade, do que à de aspecto, ou melhor, à atualização do aspecto em termos de perfectividade ou imperfectividade no enunciado. Para tanto, nos ancoramos na tese de que a maioria das formas de futuro e dos verbos modais não tem como função marcar o aspecto, dado que sua expressão volta-se à marcação das modalidades como, por exemplo, desejo e dúvida, conforme defende Travaglia (1981; 1994), e Castilho (1990, p. 109): “Quanto ao futuro, suas muitas funções modais restringem-lhe a sua atuação no complexo expressivo do aspecto. A noção do aspecto aflora sempre que tais funções se neutralizam [...]”. Já no que concerne a expressão da modalidade e da presença de verbos modais e do subjuntivo, o autor afirma: “o aspecto aflora com maior clareza nas formas indicativas (que exprimem ações objetivas – e o aspecto é uma categoria objetiva), rareando no subjuntivo” (p.100). Nessa direção, Castilho conclui que *volição*, *possibilidade* e *intenção*, de um lado, e *duração*, *completamento*, *repetição*, de outro, são conceitos que tendem a não ocorrerem simultaneamente.¹³⁰

¹³⁰ Além disso, consideramos ainda os resultados de Back (2009, p. 265) que, ao investigar o aspecto gramatical na expressão do pretérito imperfeito do subjuntivo (PIS), identificou que quando o futuro foi tomado como ponto de referência para o PIS, o fator relevante foi a não-atualização do

De todo modo, apresentamos uma noção básica de aspecto, a partir de Klein (2009) e Comrie (1976), posto que, no capítulo cinco, apresentamos uma hipótese que envolve a discussão dessa questão voltada ao aspecto lexical. Outrossim, passamos para definição: “aspecto é uma categoria gramatical do verbo que, num entendimento tradicional, serve para apresentar uma situação de um determinado ponto de vista, por exemplo, como em andamento ou como completa.” (KLEIN, 2009, p. 3). Uma situação em andamentos seria “Eva estava fechando a porta” (aspecto *imperfectivo*), enquanto em “Eva fechou a porta”, há a expressão do aspecto *perfectivo*, cita o autor.

De forma similar, Comrie (1976) define o aspecto como os diferentes modos de examinar uma situação, a partir de sua constituição temporal interna e, dentre esses modos, a distinção entre perfectividade e imperfectividade é a mais comum interlinguisticamente. Para o autor: “Perfectividade indica a visão de uma situação como um todo único, sem a distinção das várias fases separadas que formam/constroem a situação, enquanto a imperfectividade presta atenção especial à estrutura interna da situação” (p. 16). Logo, podemos entender que uma situação perfectiva é vista como um bloco, uma situação completa, ao passo que uma situação imperfectiva realça o fato de a situação ser composta por fases que compõem sua estrutura interna, evidenciando a ideia de que a situação está em curso. Ainda de acordo com Comrie (1985, p. 25), o aspecto imperfectivo pode ser subdividido em *habitual* ou *contínuo*, sendo que esse último ainda pode ser diferenciado em *progressivo* ou *nãoprogressivo*, em resumo.

Passamos então para a discussão do aspecto da situação, que terá um tratamento maior no capítulo cinco, em que discutimos e analisamos os dados de FS.

3.5.2 O aspecto da situação

Em poucas palavras, *aktionsart*, aspecto da situação, ou aspecto lexical refere-se às subdivisões dos tipos verbais segundo traços

(im)perfectividade no que se refere à visão da situação (aspecto gramatical). Ademais, levamos em conta ainda a proposta de Bybee (1985, p. 156-159), que descreve uma longa associação entre futuro e modalidades não factuais através da análise de vários morfemas gramaticais de diferentes línguas.

temporais das situações que descrevem. E uma das subdivisões mais tradicionalmente aceita é a proposta por Vendler (1967), a qual foi tomada como base para essa discussão.

Vendler distingue as classes aspectuais dos verbos em *estado*, *atividade*, *achievement* e *accomplishment*:

Quadro 5 – As classes aspectuais de Vendler (1967)

Estado: descreve situações que ocorrem em todos os instantes ou em algum instante entre t1 e t2 – Ex.: “Maria era bonita”.
Atividade: descreve situações enquadradas num intervalo t – Ex.: “Maria estava caminhando”.
Accomplishment: descreve situações em que há necessariamente um ponto final num período de tempo. Ex.: “Maria estava costurando a toalha”, o que implica que t está num intervalo em que <i>Maria costurou a toalha</i> .
Achievement: descreve situações pontuais em que há um ponto final num instante. Ex.: “Maria venceu a competição culinária”; em algum momento entre t1 e t2 Maria venceu a competição.

Em consonância a essa concepção, Givón (2001, p. 287) divide os verbos segundo aspectualidade inerente em: (i) *verbos compactos* (equivalentes ao *achievement*), que retratam eventos de temporalidade compacta e duração muito curta; (ii) *accomplishment*, que retratam a completude de um evento, mesmo que ele possa ser de longa duração, sendo que o mais relevante nesses casos é que o evento tenha um limite terminal bem determinado; (iii) *verbos de atividade ou processo*, que são a maioria e codificam eventos que envolvem uma dada duração, cujos limites inicial e final não recebem destaque; (iv) *verbos estáticos*, que retratam estado de relativamente longa duração, cujas fronteiras iniciais e terminais não são focalizadas.

Já Comrie (1976, p. 41-51) busca distinguir certas propriedades que ajudam a compor essas classes aspectuais de Vendler, destacando os conceitos *pontualidade*, *telicidade* e a oposição entre situação *estática* e *dinâmica*, que seriam os grandes responsáveis pela distinção entre os aspectos lexicais. Vejamos:

- ⇒ **Pontualidade** (*punctuality*): refere-se à *qualidade de uma situação que não perdura no tempo*¹³¹, ou seja, realiza-se momentaneamente. Situações pontuais não possuem nenhuma duração, diferenciando-se assim das situações consideradas *durativas*. Ex.: ‘*cough*’ (tossir); ‘*John reached the summit of the mountain*’¹³². Segundo o autor, *pontualidade* é comparável à ideia de *achievement* utilizada por Vendler (1967).¹³³
- ⇒ **Telicidade**: um verbo considerado *télico* descreve uma situação que tem um ponto que necessariamente chega ao fim, quando então a situação descrita estará completa, concluída, ou em outras palavras, uma situação que tenha um ponto final. Em *John is making a chair*,¹³⁴ por exemplo, chegará um momento em que John completará a ação de construir a cadeira, ou seja, a situação descrita deverá necessariamente chegar ao fim, diferentemente de *John is singing*¹³⁵ (uma situação atélica). Para Comrie (1976, p. 44), uma situação télica corresponde ao termo *accomplishment* usado por Vendler (1967).
- ⇒ **Situações dinâmicas e estáticas**: situações estáticas caracterizam-se pelo fato de todas as fases da situação descrita serem idênticas, como em *John knows where I live*¹³⁶, ou seja, em qualquer ponto temporal em que recorte a situação, o conhecimento de John é o mesmo, diferentemente de *John is running*¹³⁷, em que as fases da

¹³¹ “[...] means the quality of a situation that does not last in time”. (COMRIE, 1976, p. 42)

¹³² “John atingiu o cume da montanha” (tradução nossa).

¹³³ Todavia, Comrie (1976) observa que é possível se questionar se há de fato alguma situação que seja puramente/estritamente pontual, salvo talvez em contextos muito específicos.

¹³⁴ “John está fazendo/construindo/fabricando uma cadeira” (tradução nossa).

¹³⁵ “John está cantando” (tradução nossa). Nesse caso, John poderá parar de cantar em qualquer momento da ação, que ainda assim a ideia de que John cantou será verdadeira (COMRIE, 1976, p. 44).

¹³⁶ “John sabe onde eu moro.” (tradução nossa)

¹³⁷ “John está correndo.” (idem)

situação serão diferentes. Por exemplo, num momento durante a corrida, John estará com o pé direito no chão, em outro, com esquerdo, etc. Em poucas palavras, uma *situação estática* não envolve mudança (nas fases da situação) e também não necessita de esforço para permanecer estática, ao passo que uma *situação dinâmica* envolve mudança e esforço, ou seja, só continuará se o sujeito continuar a fornecer impulso de energia (Cf. COMRIE, 1976, p. 49).

Vejamus uma síntese de tais concepções através do quadro abaixo:

Quadro 6 – Relação entre traços e classes aspectuais

	<i>Dinamismo</i>	<i>Telicidade</i>	<i>Pontualidade</i>
Atividade	+	-	-
<i>Accomplishment</i>	+	+	-
<i>Achievement</i>	-	+	+
Estado	-	-	-
	<i>Dinamismo</i>	<i>Telicidade</i>	<i>Pontualidade</i>

Fonte: Comrie (1976)

Comrie (1976) justifica ainda que prefere o termo ‘aspecto da situação’, como por exemplo, em *situação télica*, ao invés *verbo télico*, posto que as situações não são descritas somente pelo verbo, mas pelo verbo junto a seus argumentos. Por exemplo, *John is singing*, descreve uma *situação atélica*, ao passo que *John is singing a song* descreve uma *situação télica*, visto que essa segunda situação tem um ponto final bem definido. Em resumo, o autor ressalta que outros fatores, como sujeito e objeto (os argumentos do verbo), podem afetar no aspecto da situação.

Quanto à relação com o FS, a ilustração de dados e a descrição da hipótese que envolve o aspecto lexical serão realizadas nos capítulos que se seguem, sobretudo no quinto, que trata especificamente do tema.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, descrevemos a metodologia utilizada para a seleção da amostra, análise e descrição dos dados organizada através das seguintes seções: (i) amostra; (ii) procedimento de análise; (iii) hipótese central da pesquisa; e (iv) grupos de fatores, elaborados para testar as hipóteses levantadas, de forma a atender ao objetivo de se analisar e caracterizar o domínio funcional do futuro do subjuntivo.

4.1 AMOSTRA

A amostra é composta de dados orais oriundos do Banco de Dados armazenado no núcleo de pesquisa Varsul (Variação Linguística na Região Sul), tendo em vista que a proposta da tese é discutir o uso do futuro do subjuntivo em contextos considerados mais informais e relativamente naturais de interação comunicativa – o que é característico de entrevistas sociolinguísticas –, de modo a captarmos traços que descrevam efetivamente o seu uso e domínio funcional no português falado nas três capitais do Sul, diferentemente do uso da modalidade escrita da língua, mais subordinado à prescrição das regras da norma padrão.

A opção por utilizarmos somente ocorrências de fala justifica-se ainda porque, num primeiro momento – quando chegamos a examinar vários dados de escrita a partir de jornais e de peças de teatro de autores catarinenses –, verificamos que esses se mostraram muito próximos às prescrições das gramáticas normativas, no que tange, por exemplo, ao uso quase que exclusivo do futuro do presente do indicativo na oração principal de construções adverbiais com o FS na subordinada.

Dessa forma, entendemos que uma análise com base na escrita apontaria resultados que poderiam não atender ao propósito da tese, uma vez que se distanciariam de usos mais próximos do vernáculo. Ademais, a probabilidade é sempre de que dados de oralidade apresentem uma heterogeneidade maior em vários aspectos, como, por exemplo, no tipo de conjunção que antecede o FS e na ordem e sequencialidade entre as orações do período composto, o que é mais interessante para a proposta deste trabalho. Logo, uma amostra com dados de fala deve retratar melhor os efetivos contextos de uso do FS.

Os dados foram extraídos de 72 entrevistas do Banco de Dados do Varsul, compostas por 24 informantes da cidade de Florianópolis, 24

informantes de Curitiba e 24 informantes de Porto Alegre, totalizando 534 dados, quantificados pelo programa estatístico VARBRUL – versão Varbwin (AMARAL, 2001).

O Banco do Varsul, em sua formação original, é constituído por amostras de fala de informantes das principais áreas urbanas de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, coletadas na década de 1990. A realização das entrevistas seguiu a metodologia sociolinguística laboviana, sendo que os informantes estão agrupados por escolaridade – (i) até quatro anos; (ii) de cinco a oito; (iii) de nove a onze anos de escolarização –, sexo, localização (cidade e estado), faixa etária – faixa A, de 25 a 49 anos e faixa B, de 50 a 75 anos, e por sexo (feminino e masculino)¹³⁸. As entrevistas são compostas por *discurso semidirigido*, em que o informante tem uma certa liberdade para contar fatos quaisquer, geralmente sobre a sua vida¹³⁹.

O quadro a seguir ilustra como os informantes das três capitais da região Sul estão distribuídos na amostra do Varsul, que foi utilizada neste estudo.

¹³⁸ O banco básico do Varsul contém 288 entrevistas (de cerca de uma hora cada). Atualmente, o banco Varsul já conta com amostras adicionais: mais uma faixa etária (jovem) e mais um nível de escolaridade (universitário), além de entrevistas com informantes de zona não urbana. O *corpus* desta pesquisa é extraído da amostra básica.

¹³⁹ Em razão da liberdade dada ao informante para que ele contasse fatos de sua vida, durante a conversa/entrevista, grande parte dos trechos das entrevistas configuram-se como *narrativas episódicas*, isto é, como “uma unidade semântico-discursiva, com delimitação espaço-temporal, formada por um conjunto de eventos causalmente relacionados, delimitados por um tópico”, de acordo com Freitag (2007, p. 107).

Quadro 7 – Distribuição dos informantes das três capitais do Sul - Projeto Varsul

		CURITIBA		FLORIANÓPOLIS		PORTO ALEGRE	
Escola- riedade	Sexo	Idade					
		25-49 anos	Mais de 50 anos	25-49 anos	Mais de 50 anos	25-49 anos	Mais de 50 anos
até 4 anos de estudo	Mas.	2	2	2	2	2	2
	Fem.	2	2	2	2	2	2
5 a 8 anos de estudo	Mas.	2	2	2	2	2	2
	Fem.	2	2	2	2	2	2
9 a 11 anos de estudo	Mas.	2	2	2	2	2	2
	Fem.	2	2	2	2	2	2
Total	72	12	12	12	12	12	12

A distribuição estratificada dos informantes em três localidades distintas nos permitirá verificar eventuais especificidades no uso/função do FS nos dados, considerando-se essas variáveis extralinguísticas.

4.2 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

Para concretizar o propósito de investigar a multifuncionalidade do futuro do subjuntivo, elaboramos dezessete grupos de fatores (ou variáveis)¹⁴⁰ de natureza linguística, que podem ser distribuídos da seguinte forma:

- ⇒ (i) cinco grupos de fatores que visam investigar a expressão do *tempo* na situação representada pelo FS e no enunciado em que o dado relevante se encontra; (ii) dois grupos que buscam averiguar o *aspecto* das situações descritas pelos verbos do enunciado (período composto) em que se encontra o dado de FS; (iii) dois grupos de fatores voltados à análise da *modalidade* no

¹⁴⁰ Ressalve-se que, apesar de operarmos com grupos de fatores/variáveis, trata-se de um estudo funcionalista e não variacionista, já que nos propomos a descrever a multifuncionalidade do futuro do subjuntivo. Os fatores controlados permitirão caracterizar com mais segurança os contextos de uso do FS.

contexto; (iv) um grupo de fatores que busca identificar a *sequência textual* que caracteriza o enunciado em que está o FS, e um grupo que registra a *pessoa do discurso* na oração com a ocorrência de FS; (vi) quatro grupos de natureza morfossintática, que buscam investigar fatores, como tipo de *conector* e *posição* oração subordinada com FS, além de questões relacionadas ao próprio *item verbal* no FS.

A descrição mais detalhada de cada grupo de fatores e das hipóteses que fomentaram a sua elaboração será realizada ao longo da seção subsequente, que trata especificamente do tema.

Quanto às etapas do procedimento de análise, elas obedeceram à seguinte ordem: primeiro, selecionamos as ocorrências de FS a partir dos dados encontrados na fala dos 72 informantes. Em segundo lugar, realizamos o recorte do contexto comunicativo maior em que apareceu o dado de FS, dentro de um tópico discursivo. Essa ideia de segmentar o discurso através da explicitação de tópicos e subtópicos baseia-se em Gorski (1994), e tem se apresentado como uma estratégia eficiente para analisar as entrevistas sociolinguísticas sob um olhar mais funcional e discursivo, como vemos em Rost Snicheloto (2009), Back (2008) e Freitag (2007), por exemplo. Ademais, a investigação do tópico dominante no contexto mais amplo de ocorrência do FS é pertinente neste estudo, em que discutimos a expressão da modalidade, uma vez que geralmente a atitude (julgamento, avaliação) do falante se revela ao longo da interação comunicativa e, portanto, requer uma análise mais minuciosa do contexto, inclusive a partir do tema proposto pelo entrevistador.

As etapas do procedimento de constituição do *corpus* analisado sintetizam-se da seguinte maneira: (i) localização dos dados de FS na amostra; (ii) delimitação de um tópico discursivo norteador na interação, que é proeminente no contexto em que se encontra a ocorrência com FS a partir da fala/pergunta do entrevistador. Tal procedimento pode ser ilustrado com o seguinte trecho de uma entrevista:

(27) ENTREVISTADOR: *O senhor cozinha?*

INFORMANTE: *Ah! Isso eu sou muito bom de cozinha, barbaridade, qualquer comida que tu me PEDIRES(1).*

ENT: *Então nos conte aí uma receita.*

INF: *Olha, tu já comeste um xinxim de galinha? [...]*

ENT: *E como, que se faz?*

INF: *Ah! Bom, aí pega-se a galinha, bota ela na pia [...]. Depois desfia ela todinha [...], depois quando **DER(2)** aquela primeira fervura, que tu vês o que está fervendo mesmo, aí botas o leite de coco; e aí minha filha, bota o prato na mesa [...] e se **TIVER(3)** uma colher aí pode me dar (que) eu vou firme¹⁴¹. (POA 01)*

O trecho selecionado é representativo, pois além de conter três ocorrências de FS, retrata bem a introdução de um novo tópico à interação comunicativa – o que geralmente é feito pelo entrevistador e, nesse caso, seria “saber cozinhar” –, que já vem seguido de um subtópico relacionado a ele: “receita”, também colocado pelo entrevistador. Além disso, podemos notar que, ao mesmo tempo em que o entrevistador visa introduzir um assunto novo de maneira mais natural possível¹⁴², o informante busca impor sua atitude, modalidade frente ao seu enunciado, no caso, tentando assegurar a verdade de sua proposição “Eu sou bom de cozinha”, ao longo da sua fala, que é uma resposta à indagação feita. Nesse caso, caracterizamos a modalidade ao longo do enunciado como predominantemente epistêmica.

Por fim, no que diz respeito à natureza da análise, observamos que a abordagem se destaca principalmente pelo caráter *qualitativo*, em razão da configuração dos fatores controlados e das diversas correlações posteriormente estabelecidas entre eles; mas há também um forte caráter *quantitativo*, já que lidamos com frequências de uso associadas aos diferentes contextos, buscando delinear usos prototípicos do FS.

Na próxima seção, apresentamos sucintamente a hipótese central da pesquisa, que será mais discutida na análise, seguida das funções gerais que atribuímos ao FS.

¹⁴¹ Observe-se que os termos e expressões-chave nessa discussão estão sublinhados no trecho.

¹⁴² Note-se como a entrevista sociolinguística do Varsul pode ser vista como forma de ‘discurso semidirigido’.

4.3 A HIPÓTESE CENTRAL

A hipótese principal desta pesquisa é de que o futuro do subjuntivo serve à expressão do *irrealis*, tanto das modalidades epistêmica (principalmente), orientada ao falante ou orientada ao agente, como da temporalidade (localização do tempo), principalmente na marcação de futuro. Assim, o FS seria uma forma verbal multifuncional, posto que está relacionado à codificação das categorias futuro e modo/modalidade (não factuais/*irrealis*). Contudo, essa não é uma particularidade do FS, mas um traço comum às formas *irrealis*, que podem assumir funções e valores diferentes, dependendo do contexto discursivo.

Como base dessa ideia, citamos a assunção de Bybee (1998), segundo as quais as formas gramaticais relacionadas ao não fato (*irrealis*) são frequentemente polissêmicas, e de Bybee (1985, p. 186), em que todo subjuntivo tem um sentido mais geral de não assertividade, correlacionando-se aos sentidos mais específicos do contexto em que ocorre, sendo difícil determinar especificamente o que expressa um subjuntivo. Além disso, Givón (1995) correlaciona a gramaticalização do subjuntivo nas línguas à baixa certeza epistêmica ou à fraca manipulação deontica, que são noções que advêm, ou melhor, são associadas ao contexto e à interação comunicativa.

Assim, aventamos que diversos fatores relacionados ao contexto podem influenciar na função do FS, que vão desde a modalidade predominante no enunciado; a relação de tempo entre as orações do período; a própria ordem da oração com FS em relação à principal; o aspecto da situação; a projeção de tempo predominante no contexto; a característica do item verbal lexical no FS; o tipo de oração na qual se encontra o FS, dentre outros fatores. Portanto, a ideia de um estudo abrangente, que contemple todas essas questões, vai ao encontro da própria natureza multifuncional do objeto investigado.

Dentre esses fatores, aqueles relativos ao contexto oracional em que surge o dado – com destaque para o tipo de conector que antecede o FS – seriam uma força importante como motivação para uma expressão do FS mais voltada a funções temporais ou a funções modais, haja vista a pressuposição de que o subjuntivo interage fortemente com os sentidos expressos no contexto. Assim, junto a conectores temporais, o FS provavelmente terá uma expressão mais relacionada à temporalidade no enunciado, visto que a oração temporal explicita uma relação de tempo entre a situação da oração adverbial e a situação da oração

principal, ou ainda especifica o tempo da principal, ao passo que, quando antecedido por um conector condicional, que já projeta o *irrealis* aos termos que o seguem, segundo Givón (2002), é natural que traços modais, como incerteza, possibilidade se sobressaíam no enunciado, associando essas noções à própria expressão do FS.

Para ilustrar melhor a ideia, apresentamos um enunciado que contém duas ocorrências de FS (uma com o conector *quando* e outra com *se*). Nele, percebemos que, no caso em que está antecedido por *quando*, o FS tende a cair no domínio da modalidade epistêmica de maior certeza. Já quando antecedido por *se*, é possível inferir que o falante confere menor certeza à proposição:

(28) Não tentei o vestibular, não tem nada, assim, que, né? Um curso, assim, que me atraia, então eu prefiro trabalhar e **quando DER** vontade de fazer e **se DER** vontade eu vou fazer.(FLN 30)

Assim, quanto ao domínio da modalidade, levantamos a hipótese de que uma das funções mais recorrentes do futuro do subjuntivo no papel de uma forma do modo subjuntivo seria a de assinalar o *irrealis*, expressando, junto a outros elementos da sentença, noções, como possibilidade e eventualidade de uma situação ocorrer em algum momento hipotético, posto que os enunciados hipotéticos devem prevalecer na análise.

No que se refere ao domínio temporal, a hipótese é a de que a função do FS, na maioria dos seus usos, seja de assinalar que uma situação é anterior ou simultânea a outra futura (geralmente expressa na oração principal). Logo, como o próprio nome sugere, a hipótese é de que o FS seja um tempo verbal associado à expressão do futuro na língua, tendo, mais precisamente como valor/significado geral, a ideia de não passado, seguindo os termos de Comrie (1985), visto que ainda pode estar associado ao presente, em alguns usos. Para tal hipótese, tomamos como ponto de partida as descrições gramaticais, além de outros estudos que mencionam o FS, como Reis (2010) e Fleischman (1982).

4.4 OS GRUPOS DE FATORES

Nesta seção, apresentamos cada um dos grupos de fatores, iniciando com aqueles voltados a investigar a expressão do tempo nos enunciados que abrigam a ocorrência de FS, seguidos pelos grupos pertinentes à análise da modalidade nesses enunciados e, por último, os grupos que analisam fatores do contexto morfossintático. Esclarecemos que as justificativas para cada grupo de fatores serão devidamente apresentadas no capítulo de análise, quando as hipóteses serão retomadas com vistas a sua validação (ou não) e discutidas à luz dos resultados obtidos.

4.4.1 Categoria tempo

Como foi visto, a expressão do tempo (*time*) na língua pode envolver diversos recursos linguísticos. Com a metodologia de análise proposta, buscamos investigar como ocorre a codificação do tempo nos enunciados em que o futuro do subjuntivo está, assim como analisar os valores temporais associados ao dado no FS.

Desse modo, neste estudo, realizamos uma análise do futuro do subjuntivo em relação ao seu comportamento como tempo verbal, buscando: (i) identificar valores temporais para o dado de FS; (ii) investigar a expressão da temporalidade no enunciado com o FS, a partir da análise de várias marcas de tempo no contexto; (iii) registrar o tempo verbal do verbo da oração principal que compõe o período com o FS; (iv) discutir acerca da relação temporal que o FS estabelece com outra situação do enunciado; (v) analisar outros elementos no enunciado que também localizam o tempo, como os advérbios e locuções adverbiais. Além disso, o aspecto das situações expressas pelos verbos do enunciado também serão investigados, devido à forte inter-relação entre aspectualidade e temporalidade na categoria verbal¹⁴³.

¹⁴³ Reafirmamos que a proposta desta tese é analisar o FS no domínio complexo TAM (tempo-aspecto-modalidade). No entanto, como a categoria *aspecto* está intimamente relacionada à categoria *tempo* – sendo vista como o tempo interno da situação – e é controlada em nossa análise em função da temporalidade, dada a natureza do objeto investigado, optamos por tratar os grupos de fatores concernentes a aspecto juntamente com os grupos pertinentes a tempo.

4.4.1.1 Temporalidade no contexto

Com o termo *temporalidade*, estamos priorizando a ideia geral de tempo no enunciado, de como o *time* pode ser codificado através de várias estratégias linguísticas. Assim, o que objetivamos é analisar a temporalidade de maneira mais ampla, considerando o contexto discursivo em que se encontra a oração com FS. Buscamos, através da análise de vários elementos do contexto, investigar se a ideia predominante quanto à projeção do tempo no enunciado será de:

(i) projeção futura [+irrealis], *quando houver predição, intenção*, isto é, em contextos marcados por situações descritas por tempos verbais de futuro, ou ainda com outros marcadores de futuridade, como advérbios. Por exemplo, certos enunciados em que o falante faz *planos* ou *deseja* que algo aconteça, ou simplesmente quando faz um predição ou uma afirmação sobre um fato no futuro. Desse modo, entendemos que esses contextos são *mais irrealis*, em função das marcas de projeção futura, volição e predição;

(ii) presente que se estende ao futuro [irrealis]: *quando houver asserções sobre o futuro e sobre o presente num mesmo contexto*. Por exemplo, nos casos em que o falante descreve uma dada situação que está acontecendo no presente e vai se estender ao futuro, carregando um traço de continuidade nas situações descritas; e/ou ainda quando houver marcas¹⁴⁴ de futuro e de presente de forma proporcional no contexto. Por isso, consideraremos esses enunciados como não fato, porém menos *irrealis* que os anteriores;

(iii) presente [realis-irrealis]: *quando são marcados por várias situações no presente, que dão um caráter mais factual ao contexto*. Muitas vezes, esses segmentos estão

¹⁴⁴ Seriam os elementos que codificam o tempo, como os tempos verbais e advérbios, por exemplo.

relacionados à ideia aspectual de habitualidade¹⁴⁵, como, por exemplo, em casos em que o falante descreve sua rotina, incluindo nessa descrição certas situações habituais, que costumam ocorrer. Também podem ser enunciados mais genéricos ou *gnômicos*, que funcionam como verdades universais, em que há o valor aspectual gnômico no presente;¹⁴⁶ ou simplesmente contextos compostos por vários elementos marcadores do *tempo presente*, e até alguns de passado, configurando enunciados mais *realis* ou entre o gradiente *realis-irrealis*. Assim, podemos dizer que são contextos que trazem situações/eventos predominantemente situados num presente habitual, num presente gnômico ou num presente factual.

(iv) *passado* [+*realis*]: quando o informante está simplesmente narrando fatos no passado e, por alguma razão, descreve uma situação ancorada no presente ou futuro, expressa pela oração com FS. Em outras palavras, são contextos caracterizados por vários elementos que marcam o pretérito, por isso são fortemente *realis*.

Em caráter ilustrativo, mostramos ocorrências de cada um dos casos acima, com destaque (negrito) para os itens e expressões que ajudam a formar uma interpretação geral para o tempo nos enunciados:

(29) [projeção futura] **A partir do momento que TIVER esse desenvolvimento todo aí, vai acontecer que todo mundo vai ter**

¹⁴⁵ Para Givón (2001), o *habitual* pode ser considerado um tempo e/ou um aspecto, cujo *status* modal é obscuro, pois, apesar de a maioria das orações habituais serem fortemente afirmadas como *realis*, (são orações fortemente proferidas como verdadeiras), o traço mais importante das asserções *realis* é o fato de que elas pertencem a eventos específicos que ocorrem num tempo específico, e esse traço falta nos enunciados habituais.

¹⁴⁶ De acordo com Mateus *et al.* (1989, p. 93), o valor aspectual gnômico está presente em enunciados que exprimem “verdades científicas ou ideológicas e em enunciados definitórios, tanto uns como outros descrevem estados de coisas a que é atribuído o estatuto de verdades atemporais e eternas.” Por exemplo, “Se atingir 100 graus, a água entra em ebulição”; “A terra gira em volta do Sol.”

seu emprego, todo mundo **vai ganhar**, bem, né? E o camarada não **vai precisar arriscar** roubar e tal, né? (POA 15) {*predição*}

(30) [**projecção futura**] Se Deus me **DER** vida e saúde, eu não **vou ficar**, né? Talvez eu **vá fazer** marmita pra fora de casa, **botar** uma ajudante, assim, que o meu **sonho** na vida **é** comprar meu carrinho zerinho... Se **DER**, eu compro. Mas isso aí eu **sei** que Deus **vai me ajudar** e Deus **vai me dar** saúde. (FLN 16) {*intenção; plano*}¹⁴⁷

(31) [**presente estendido**] A Flávia, **enquanto** ela, né, **PUDER** aguentar o estudo dela, vai. Depois **é**, se não **AGUENTAR**, ela trabalha. Ela ganha pra pagar o estudo dela. Na medida do possível, sempre dando a força pra ele. Mas no momento que ele não **QUISER** estudar, aí eu não posso forçar também, né.¹⁴⁸

(32) [**presente**] Eu **gosto** muito de cantar. [...] Você **levanta** o manto de Jesus, assim, né? **Fico cantando** atrás. Porque mesmo na missa que eu **vou** no sábado, se **FOR** pra mim cantar no microfone, eu não **canto**. (CTB 20) =>+ **habitualidade**

(33) [**presente**] Então, **pega** um copo que tem leite e faz xixi, se **TALHAR** o leite **é** porque tu **estás** grávida. (FLN 20) =>**gnômico**

(34) [**presente**] Assim, eu **acho** que aqui em Curitiba, não tem? Não **conheço** todas as firmas, mas **acho** que eu se **TIVER** poucas que **têm** essa aparelhagem que nós **temos** ali, **são** poucas, sabe? (CTB 19) =>**factual**

¹⁴⁷ Observe-se que itens lexicais, como sonho, também podem contribuir para um sentido geral de futuridade no contexto. Neste caso, ainda, a ideia de projeção visivelmente interconecta-se com as modalidades deônticas de intenção e volição.

¹⁴⁸ Observar que, por vezes, usa-se a grafia dos termos estende/estendido, factual e mais geral se dá com aspas, para atender apenas a critério didático-metodológico, para identificar (e realçar) as subclasses de usos do presente encontrados nas amostras da pesquisa, que não atendem à classificação tradicional.

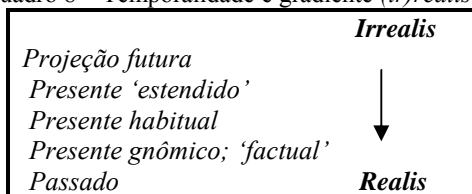
(35) [passado] Eu **lembro** que o meu pai **trazia** pra gente, e ele **tinha** oito filhos, então, **trazia** pra gente vinte pães ... Que naquela época **tinha** fartura, porque o custo de vida **era** melhor, entendeu? Então ele **trazia** vinte pães, **trazia** um potezinho de mel, um vidrinho, que seja lá o que, que **FOR**. Mas mel puro. (FLN 02)

A nosso ver, a análise da temporalidade sob um olhar mais amplo e através de uma escala gradual, permite captar desde os contextos com mais futuridade até os mais ancorados no passado – até porque categorizar a expressão do tempo de forma mais exata seria difícil, visto que não é possível simplesmente quantificar os elementos codificadores de tempo e determinar um tempo geral.¹⁴⁹ Também ficou claro, através dessa categorização, que a temporalidade acaba se intersectando com a modalidade, ou melhor, distribuindo-se ao longo da “escala *realis-irrealis*”, e também com o aspecto – visto agora de maneira mais ampla no enunciado, através de sentidos como habitual –, configurando-se assim a inter-relação entre esses três domínios que compõem o TAM.¹⁵⁰

Dessa forma, foi possível ainda refletir sobre a ideia de temporalidade de forma escalar com a expressão da modalidade num *continuumrealis-irrealis*.

¹⁴⁹ Diferentemente de quando se analisa o tempo a partir de um ponto de referência temporal numa única sentença, acreditamos que não há como simplesmente calcular quantas sentenças são de futuro, quantos são os advérbios de passado, etc., e daí tirar uma média exata que forneça a ideia de tempo predominante no enunciado.

¹⁵⁰ Nesta perspectiva, não estamos investigando o *aspecto* ligado a um dado paradigma verbal, como perfectivo ou imperfectivo no pretérito perfeito e imperfecto, por exemplo, nem ao tipo de evento ou aspecto lexical (por exemplo, se a situação é estática ou dinâmica), mas, acima de tudo, estamos analisando um aspecto que se apresenta de maneira mais sutil, que pode ser interpretado através de informações explícitas ou implícitas no contexto. Do mesmo modo, a questão da *modalidade*, que está sendo interpretada através de pistas contextuais, na hora de considerarmos um contexto como *mais ou menos irrealis*, diferentemente de quando identificarmos a modalidade predominante no enunciado com FS.

Quadro 8 – Temporalidade e gradiente (*ir*)*realis*

Assim, em resumo, os fatores controlados nesse grupo são: (i) *futuro*; (ii) *presente estendido ao futuro*; (iii) *presente habitual*; (iv) *presente gnômico*; (v) *presente factual*; (vi) *presente geral*; (vii) *passado*.

4.4.1.2 Tempo verbal da oração principal

Pretendemos, através deste grupo de fatores, averiguar quais são os tempos verbais das orações principais que aparecem no período composto no qual a oração com FS se combina. Para tanto, serão quantificadas as ocorrências de cada tempo verbal encontrado no contexto sintático.

Com base em descrições sobre os tempos verbais de construções adverbiais condicionais no PB, como Neves (1999) e Reis (2012a), além da pesquisa anterior sobre o FS, Reis (2010), suspeitamos que os principais tempos verbais encontrados nas orações principais serão o presente do indicativo e o futuro do presente do indicativo, em maior frequência, seguidos pelo presente do subjuntivo e pelo imperativo.

Além disso, pretendemos verificar a expressão temporal 'real' do presente do indicativo nesses contextos sintáticos, ou seja, o seu sentido depreendido no contexto de uso. Isso porque tomamos como pressuposto que a relação entre *time* e *tense* nem sempre terá uma correspondência simétrica – como foi visto na discussão teórica sobre tempo – podendo ser afetada por outros elementos do contexto, o que significa assumir que um certo tempo verbal pode estar descrevendo uma situação que se localiza em um intervalo de tempo distinto do que o seu significado básico (como tempo verbal) indica. Isso porque, na literatura sobre tempo verbal, muitos autores pontuam exemplos (interlinguísticos) de uso de formas verbais de presente, cuja interpretação é de futuro, inclusive em construções condicionais com projeção futura, contexto sintático comum ao uso do FS.

É o que podemos ver na ocorrência rerepresentada a seguir, em que a forma verbal no tempo passado expressa um valor temporal de presente, cuja interpretação é ativada pela presença do advérbio de tempo no enunciado:

(36) Se você *souber* a causa disso, o mundo talvez *hoje estava...*
(FLN 13)¹⁵¹

Por tal razão, essa será uma questão considerada na análise, mais precisamente através da investigação mais acurada dos dados de presente do indicativo de modo a distinguirmos aqueles que parecem denotar situações futuras dos demais. Logo, não ficamos sujeitos a uma análise que contempla somente o registro dos tempos verbais, mas leva em conta também a sua interpretação temporal sustentada pelo contexto.

Para ilustrar melhor nossa perspectiva de análise, mostramos dois dados em que consideramos que as ocorrências de presente do indicativo na oração principal possuem interpretação de futuro:

(37) [**presente do indicativo = futuro**] É, tentar. Se ela **TIVER** sorte, um dia ela **passa**. (FLN 17)

(38) [**presente do indicativo = futuro**] Que o próximo presidente, se **for trocado**, dia primeiro de janeiro de noventa e cinco, que (ele) **assume**, né? (CTB 20)

Nesses enunciados, podemos perceber que os eventos *passa* e *assume* não são cotemporais ao momento de fala, ou seja, não estão situados no presente, mas no futuro, que já foi assinalado anteriormente no enunciado. Dessa forma, nesta análise levamos em conta a expressão da temporalidade no enunciado maior, ao invés de somente registrarmos que o tempo da oração principal é de presente, retratando

¹⁵¹ A partir da análise do contexto maior da ocorrência, poderíamos inferir que o termo ausente que completaria o sentido do enunciado seria diferente. Veja-se o contexto maior:

INF: [...] Porque se você *souber* que está aqui numa missão, segundo o espiritismo, você está aqui porque Deus mandou, católico. Mas *se você souber a causa disso, o mundo hoje estava...*

ENT: Seria outra coisa, né?

INF: Seria outra coisa [...] (FLN 13)

assim, de forma mais detalhada o que acontece em termos de expressão temporal nesses sintáticos comuns em que frequentemente o FS ocorre.

Além desse caso, incluímos ainda um fator denominado de *presente modal*, com o intuito de diferenciarmos também os dados de presente que tenham natureza modal, ocupando a posição de auxiliar numa locução, onde atuam como típicos auxiliares modais, como pode ser visto na ocorrência (44) subsequente. Essa diferenciação justifica-se, visto que podemos considerar que esse perfil modal do verbo acarreta uma leitura temporal de projeção futura para a situação descrita, em função da presença do *irrealis*.

Entretanto, vale ressaltar que a leitura de futuridade é sempre mais forte nos enunciados em que o tempo da oração principal é o futuro do presente do indicativo.

A seguir, então, descrevemos os fatores e subsequentemente apresentamos alguns dados ilustrativos: (i) *presente do indicativo*; (ii) *presente do indicativo ‘modal’*; (iii) *presente do indicativo com ‘ideia de futuro’*; (iv) *futuro do presente do indicativo*; (v) *imperativo*; (vi) *presente do subjuntivo*; (vii) *outros tempos verbais*; (viii) *não houve verbo principal*.

Antes de apresentarmos os dados, cabe esclarecer que, nas ocorrências consideradas como de *futuro do indicativo*, estão incluídos não só os casos das formas referentes ao paradigma do futuro do presente do indicativo, como no exemplo, *cantarei*, mas também o chamado futuro perifrástico, formado pelo verbo *ir* mais o verbo no infinitivo, como em *vou cantar*, que parece ser a forma bem mais recorrente no português usual, inclusive nos dados da amostra.

(39) [**futuro do presente do indicativo**] Ah, é, se eu não **PRECISAR**, eu nunca sairei daqui.

(40) [**futuro do presente do indicativo ‘perifrástico’**] Quando eles *crescerem*, eles não vão trabalhar. (CTB 19)

(41) [**imperativo**] Cada um faça o que *achar* melhor da sua vida. (POA 15)

(42) [**presente do subjuntivo**] Seja com *quemfor* que eu esteja conversando, ele me volta assim naturalmente, tu entendes? (FLN 11)

(43) [**presente do indicativo**] Eu acho que se *tiver* poucas que [*têm* essa aparelhagem que nós *temos* ali], **são** poucas, sabe? (CTB 17)

(44) [**presente do indicativo ‘modal’**] Então, a comunidade nossa, então eu digo que quem *quiser* pertencer a essa comunidade **tem que** *caminhar* em cima da água. (POA 02)

(45) [**presente do indicativo com ideia de futuro**] Se eu *chegar* a me aposentar, [talvez seja pela idade, né,] meus planos **é** ir pra casa. (FLN 07)

É interessante observar que, mesmo no enunciado (40), cujo verbo principal está no futuro do indicativo, percebemos que a asserção “Eles não vão trabalhar” não remete a um futuro *qualquer*, que se localiza em qualquer momento que seja posterior ao MF, como *amanhã*, *no próximo mês*, etc., como provavelmente seria o caso de um futuro numa oração simples, mas trata-se de um futuro mais específico, que foi delimitado por um intervalo de tempo expresso pela oração temporal “Quando eles crescerem”. Dito de outra forma: temos um *futuro* que está ancorado num intervalo de tempo específico no futuro, que foi determinado pela oração temporal, função essa comum às orações adverbiais temporais com o conector *quando* (ou *when-clauses*), de acordo com Declerck (1997).¹⁵²

Esse olhar é interessante para visualizarmos que a expressão do tempo pelas situações num período composto podenão ser tão simples como se descreve tradicionalmente, uma vez que se olha para o uso do tempo verbal no contexto discursivo.

4.4.1.3 Relação de tempo entre a situação descrita pelo FS e outra situação

O objetivo, com este grupo de fatores, é verificarmos possíveis relações de tempo entre a situação descrita pela oração com FS e uma outra situação do enunciado, geralmente a situação descrita pelo verbo da oração principal da construção complexa – quando houver essa

¹⁵² Mais precisamente, o autor delimita essa função às orações ditas *when-clauses* no inglês.

relação temporal. Desse modo, buscamos verificar se a ocorrência com FS expressa uma situação que ocorre de maneira *anterior*, *simultânea* ou *posterior* a outra, visto que as descrições gramaticais tendem a afirmar que os verbos no FS geralmente expressam eventos/situações futuras e anteriores a outros eventos/situações futuros.

No entanto, vale observar que, no caso das adverbiais temporais, as relações de tempo entre as duas situações da construção sintática podem ser ainda mais subespecificadas, além dessas três noções tradicionalmente descritas. Por exemplo, em português, Braga e Paiva (2013, p. 5) descrevem que “a relação temporal que se instaura entre as partes constitutivas de uma oração complexa pode ser segmentada em superposição ou simultaneidade coextensiva, anterioridade, anterioridade imediata, posterioridade, limite temporal e contingência.”¹⁵³

Todavia, como os fatores investigados devem ser aplicáveis a todos os tipos de construções de subordinação, incluindo as relativas, e considerando ainda que, em alguns casos, é possível que não haja uma ligação temporal entre as situações da construção – até porque os dados tratam de registro oral da língua –, os fatores considerados para análise são: (i) **cotemporalidade** – quando a situação descrita pelo FS é cotemporal, geralmente simultânea a outra situação descrita no enunciado; (ii) **anterioridade** – quando a situação descrita pelo FS é anterior a outra; (iii) **posterioridade** – quando situação descrita pelo FS é posterior a outra; (iv) **fraca ou nula relação temporal** entre as situações; e (v) *não houve oração principal*.

Primeiramente, citamos algumas ocorrências para ilustrar a ideia de anterioridade e simultaneidade:

(46) [**anterioridade**] Se uma professora hoje, se **FIZER** isso, ela **vai** pra cadeia.¹⁵⁴(CTB 02)

¹⁵³ Além disso, Givón (2001, p. 330) também especifica as seguintes relações de tempo especificadas por conectivos em adverbiais temporais no inglês:

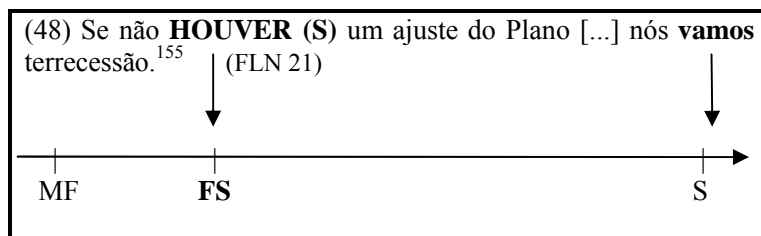
a. **Precedence**: When she came, he had already left. b. **Subsequence**: When he got up, she did too. c. **Simultaneity**: When she lived there, everybody was real friendly. d. **Point coincidence**: When he opened the door, she shot him. e. **Terminal boundary**: When you start, just keep going. f. **Initial boundary**: When you're done, tell me. g. **Intermediacy**: When he's done and she's no yet started, that's when you should enter.

¹⁵⁴ Observa-se que, neste caso, a situação denotada pelo FS pode estar localizada em qualquer ponto entre o presente e o futuro.

(47) [**simultaneidade-cotemporalidade**] Enquanto nós **TIVERMOS** essa classe de políticos aí, não **melhora**. (POA 15).

Como podemos notar, a ideia de simultaneidade nesse último enunciado é fortalecida pelo próprio sentido de *enquanto*. Entretanto, esclarecemos que optamos por utilizar o termo cotemporalidade, ao invés de *simultaneidade*, para que o fator possa acomodar os casos em que a simultaneidade não é *total* ou *parcial*, nos termos de Neves (2000). Sobre essa questão, Braga e Paiva (2013) também diferenciam a simultaneidade em “coextensiva” – *quando o espaço temporal expresso pelas duas orações é compartilhado*, pelo menos em grande parte (como no dado 47 acima)–, ou “superposição” – *quando o espaço de tempo é mais claramente recortado e que não é compartilhado em sua inteireza pelo estado de coisas expresso pela outra oração nuclear*. (p.18)

No próximo enunciado, também identificamos que a situação descrita pelo FS é *anterior* à situação descrita na oração principal. Para ilustrar tal descrição, fizemos uma representação na linha do tempo:



A seguir, mostramos alguns trechos em que não há uma relação temporal clara e explícita entre as situações no FS e uma situação codificada como principal, embora essa relação possa ser interpretada no contexto. Vejam-se os dados:

(49) Inclusive eu estava conversando com um colega que, aqui, essa área pertencente aqui ao Hospital São Pedro, que tem uma área enorme, [se você **OBSERVAR** aqui quando **PASSAR** pra

¹⁵⁵ Em nossa análise, optamos por utilizar MF para designar o momento de fala; e FS para designarmos a situação (ou evento) denotada pelo verbo no FS, além de S para a situação principal do período.

lá, uma área enorme, coisa mais linda, ainda até que derrubaram muro ali, percebeu?] (POA 02)

(50) Quem sabe se o Dunga **FOR** pegar e levar a Lilian, também, né? Numa dessas, você que já tem uma base, que já sabe como funciona, né? (CTB 20)

Em (49) é possível subentender que há uma oração implícita, possivelmente algo, como “Quando você passar pra lá, (*você vai ver*) uma área enorme”. Nesse caso, haveria uma relação cotemporal entre as situações/eventos do período. Já em (50), poderíamos interpretar que o enunciado mais completo seria algo, como “Se o Dunga for pegar e levar a Lilian, você e ela poderiam participar também”, quando se identificaria uma leve sequencialidade entre os eventos.¹⁵⁶ Na verdade, esse último enunciado trata de uma condicional pragmática, que funciona como uma sugestão, no caso, um convite do informante para o entrevistador, ou seja, trata-se muito mais de um enunciado voltado a funções discursivo-pragmáticas que se sobrepõem em relação à codificação de noções gramaticais, no caso dos tempos verbais.

Por fim, destacamos um último contexto, por ele apresentar três ocorrências do verbo *quiser*, cuja relação de tempo com outras situações do enunciado não é tão fácil de ser determinada. Vejamos:

(51) Ele **tem** a liberdade de fazer o que ele **quiser(a)**. Se ele **quiser(b)** ser ruim, ser mal, é problema dele. Se ele **quiser(c)** ser bom, ‘*tudo bem*’. É um caminho que ele seguiu, né? (POA 17)

No primeiro período, o FS (a) descreve uma situação posterior à da oração principal, enquanto no período seguinte (b) a relação de tempo entre as situações parece ser mais fraca, sendo que, no máximo, identificamos uma ligeira cotemporalidade entre elas. Já em (c) observe-se que não há uma oração principal, mas somente a expressão “tudo bem”.

A seguir, tratamos mais especificamente da expressão temporal associado ao verbo no futuro do subjuntivo, que é o objetivo da investigação do próximo grupo de fatores.

¹⁵⁶ Para tanto, é preciso recuperar várias informações trocadas pelos interlocutores no contexto, para supor que o informante quer convencer uma pessoa conhecida por ambos e citada na conversa chamada Lilian e a própria entrevistadora para participar de um evento na igreja, tipo um ensaio.

4.4.1.4 Expressão temporal do FS

O objetivo com este grupo de fatores é investigar o comportamento do futuro do subjuntivo como *tempo verbal*, através da análise da real expressão de tempo denotada pela oração com FS no contexto. Para tanto, foram estabelecidos fatores para cada valor, isto é, para cada referência de tempo que possa ser associada à ocorrência de FS, a princípio: *futuro, presente e passado*; e ainda, para incluir os casos em que não tenha sido identificado claramente um significado temporal, criamos um fator chamado *valor temporal indeterminado*, em que poderão ser incluídas as ocorrências mais voltadas a funções modais. Assim, estamos focalizando nesta análise a localização temporal da situação do FS em relação ao momento, situação de fala, o que corresponde ao seu significado de tempo verbal futuro¹⁵⁷.

A expectativa é de que a situação descrita pelo FS esteja comumente situada num intervalo de tempo qualquer entre o presente (um presente pontual ou que se estende ao futuro) e o futuro (imediatamente ou distante). Em particular, no caso das condicionais, percebemos que geralmente o falante projeta sua hipótese para o futuro, tendo como base sua avaliação e conhecimento naquele momento. Por outro lado, nas ocorrências inseridas em orações relativas, a expectativa é de que o FS tenha pouca ou nenhuma relação com a codificação do tempo no enunciado, podendo se comportar quase como um tempo relativo, quando será no máximo cotemporal ao intervalo de tempo descrito na oração principal.

Assim, através deste grupo de fatores, o propósito é de analisar o tempo em que está a situação no FS em relação ao MF, tendo como escopo principal a expressão de tempo na oração que contém o FS, sem discutir diretamente a relação do tempo entre o FS e o verbo principal da construção, até porque essa já foi investigada separadamente. Ademais, seria complicado considerar o tempo da oração nuclear como ponto de referência temporal principal da construção e para o FS, se tomamos como premissas que: (i) nem sempre há uma correlação direta entre *time* e *tense* na sentença, principalmente quando se trata de formas de presente numa construção complexa, ou seja, apesar de o tempo verbal ser de presente do indicativo, a situação principal pode estar no

¹⁵⁷ Já a relação de tempo estabelecida entre o FS e outra situação no enunciado já foi investigada através de outro grupo de fatores, conforme visto.

futuro, como foi discutido, o que poderia ‘distorcer’ a interpretação do tempo no enunciado; (ii) as orações adverbiais não são tão integradas e dependentes das principais, inclusive quando se trata de expressão temporal, sobretudo quando se analisa o tempo verbal no discurso, onde encontramos contextos em que essas orações podem estar bem distantes uma da outra, sem contar o caso das orações temporais que, muitas vezes, têm como função especificar o intervalo de tempo da situação da oração principal.

Isso posto, consideramos que as possibilidades de expressão temporal para as ocorrências de FS serão as seguintes, que se constituirão em fatores do grupo: (i) *futuro*; (ii) *presente*; (iii) *presente relativo (fraco)*; (iv) *valor temporal indeterminado*; e ainda (v) *passado*, caso apareça algum caso.

A seguir, mostramos alguns dados para ilustrar os fatores:

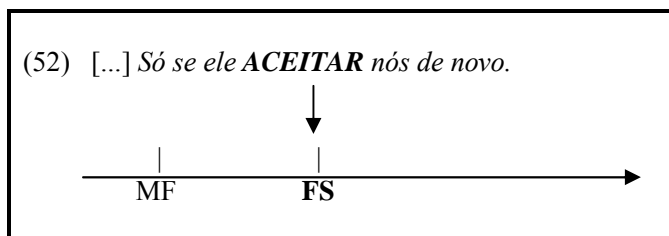
(52) [**Futuro**] E agora onde é que nós vamos trabalhar? Só se ele ACEITAR nós de novo. (FLN 32)

(53) [**Presente**] Se Deus **FOR** negro, se eles aceitam, porque que não vão aceitar os outros negros. São pessoas iguais umas as outras, são todas iguais. (FLN 25)

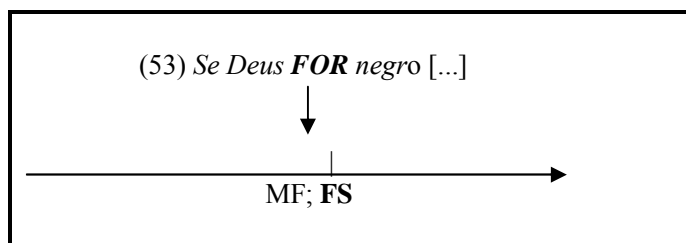
(54) [**Presente relativo ‘fraco’**] E existem enfermeiras, enfermeiros e médicos e cada um tem o seu caráter. Às vezes eles estão nervosos demais com os problemas deles, seja lá o que FOR, e eles jogam pra os coitados dos doentes que aparecem lá moribundos. (CTB 06)

(55) [**Tempo indeterminado/maior força modal**] Até eu me operar pra ficar bom se Deus QUISER, vou ficar bom, se Deus QUISER. (POA 10)

Para finalizar, apresentamos e comentamos alguns dos dados, através da representação na linha do tempo:



Podemos observar que *aceitar* denota uma situação localizada num momento posterior ao momento de fala. Vamos, então, ao próximo dado:



No enunciado acima, a hipótese *Se Deus for negro* está situada no presente. Trata-se de uma dúvida, um questionamento do falante sobre um fato simultâneo ao momento de fala. Inclusive, o FS parece ser intercambiável com o presente do indicativo nesse caso, como em *Se Deus é negro*. Nesse caso, o uso do subjuntivo parece retratar apenas menor certeza em relação à informação, se comparado ao uso do indicativo.

Em (54), o valor de presente associado ao FS em *for* é fortemente dependente da referência de tempo indicada pelo verbo da oração principal *seja* que, por sua vez, parece tomar como ponto de referência o tempo presente da situação *estão*, numa construção muito mais integrada que a anterior. Assim, consideramos esse dado como de presente relativo, visto que os tempos relativos tomam algum outro ponto de referência de tempo que não seja o MF, tendo uma localização temporal sujeita a essa referência de tempo.

Por fim, em casos, como (55), é difícil identificar um valor, algum significado de tempo na expressão do FS na sentença – *Se Deus quiser* –, que parece ter uma nuance modal muito forte, cuja função está mais para imprimir um desejo do falante do que codificar uma hipótese, condição, ou mesmo possibilidade.

A partir dessa discussão inicial, que contou com a exposição de alguns dados, foi possível percebermos que a expressão de tempo pelo FS não segue um padrão único, nem corresponde somente ao significado gramatical de futuro que lhe é atribuído, refletindo, assim, o comportamento de uma forma com mais de uma função.

4.4.1.5 Aspecto da situação descrita pelo verbo no FS

Com esse grupo de fatores, pretendemos verificar quantitativamente como os dados de FS encontrados na amostra se distribuem conforme o aspecto da situação ou aspecto lexical, que basicamente se refere às subdivisões dos tipos verbais, segundo traços temporais (internos) das situações/eventos.

De início, suspeitamos que inúmeras destas ocorrências descritas pelos verbos no FS sejam ‘não-dinâmicas’, visto que muitas ocorrências devem ser de verbos de modalidade, além de verbos de estado, o que está de acordo com a expectativa de que os contextos de uso do FS são marcados pela modalidade *irrealis*, sobretudo por julgamentos epistêmicos do falante, bem como por enunciados condicionais, situados em um ‘mundo hipotético’.

Para elaboração dos fatores desse grupo, tomamos como base principal a divisão proposta por Vendler (1967), dos tipos verbais em quatro classes, que vai ao encontro da subdivisão vista em Givón (2001), além de outras questões e propriedades referentes ao aspecto da situação discutidas em Comrie (1976) – de acordo com o que foi descrito na subseção 3.5.2 sobre aspecto lexical, no capítulo anterior. Assim, os dados serão analisados seguindo as quatro classes aspectuais dos verbos em *estado*, *atividade*, *achievement* e *accomplishment*, com uma distinção extra para as situações não dinâmicas que tiverem ainda um traço de modalidade inerente em função do tipo de verbo. Vejamos alguns dados:

(56) [**Atividade**] Se alguém **BATER**, eu vou atender. (POA 10)

(57) [**Accomplishment**] Quando eles **CRESCEREM**, eles não vão trabalhar. (CTB 19)

(58) [**Achievement**] Quando **eu MORRER**, eu não quero nem flor e nem vela. (CTB 08)

(59) [**Estado**] Se você não **FOR** comunicativo, você não vai ter nada. (CTB 01)

(60) [**Modalidade**] A mulher, hoje em dia, elas querem andar de coxa de fora, mostrando tudo, se **PUDER** se mostrar pra homem ver, ficar a perna mais bonita, pra ser cantada. (FLN 16)

Por fim, cabe esclarecer que: (i) sob o rótulo de verbos de modalidade, estamos enquadrando os itens verbais que lexicalmente já são inerentemente *irrealis*, como *gostar*, *querer*, *procurar*, *sonhar*, *esperar*, *pensar*, *acreditar*, *achar*, *precisar*, e os verbos que podem ser considerados como modais, seguindo a proposta givoniana; (ii) o fator modalidade foi incluído apenas por uma questão metodológica prática, não sendo, portanto, considerado uma classe aspectual, até porque os verbos modais não atualizam aspecto, segundo Travaglia (1994). Dessa forma, evitamos a criação de um segundo grupo de fatores voltado especificamente para distinguir os verbos de modalidade e modais do restante dos verbos, o que se trata de um ponto importante no estudo do FS, visto que um das hipóteses é de os usos do FS mais modais já sejam motivados pela natureza *irrealis* de determinados itens verbais.

4.4.1.6 Perfil do verbo da oração principal

Com esse grupo de fatores, buscamos caracterizar o perfil mais geral do verbo da oração principal que compõe a construção sintática com o FS na subordinada. Para tanto, analisamos de maneira sintética e conjunta: o traço aspectual do item verbal; sua natureza modal ou não; e ainda se o verbo se apresenta como auxiliar, cujo propósito é investigar se o tipo de verbo da oração principal pode estabelecer alguma correlação significativa ao domínio funcional do FS, ou seja, a determinadas funções do FS. Basicamente controlamos: (i) se as ocorrências portam ou não o traço aspectual de dinamismo, conforme definição de Comrie (1976); (ii) se os verbos são modais ou de modalidade inerente ou não, tomando como base Givón (1995; 2001); e (iii) e se os verbos se apresentam como auxiliar numa locução.

O controle desses fatores permitirá também traçarmos correlações possíveis entre os diferentes tipos de verbo da oração principal e a própria modalidade no contexto. Por exemplo, se em um enunciado houver um verbo principal que seja auxiliar modal, muito provavelmente o enunciado já tenha uma modalidade *irrealis* bem

marcada, e o uso do FS também esteja voltado à modalização no contexto, como vemos no dado seguinte:

⇒ E se tu **QUISERES** colocar, tu **podes** colocar salame ou não.

Em face do exposto, os fatores que compõem esse grupo estão ilustrados na sequência:¹⁵⁸(i) *verbo principal + dinâmico: atividade e accomplishment*¹⁵⁹; (ii) *verbo principal – dinâmico: estado e achievement*; (iii) *verbo principal (– dinâmico) de modalidade*; (iv) *verbo auxiliar modal*; (v) *não houve verbo principal*.

(61) [Principal +**dinamismo**] Se a senhora *for* viva e eu *morrer*, primeiro a senhora **ponha** aquelas florzinhas verdade. (CTB 8)

(62) [Principal –**dinamismo**] Se **for** pra mim conversar com aquela gente mais acima um pouquinho do que eu, eu **sei** entrar e sair direitinho, minha filha. (CTB 8)

(63) [Principal de **modalidade**] Se *quiser* conseguir, **consegue**. (FLN 17)

(64) [Auxiliar **modal**] A gente quando *ficar* velho **tem que** aproveitar alguma coisa, né? (POA 06)

(65) [Nao houve] Se *interessar*, *tudo bem*. (CTB 13)

4.4.1.7 Presença de advérbios no contexto

Conforme apresentamos na fundamentação teórica, os advérbios temporais são uma das categorias responsáveis pela codificação do tempo, segundo vários autores, como Klein (2009) e Comrie (1985). Mais que isso, ao contrário das categorias tempo verbal e aspecto, os advérbios temporais são encontrados em todas as línguas, ou seja, não

¹⁵⁸ Note-se que verbo principal remete ao verbo da oração principal e não à ideia de verbo pleno.

¹⁵⁹ Essa classificação para aspecto da situação foi apresentada anteriormente na revisão teórica, e está baseada principalmente em Vendler (1967).

há como refutar sua importância na expressão do tempo, defende Klein (2009), que ainda esclarece: “funcionalmente eles podem descrever diferentes traços temporais, tanto como posição na linha do tempo (*agora, ontem, próximo ano*), duração (*por duas horas*), frequência (*raramente*), e muitos outros, cujo papel preciso não é fácil de especificar (*ainda, novamente*)” (p. 3).¹⁶⁰

Desse modo, consideramos relevante ter um grupo de fatores que visa investigar a presença e o papel dos advérbios e locuções/expressões adverbiais de tempo (e frequência) nos enunciados em que os dados de FS se realizam. Mais precisamente, a proposta é verificar quais os tipos de advérbios de tempo que estão presentes nos contextos linguísticos em que surgem as construções com FS, para depois quantificá-los.

Posteriormente objetivamos também correlacionar o uso de certos tipos de advérbios de tempo com a designação temporal atribuída ao FS em seu contexto de ocorrência, ou seja, analisarmos a *interação* entre a codificação do tempo pelos advérbios temporais e pelos tempos verbais num mesmo enunciado. Muitas vezes, essa interação pode gerar conflitos, como parece ser o caso de (66):

(66) Se você **SOUBER** a causa disso, o mundo talvez **hoje** estava
...(FLN 13)¹⁶¹

Nesse dado, nota-se que o verbo da oração principal *estava*, embora na forma de pretérito, tem interpretação de presente, uma vez que o advérbio *hoje* o antecede no enunciado. Casos como esse podem ser explicados através do que Comrie (1985) chama de conflito entre referências de tempo no contexto.

Nas gramáticas normativas, geralmente encontramos uma seguinte listagem de advérbios de tempo do português: *breve, agora, hoje, logo, amanhã, depois, sempre, ontem, anteontem, antes, tarde*,

¹⁶⁰ Functionally, they can describe very different temporal features, such as position on the time line (now, yesterday, next year), duration (for two hours), frequency (rarely), and many others whose precise role is not easy to determine (still, again). (KLEIN, 2009, p. 3)

¹⁶¹ O contexto maior da ocorrência é:

INF: [...] Porque se você souber que está aqui numa missão, segundo o espiritismo, você está aqui porque Deus mandou, católico. Mas **se você souber a causa disso, o mundo hoje estava...**/ENT: Seria outra coisa, né? /INF: Seria outra coisa [...] (FLN 13).

ora, outrora, então, brevemente, raramente, diariamente, nunca, ainda, comumente, imediatamente, simultaneamente, dentre outros.

Em face do exposto, podemos então descrever os fatores que compõem esse grupo no que concerne aos advérbios de tempo, acrescentando-se um fator que vai incluir um outro grupo de advérbios, os chamados *advérbios de dúvida*, segundo a nomenclatura gramatical tradicional do português, ou ainda *advérbios irrealis*, conforme a denominação de Givón (1995; 2001). São eles: (i) *advérbios de localização temporal*: **hoje, amanhã**, demais advérbios; (ii) *advérbios de frequência*: **sempre**, demais advérbios; (iii) *advérbios de dúvida*: **talvez**, demais; (iv) *expressões/locuções adverbiais de tempo*: **hoje em dia**; demais expressões; (v) *não há presença de advérbios ou outras marcas de referência temporal*.

Incluímos essa última classe de advérbios, os de dúvida, em razão de serem formas que marcam a modalidade *irrealis* no contexto, sobretudo a modalidade epistêmica de baixa certeza, que pode favorecer o uso do FS mais voltado ao domínio modal. Em outras palavras, enquanto os advérbios de tempo (e aspectuais) distribuem-se no eixo da temporalidade, os advérbios de dúvida – ou modalizadores epistêmicos – estão relacionados ao domínio da modalidade *irrealis*.¹⁶²

No que diz respeito aos advérbios de dúvida em português, os mais comumente citados pelas gramáticas normativas, como pode ser visto em Cegalla (2005, p. 259), são: *talvez*¹⁶³, *acaso*, *possivelmente*, *decerto*, dentre outros.

(67) [**advérbio de localização temporal**] Se uma professora **hoje**, se **FIZER** isso, ela vai pra cadeia. (CTB 02)

(68) [**advérbio de frequência**] O negro, ele tem pouca introdução em sociedade, né? Tem pouca. Se ele não **TIVER**, ele é **sempre** marginalizado, né? (FLN 17)

(69) [**advérbio de dúvida**] Parada, se Deus me **DER** vida e saúde, eu não vou ficar, né? **Talvez** eu vá fazer marmita pra fora

¹⁶² De fato, para Givón (1995, p. 117), os advérbios epistêmicos, como: *talvez, provavelmente, possivelmente, supostamente, presumidamente* lançam um escopo *irrealis* sobre a proposição a que se vinculam, como no exemplo: *Provavelmente ela assistiu ao show*.

¹⁶³ Entretanto, a ênfase na análise foi dada ao uso do advérbio *talvez*, devido a sua maior recorrência em relação aos demais.

de casa, botar uma ajudante, assim, que o meu sonho na vida é comprar meu carrinho zerinho. (FLN 16)

4.4.2 A categoria modalidade

A modalidade – entendida aqui como uma megacategoria que se apresenta na língua através de diversos meios, segundo a perspectiva funcionalista norteada por Givón (2001) e Bybee *et al.* (1994) – será investigada neste estudo principalmente através de um grupo de fatores que busca verificar os valores/traços modais captados no enunciado que contém a ocorrência de FS, bem como quantificar o tipo de modalidade predominante no enunciado.

Além disso, criamos outro grupo de fatores que investiga o tipo de sequência textual/discursiva predominante no contexto que circunda o FS – o qual está inserido nesta seção, porque também verifica a correlação direta entre sequência textual e expressão da modalidade nesses contextos –, e um último que visa apenas registrar a frequência de cada pessoa do discurso na sentença com FS, bem como estabelecer uma correlação com a modalidade.

4.4.2.1 A expressão da modalidade no enunciado

Com este grupo de fatores, temos o intuito de investigar mais precisamente como se apresentam as noções modais – como, por exemplo, *possibilidade*, *probabilidade*, *volição*, *obrigação*, *polidez*, dentre outras – no contexto, geralmente *irrealis* em que se encontra o FS. Assim, buscamos analisar o tipo de modalidade, ou seja, o valor modal expresso na proposição com o dado de FS.

Neste sentido, como o foco de análise se concentra no contexto mais sintático que abriga o dado de FS, hipotetizamos que o tipo de conector que antecede o FS na oração exerce grande influência na expressão de noções modais. Na verdade, consideramos ser o conjunto *conector+FS* uma grande força na expressão da modalidade no contexto, seja através da codificação de valores modais, como possibilidade, no caso de enunciados hipotéticos, seja a partir da presença de outras nuances modais. Desse modo, defendemos que não é suficiente tratarmos da função do FS – um dos objetivos principais deste estudo – sem ampliarmos também o nosso olhar para a modalidade no contexto imediato em que surge o nosso objeto.

Logo, através deste fator, vamos identificar valores modais deonticos (desejo, necessidade, obrigação, permissão, capacidade, sugestão, conselho, etc.) e epistêmicos (possibilidade, probabilidade, dúvida, certeza) – também comumente chamados de *modalidades*, por autores, como Fleischman (1982) e Bybee *et al.* (1994), que compõem o embasamento teórico principal para a descrição dessas modalidades.

A expectativa é de que sejam encontradas principalmente as noções modais de possibilidade e probabilidade nos dados, em virtude da maior recorrência esperada de cláusulas do tipo condicionais. Isso porque um enunciado hipotético envolve quase sempre a ideia de possibilidade, uma noção claramente epistêmica, posto que o falante formula uma hipótese com base no seu conhecimento e julgamento dos fatos.

Apresentamos, então, uma exemplificação da análise proposta:

(70) Se ela **FOR** pra lá é uma pata choca, né? (FLN 06)
=> *hipótese*. [**traço/valor modal: possibilidade epistêmica**]

(71) Tirou o aumento de todo mundo, só vai dar aumento pro fim do de junho, se **DER**, né? Se **DER**. (POA 10) => *hipótese*.
[**traço/valor modal: possibilidade epistêmica**]

(72) No caso quando ele **TIVER** dezoito anos, quando ele **ENTRAR** no quartel ele não entra daí como recruta, como soldado (CTB 18). [**traço modal: probabilidade epistêmica; certeza**]

(73) Aquele que **TIVER** a nota melhor entra. (CTB 18)
=> *pressuposição hipotética*¹⁶⁴. [**traço modal: certeza**]

(74) Então ele trazia vinte pães, trazia um potezinho de mel, um vidrinho, que seja lá o que **FOR**. Mas mel puro. (FLN 02)
=> *dúvida quanto ao referente anterior*. [**traço modal: incerteza; dúvida**]

¹⁶⁴ Mateus *et al.* (1989, p. 289) observam que “as construções que contêm um relativa restritiva, como neste caso, têm um estatuto pressuposicional.” [...] Mais precisamente, as relativas com o conjuntivo (subjuntivo) estão associadas a pressuposições não factuais (hipotéticas), defendem as autoras.

(75) [**Volição**] Vamos, **se Deus quiser**.¹⁶⁵(CTB 20) (orientada ao agente)

(76) [**Sugestão**] Os temperinhos, quem **QUISER**, assim, imediato que faz, já pode botar folhinha de salsa. (FLN 07) (orientada ao falante)

Cabe esclarecer ainda que poderá haver sobreposição de valores modais em alguns enunciados – como de fato descrevem autores na literatura sobre o tema –, inclusive entre nuances modais da oração subordinada e da oração principal, principalmente quando essas orações forem menos integradas sintaticamente¹⁶⁶. Nesses casos, consideramos a modalidade mais forte, no sentido de ser mais voltada à interação comunicativa, ou seja, dando uma olhar mais pragmático (e menos semântico) ao objeto. Talvez, por isso, prevaleçam nesses casos valores não epistêmicos, como pode ser visto no caso da ocorrência (76), em que prevaleceu a ideia de *sugestão*.

Assim, estes são os fatores que compõem o grupo: (i) *certeza*; (ii) *probabilidade*; (iii) *possibilidade*; (iv) *fraca possibilidade ou incerteza e dúvida*; (v) *possibilidade + volição*; (vi) *volição, desejo*; (vii) *obrigação*; (viii) *necessidade*; (ix) *permissão*; (x) *conselho e/ou exortação*; (xi) *sugestão e/ou convite*; (xiii) *polidez*; (ix) *outro*.

Por fim, os dados serão distribuídos segundo o tipo de modalidade predominante no contexto, a partir da distinção entre modalidade epistêmica, modalidade orientada ao agente e modalidade orientada ao falante, com base na proposta de Bybee (1985); Bybee *et al.* (1992; 1994) e Bybee e Fleischman (1995).¹⁶⁷

¹⁶⁵ Nesse dado, também podemos argumentar que há uma sobreposição de modalidades, se consideramos a condicional com um sentido de possibilidade deôntica.

¹⁶⁶ Por exemplo, se compararmos as construções adverbiais e relativas, as últimas são notadamente mais integradas com a oração principal do período, enquanto as orações adverbiais tendem a ser mais independentes em relação à nuclear.

¹⁶⁷ Observamos que outros autores, como Givón (2001; 2005; 2009) e Palmer (1986), preferem classificar as modalidades apenas entre dois grandes tipos ou submodos: epistêmica e deôntica, o que não é uma visão antagônica à de Bybee (1985) que, por vezes, se refere às modalidades *orientada ao falante* e *orientada ao agente*, como deônticas. Na verdade, podemos entender que essa divisão de Bybee (1985) e Bybee *et al.* (1994) funciona como uma espécie de

Essa quantificação permitirá visualizarmos diretamente qual a principal modalidade presente nos enunciados de uso do FS a partir dos resultados.

4.4.2.2 Sequência discursiva

Com a análise do tipo de sequência textual/discursiva que abriga a ocorrência, objetivamos investigar: (i) em que tipo de sequência o uso do FS é mais frequente – argumentativa, descritiva, narrativa ou outras – e, secundariamente, (ii) se há uma correlação significativa entre os tipos de modalidade no contexto e os tipos de sequência discursiva.

De modo geral, as sequências textuais ou discursivas (ou ainda tipos de texto) são descritas como estruturas convencionalizadas, que são modelos utilizados pelo falante para organizar o seu discurso, a partir de um gênero textual/discursivo. Ainda segundo Marcuschi (2000), os tipos ou sequências textuais seriam estratégias para organizar os gêneros textuais. Logo, uma questão que surge, seria a de como enquadrarmos a entrevista sociolinguística (que corresponde à natureza do *corpus*) a partir da ideia de gênero textual, para então tratarmos melhor das sequências textuais que emergem no gênero.

Para tanto, adotamos a perspectiva proposta por Tavares (2014), de que a entrevista sociolinguística se constitui num macrogênero textual, posto que contém em sua composição diferentes gêneros textuais.

Nas entrevistas do banco de dados VARSUL, por exemplo, são muito frequentes as narrativas de experiência social, os relatos de opinião e as narrativas habituais, mas também aparecem anedotas, receitas culinárias e outros gêneros instrucionais, com indicação de como chegar a algum lugar, dentre outros gêneros [...] Esses gêneros são produzidos no decorrer das entrevistas sociolinguísticas em resposta a perguntas feitas pelo entrevistador ou de forma

subdivisão da modalidade deôntica em orientada ao falante e ao agente. E essa distinção é interessante neste estudo, pois, dessa forma, poderemos distinguir os enunciados que envolvem atos de fala diretivos – que geralmente em nossa amostra têm relação com verbos principais modais (como ‘pode’) ou verbos no imperativo – do restante dos enunciados deônticos.

espontânea, inspirando-se o informante, em geral, por algo que vinha dizendo. (TAVARES, 2014, p. 210).

Desse modo, a partir dos gêneros textuais que vão sendo produzidos ao longo da fala do informante, seja em resposta à pergunta do entrevistador, seja através da exposição mais longa que o informante confere a um tema, de forma espontânea, podemos depreender diferentes trechos caracterizados como sequências textuais do tipo argumentativa, narrativa ou descritiva, por exemplo, tarefa essa que objetivamos concretizar através deste grupo de fatores. Mais precisamente, partimos do objeto (FS) e então caracterizamos o tipo de sequência textual predominante no contexto recortado, levando em conta a introdução de um tópico discursivo – geralmente realizada pelo entrevistador, mas também pode ser pelo informante, quando este detém o turno por longo tempo. Nesse ponto, Görski e Valle (2014) observam que as perguntas do entrevistador são de tipos variados, e funcionam como gatilhos para o surgimento de diferentes sequências textuais nas respostas do entrevistado.

Para definir e distinguir as sequências textuais, apoiamos-nos em Adam (1992; 2008) e Bronckart (1999), e acrescentamos ainda a perspectiva de Travaglia (2002), que distingue essas sequências através da noção de tipologias textuais.¹⁶⁸ Depois, comparamos as perspectivas e montamos um quadro geral com contém os principais pontos que caracterizam cada uma das sequências textuais, de modo a traçar uma breve síntese sobre o tema.

¹⁶⁸ Esclarecemos que uma das sequências definida pelos autores é a *explicativa*, que por não ter sido encontrada no *corpus*, não foi considerada como uma categoria de análise. Em poucas palavras, ela caracteriza-se por expor uma tese plenamente aceita, ou um fenômeno incontestável num trecho curto. Sua estrutura costuma ser composta por: (i) introdução do fenômeno incontestável; (ii) problematização; (iii) resolução; e (iv) conclusão, que reformula ou completa a constatação inicial. Sua função está voltada à atualização de um conhecimento.

Quadro 9 – Tipos/seqüências textuais

SEQÜÊNCIAS TEXTUAIS <i>Adam (2008); Bronckart (1999); Costa (2011)</i>	TIPOLOGIAS TEXTUAIS <i>Travaglia (2002)</i>
<p>NARRATIVA. Caracteriza-se pela exposição de fatos e eventos através de ações; pela marcação cronológica temporal; e pelo destaque dado aos agentes das ações. Sua estrutura básica contém: (i) uma situação inicial; (ii) um complicador; (iii) uma avaliação re-ação; (iv) um desenlace ou resolução; e (v) uma situação final ou coda. Para Labov (1972) há ainda um sexto elemento, <i>resumo</i>, que sintetiza a história.</p>	<p>NARRAÇÃO. Na narração, o produtor se coloca na perspectiva do fazer ou acontecer inserido no tempo. Contar o que aconteceu, dizer os fatos, os acontecimentos. Portanto o tipo de informação necessária é outro: os fatos ou acontecimentos, constituindo episódios, ordenados no tempo do mundo real (p. 3).</p>
<p>ARGUMENTATIVA. Caracteriza-se pela tentativa de defender ou refutar uma tese, de modo a vencer o interlocutor. A estrutura argumentativa é ordenada por: (i) uma apresentação de fatos ou premissas; (ii) exposição de argumentos, que visam orientar para uma conclusão provável; (iii) apresentação (ou não) de contra-argumentos, que servem para restringir a orientação argumentativa; (iv) uma conclusão final, que se forma a partir dos argumentos e contra-argumentos. O raciocínio argumentativo implica, primeiramente, a existência de uma tese, sobre qual se apoia a discussão posterior no texto.</p>	<p>DISSERTAÇÃO ARGUMENTATIVA. O autor utiliza o termo dissertação, para o que aparentemente inclui as seqüências argumentativas e explicativas definidas por Adam (1992), segundo inferimos a partir de sua explicação: na dissertação, o produtor se põe na perspectiva do conhecer, abstraindo do tempo e do espaço. Neste caso busca o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, o expor idéias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações. (p. 3)</p>
<p>DESCRITIVA. Diferentemente das outras seqüências, a descritiva não apresenta uma ordem entre as fases, que são: (i) <i>ancoragem</i>, quando o tema da descrição é apresentado; (ii) <i>aspectualização</i>, os diversos aspectos do tema são decompostos em partes (caracterizadas); (iii) <i>relacionamento</i>, quando ocorre comparação entre os elementos descritos e outros.</p>	<p>DESCRIÇÃO. O produtor do texto descritivo busca caracterizar o objeto de sua descrição, a partir de sua constituição e localização.</p>

<p>DESCRITIVA-INJUNTIVA. Bronckart distingue as <i>sequências injuntivas ou instrucionais</i> das <i>descritivas</i> em função do seu caráter dialógico, apesar de observar que ambas seguem as mesmas fases – as quais já descrevemos acima. Já para Adam (1992), a sequência injuntiva seria um ‘tipo’ de sequência descritiva.</p>	<p>INJUNÇÃO. Na injunção, o produtor fica na perspectiva do fazer posterior ao tempo ou momento da enunciação. O objetivo é incitar à realização de uma situação (ação, fato, fenômeno, estado, evento, etc.), requerendo-a ou desejando-a, ensinado ou não como realizá-la. Neste caso, a informação é sempre algo a ser feito e/ou como ser feito. (p.3)</p>
<p>DIALOGAL A sequência dialogal tem como especificidade o fato de que só aparece em segmentos de discursos interativos dialogados, que são estruturados em turnos de fala. Sua estrutura básica é composta por pergunta, resposta, avaliação, além de sequências fáticas.</p>	

Com base no exposto e considerando tanto a natureza da entrevista sociolinguística, como os principais tipos de enunciados nos quais o FS provavelmente aparecerá, optamos por analisar a variável sequência textual a partir dos seguintes fatores: (i) *sequência narrativa*; (ii) *sequência descritiva ‘prototípica’*; (iii) *descritiva e explicativa*; (iv) *descritiva e avaliativa*; (v) *sequência argumentativa*; (vi) *sequência injuntiva*; (vii) *sequência dialogal prototípica*; (viii) *discurso reportado*.

Dessa forma, buscamos analisar os dados de maneira mais escalar, haja vista que trabalhamos com trechos de entrevistas de natureza mais híbrida, alternando entre descrição e explicação, e entre descrição com avaliação (breve) do falante, geralmente sobre algum fato cotidiano e/ou particular. E os trechos que abordam temas mais opinativos, como política, religião, sociedade, etc., via de regra, estão presentes na sequência argumentativa.

Esclarecemos ainda que, por *sequência dialogal*, consideramos os casos mais ‘prototípicos’, ou melhor, casos pontuais de interlocução, como em respostas específicas e curtas do falante, que ocorrem às vezes no início ou no fim da entrevista, visto que a entrevista, na sua totalidade, não deixa de ser uma sequência dialogal.

Além disso, o fator *discurso reportado* foi incluído neste grupo, em razão de sua estreita relação com a análise da configuração, ou melhor, de como se apresenta discursivo e textualmente o trecho maior em que surge o nosso objeto, apesar de que ele estabelece uma ligação quase que exclusiva com a sequência narrativa, de onde geralmente emerge. Também foi incluído na análise para atender razões operacionais, posto que, dessa forma, evitamos a criação de mais um grupo de fatores voltado à análise de um número reduzido de dados, mas que, apesar disso, merece um tratamento individualizado, principalmente em razão da expressão da modalidade e da temporalidade nesses dados, que poderão se apresentar de maneira distinta do restante das ocorrências que têm como centro dêitico o momento do diálogo entre entrevistador e informante.

A seguir, apresentamos algumas ocorrências de FS, considerando as sequências textuais/discursivas:

(77) [**sequência argumentativa**]. Mas marginalidade, a tendência dela é crescer. Enquanto não **EXISTIR** no país desenvolvimento industrial, né? Pra que se gere uma grande escala de empregos e bons empregos, né? E assim bem remunerados, e só vão ser remunerados a partir do momento que **TIVER** mais emprego que mão-de-obra. Enquanto **TIVER** mais mão-de-obra do que emprego, não adianta fazer greve e não adianta fazer nada que mão-de-obra nunca vai ser bem remunerada, né? A partir do momento que **TIVER** esse desenvolvimento todo aí vai acontecer que todo mundo vai ter seu emprego, todo mundo vai ganhar bem, né? E o camarada não vai precisar arriscar, roubar e tal pra, né? Agora, hoje em dia o que que acontece? O camarada pensa isso “p”, pra mim ganhar três mil e seiscentos e setenta e quatro por mês, né? “Então eu dou um assaltozinho ali na esquina e já me forrei com cinco – entende? – Trabalho uma horinha por dia, estou numa boa. Vou ganhar trinta salários por mês, né?” E assim vai, entende?(POA 15)

(78) [**sequência narrativa**] E teve uma época que saiu uma lei da Prefeitura, não sei o que, que quem **PAGAR**, que vinha inclusive, não sei, foi uma época de imposto, que eu escutava na televisão, tinha uma campanha eu acho que era da Prefeitura, que tinha que limpar os terrenos baldios da cidade, né? Que quem não soubesse

era pra denunciar. Mas isso em campanha assim, coisa que dá e passa, né? (CTB 8)

(79) [**sequência descritiva**] [...] O litoral catarinense ali, principalmente a ilha de Florianópolis, porque tem quarenta e duas praias ali que, qualquer lado se **TIVER** onda dum lado, vai pro outro lado, então não tem. Tem pra todos os gostos de praia. Tem pra tudo que é gosto. Tem piscininha, tem mar forte, dá pra fazer surf, windsurf, dá pra fazer de tudo, né? Então, não dá pra comparar litoral. (*caminhando para uma descrição mais avaliativa*) (POA 15)¹⁶⁹

(80) [**sequência injutiva**] Ah! Bom, aí pega-se a galinha, bota ela na água, né? Depois desfia ela todinha desfiadinha, bem desfiadinha, e o camarão, lava-se ‘e coisa’, né? Bota a cozinhá-lo, tudo separadamente, um do outro. Bom, depois pega-se o camarão pronto, a galinha desfiada, fria, tudo frio, se bota arroz, aí se faz um arroz normal. Então vai se botando galinha e camarão, o molho e os temperos, depois se tira o azeite de dendê. Depois quando **DER** aquela primeira fervura, que tu vê que está fervendo mesmo, aí bota o leite de coco, e aí, minha filha, bota o prato, a mesa, e se **TIVER** uma colher aí, pode me dar que eu vou firme. (POA 01)

(81) [**discurso reportado**] [...] E numa certa hora lá esse Tenente falou que ele ia pra cantina e tal, que continuassem o trabalho, que continuassem o trabalho e foi aí onde um colega meu se revoltou, né? E saiu, ele falou: “Se não TERMINAREM, vocês não jantam, né?” (CTB 09)

A hipótese principal (que será mais discutida no capítulo sobre análise dos resultados) é a de que predominará a modalidade epistêmica nos contextos de caracterizados por certas sequências descritivas, nas narrativas, e sobretudo nas sequências argumentativas, que deverão

¹⁶⁹ Com base num primeiro olhar sobre os dados, observamos que as sequências descritivas são mais curtas, se comparadas às outras, como a narrativa e a argumentativa, e não ficam isoladas, mas se misturam, inserem-se em outra sequência maior. Assim, esses contextos podem ser considerados apenas, de modo geral, como *predominantemente descritivos*.

ocorrer em maior quantidade, ao passo que, nas outras sequências textuais, predominarão as modalidades orientadas ao falante e ao agente, sobremaneira nas injuntivas.

Quanto à relação entre os contextos de uso do FS e determinados gêneros textuais, bem como a expressão da modalidade nesses gêneros que se apresentam na entrevista, não elaboramos nenhuma hipótese funcional, até porque o nosso objetivo é investigar diretamente o tipo de sequência que caracteriza o contexto do dado. Ademais, a natureza multimodal das entrevistas torna complexa a delimitação mais precisa dos diversos gêneros que se apresentam nela, ou seja, distinguir onde começa e termina um gênero. Contudo, podemos supor que o gênero que prevalece nos contextos de uso do FS seja o *relato de opinião*, tendo como base a definição de Tavares (2014) sobre o assunto. Isso porque a expectativa é de que a sequência textual mais recorrente no usos do FS seja a argumentativa, em razão de sua afinidade com a modalidade epistêmica que evidencia a opinião do falante, conforme será discutido no capítulo seguinte. Observe-se:

No relato de opinião, ocorre a defesa do ponto de vista do falante sobre um certo tema, visando ao convencimento e à adesão do interlocutor a esse ponto de vista. O tema sobre o qual discorre o falante em um relato de opinião geralmente tem natureza polêmica e é de interesse público [...] No gênero textual sob apreço, predominam sequências argumentativas para a defesa do posicionamento assumido através da apresentação de argumentos que o falante julga serem coerentes e consistentes (TAVARES, 2014, p. 214)

Esclarecermos ainda que para que fosse possível correlacionar o tipo de sequência discursiva com a expressão da modalidade ampliamos um pouco o escopo de análise da modalidade, a depender do caso, para além do enunciado mais restrito ao período sintático.

4.4.2.3 Pessoa do discurso

Neste grupo de fatores, a proposta é quantificar o número de ocorrências de orações subordinadas com FS que tenham como sujeito: (i) o próprio falante, ou seja, a primeira pessoa do discurso; (ii) o

interlocutor (entrevistador), a segundo pessoa do discurso; (iii) uma terceira pessoa, que não se trata nem do falante, nem do ouvinte.

Além disso, serão diferenciados os casos em que a segunda pessoa do discurso for especificamente o ouvinte entrevistador/interlocutor, daqueles em que o informante usa, por exemplo, o pronome *você*, para se referir a um sujeito/referente genérico, como nos casos em que se descreve uma receita culinária. Também quando se trata da terceira pessoa, distinguimos quando a terceira pessoa for alguém ou algo em específico, em particular, de casos em que o falante, de certa forma, também se refere a um sujeito/referente genérico, ao utilizar termos, como *o negro*, *a mulher*, *o gaúcho* para se referir a todos os elementos que correspondem a essas determinadas categorias, ou seja, indivíduos de certo grupo étnico ou que sejam do sexo feminino ou que sejam oriundos do Rio Grande do Sul, de forma generalizante, como podemos ver nas ocorrências seguintes:

(85) A **mulher**, hoje em dia, elas querem andar de coxa de fora, mostrando tudo, se **PUDER** se mostrar pra homem ver, ficar a perna mais bonita, pra ser cantada. (FLN 16)

(86) O **negro**, ele tem pouca introdução em sociedade, né? Tem pouca. Se ele não **TIVER**, ele é sempre marginalizado, né? (FLN 17)

(87) Aqui se o **gaúcho TIVER** que andar cinco minutos de carro, ele fica “p”, mas bem longe, entende? (POA 15)

Um dos objetivos do controle dessa variável é de identificar o quão recorrente será a presença do que chamamos de sujeito genérico nos dados, posto que, à primeira vista, esse parece ser um traço recorrente nas orações com FS, principalmente nas condicionais e, mais ainda, em contextos caracterizados como sequências argumentativas. Ademais, esse controle poderá indicar quantas proposições com o FS têm um perfil mais genérico e quantas têm um caráter mais particular.¹⁷⁰ Outrossim, poderemos investigar as relações entre a pessoa do discurso e a modalidade no enunciado. Por exemplo, as orações com FS que

¹⁷⁰ Entretanto, observamos que encontramos ainda alguns enunciados genéricos, independente do perfil do sujeito, como em: "Pega um copo que tem leite e faz xixi, se **TALHAR** o leite é porque tu estás grávida." (FLN 20).

tiverem como sujeito a primeira pessoa deverão ter maior ligação com a modalidade orientada ao agente, ao passo que a terceira pessoa deverá interagir mais com a modalidade epistêmica, bem como com a sequência argumentativa, conforme será discutido na análise dos resultados. Não obstante, a pessoa do discurso poderá estar correlacionada ainda ao tipo de sequência textual.

No mais, a contribuição maior dessa análise se dá pela descrição mais pormenorizada do contexto oracional do dado, no sentido de que poderemos visualizar qual a pessoa do discurso que mais se apresenta na oração com o FS, haja vista que, desde o início, temos percebido uma frequência recorrente da terceira pessoa, que deve ser a mais recorrente nos dados.

Vejamos às ocorrências ilustrativas:

(88) [**Primeira pessoa**] Se eu **QUISER** ver um conjunto de rock tem, se eu **QUISER** ver uma cantora xis, tem né? (POA 15)

(89) [**Segunda pessoa – genérica**] Então, acho que tanto faz você estar aqui em Curitiba ou você **FOR** a Porto Alegre, pra onde você **FOR** você que vai fazer o ambiente. (CTB 01)

(90) [**Segundo pessoa: entrevistador**] Que que é isso, disponha. Quando **PRECISAR**, estamos aí.(CTB 03)

(91) [**Terceira pessoa**] Então, se ele (o prefeito) **ESTIVER** sendo sincero, ainda e o povo colaborar, pode até ser uma boa, né? (CTB 03)

Em resumo, os fatores são: (i) *primeira pessoa do discurso*; (ii) *segunda pessoa do discurso*; (iii) *segunda pessoa do discurso genérica*; (iv) *terceira pessoa do discurso*; (v) *terceira pessoa do discurso genérica*.

4.4.2.4 Fatores contextuais de natureza morfossintática

Conforme dito inicialmente, foram criados grupos de fatores voltados à investigação do contexto morfossintático, com o intuito principal de identificar a influência desses fatores na expressão do futuro do subjuntivo, tendo em vista que estamos analisando uma forma do domínio *irrealis* e que, portanto, interage fortemente com as diversas

forças estruturais, semânticas e discursivas que se atravessam no contexto.

Para tanto, os fatores analisados são: (i) tipo de conector que antecede o dado, e conseqüentemente tipo da oração subordinada em que aparece o FS; (ii) posição da oração subordinada em que está o FS em relação à oração principal do período composto; (iii) FS como verbo pleno ou auxiliar na sentença; (iv) natureza morfológica e semântica do item verbal no FS.

4.4.2.5 Tipo de conector que antecede a oração com FS

O objetivo principal de investigar o tipo de conector que antecede a ocorrência de FS – também denominado pelas gramáticas tradicionais de conjunção subordinativa ou locução conjuntiva – é identificar e quantificar quais são os conectores mais comumente usados nas orações com FS a partir dos nossos dados e, por conseguinte, também visualizar quais são os tipos de orações subordinadas em que mais encontramos o FS.

Além disso, objetivamos elencar todos os tipos de conectores encontrados na amostra – por isso optamos por não somente distinguir os tipos de orações subordinadas (em condicionais, etc...) –, pois assim será possível também registrarmos quais são as diversas conjunções e expressões conjuntivas que são usadas com o FS, além das normalmente descritas pelas gramáticas, como por exemplo, *se*, *quando*, *que*, até porque estudos que buscam descrever FS e seus contextos de ocorrência a partir de dados da língua em uso ainda são escassos.

Desse modo, com base em prescrições gramaticais, como Cegalla (2005) e em gramáticas mais descritivistas, como a Mateus *et al.* (1989), listamos os possíveis conectores a serem encontrados na amostra, que serão os fatores que compõem este presente grupo, além de um fator denominado de outros para agrupar os demais casos que não foram inclusos nesta seleção.¹⁷¹ São eles: (i) *se* (*conector condicional*); (ii) *caso* (*conector condicional*); (iii) *quando* (*conector temporal*); (iv)

¹⁷¹ Como pode ser visto, ao lado da conjunção, descrevemos também a sua classificação (ex.: *se* é do tipo *condicional*), mas destacamos ainda que, em certos casos, algumas conjunções podem não ser exclusivamente do tipo conforme são classificadas tradicionalmente. Por exemplo, ‘como’ pode ter também um sentido relativo, além de conformativo, segundo Mateus *et al.* (1989).

enquanto (temporal); (v) *assim que/logo que (temporal)*; (vi) *sempre que/toda vez que (temporal)*; (vii) *no momento em que/no dia/hora em que (temporal)*; (viii) *que ou o que (relativo)*; (ix) *quanto (relativo)*; (x) *quem (relativo)*; (xi) *onde (relativo)*; (xii) *conforme (conformativo)*; (xiii) *quanto mais/maior/menos (proporcional)*; (xiv) *outros*.

Esse grupo de fatores, apesar do seu caráter mais estrutural, também é importante para a análise das funções do FS, uma vez que o tipo de conexão estabelecida entre as orações da construção pode ser relevante para a função do FS no enunciado. Inclusive, as próprias relações de tempo entre situações/eventos do período também podem ser influenciadas pelo tipo de conector.

Isso posto, descrevemos alguns dados ilustrativos:

(92) [**quando – temporal**] Quando eu **CASAR**, eu vou morar lá. (CTB 08)

(93) [**se – condicional**] Agora, **se ESTIVER** mais ou menos num estado de ruim pra bom, sai mais em conta daí. (CTB 03)

(94) [**que – relativo**] O bagre, como um peixe de fundo, ele come qualquer porcaria **que ESTIVER** no fundo, ele come, né? (POA 15)

(95) [**quanto mais – proporcional**] E **quanto mais** correto ela **APRENDER**, melhor, né? (POA 15)

Por fim, esclarecemos que, em razão de utilizarmos Mateus *et al.* (1989) como fonte principal para a descrição dos conectores e das construções de subordinação, optamos pelo emprego preferencialmente do termo *oração relativa*, ao invés de *adjetiva*, bem como o termo *conector*, em vez de *conjunção*, para mantermos a nomenclatura usada pelas autoras.

4.4.2.6 Posição da oração com FS em relação à principal

O objetivo de controlar o fator posição/ordem da oração subordinada com FS em relação à principal, isto é, se a subordinada se encontra anteposta ou posposta à oração nuclear, é averiguar a frequência do FS em cada caso, e também discutir posteriormente se esse é fator relevante (ou não) para caracterizar a função da oração com

os FS (e conseqüentemente do FS) no enunciado. Assim, será possível traçar correlações entre outros fatores averiguados em cada ocorrência, como tipo oracional, função/valor do FS, nuance modal predominante no contexto, por exemplo, e a posição da oração com o FS na construção composta.

Inicialmente, suspeitamos que os dados de FS em orações pospostas serão menos frequentes e vão se caracterizar por terem uma maior força modal e uma expressão temporal mais fraca, se comparados aos dados oriundos de orações antepostas às principais.

Seguem então exemplos da amostra:

(96) [**anteposta**] Hoje se tu **ENTRAS** num colégio, te **pedem** inglês. (POA 01)

(97) [**anteposta**] Enquanto nós **TIVERMOS** essa classe de políticos que nós temos aí, não **melhora**. (POA 15)

(98) [**posposta**] Então eu **respeito** todas as demais, **seja** ela o que tipo **FOR**. (FLN 21)

(99) [**posposta**] O Estreito não está mais com prédios mais altos porque eles não deixaram fazer, agora **pode fazer** até cinco, seis, sete, oito andares, se **QUISER**. Mas antigamente não podia fazer não. (FLN 16)

4.4.2.7 Futuro do subjuntivo como verbo principal ou auxiliar

Com o controle desta variável, buscamos identificar a frequência de dados de FS como verbo pleno e na posição de verbo auxiliar, isto é, quando antecede um verbo principal, como em: “E se você *for analisar*”(CTB 19), uma vez que essa formação parece ser frequente nas ocorrências da amostra.

Inicialmente, as principais formas verbais identificadas recorrentemente como auxiliares são: *quiser, tiver que, puder e for*, como mostram os nos dados seguintes:

(100) [**Auxiliar**] Se você BOBEAR aí, você **FOR tomar** uma cervejinha e tal, e DAR uma saidinha aí e tal, você tem que olhar: se a mulher ESTIVER na cozinha, você tem que ficar na sala. (CTB 03)

(101) [**Auxiliar**] E se **tu QUISERES colocar**, tu podes colocar salame ou não. (FLN 01)

(102) [**Auxiliar**] Tem pão. Se você **PUDER comprar** dez pães, você compra dez. (CTB 04)

Por fim, apresentamos um caso um pouco mais diferenciado, que parece ser frequente nos dados: trata-se de uma construção formada por *for + para* (prep.) + *verbo principal*. Vejamos duas ocorrências na fala de um informante de Curitiba e em seguida para finalizar, mais dois dados de FS como verbo principal da oração:

(103) [**Auxiliar**] Mas se **FOR pra dividir** tudo, se fosse todos os filhos que precisassem, se fosse pra dividir um pedacinho pra cada um, não cabia (CTB 08)

(104) [**Auxiliar**] Mas se **FOR pra brigar**, tem que brigar, sim, né? (CTB 08)

(105) [**Pleno**] Se você **OBSERVAR** aqui, quando **PASSAR** pra lá, uma área enorme, coisa mais linda. (POA 03)

(106) [**Pleno**] A menina, se **QUISER**, pode fazer o magistério. (POA 08)

A partir do que foi visto, o grupo de fatores é composto por: (i) *verbo pleno*; (ii) *verbo auxiliar*.

4.4.2.8 Item lexical verbal no FS e (ir)regularidade morfológica

Neste grupo de fatores, controlamos dois aspectos pertinentes ao item verbal no FS: (i) a (ir)regularidade morfológica, ou seja, se a ocorrência trata de um verbo irregular ou regular; e (ii) se a ocorrência se enquadra dentre os verbos irregulares de uso mais frequente na língua, como: *for*, *tiver*, *quiser*, *fizer*, *der* e *estiver* que provavelmente serão os mais recorrentes nos dados, com base no estudo de Reis (2010) que também controlou a frequência da (ir)regularidade das formas verbais no FS na amostra.

Em poucas palavras, o objetivo é quantificar quantas ocorrências são de verbos irregulares e, dentre esses, quantos são de verbos presumivelmente mais frequentes, conforme citados anteriormente. Com isso, pretendemos testar a hipótese de que certos verbos irregulares serão muito mais frequentes na amostra do que os demais verbos.¹⁷²

Cabe lembrar que, em português, há uma grande diferença entre o paradigma dos verbos regulares e irregulares¹⁷³ no futuro do subjuntivo. Os regulares têm suas formas idênticas às do infinitivo pessoal, enquanto a morfologia dos irregulares é bem diferente da forma do infinitivo, o que acaba acarretando um processo conhecido como ‘regularização’ dos verbos irregulares, através da analogia feita pelos falantes, com as formas do infinitivo, conforme descreve Macedo (1980). Por exemplo, ao seguir o padrão do paradigma do infinitivo pessoal, o falante produz *querer* ao invés de *quiser*; *propor* ao invés de *propuser*, ou *trazer* em vez de *trouxer*, como no seguinte dado: “*Se eu TRAZER a carteira amanhã, ele vai ter que assinar.*”

Como pressuposto, tomamos a perspectiva de autores funcionalistas, como Bybee (2007) e Philips (2001) que – para justificar um fato perceptível interlinguisticamente, de que os verbos irregulares com usos recorrentes têm resistido mais à mudança morfofonêmica, em comparação aos verbos irregulares de uso pouco frequente – afirmam que a elevada frequência de certos itens verbais irregulares na língua, seja por razões cognitivas e pragmáticas, faz com que a mudança analógica não os atinja da mesma forma que afeta as formas não frequentes.¹⁷⁴ A partir disso, hipotetizamos que as formas irregulares de

¹⁷² Os resultados de Reis (2010) chamaram muito a atenção, posto que encontramos elevado índice de formas irregulares na amostra, cerca de 65% dos dados, sendo que a grande maioria não foi regularizada seguindo o padrão do paradigma do infinitivo. Além disso, destacou-se o fato de que somente as formas verbais *for* (22, 6%), *quiser* (17%) e *fizer* (11,9%) corresponderam a 51% das ocorrências encontradas de FS em toda a amostra, o que corresponde à metade dos dados analisados.

¹⁷³ Algumas formas verbais irregulares no futuro do subjuntivo, além daquelas mais frequentes já citadas, são: *puder*, *prouver*, *contiver*, *vir*, *souber*, *retiver*, *compuser*, *propuser*, *mantiver*, *puser*, *vier*, *couber*, *houver*, *disser*, *trouxer*.

¹⁷⁴ Para clarear essa ideia, citamos Bybee (2007, p. 27) que, resumidamente, defende que a mudança sonora tende a afetar primeiro as palavras mais frequentes, enquanto a mudança analógica tende a afetar as palavras não frequentes, primeiramente. O maior exemplo que se encaixa nessa ideia seria o caso de certas formas verbais irregulares de passado em inglês, que não

FS de verbos lexicalmente mais frequentes (como *for*), sejam menos regularizadas se compararmos com formas verbais de uso menos frequente, conforme discutimos em estudo anterior.

Contudo, neste momento, o que objetivamos é correlacionar essas duas dimensões da frequência a ser verificada nos dados, com a multifuncionalidade do FS, que não deixa de estar subordinada também à natureza lexical dos verbos. Logo, de maneira a unir essas duas questões (lexical e morfológica) concernentes ao item verbal no FS num mesmo grupo, elaboramos os seguintes fatores: (i) *forma verbal irregular for (sentido de ser)*; (ii) *forma verbal irregular for (sentido de ir)*; (iii) *forma verbal irregular quisser*; (iv) *forma verbal irregular fizer*; (v) *forma verbal irregular puder*; (vi) *forma verbal irregular tiver*; (vii) *forma verbal irregular estiver*; (viii) *demais verbos irregulares*; (ix) *formas verbais regulares*.

sofreram regularização pelos falantes devido ao fato de elas terem alta frequência de uso na língua, como, por exemplo, *saw* (viu), *went* (foi). Assim, a autora esclarece que “por exemplo, [...], *creeped* (rastejou) não é uma forma padrão, mas eu não estranharia ao ouvi-la, e poderia até mesmo produzi-la, embora saiba que *crept* é a forma 'correta'. No entanto, *keeped* (mantido) iria causar uma reação negativa, porque a forma *kept* é bem solidamente estabelecida devido à sua frequência”. (p. 30, tradução nossa)

5 O DOMÍNIO FUNCIONAL DO FUTURO DO SUBJUNTIVO: DISCUSSÃO DE HIPÓTESES E RESULTADOS

Neste capítulo, analisamos os resultados encontrados através da investigação dos grupos de fatores anteriormente descritos, à luz da hipótese geral da pesquisa e das hipóteses específicas que fomentaram a elaboração desses grupos, com vistas a caracterizar o domínio funcional do futuro do subjuntivo e descrever os contextos de uso dessa forma verbal no português.

A hipótese principal que orienta a análise, reafirmada aqui, é a de que o FS distribui-se entre a expressão da temporalidade e da modalidade, atuando sobremaneira na codificação de tempo *futuro* e da modalidade *irrealis* no enunciado, através de um gradiente funcional que, a depender do contexto de ocorrência, abriga funções mais direcionadas a tempo ou a modalidade.

Seguindo a proposta metodológica exposta anteriormente, este capítulo apresenta os resultados associados aos grupos de fatores voltados à investigação, na seguinte ordem: (i) da expressão do tempo (e aspecto); (ii) da expressão da modalidade; e (iii) dos contextos morfossintáticos. Embora o foco principal da discussão seja de natureza linguística, fatores extralinguísticos controlados, como localidade, tempo de escolaridade, idade e sexo do informante (conforme a distribuição do Varsul) também serão considerados na análise, sendo discutidos na última seção, de forma concisa.

Os resultados serão apresentados e discutidos a partir dos dados das três capitais conjuntamente, com as devidas considerações relativas a cada localidade. Esclarecemos, assim, que a maioria das frequências apresentadas é relativa ao total de 534 ocorrências analisadas.

5.1 A EXPRESSÃO DO TEMPO

Nesta seção, analisamos os resultados que dizem respeito à expressão do tempo nos contextos de uso do FS, desde aqueles que tratam da temporalidade no contexto do enunciado com o dado, até os concernentes ao tempo mais estreitamente associado ao FS.

Para tanto, primeiro, tratamos dos resultados que buscam caracterizar a temporalidade no contexto¹⁷⁵ em que surge o FS (investigando se os contextos já são ou não marcados pela ideia de projeção futura); segundo, analisamos os dados que indicam quais são os tempos verbais da oração principal mais comuns no enunciado¹⁷⁶ com FS na subordinada; depois, analisamos a localização temporal da situação codificada pelo FS em relação ao tempo da outra situação do enunciado; em seguida, discorreremos acerca dos valores temporais associados às ocorrências de FS a partir dos dados.

Por último, descrevemos como se apresentou o aspecto (i) da situação codificada pelo FS e (ii) da situação codificada pela oração principal, discutindo possíveis correlações com a expressão do tempo no enunciado, bem como tratamos da presença de determinados advérbios no contexto, sobretudo dos temporais, por serem elementos que também codificam o tempo, podendo se inter-relacionar à expressão do tempo nos enunciados selecionados.

¹⁷⁵O termo contexto corresponde ao ambiente discursivo em cujo entorno se situa o dado em análise, podendo remeter tanto a um pequeno segmento (como uma oração), ou a um segmento maior (como um período, um parágrafo temático etc.). Geralmente designamos como contexto o trecho recortado para análise, que representa o tópico discursivo selecionado como unidade mais ampla. Esse trecho é constituído por um ou mais ‘enunciados’. Via de regra, o recorte do contexto inicia-se na própria resposta do informante à pergunta do entrevistador, estendendo-se até a oração que contém o dado em análise; todavia, quando o falante expõe longamente sua opinião, é necessário recortar, em sua exposição, o segmento mais próximo ao dado de FS, desde que tal segmento mantenha uma unidade de sentido junto à oração com FS.

¹⁷⁶ Com o termo ‘enunciado’, estamos nos referindo à unidade de sentido cujo escopo é relevante para o dado de FS, o que geralmente corresponde ao período composto formado pela oração principal e pela subordinada em que está o dado (FS), podendo ultrapassar um pouco esse limite do período, para que a ideia principal do enunciado seja completa e clara. Por exemplo, o seguinte enunciado se delimita pela própria construção condicional: “Se a gente COMEÇAR a olhar, COMEÇAR a duvidar é capaz de afundar.” (POA 02), ao passo que, para o próximo, recuperamos outras orações próximas à construção relativa com o FS, para que a mesma pudesse fazer mais sentido, num contexto de uso. Observe-se: “Então eles pegam o pessoal e largam ali, *esalve-se quem PUDE*, como diz o ditado.” (POA 02)

5.1.1 A temporalidade no contexto

Esta subseção destina-se à análise do grupo de fatores que aborda a expressão do tempo no contexto linguístico maior que permeia o dado de FS, abarcando os seguintes fatores: *futuro*, *passado* e *presente*, sendo este último, subdividido em: (i) *presente estendido ao futuro*, (ii) *presente habitual*, (iii) *presente gnômico*, (iv) *presente factual* e, por fim, o que denominamos de (v) *presente geral*, somando sete fatores ao grupo, conforme já especificado.

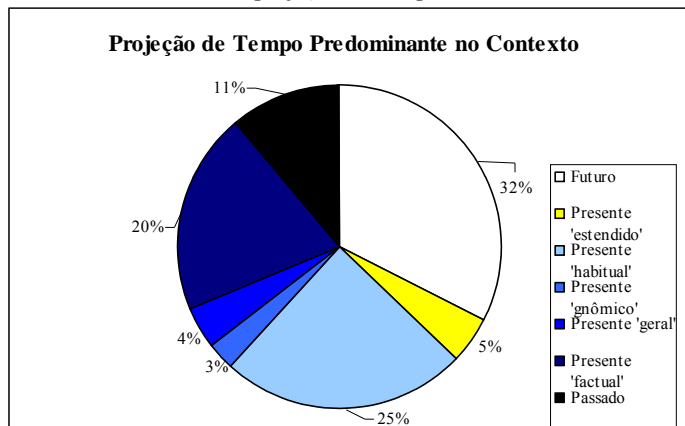
Também buscamos verificar a relação entre tais fatores relacionados à temporalidade e à modalidade (neste momento, vista como uma megacategoria distribuída ao longo da escala *realis* e *irrealis*), e entre temporalidade e aspectualidade no contexto (analisada aqui de maneira mais ampla), através de valores, como o *habitual*, com o propósito de verificarmos se no contexto há (ou não) algum traço de habitualidade. Salientamos que, embora esta seção seja destinada a tempo, algumas correlações entre as categorias do complexo TAM (tempo-aspecto-modalidade) já serão brevemente antecipadas aqui.

O objetivo que suscitou a investigação desses fatores foi o de buscar caracterizar a temporalidade no contexto discursivo em que emerge a oração com FS, tendo como base elementos que nele assinalam o tempo. Havia uma hipótese inicial, segundo a qual nesses contextos predominaria a ideia de *projeção futura*, em virtude da maior afinidade entre futuro, subjuntivo e *irrealis*, conforme discutido anteriormente.

Os resultados desta análise podem ser vistos no gráfico abaixo, em que estão expostos os percentuais de ocorrência de cada fator – futuro, passado e as subdivisões do presente –, considerando-se o somatório dos dados das três cidades (534 ocorrências).¹⁷⁷

¹⁷⁷ Doravante, os resultados apresentados tratam sempre do total referente aos dados das três capitais: Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre.

Gráfico 1 – Resultados relativos à projeção de tempo no contexto



Como podemos observar no Gráfico 1, os resultados não corroboram a hipótese de que a ideia de futuridade prevaleceria nos contextos com a ocorrência de FS, visto que o presente foi o tempo predominante em 52% dos casos (considerando-se a soma de todas as suas subdivisões, com exceção do presente estendido, que já se intersecta ao futuro). Todavia, a presença de contextos com projeção futura foi significativa na amostra, girando em torno de 32% a 37% dos casos: este último número, se considerarmos também os casos de ‘presente estendido’.

A seguir, discutimos esses resultados através de ocorrências que ilustram cada fator. Iniciamos pelo contexto temporal mais comum na amostra: o de presente.¹⁷⁸

(107) O vício é como se ele **fosse** um assassino, **temsempre** alguém em cima dele. Mas não alguém pra ajudar, alguém pra prejudicar, né? Então, eu **converso** com ele, já **faço** saber. Já **vi** isso. Eu **digo** pra ele: “**Tens** liberdade pra ir lá, **tens** liberdade pra ir cá. Já **entras** em qualquer lugar. **Tens** liberdade pra estudar. Se **COMEÇARES** nisso, pô, **vais tirar** toda a tua liberdade [...]” (FLN 17)

¹⁷⁸ Em destaque nos segmentos seleccionados estão os elementos com papel de assinalar tempo e aspecto.

Como podemos perceber pelos destaques em negrito, além da ideia de presente, o traço aspectual de habitualidade permeia o contexto, principalmente antes de aparecer o FS. Esse dado foi selecionado, porque ilustra um certo padrão identificado nos contextos analisados, que foi o surgimento do FS em contextos marcados pelo presente, mas que, a partir da proposição com FS, passam a se projetar no futuro, estabelecendo uma ligação entre futuridade e modalidade *irrealis*, como ocorre também em (108):

(108) Então **hoje está** bom, **hojeestá** ótimo. Você, nós **estamos conversando** aqui, na frente direto o transito de ônibus. Então **está** muito bom. Agora se **HOUVER** essa necessidade e se realmente **FOR** pra melhorar, eu acho que é válido, né? (POA 05)

Antes de prosseguir na análise, lembramos que o recorte dos trechos em que aparece(m) o(s) dado(s) de FS obedeceu à introdução de um novo tópico no diálogo entre entrevistador e informante, que geralmente foi introduzido pelo entrevistador, através de uma pergunta. Observe-se nos trechos a seguir (e em outros ao longo deste capítulo) que geralmente o início do enunciado se apresenta como uma resposta típica de uma sequência discursiva dialogal e, em seguida, o informante vai imprimindo a sua fala um caráter mais expositivo, argumentativo, narrativo ou meramente avaliativo.¹⁷⁹

(109) [*Olha, a seleção em si não*], mas se, na realidade, o nosso técnico **CHEGAR** a ser um dos entendidos em futebol – como você sabe que é o Falcão, certo? – Se ele **CHEGAR** a ser o técnico da seleção, não **METEREM** política, dizer: “Não! Esse que tem que jogar”. Se ele **DISSER**: “Não, a minha seleção é

¹⁷⁹ Esses trechos que se apresentam como típicas ‘respostas’ estão em *itálico* no início dos trechos transcritos. Já em outras ocorrências, o tópico é introduzido pelo próprio informante ao longo de sua fala, como desdobramento posterior de uma resposta à pergunta do entrevistador. É comum, ainda, o dado de FS aparecer em trechos de digressão do informante, quando ele se lembra de algo, ou quer fazer um comentário avaliativo ou explicativo sobre um tema que aparece, às vezes até por acaso, no seu discurso, como se observa na ocorrência (05). Embora seja interessante uma caracterização pormenorizada de cada contexto discursivo selecionado, isso não está contemplado na análise, visto que alongaria muito a discussão do capítulo.

essa!”, e essa seleção **JOGAR**, o Brasil **tem** condições de tirar o Tetracampeonato.¹⁸⁰ (FLN 02) [**futuro**]

Esta ocorrência representa os contextos de futuro que, conforme exposto no gráfico, foram significativamente frequentes, ainda mais se consideramos as subdivisões do presente como contextos distintos. Nota-se que, no dado acima, a ideia de futuridade do contexto é captada basicamente pelas cinco manifestações de FS.

Já no próximo caso, consideramos que todo o segmento se caracteriza pelo presente habitual, o segundo contexto/fator mais frequente, representando 25% dos casos.

(110) [*Então, daí a gente vai nos sábados, que não tem aula, né?*] Então a gente **vai, às vezes tem** recuperação do jardim, coisa e tal. A gente **aproveita, trabalha** o sábado até tipo cinco e meia, seis horas. [*Exato, né?*]¹⁸¹ Pra ajudar o orçamento, né? Senão, você **está** ralado. Se **FOR** só pra pegar o sequinho, não **adianta**.¹⁸² (CTB 01) [**presente + habitualidade**]

A ideia de habitualidade fica evidente em (110), em razão da coocorrência de itens verbais no presente do indicativo e expressões adverbiais de frequência – todos em destaque no trecho.

O próximo dado foi considerado como do tipo presente factual, em virtude da presença de várias asserções factuais (*realis*) que, inclusive, podem ser averiguadas em termos de *verdade* pelo ouvinte (entrevistador) no momento da situação comunicativa, apresentando formas verbais de passado e de presente.

(111) [...]Inclusive eu **estava** conversando com um colega que, aqui, essa área pertencente aqui ao Hospital São Pedro, que **tem** uma área enorme, se você **OBSERVAR** aqui quando **PASSAR** pra lá, uma área enorme, coisa mais linda, ainda até que **derrubaram** muro ali, **percebeu?** (POA 03) [**presente factual**]

¹⁸⁰ Pergunta do entrevistador: “Tu achas que o Brasil pode tirar alguma lição da Copa?”

¹⁸¹ Voz do entrevistador, que só intervém rapidamente, confirmando a informação do falante.

¹⁸² Pergunta do entrevistador: “E você trabalham fim de semana também lá com a prefeitura?”

O segmento seguinte foi identificado como no presente gnômico, isto é, como um contexto situado predominantemente no *presente* e acrescido do *valor aspectual gnômico*, o que significa dizer que, em qualquer intervalo de tempo, a situação é verdadeira.¹⁸³ Asserções dessa natureza são também denominadas de *atemporais*, representando muitas vezes verdades eternas, perenes ou científicas.¹⁸⁴

(112) [*A malária, fazendo tratamento ela não é mortal.*] Ela só é mortal se não **FIZER** tratamento, porque a pessoa vai enfraquecendo, né? Então, pode inclusive passar pra hepatite, e tem um tipo ou dois de hepatite que mata em pouco tempo.¹⁸⁵ [**presente gnômico**] (POA 04)

Na próxima ocorrência, consideramos que a passagem é marcada pela ideia geral de uma projeção de tempo cotemporal ao momento de fala, mas que se estende ao futuro também, por isso o nome presente ‘estendido’.

(113) [...] Mas marginalidade, a tendência dela é **crescer, enquanto** não **EXISTIR** no país desenvolvimento industrial, né? Pra que se **gere** uma grande escala de empregos e bons empregos, né? E assim bem remunerados, e só **vão ser** remunerados **a partir do momento** que **TIVER** mais emprego que mão-de-obra. **Enquanto TIVER** mais mão-de-obra do que emprego, não **adianta fazer** greve e não **adianta fazer** nada que mão-de-obra **nunca vai ser bem** remunerada, né? (POA 15) [**presente estendido**]

Como podemos perceber em (113), há várias formas verbais de presente e de futuro, com destaque para a presença da conjunção adverbial *enquanto*, sinalizando que algo está situado no presente, mas se ‘alonga’, projetando-se até o futuro. Cabe observar que, na maioria dos enunciados de presente estendido (tempo identificado em 5% dos dados) houve a presença deste conector.

¹⁸³ Com base em Mateus *et al.* (1989).

¹⁸⁴ De acordo com Gryner (1990).

¹⁸⁵ Pergunta do entrevistador: “A febre amarela, ela é mortal, né? E a malária, ela é ou não mortal?”

Em seguida, transcrevemos um trecho considerado como simplesmente de presente, em (114), sem a manifestação de um valor aspectual marcante, e que é composto principalmente por elementos (verbos) que expressam o presente, além das ocorrências de FS; e outro, em (115), claramente situado no passado, onde encontramos várias formas verbais no pretérito imperfeito, ancoradas em uma expressão temporal de passado (*naquela época*), que acompanham o FS. Vejamos:

(114) [*Ah, isso **tem** muitos aí, até eu **conheço**.*] Até vizinho meu aí, que eu **acho** tão bonito o homem lavar o vidro, lavar uma calçada, né? Cuidar das crianças ali, levar as crianças pra aula. Eu **acho** bonito. **Têm** muitos que **acham** que não, né? Muitos machistas que? Aí, se ele **FOR** varrer um quintal, **FOR** lavar uma calçada, pra ele **é** vergonhoso¹⁸⁶. (CTB 04) [**presente**]

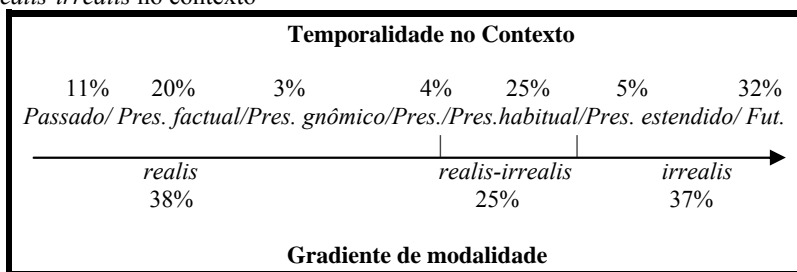
(115) [...] Que *naquela época* **tinha** fartura porque o custo de vida **era** melhor, entendeu? Então ele **trazia** vinte pães, **trazia** um potezinho de mel, um vidrinho, **seja** lá o que é que **FOR**. Mas mel puro. (FLN 02) [**passado**]

Além disso, como estabelecemos uma correlação entre temporalidade e modalidade nesses contextos, distribuímos os sete fatores entre *realis* e *irrealis* – seguindo a linha geral da proposta givoniana¹⁸⁷. Dessa forma, os percentuais do gráfico foram rearranjados a partir do *continuum* de modalidade (da mais *realis*, passado, até a mais *irrealis*, futuro), conforme ilustramos na figura abaixo.

¹⁸⁶ Pergunta do entrevistador: “Você quer dizer assim que deveria dividir a participação dos dois, né?”

¹⁸⁷ Conforme Givón (2001, p. 286), tempo/aspecto habitual marcam um evento (ou estado) que ocorre sempre ou repetidamente, ou evento no qual seu tempo não é especificado. O *status* modal do habitual é um pouco obscuro, pois, apesar de a maioria das orações habituais serem fortemente afirmadas como *realis* (são orações notadamente asseridas como verdadeiras), o traço mais importante das asserções *realis* – o fato de que elas pertencem a eventos específicos que ocorrem num tempo específico – é um traço ausente nas asserções habituais. Por essa razão, o presente habitual foi situado no meio do *continuum*.

Figura 5 – Correlação entre a temporalidade e o *continuum* de modalidade *realis-irrealis* no contexto



Como podemos visualizar no quadro, os contextos mais amplos de uso do FS distribuem-se de maneira bem dividida entre segmentos *irrealis* e *realis*, observando-se que a oposição entre uns e outros deve ser entendida de forma gradiente, isto é, distribuída entre aqueles mais fortemente *irrealis*, passando por contextos de sobreposição entre as modalidades e chegando até os mais *realis*. Resultado esse que se destaca, pois evidencia que os contextos *realis* corresponderam a 38% dos dados, uma vez que incluem os casos considerados como de passado, presente, presente factual e presente gnômico, tendo praticamente a mesma frequência dos contextos de futuro (*irrealis*), que eram os mais esperados na amostra. Além disso, a frequência significativa do presente (*realis*) suscita inicialmente a seguinte reflexão: a de que o FS possa ser uma importante referência de *tempo futuro* nesses contextos, passando a assinalar projeção futura no enunciado e não o inverso, isto é, que o contexto de futuridade favoreça o uso do FS, e ainda acarrete uma leitura de projeção futura à situação denotada por ele.

Enfim, a partir da descrição e análise dos dados, ao longo desta subseção, foi possível visualizar como se distribui a temporalidade nos contextos discursivos em que *nasce* o dado de FS, através de uma investigação que identificou como o tempo (*time*) foi codificado por vários elementos, tendo como intuito identificar uma projeção temporal predominante nos contextos. Desse modo, esta análise contribuiu para a descrição dos contextos de uso do FS, apresentando alguns traços comuns no que se refere à codificação do tempo nesses segmentos. Também podemos ainda estabelecer um paralelo entre o valor temporal do FS e a expressão do tempo nesses contextos, o que será feito em subseção posterior.

5.1.2 O tempo verbal da oração principal do período

A análise deste grupo de fatores é relevante pelas seguintes razões: primeiro, por permitir descrever as principais configurações modo-temporais do período composto com o FS, bem como as relações entre os tempos de cada oração e o grau de (in)dependência entre elas; segundo, por auxiliar na identificação da orientação temporal do enunciado.¹⁸⁸ A ideia é de que o tempo codificado pelo verbo da oração principal estabelece uma correlação significativa com a função temporal do FS no enunciado, embora ele não tenha sido tomado diretamente como ponto de referência temporal para a situação codificada pelo FS.

Quanto aos resultados, a expectativa era de que o presente do indicativo (da oração principal) seria o tempo verbal mais recorrente na oração principal à qual se combina uma subordinada com FS¹⁸⁹, pelas razões já anteriormente exposta, o que se confirmou nos dados. Contudo, nos surpreendeu a alta recorrência do tempo presente, conforme evidenciado na tabela a seguir, que apresenta os resultados para cada tempo verbal mais frequente na amostra.¹⁹⁰

Tabela 1 – Frequência dos principais tempos verbais encontrados nas orações principais

TEMPO VERBAL DA ORAÇÃO PRINCIPAL DO PERÍODO COM FS						
Presente Ind.	Futuro do Pres. Ind.	Presente Subjuntivo	Imperativo	Infinitivo	Outros	Total
Apl./Tot Perc.	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.	Apl/Tot Perc.	Apl/Tot. Perc.	Apl/Tot. Perc.	
345/495 70%	85/ 495 17%	21/ 495 4%	18/ 495 4%	14/ 495 3%	12/ 495 2%	495

¹⁸⁸ Observamos ainda que, por exemplo, um verbo no futuro do indicativo já indica predição e localização do enunciado no futuro, assim como um verbo principal no imperativo já aponta provavelmente para uma modalidade orientada ao falante no enunciado.

¹⁸⁹ Conforme já mencionamos, em Reis (2010) o presente do indicativo foi também o tempo verbal mais recorrente nas orações principais de períodos nos quais o FS se encontrava na subordinada.

¹⁹⁰ De agora em diante, as tabelas apresentam sempre o número total de casos e o número de ocorrências de cada fator, seguido do percentual de frequência.

Os resultados indicam claramente o domínio do presente do indicativo nos dados, ocorrendo em 70% dos casos, seguido, com bastante distanciamento, pelo futuro (17%), considerando-se a perífrase *vou + verbo principal* também como forma do futuro do presente do indicativo, como já esclarecemos antes. Associando-os ao resultado visto na seção anterior, percebemos novamente o predomínio do presente.

É interessante registrar que essa distribuição basicamente se mantém nas três capitais, tomadas isoladamente, com destaque para Curitiba, que foi a cidade que apresentou o maior percentual de ocorrências no presente do indicativo (77%), e o menor uso de futuro do presente (14%). Além disso, registramos que em Porto Alegre, houve mais ocorrências de imperativo (7%) do que de presente do subjuntivo (3%).

Assim, os resultados expostos na tabela apontam para um distanciamento em relação aos exemplos constantes em gramáticas normativas, como já foi acentuado ao longo da tese, que associa o emprego do futuro do presente do indicativo na oração principal em construções com o FS na subordinada, principalmente se atentarmos para o fato de Curitiba representar quase 80% de uso do referido tempo verbal.

Por exemplo, Neto e Infante (2010, p. 197) descrevem acerca do FS que “esse tempo geralmente se associa ao futuro do presente do indicativo quando se expressa circunstância de condição ‘Se fizer o regime, emagrecerá rapidamente’”, enquanto Cegalla (2005, p. 590) apresenta os seguintes exemplos, também com futuro do presente na principal¹⁹¹:

- ⇒ *Se **transpuserem** a fronteira, **serão** capturados.*
- ⇒ *Caso **persistirem** as chuvas, os rios **transbordarão**.*
- ⇒ *Enquanto não a **vir**, não **descansarei**. (grifos nossos)*

Em contrapartida, Cunha e Cintra (2008, p. 489) descrevem que “o futuro do subjuntivo simples marca a eventualidade no futuro, e emprega-se em orações subordinadas: adverbiais (condicionais, conformativas e temporais), cuja principal vem enunciada no futuro ou

¹⁹¹ Esses exemplos ainda ilustram a noção de que o FS é sempre *anterior* a outra situação no futuro, ideia também comumente presente nas gramáticas, e que também será discutida mais adiante.

no presente” – observe-se, assim, que os autores admitem que a oração principal pode vir no tempo presente. Por sua vez, Mateus *et al.* (1989) afirmam que condicionais com futuro do subjuntivo na prótase e futuro do indicativo na apódose parecem estar ficando mais restrita a textos escritos.

Assim, para comparar com um texto escrito, trazemos um exemplo de FS extraído de uma peça de teatro que pertence ao Projeto PHPB-SC,¹⁹² que ilustra o uso do futuro do indicativo na oração principal à qual se combina uma subordinada com FS:

(116) MADRE: Se **quisermos** contratar uma psiquiatra para Agnes, **encontraremos** a nossa, obrigada. (Peça Teatral *Agnus Dei* – PHPB-SC)

Em resumo, o fato é que o presente do indicativo se apresenta nos dados como o tempo verbal que prototipicamente coocorre com o FS na combinação ‘principal + subordinada com FS’.

Todavia, cabe observar que esses resultados não significam que as orações principais cujo verbo apresenta a morfologia de presente do indicativo expressem, de fato, o tempo presente.¹⁹³ Por tal razão, conforme descrito no capítulo metodológico, o tempo verbal presente foi subdividido em três fatores: (i) *presente do indicativo* (pressupondo-se a expressão do tempo presente pelo verbo); (ii) *presente do indicativo modal* (mais *irrealis*) – referente aos casos em que o dado trata-se de um verbo modal que antecede um principal –; (iii) *presente do indicativo com ‘ideia’ de futuro* (quando a situação descrita pelo verbo está localizada no futuro).

Antes, porém, de passarmos à discussão desses valores temporais/modais associados à forma verbal no presente do indicativo, vale citar os demais tempos verbais encontrados na oração principal, além do *presente do subjuntivo* e do *imperativo* (que já projetam nuances de modalidade no enunciado) e do *infinitivo* (que, devido a seu valor de tempo relativo, se amolda à temporalidade da oração combinada): o *futuro do pretérito do indicativo*, o *pretérito perfeito do*

¹⁹² O Projeto para a História do Português Brasileiro de Santa Catarina (PHPB-SC) dispõe de várias peças teatrais dos séculos XIX e XX, escritas por autores catarinenses. Essa peça *Agnus Dei* foi traduzida por um autor catarinense e publicada em 1994.

¹⁹³ Na subseção 3.2.2. realizamos uma discussão sobre tempo verbal e tempo ‘real’ que serve para justificar essa perspectiva adotada.

indicativo e opretérito imperfeita do indicativo, todos tempos verbais que não eram previstos, e que juntos totalizaram 12 ocorrências apenas.

A seguir, apresentamos alguns dados de formais verbais que se mostraram menos frequentes na amostra:

(117) [**Presente do Subjuntivo**] Se **PINTAR** oportunidade, talvez eu **vá** de novo pra tentar. (POA 04)

(118) [**Imperativo**] Cada um **faça** o que **ACHAR** melhor da sua vida. (POA 15)

(119) [**Infinitivo**] Não adianta você **ensinar** pra criança o ‘bê-a-bá’, se não **DER** a ele educação. (FLN 13)

(120) [**Pretérito perfeito do indicativo**] Então, daí o pessoal tem três conduções pra puxar as equipes. Então, daí vai. Se a chuva **PARAR, parou** (CTB 01)

No que diz respeito ao uso do imperativo e do presente do subjuntivo, cujas ocorrências juntas somam 8% do total de dados analisados, cabe ressaltar que, além das situações de imperativo, que já têm também uma leitura de futuridade/*irrealis*, o presente do subjuntivo, em muitos casos, pode descrever situações que localizamos no futuro, como na própria ocorrência (117), mostrando que a correspondência entre *time* (tempo) e *tense* (tempo verbal) pode ser assimétrica em vários casos.¹⁹⁴

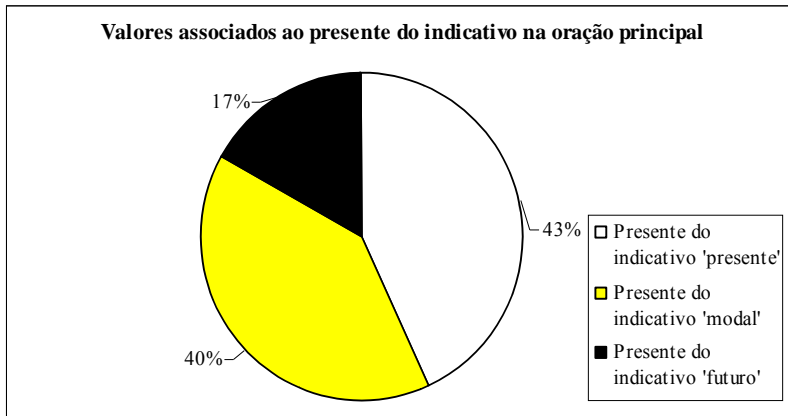
Antes de tratarmos dos casos de presente, trazemos ainda uma ocorrência do futuro do indicativo, cuja frequência foi de 17% dos casos, embora mais expressiva que a dos tempos verbais anteriormente citados.

(120) [**Futuro do Presente do Indicativo**] Se o açougueiro te **DER** uma carne macia, **vai ficar** bom. (POA 15)

Passamos, então, à discussão do tempo verbal *presente*, expresso na oração principal contígua à oração com FS. Centramos a atenção nos 345 dados associados a esse tempo verbal, conforme a tabela 1. O gráfico a seguir representa o presente em suas três subdivisões.

¹⁹⁴ Conforme discutimos no capítulo três, sobretudo nas subseções 3.2.1 e 3.2.2.

Gráfico 2 - Resultados referentes ao presente do indicativo na oração principal do período com FS



Destacamos que esses resultados, de fato, refletem o comportamento diferenciado do presente do indicativo. E esclarecemos que essa interpretação de tempo futuro atribuída ao verbo no presente do indicativo foi proposta a partir de uma análise minuciosa do enunciado em que está inserido o item verbal, seja mediante a identificação elementos explícitos que projetam diretamente uma ideia de futuridade à oração principal, seja através da captação do subentendido, da inferência permitida pelo contexto. Além disso, essa é uma proposta que se sustenta em outros estudos sobre a expressão do tempo em construções sintáticas mais complexas, sobretudo em condicionais, conforme descrevemos no capítulo anterior, bem como na própria descrição dos enunciados condicionais hipotéticos¹⁹⁵ em português que, por exemplo, segundo Mateus *et al.* (1989), tendem a assumir como referência de tempo o futuro, tendo, em sua configuração mais comum, tanto o *futuro* como o *presente* do indicativo (na oração principal) e o futuro do subjuntivo (na condicional).

Assim, antes de prosseguirmos com a descrição de alguns dados da amostra objetivando sustentar nossa proposta de análise, apresentamos alguns exemplos citados por Mateus *et al.* (1989, p. 301), que ilustram o cerne desta ideia:

¹⁹⁵ As construções condicionais hipotéticas tendem a ser descritas como de domínio do FS em português, como veremos mais adiante.

Em todos esses casos, é difícil não concordar que a referência temporal nos enunciados é de futuro, empregando-se ou não o verbo principal no presente do indicativo.

Isso posto, passamos ao exame de algumas ocorrências em que essa faceta multifuncional do presente do indicativo se apresentou, começando com a descrição de ocorrências consideradas como de presente modal.

(121) E se tu **QUISERES colocar**, tu podés colocar salame ou não (FLN 01)

(122) Se a mulher **ESTIVER** na cozinha, você tem que ficar na sala. (CTB 03)

(123) Ele pode liberar quanto ele **QUISER**, que eu jamais vou fugir. (FLN 07)

Percebe-se que a maioria dos dados desse tipo são casos de locução verbal em que o verbo no presente do indicativo funciona como um auxiliar modal e que, em razão do traço *irrealis* do item verbal, a situação já carrega uma leve ideia de futuridade (não fato).

Chama a atenção nesses enunciados o fato de que eles parecem estar muito mais voltados à expressão da modalidade do que da temporalidade, que se apresenta mais como uma ‘consequência’ da inter-relação conceitual entre *irrealis* e futuridade. De fato, identificamos nos dois primeiros enunciados o predomínio da modalidade orientada ao falante, enquanto que, em (123), a modalidade dominante é a orientada ao agente, que também evidencia noções modais que podem se sobressair no enunciado¹⁹⁶. Todavia, não vamos estender essa discussão aqui, haja vista que a modalidade será discutida com mais propriedade na seção 5.3, reservada a essa categoria.

Em seguida, apresentamos algumas ocorrências com o presente do indicativo, em que a situação descrita localiza-se, ou seja, está situada no futuro:

(124) Então, melhor tu botar um quilo de farinha, ou se tu **QUISERES**, eu **vejo** depois a receita. (POA 15)

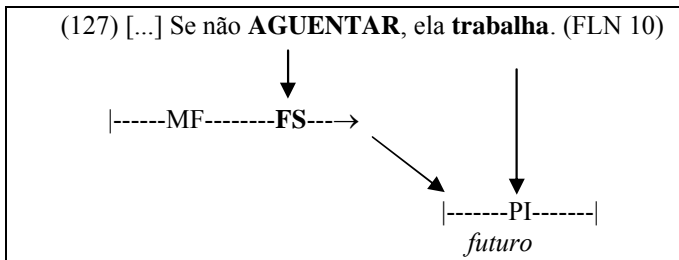
¹⁹⁶ Por tais razões, torna-se mais difícil representar essas situações na linha do tempo, sobretudo no que diz respeito às relações temporais que se estabelecem entre elas.

(125) É, tentar. Se ela **TIVER** sorte, *um dia* ela **passa**. (FLN 17)

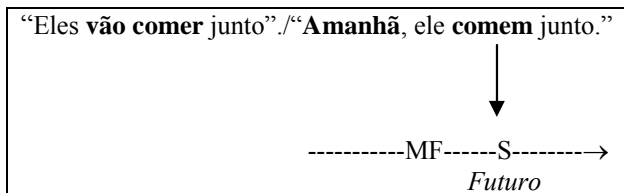
(126) *Uma hora* que vocês **QUISEREM** aparecer pra ver, eu **mostro** todos eles, inclusive quanto eu ganhava de diária. (FLN 05)

(127) *A Flávia, enquanto ela, né, PUDER* aguentaro estudo dela, *vai, depois é....se não* **AGUENTAR**, ela **trabalha**. (FLN 10)

Para clarear essa leitura em que associamos o presente do indicativo ao futuro, cabe realizar uma representação das situações do período na linha do tempo.



Utilizamos esse tipo de representação não inteiramente linear para tentar ilustrar a nossa visão de que a situação no presente do indicativo *nasce* inserida num intervalo de tempo localizado no futuro, que já foi predeterminado, isto é, delimitado anteriormente, sobretudo, pela oração condicional que a antecede, e eventualmente por outras marcas temporais do enunciado. Acreditamos que, dessa forma, ressaltamos a ideia de que a situação no presente do indicativo está localizada num futuro demarcado e dependente da ocorrência de uma situação no tempo que o antecede. Por conseguinte, podemos considerar que esta situação não está ancorada num futuro *qualquer, comum*, como seria o caso do exemplo abaixo, em que a situação futura faz parte de um período simples:



É interessante observar ainda a presença de um traço comum a vários desses casos em que o presente do indicativo suscita uma leitura de futuro: a situação denotada por ele localiza-se, na linha do tempo, quase sempre posteriormente à situação codificada no FS, o que também é comum à maioria dos casos em que há o futuro do indicativo na oração nuclear. Com base nisso, poderíamos aventar que quando a situação principal estiver situada no futuro, provavelmente o FS remeterá a uma situação futura e *anterior* a ela.¹⁹⁷ De fato, os casos seguintes, com o verbo principal no futuro do indicativo, ilustram essa associação apontada acima:

(128) Se tu **MUDARES** o teu interior, tu **vais ver** que a vida é outra coisa, né? (POA 19)

(129) Se não **FIZER**,**vai ter** que pagar multa. (CTB 08)

Uma discussão dessa natureza é relevante para entendermos a dimensão do papel do tempo expresso pelo verbo da oração nuclear, como principal referência de tempo no enunciado. Por exemplo, a partir desses casos, poderíamos considerar que, se o valor temporal da situação principal do período for de *futuro*, a tendência é a de que o FS tenha também uma expressão de *futuro*.¹⁹⁸

Os dados que se seguem são de presente do indicativo, em sua expressão canônica (de presente), que correspondeu a 43% das

¹⁹⁷ Esse ponto será retomado em seção posterior, que versará sobre a relação temporal entre as situações codificadas no enunciado.

¹⁹⁸ Em contrapartida, uma questão que se coloca para análise é: numa configuração em que o FS tem valor de futuro e o presente do indicativo tem expressão de presente, poderíamos dizer que haveria uma única referência de tempo dominante no período composto, e qual seria ela? O dado 132 reflete um pouco essa diferença na expressão do tempo, posto que a situação ‘houver’ está claramente no futuro.

ocorrências de tempo presente no verbo principal (equivalentes a 30% do total de contextos analisados), ou seja, teve uma representação significativamente frequente na amostra.

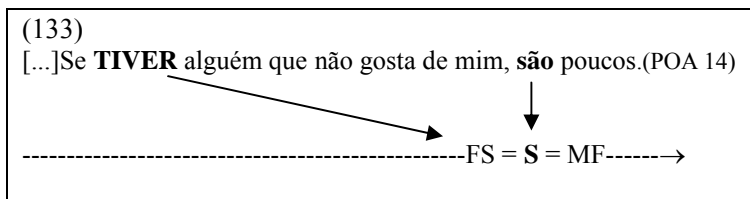
(130) Conheço, tenho muita amizade, graças a Deus. É muito bom. *Se **TIVER** alguém que não gosta de mim, **são** poucos.* (POA 14)

(131) **É** ou casas ou apartamentos, **seja** lá o que **FOR**,né.(FLN 11)

(132) Então **está** muito bom. *Agora se **HOUVER** essa necessidade e se realmente for pra melhorar, eu **acho** que é válido, né?* (CTB 05)

(133) Mas que se o camarada **TIVER** que se deslocar, claro, **tem** vias de acesso muito boas. (POA 15)

Vejamos uma representação na linha do tempo para a situação expressa pelo verbo da oração principal, no enunciado (130), em que podemos identificar claramente a simultaneidade dessa situação (em *são*) com o momento de fala, assim como a sua cotemporalidade com a situação no FS:



Percebe-se que, tanto neste caso, como em (131), ambos presente do indicativo e FS têm leitura de presente, o que implica numa orientação temporal única para o enunciado¹⁹⁹. Já em (132) e (133), enquanto as situações no FS estão associadas ao futuro, as situações expressas nas orações principais do período são cotemporais ao momento de fala. Entretanto, neste ponto, já estamos adiando um

¹⁹⁹ Note-se que, com o termo ‘enunciado’, estamos nos referindo ao trecho em *itálico*, correspondente ao período sintático.

pouco a discussão destinada à subseção seguinte, que trata especificamente da relação de tempo que se estabelece entre as situações expressas no período composto, em que questionamentos dessa natureza estão implicados.

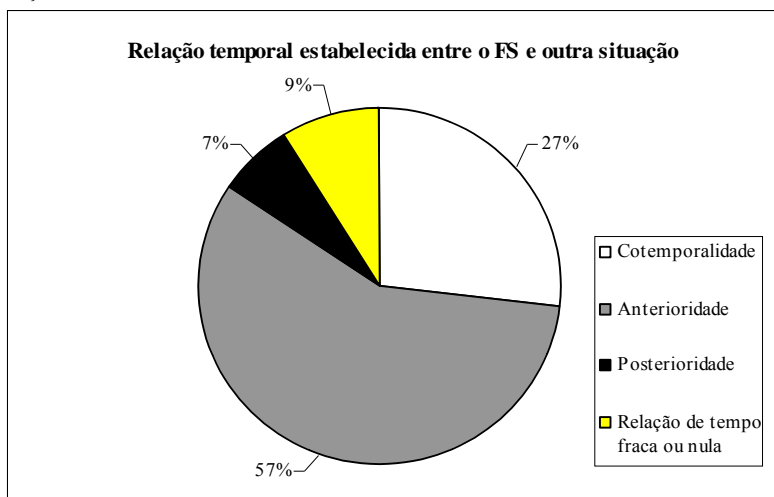
Para finalizar, ressaltamos que a análise da expressão temporal do verbo da oração principal refletiu, muitas vezes, uma interação forte entre tempo verbal, sintaxe e discurso, posto que, em alguns casos, a localização da situação descrita pelo verbo principal esteve relacionada à expressão temporal do verbo no FS ou a outro elemento presente no período sintático, ou ainda a uma interpretação permitida pelo contexto discursivo, que torna possível situar um evento ou situação no futuro, por exemplo, mesmo que o falante utilize uma forma verbal de presente para denotar essa situação. Por tal motivo, concordamos com Klein (2009), quando o autor afirma que o tempo verbal, às vezes, se torna uma categoria irrelevante (ou redundante) para marcação do tempo no enunciado.

5.1.3 A relação de tempo entre o FS e outra situação no enunciado

A relação de tempo que se estabelece entre a situação descrita pelo dado no FS e uma outra situação do enunciado – que quase sempre corresponde à situação descrita pelo verbo principal do período sintático – foi também investigada na análise, conforme especificado anteriormente, posto que essa relação também caracteriza a expressão do FS, no que concerne ao eixo da temporalidade.

A expectativa inicial era a de que o FS se apresentaria principalmente em situações que fossem anteriores a outras localizadas no futuro, numa linha do tempo, o que se confirmou nos resultados, os quais podem ser vistos através do gráfico subsequente. Nele, identificamos a frequência de cada um dos fatores controlados – *anterioridade*; *cotemporalidade (simultaneidade)*; *posterioridade*; *relação fraca ou nula*. Esse último diz respeito aos casos em que a relação temporal entre as situações não se apresentou de forma clara, fazendo com que fosse interpretada como ‘fraca’ ou até como ‘inexistente’, às vezes, dependendo do contexto sintático, de forças discursivas, dentre outros fatores que se atravessam na enunciação.

Gráfico 3 – Resultados da relação de tempo verificada entre o FS e outra situação no enunciado



Embora os resultados tenham corroborado a hipótese de que haveria mais ocorrências de casos de *anterioridade*, o esperado era que o número de ocorrências do FS como anterior a outra situação fosse ainda maior do que os 304 casos registrados, equivalentes a 57% da amostra, visto que essa relação de tempo é bem associada ao FS em descrições sobre ele, de modo geral.²⁰⁰

Antecipando rapidamente o que ainda será discutido adiante, pode-se dizer que um ponto importante no que diz respeito a essas relações temporais entre as situações seria a provável inter-relação entre elas e fatores presentes no contexto linguístico, como: *tipo de construção de subordinação* – por exemplo, em construções temporais, essa relação possivelmente será mais forte e clara –; *valor temporal associado ao FS e o próprio aspecto da situação* – por exemplo, situações no futuro e com traço aspectual de telicidade podem colaborar na interpretação do FS como anterior –; e a *expressão do tempo pelo verbo principal*, visto que se a situação principal estiver no futuro, por exemplo, poderá correlacionar-se mais os casos em que a situação no FS seja anterior a ela.

²⁰⁰ Como veremos adiante, ainda nesta subseção, essas relações temporais podem ser esmiuçadas.

Na presente subseção, importa-nos averiguar com mais atenção a correlação estabelecida entre o *tempo verbal da oração principal*, que, como vimos, se mostrou um fator significativo, e a *relação temporal do FS com outra situação* na composição do enunciado. A hipótese inicial quanto a essa primeira correlação é de que nas construções com o verbo no futuro do indicativo na oração principal prevaleça uma recorrência maior da relação de anterioridade, visto que, uma vez que a situação esteja claramente no futuro, maior seria a chance da situação no FS ser anterior a ela, se compararmos com os outros casos. Ademais, esta é a configuração mais tradicionalmente designada à construção com o FS.

De fato, a hipótese foi atestada, como apontam os resultados da tabela abaixo:

Tabela 2 – Correlação entre tempo da oração principal e relação temporal entre o FS e a situação principal

	Anterioridade Apl./Total Perc.	Cotemporalidade Apl./Total Perc.	Posterioridade Apl./Total Perc.	Rel.Fraca Apl./Total Perc.
Presente do Indicativo	56/ 149 38%	55/ 149 37%	22/ 149 15%	16/ 149 11%
Presente do Indicativo ‘modal’	34/ 58 59%	18/ 58 31%	-	6/8 10%
Presente do Indicativo ‘futuro’	102/138 74%	30/ 138 22%	1/ 138 1%	5/138 4%
Futuro do Pres. do Indicativo	69/ 85 81%	11/ 85 13%	2/ 85 2%	3/85 4%
Presente do Subjuntivo	4/ 21 19%	12/ 21 57%	1/ 21 5%	4/21 19%
Imperativo	12/ 18 67%	4/ 18 22%	2/ 18 11%	-
<i>Total</i> ²⁰¹	277 / 469	130 / 469	28 / 469	34 / 469

²⁰¹ No fator ‘outros’, especificado anteriormente, estão inseridos dados do infinitivo, pretérito perfeito, futuro do pretérito e outros tempos verbais, que não estão inseridos no ‘total’ da tabela 02, assim como também não estão os casos em que não houve um ‘verbo principal’. Por tanto, esses casos correspondem a diferença entre os 534 dados de FS analisados e os 469 dados de formas verbais da oração principal descritos na tabela.

Numa leitura vertical da tabela, podemos notar, examinando a coluna da anterioridade, que dos 277 dados, 69 (25%) têm o futuro do presente na oração principal, 102 (37%) têm o presente com ideia de futuro e 34 (12%) têm o presente modal na principal, totalizando 74% dos casos em que o FS expressa anterioridade a uma situação que apresenta projeção futura em algum grau. Além disso, se olharmos para as linhas correspondentes aos fatores futuro do presente, presente com ideia de futuro e presente modal, verificamos que os percentuais mais altos correlacionados à anterioridade são, respectivamente, 81%, 74% e 59%, o que ratifica nossa hipótese. Merece registro também o alto percentual revelado na correlação entre imperativo (que já projeta a situação no futuro, mesmo que próximo) e anterioridade (67%), apesar do número reduzido de dados com imperativo.

Quanto à cotemporalidade, percebemos que essa relação ocorreu mais nos casos em que o verbo principal estava no presente do indicativo (37%) ou do presente do subjuntivo (57%), assim como a relação de posterioridade e relação fraca também foram mais frequentes nos casos em que o verbo principal estava no presente.

Com base nessas frequências, buscamos traçar um *continuum* entre a expressão temporal do verbo da oração nuclear e a relação de anterioridade e cotemporalidade verificada entre o FS e a situação principal, uma vez que identificamos que: (i) quanto mais forte for a expressão de futuro pelo verbo principal, mais se estabelece uma relação de anterioridade do FS com ele; (ii) a ocorrência de cotemporalidade entre as situações é mais frequente nos casos em que o verbo da oração principal está no presente do indicativo (expressão: presente) ou do subjuntivo, e menos comum nos casos em que o verbo principal está no futuro do presente do indicativo.²⁰²

²⁰² Não consideramos a frequência dos dados no presente do subjuntivo nesse *continuum*, pois acreditamos que este é um tempo verbal com uma expressão temporal inconstante, estando associado tanto ao presente como ao futuro, e ainda frequentemente com fraco valor de tempo (e mais modal), segundo os dados da amostra, diferentemente do imperativo, cuja ideia quase sempre remete ao futuro. Além disso, não incluíamos as relações: cotemporalidade e fraca ou nula, visto que a correlação estabelecida entre elas e o tempo do verbo da oração nuclear foi menos expressiva, além do fato de que elas correspondem a um número menor de dados.

Figura 6 – Gradiente para correlação entre tempo do verbo principal e relação temporal entre as situações

[+cotemporalidade]	37%	31%	22%	22%	13%	
↑						
[+presente] = M = PI----	PI/Mod.---	Imp.-----	PI/Fut.----	Fut.Ind.-----		[+futuro]
						↓
	38%	59%	67%	74%	81%	[+anterioridade]

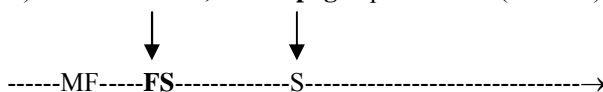
A seguir, esmiuçamos um pouco mais a relação temporal entre as situações, observando, à luz dos resultados, que os usos de FS podem corresponder à expressão de uma situação:

1. *anterior* a uma situação localizada no futuro ou no presente;
2. *cotemporal* a uma situação localizada no futuro ou no presente;
3. *posterior* a uma situação localizada no presente;
4. *posterior* ou *cotemporal* a outra situação no presente estendido;
5. *sem relação temporal* clara com outra situação no enunciado.

Os dados não foram quantificados em relação aos cinco contextos descritos acima, razão pela qual apenas apresentamos algumas ocorrências em caráter ilustrativo, no intuito de evidenciar que o FS tem um comportamento temporal multifacetado. No entanto, mesmo sem ter feito um controle quantitativo, podemos perceber que os dois primeiros contextos são os mais recorrentes na amostra analisada, até porque juntas, as relações de anterioridade e cotemporalidade correspondem a 84% dos casos da amostra. A seguir, uma ocorrência de cada tipo de contexto é representada na linha do tempo, seguida de alguns outros dados em que essa relação temporal entre as situações codificadas no período não fica muito clara

1) FS ⇒ anterior a outra situação no futuro²⁰³

(134) Se ela **ERRAR**, ela **vai pagar** pelos erros. (CTB 11)



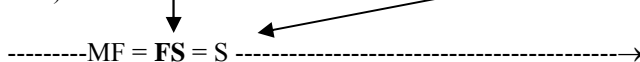
2) FS ⇒ cotemporal a uma situação no futuro

(135) [...] O desenvolvimento **vai acompanhar** conforme a necessidade que **HOUVER**.



FS ⇒ cotemporal a uma situação no presente

(136) Quem **ESTIVER** escutando, realmente eu **estou** certa. (FLN 16)



3) FS ⇒ posterior a uma situação no presente

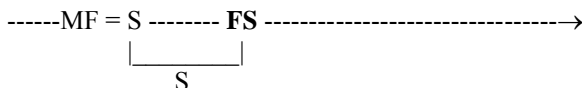
(137) “Eu **tenho** uma casa que é um galpão. Se tu **QUISERES** ir.” (POA 14)



²⁰³ Os casos em que foi possível uma leitura da situação no FS como ‘anterior’ a outra no presente, sempre envolveram a expressão de algum traço modal, sendo difíceis de representá-los na linha do tempo, como em: “Se uma pessoa aqui *QUISE* usar ele, por exemplo, *pode* pegar aqui no Centenário.” (CTB 07) Observe-se que, neste caso, a asserção *irrealis* “pode pegar aqui”, pode ter tanto uma leitura de presente, pois é cotemporal ao MF, como de futuro, devido ao traço *irrealis* da locução modal.

4) FS ⇒ posterior ou cotemporal a outra situação no presente estendido²⁰⁴

(138) Quando eu **MORRER**, eu não **quero** (S) nem flor e nem vela. (CTB 08)



Nos dados a seguir a relação de tempo entre o FS e a situação representada na oração principal parece ser mais fraca, sendo difícil determiná-la. Por isso, ocorrências dessa natureza foram enquadradas como de “relação fraca ou nula”, uma vez que foi difícil definir com precisão que tipo de relação se desenvolve entre as situações no enunciado.

(139) Não, o Deus deles, se **DER** uma guerra, uma enchente, acabar o mundo, os homens voar, o que eu duvido muito; *voar* o dinheiro no bolso deles, né? (POA 10)

(140) Quando ele *chega* em casa cansado do trabalho, vai tomar um banho, vai descansar, naquelas alturas, os filhos também já *estão dormindo*, ainda mais se **FOR** o pequeno. (CTB 17)

(141) Se interessar, ‘puxa’, lá no Pinheirinho tem uma área. A pessoa é chamada. Se**INTERESSAR**, *tudo bem*. Se não interessar, ele continua na listagem. (CTB 13)

²⁰⁴ No quarto tipo de contexto identificado, a localização temporal da situação da oração principal não é clara, podendo ser interpretada como no presente ou no futuro. Melhor dizendo, a situação principal parece localizada num intervalo de tempo presente que se estende ao futuro. Nessa ocorrência (138), por exemplo, apesar da situação *quero* ser simultânea ao presente, subentende-se que sua expressão temporal se estende até um momento futuro (da ‘morte’ do falante). Nesse ponto, cabe observar que situações estáticas (aspecto lexical) tendem a ter uma leitura maior de imperfectividade, visto que não possuem limite inicial ou final (Cf. GIVÓN, 2001).

(142) Que nada! A hora que vocês **QUISEREM, PRECISAREM**. Que eu penso assim, se hoje eu estou fazendo alguma coisa por vocês, tem alguém que faça algo pros meus sobrinhos, né? Mais tarde. (CTB 04)

Como podemos perceber nesses enunciados, até a delimitação precisa de qual seria a oração principal do período com FS é difícil, muitas vezes, ficando apenas subentendida, como nos enunciados (141) e (142).

Além disso, percebemos que, em muitos desses casos, há uma maior independência²⁰⁵ da oração subordinada em relação à principal, ou melhor, percebe-se uma menor integração entre as duas orações da construção, o que se reflete na expressão do tempo, que passa a ser mais particularizada em cada oração. Dados desse tipo acabam por dificultar a delimitação de uma expressão temporal mais *categórica* para o FS, que implique numa definição única sobre sua função/significação como tempo verbal, o que nos faz entendê-lo como um tempo absoluto-relativo não prototípico, uma vez que em alguns usos não se identifica uma segunda relação temporal clara, além da estabelecida com o momento de fala.

Para justificar esse posicionamento, transcrevemos mais alguns dados que, assim como os anteriores, distanciam-se de um comportamento do FS mais padrão, que seria o de: um tempo verbal que comumente localiza uma situação no futuro, que é ainda anterior ou cotemporal a outra situação futura (o que era esperado). Vejamos:

(143) Essa nação aqui, ela *é* terminada, filha; só se **HOUVER** uma revolução socialista. Que Deus nos livre! (POA 18)

²⁰⁵ Muitas vezes, essa menor dependência da oração com FS em relação à principal pode ser decorrente de uma menor integração entre as orações, e pode ser percebida pelos seguintes motivos: (i) ausência de conexão causal entre antecedente e consequente, quando se trata de construção condicional; (ii) as referências de tempo são distintas; (iii) ausência de correferencialidade entre os sujeitos das orações dos períodos; (iv) a pausa entre a pronúncia de uma oração e outra parece um pouco maior. Podemos observar, por exemplo, que, em três dos dados (143), (144), (145) e (146) não há correferencialidade entre os sujeitos.

(144) Se **HOUVER**, se **HOUVER** uma colaboração do povo em geral – e que na realidade haja essa cooperação, que eles também dêem uma regulada até certo ponto, pra não haver uma disparidade muito grande de preços–, eu *acho* que isso é bom pro país. (CTB 05)

(145) Porque se a gente **FOR** colocar os – até não sei se são quatro ou cinco candidatos, eu não sei, porque eu nem presto atenção –, única pessoa que eu *acho* que fez um feito muito grande [...] (POA 22)

(146) Se ele **FOR** varrer um quintal, **FOR** lavar uma calçada, pra ele é vergonhoso. (CTB 04)

A partir desses casos, podemos perceber também que ocorrências dessa natureza dificultam na interpretação de uma única referência de tempo para o enunciado – correspondente ao período composto –, assim como realçam o caráter multifuncional do FS, refletido em sua expressão temporal não categórica. Contudo, vale ressaltar que essa é uma análise, de certa forma, esperada quando se investiga a expressão de um tempo verbal no discurso, ainda mais com dados orais. Portanto, estudos que se baseiem em dados de FS a partir de contextos mais formais da língua podem encontrar um comportamento mais padrão para sua expressão no âmbito da construção sintática.

Além disso, conforme especificado no capítulo quatro, neste estudo a investigação da expressão temporal do FS não se restringe à análise da relação de tempo que ele estabelece com o outro tempo codificado pelo verbo da oração principal da construção; pelo contrário, apoia-se sobretudo na investigação do seu valor, significado como tempo verbal, tendo como base a análise da localização no tempo da situação a qual descreve, sendo esse o foco da próxima subseção.

5.1.4 A expressão do tempo pelo futuro do subjuntivo

O foco desta subseção é analisar o comportamento do futuro do subjuntivo como tempo verbal, através da análise da expressão de tempo denotada pela oração com FS. Foram controlados os seguintes fatores: *futuro*, *presente*, *presente relativo* e *indeterminação temporal*, conforme detalhado na metodologia. Vale mencionar que, inicialmente, consideramos ainda outros valores, como, por exemplo, de *passado* (e

passado relativo), mas que não foram significativos na amostra (totalizaram cerca de 1,6% dos casos)²⁰⁶, e acabaram sendo analisados à parte, por se tratarem de usos do FS que ‘esbarraram’ em outros domínios funcionais – como em alguns casos em que o falante usou o FS, ao invés do pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, como no dado a seguir:²⁰⁷

(147) Não, ela *gostava* de lá, diz que o lugar (era) bom e tudo mais, só que pra eles *foi* muito sofrido. *Era* lavoura, né? O serviço. Então, aonde um lugar que a pessoa sofre muito, não tem muitas saudades, né? Então, aqui pelo menos ela está trabalhando, tal [...] Não como *antigamente* na roça, né? Porque *tinha que* plantar e esperar, se **DER**, deu, se não, **DER**, não deu, um ano perdido(CTB 03).

Nesse enunciado, percebemos vários elementos que marcam o passado no contexto, incluindo o ponto de referência para as duas ocorrências de FS. Logo, caberia uma leitura do FS como de um tempo verbal que é posterior a um ponto de referência no passado. Nota-se também que esta é uma configuração muito próxima à do pretérito imperfeito do subjuntivo, o que nos fez questionar se um caso dessa natureza seria mais periférico no âmbito do domínio funcional do FS. Por isso, esse dado, assim como outros semelhantes a ele, foi analisado à parte, e não incluído nas quantificações gerais apresentadas neste capítulo, mas sem ser descartado totalmente da análise.

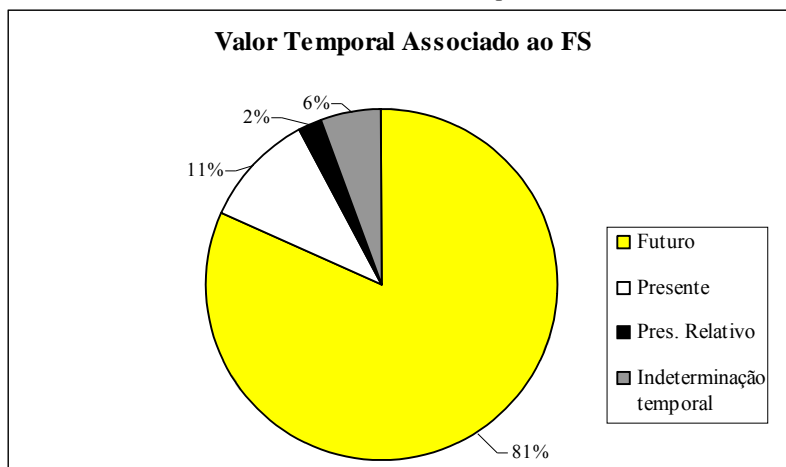
Confirmando a expectativa, na maioria dos dados, a situação descrita pelo FS estava situada posteriormente ao momento de fala, sendo o valor temporal de futuro o mais recorrente nas ocorrências.

Os resultados podem ser conferidos no gráfico a seguir, cujos percentuais foram calculados em relação ao total de ocorrências das três capitais (534 dados).

²⁰⁶ Mais precisamente, as ocorrências dessa natureza totalizaram 9 casos que, num universo de 543, correspondem a 1,66% da amostra. Note-se que esses dados não foram incluídos na quantificação geral, que totalizou 534 dados.

²⁰⁷ Ao final da seção, ilustramos mais alguns desses casos.

Gráfico 4 – Resultados referentes aos valores temporais associados ao FS



De acordo com os números dispostos no gráfico, há uma alta frequência de tempo futuro (82%) associado a FS, conforme prevíamos. No entanto, o percentual de presente (11%) não é desprezível, bem como a frequência de presente relativo (6%).²⁰⁸

A seguir, trazemos alguns dados para ilustrar a análise, iniciando com os casos de ‘futuro’, por serem sempre os mais recorrentes, depois, passamos para alguns de ‘presente’ e, por último, analisamos alguns dados que foram considerados de tempo ‘indeterminado’.

Observe-se:

(148) [**futuro**] Pode ser, como eu te falei, eu acho que o desenvolvimento vai acompanhar conforme a necessidade que **HOUVER**, né? (CTB 05)

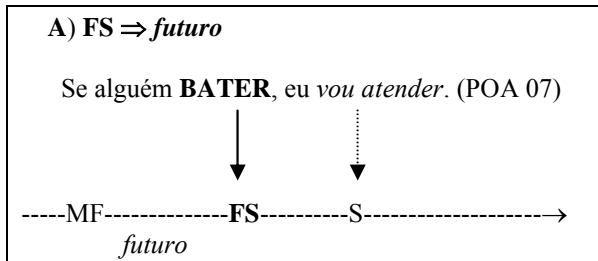
(149) [**futuro**] Ah, daí tem que encarar o que **VIR**, né? Fazer o quê? (CTB 07)

(150) [**futuro**] Se alguém **BATER**, eu vou atender. (POA 07)

²⁰⁸ Os casos de *presente relativo* se distinguem dos de *presente* pela fraca (ou nula) expressão temporal. Assim, sua referência de tempo passa a ser somente o tempo do verbo da oração principal da construção. Dados desse tipo estiveram mais restritos a contextos sintáticos de construções relativas.

(151) [**futuro**] Não sei, sei que, se a cachorrinha **CRIAR**, eu quero ver se levo pra lá, hã? (FLN 10)

Segue abaixo uma representação na linha do tempo para um desses dados:



Essa ocorrência representa um dos casos mais comuns na amostra, além de ser semelhante a exemplos de usos do FS encontrados em gramáticas e manuais, quando o FS é visto como um *futuro anterior a outro futuro*. Caso o FS tivesse aparecido somente em ocorrências com essa configuração, teria sido mais simples caracterizá-lo como um típico tempo verbal absoluto-relativo, que localiza uma situação anterior a um ponto de referência futuro (o tempo do verbo principal do período), e até questionar se em alguns usos do FS pode haver uma expressão de anterioridade relacionada a ideia de tempo perfeito, sobretudo se tivesse ocorrido algum dado de FS na forma composta, como no exemplo (fabricado) “se ele *tiver feito* isso...”. No entanto, outros dados se distanciaram desse ‘padrão’, como é caso das ocorrências seguintes, onde apesar do FS localizar a situação no futuro, ela não se situa anteriormente àquela expressa na oração principal do período na linha do tempo. Observe-se:

(152) Eu *acho* um erro, se **PASSAR** uma lei dessa. (CTB 15)

(153) Quando **PRECISAR**, *estamos* aí. (CTB 03)

No entanto, o que pretendemos realçar é o fato de que nesses dados o FS descreve situações que são futuras em relação ao momento de fala, mesmo que são ainda posteriores às situações denotadas pelos verbos principais, uma vez que consideramos que a relação estabelecida

com o MF é a responsável pela significação, função do FS como tempo verbal.

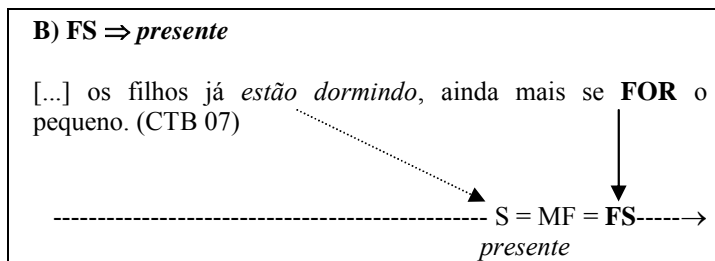
Em seguida trazemos dados para ilustrar os usos do FS nos quais sua leitura é de *presente*, cuja representação na amostra foi de 13%.

(154) [**presente**] Quando ele chega em casa cansado do trabalho [...] os filhos também já estão dormindo, ainda mais se **FOR** o pequeno. (CTB 17)

(155) [**presente**] Ah, se ele (Collor) **ESTIVER** (com AIDS), ele não vai dizer que está, né? Mas isso acredito que talvez não seja. (CTB 03)

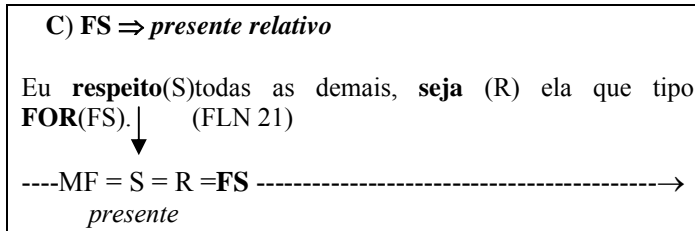
(156) [**presente relativo**] Então, eu **respeito** todas as demais, **seja** ela que tipo **FOR**. (FLN 21)

Segue uma representação possível na linha do tempo para um desses dados em que o valor do FS está associado ao presente.



Percebe-se ainda nesse enunciado a ideia de habitualidade foi um fator que favoreceu, muitas vezes, a expressão do valor temporal de presente no dado de FS, conforme será visto através dos resultados traçados através da correlação entre esses dois grupos de fatores mais adiante, nesta subseção.

A ocorrência que segue é de presente relativo:



Esse dado é representativo da maioria dos outros categorizadas como de ‘presente relativo’, quando o ponto de referência tomado pelo FS é somente o tempo da oração principal. Ainda neste caso, percebe-se que nem o verbo principal (*seja*) do período com a oração relativa expressa um valor temporal ‘forte’²⁰⁹, o que também contribui para que essa construção seja considerada em sua especificidade. Assim, um argumento a favor da ideia de que os dois tempos verbais neste tipo de construção (o denotado pelo presente do subjuntivo e o FS) sejam vistos como *relativos* seria o fato de que, se o tempo do primeiro verbo (no caso, *respeito*), que passa a ser o ponto de referência temporal do enunciado, estivesse no futuro ou no passado, ambas as situações denotadas pelo FS e pelo presente do subjuntivo estariam localizadas nesse intervalo de tempo. De fato, é o que parece ocorrer no próximo dado, cujo ponto de referência está no passado (*estava*):

(157) Agora não acredito que todo o dinheiro que **estava** investido, **seja** em que papel **FOR**. (FLN 21)

Já as próximas ocorrências servem para ilustrar os dados considerados como de *indeterminação temporal*, pois não há uma expressão temporal muito clara do verbo no FS, que parece estar voltado mais a funções modais, expressando desejo externado pelo falante, como em (158) e (159):

(158) [**indeterminação temporal (função modal)**] Quer dizer, a obrigação que tem, assim é votar lá, você vai lá, vota e daí seja o que Deus **QUISER**. (CTB 07)

²⁰⁹ Por exemplo, suspeitamos que *seja* pode ser substituído facilmente por *sendo*(gerúndio), uma forma verbal tradicionalmente tida como de tempo relativo.

(159) [**indeterminação temporal (modal)**] Até me operar, pra ficar bom, se Deus **QUISER**, vou ficar bom, se Deus **QUISER**. (POA 10)

No entanto, observamos que é possível argumentar que essas ocorrências de FS, por serem cotemporais a situações futuras (por exemplo, em *vou ficar bom, se Deus quiser*), teriam alguma relação com a expressão do tempo, mesmo que indiretamente, podendo ser considerados apenas como ‘cotemporais’ a uma situação futura. Todavia, a partir de um olhar mais discursivo-pragmático, entendemos que não só a função do FS, como da oração como um todo, é, nesses casos, de marcar a modalidade *irrealis* (deôntica), acima de qualquer função temporal. Na verdade, as construções: “se Deus quiser” e “seja o que Deus quiser” parecem funcionar mais como ‘expressões modais’ voltadas à interação discursiva, com uso mais restrito em textos escritos (sem diálogos). Desse modo, consideramos que esses casos se enquadrariam no que Fleischman (1982) denomina de ‘deslocamento’ de funções temporais para funções expressivas, que são perceptíveis em certos usos de tempos verbais no discurso.

Em face do exposto, diremos que a perspectiva vista acerca das diferenças entre os tempos verbais em termos de *absoluto*, *relativo*, *absoluto-relativo*, conforme vista em Comrie (1985), parece que nos ajuda a compreender e descrever o comportamento do FS como um tempo verbal, mas não dá conta totalmente de uma tentativa de categorização do FS que corresponda a todos os seus usos, principalmente por estarmos lidando com dados de fala, vistos através de uma análise voltada ao estudo do tempo verbal na situação discursiva, quando diversos elementos intersectam sua expressão. Sobre essa questão, cabe mencionar ainda que Declerck (1991) defende que, mesmo o passado perfeito do inglês, um tempo verbal tradicionalmente descrito por Comrie (1985) como absoluto-relativo, ou por outros autores como tempo *relativo* apenas (qualificação essa aceita na literatura de modo geral), teria alguns usos que não correspondem a esse padrão, o que implica aceitar que a teoria sobre tempos verbais absolutos e relativos possa não se aplicar a todos os usos de um determinado tempo verbal, mesmo que corresponda à maioria deles.

Para concluir essa parte voltada à ilustração de dados, apresentamos algumas ocorrências que se distinguem das anteriores, por se tratarem de expressões de tempo que correspondem a domínios temporais de outras formas verbais (cuja equivalência está assinalada abaixo), o que justificaria um estudo à parte só para tratar desses casos.

A) FS ⇒ Infinitivo [*ir*]

(160) Então acho tanto faz você estar aqui em Curitiba, ou você **FOR** a Porto Alegre, pra onde você *for*, você que vai fazer o ambiente. (CTB 01)

B) FS ⇒ Pretérito imperfeito do subjuntivo [*fosse*]

(161) Hoje se diz que é falta de estudo. Se **FOR** falta de estudo, o nosso país tinha melhorado aqui. (CTB 23)

C) FS ⇒ Presente do subjuntivo [*seja*]

(162) Nem que **FOR** em branco, mas tem que apresentar como tu votaste. (FLN 19)

Acerca dessas ocorrências, destacamos que: (i) dentre esses dados predomina a presença da forma verbal *for* (como se pode notar acima); (ii) a maioria dos dados dessa natureza é oriunda da amostra de Curitiba; (iii) o domínio mais frequente é o do pretérito do subjuntivo. Quanto a essa última consideração, cabe citar que o estudo de Back (2008) sobre a multifuncionalidade do pretérito imperfeito mostrou que, em 28% dos casos, ele esteve associado ao futuro, como em sentenças do tipo “Se eu ganhasse na loteria [...]”, o que pode indicar que esses dois tempos verbais *irrealis* tenham funções em comum, justificando alguns usos supostamente intercambiáveis entre essas duas formas verbais.

A seguir, passamos a discutir alguns resultados verificados através da correlação entre o valor temporal do FS e as outras variáveis já apresentadas.

Focamos, inicialmente, os resultados da correlação traçada entre os valores temporais do FS e a temporalidade no contexto. Nesse caso, a expectativa era de que as ocorrências de FS com valor temporal associado ao futuro apareceriam em larga escala em enunciados caracterizados por uma ideia predominante de futuridade. Nossa hipótese foi atestada, mas não de maneira significativa, como podemos ver na tabela a seguir:

Tabela 3 – Resultados relativos à correlação entre os valores temporais do FS e a temporalidade do contexto

	Futuro	Presente estendido	Pres. habit.	Presente gnômico	Pres. factual	Pres. geral	Passado
	<u>Apl./T.</u> Perc.	<u>Apl./Tot.</u> Perc.	<u>Apl./T.</u> Perc.	<u>Apl./Tot.</u> Perc.	<u>Apl./T.</u> Perc.	<u>Apl./T.</u> Perc.	<u>Apl./T.</u> Perc.
	162/436	19/436	96/ 436	11 / 436	84/ 436	16/436	48/ 436
Futuro	32%	4%	22%	3%	19%	4%	11%
Pre- sente	7 / 57 12%	5/ 57 9%	18/ 57 32%	2/ 57 4%	16/ 57 28%	3/ 57 5%	6 / 57 11%
Pres. Relat.	0/11	1/ 11 9%	7/ 11 64%	1 / 11 9%	1 / 11 9%	0/11	1 / 11 9%
Indet. Temp.	4/ 30 13%	1 / 30 3%	10 / 30 33%	0/30	4 / 30 13%	6/ 30 20%	5 / 30 17%
Total	173/534	26/534	131/534	14/534	105/534	25/534	60/534

Dos 436 dados de FS com valor associado ao futuro, apenas 162 (37%) concentram-se em contextos com o predomínio do futuro – 41% se considerarmos também o ‘presente estendido’. Há também uma taxa relativamente significativa do valor de futuro em casos de contextos de predomínio do ‘presente habitual’ (22%) e de ‘presente factual’ (19%). Em outras palavras, as ocorrências de FS expressando tempo futuro distribuem-se por diferentes contextos temporais, com maior destaque para os enunciados em que prevalece a ideia de futuro. Por outro lado, se olharmos verticalmente os resultados da tabela, observamos que nos 173 enunciados de futuridade há 162 ocorrências de FS com valor de futuro, o que corresponde a cerca de 94% dos dados analisados (uma taxa maior do que se verifica nas demais colunas, que mantêm as respectivas relações entre o total e os casos de FS futuro na casa dos 70%). Ou seja, se o contexto mais amplo for de futuridade, a tendência é a de que o FS expresse tempo futuro. Mas o inverso não é verdadeiro: o FS pode expressar tempo futuro, mesmo que o segmento em que se inserir não seja caracterizado pela futuridade.

Além das correlações entre os fatores concernentes ao tempo futuro, outras correlações podem ainda ser observadas: os valores de FS presente e de FS presente relativo se ligam mais fortemente a enunciados caracterizados pelo presente habitual. De fato, somente 12% dos dados de FS ligados ao presente se encontram em enunciados marcados pela ideia de futuridade, e apenas 11% em enunciados no passado. Logo, cerca de 77% dos casos de presente ocorreram em enunciados em que predominou o *presente*, principalmente o *presente habitual* (32%), fato esse que foi relevante para distribuição do FS em padrões funcionais, conforme será visto no próximo capítulo. Destaca-se

ainda que 64% das ocorrências de presente relativo apareceram em enunciados de presente habitual – embora os resultados concernentes ao presente relativo não sejam muito significativos para a análise, visto que sua frequência foi muito baixa na amostra. Quanto às ocorrências consideradas como de *valor temporal indeterminado*, por vezes muito fraco, destacamos que elas também se distribuíram em maior número nos enunciados de presente, principalmente no presente habitual.

Para concluir, ressaltamos que os contextos de *presente factual* e principalmente os de *presente habitual* foram os que mais atraíram os dados de FS com valor de presente, presente relativo e indeterminação temporal, o que pode ser um indício de que há uma maior dependência desses valores temporais do FS com fatores ligados ao contexto (no caso, a temporalidade), além de que o traço aspectual de habitualidade seja uma força que desfavoreça a expressão do FS com valor de futuro.

A segunda correlação realizada foi entre os *valores temporais do FS* e os *tempos verbais da oração principal* da construção. Os resultados mostram-se, de certa forma, similares aos da correlação anterior entre FS e temporalidade no contexto, e podem ser vistos na tabela 4.

Tabela 4 – Correlação entre os valores temporais do FS e o tempo do verbo da oração principal

	Presente Indicat. <i>presente</i> Apl./Total Perc.	Presente Indicat. <i>modal</i> Apl./Total Perc.	Presente Indicat. <i>futuro</i> Apl./Total Perc.	Futuro Presente Indicat. Apl./Total Perc.	Impera- tivo Apl./Total Perc.	Presente do Subjunt. Apl./Total Perc.
Futu- Ro	97 / 436 25%	47 / 436 12%	132 / 436 35%	80 / 436 21%	17 / 436 4%	8 / 436 2%
Pre- sente	31 / 57 61%	7 / 57 14%	5 / 57 10%	4 / 57 8%	1 / 57 2%	3 / 57 6%
Pres. Relat.	7 / 11 63%	-	-	-	-	4 / 11 37%
Indet. Temp	12 / 30 46%	4 / 30 15%	1 / 30 4%	1 / 30 4%	-	8 / 30 31%
Total <small>210</small>	147 / 469	58 / 469	138 / 469	85 / 469	18 / 469	23 / 469

O primeiro ponto que ressaltamos com base nesses resultados diz respeito à distribuição dos dados do FS com valor de futuro. Observe-se

²¹⁰ Rever nota 201.

que a expressão temporal de futuro do FS se distribui de maneira muito similar entre as ocorrências nas quais o verbo principal está no presente (25%) ou no futuro do indicativo (21%), sendo um pouco mais recorrente nos casos em que o verbo está no presente, mas com leitura de futuro (35%), e menos frequente nos casos em que o verbo está no presente modal (12%).

O segundo ponto concernente ao FS com valor de presente é o fato de que o futuro do subjuntivo com esse valor temporal está bem mais associado a contextos em que o verbo da oração principal está no presente (61%) do que a contextos em que o verbo da principal está no futuro do presente indicativo (8%).

Quanto aos dados categorizados como de presente relativo e de valor indeterminado, o que mais chamou atenção foi a frequência significativa do *presente do subjuntivo* na oração principal, correlacionando-se a esses dois valores temporais do FS. Uma explicação possível para essa ligação pode estar relacionada à alta frequência de construções relativas, como: “seja o que for”, “seja o que Deus quiser”, nesses dois casos, respectivamente. Em particular, no que se refere ao presente relativo, a elevada frequência do presente do indicativo (seguido do presente do subjuntivo) foi de acordo com o esperado, posto que o ‘presente’ é sempre o ponto de referência temporal para esse tipo dado, enquanto que, nos casos de indeterminação temporal, destacamos ainda uma frequência significativa de 15% dos verbos principais do tipo presente modal que, somados aos 31% de presente do subjuntivo, sugerem uma forte influência da modalidade *irrealis* nesses dados, em que o FS provavelmente está mais atrelado a funções modais do que temporais.

Uma última correlação investigada foi entre os *valores temporais do FS* e a *relação temporal entre o FS e a outra situação* descrita na oração principal do período, ou do enunciado maior. A hipótese era de que, assim como no caso da correlação antes vista entre o tempo verbal da oração principal e a relação temporal entre as situações (subseção 5.1.3), prevalecesse uma associação entre a expressão do futuro (relativo ao MF) e de anterioridade (relativa ao tempo da oração principal) nos dados.

De fato, essa hipótese se confirmou, como podemos notar na tabela seguinte, que exhibe os resultados relativos a essa correlação:

Tabela 5 – Correlação entre os valores temporais do FS e a relação temporal entre as situações do enunciado

	Anterioridade	Cotemporali- dade	Posteriori- dade	Relação Fraca
	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.
<i>Futuro</i>	269/432 62%	88/ 432 20%	35/ 432 8%	40/432 9%
<i>Presente</i>	27 / 57 47%	29 / 57 51%	0 / 57	1 / 57 2%
<i>Presente Relativo</i>	4 / 11 36%	7 / 11 64%	0 / 11	0 / 11
<i>Indeter. Temporal</i>	4 / 29 14%	18 / 29 62%	1 / 29 3 %	6 / 29 21%
<i>Total</i>	304 / 529	142 / 529	36 / 529	47 / 529

Destacamos nesses resultados que, quanto mais ‘fraca’ é a expressão de tempo, ou melhor, principalmente quando o dado de FS tem um valor temporal indeterminado, menor é a relação de *anterioridade* verificada entre o FS e o tempo da situação codificada pela oração principal, à proporção que, quanto mais forte é a função temporal do FS, sobretudo se o dado é associado ao futuro, maior também é a relação de anterioridade entre as situações do enunciado. Ademais, vale ressaltar que, nos dados de FS com valor de presente, a correlação foi similar à anterioridade e à cotemporalidade, enquanto nos dados de indeterminação, verificou-se uma maior correlação com as relações de cotemporalidade, entre a situação denotada pelo FS e a situação descrita por outra oração no contexto.

Em face dos dados analisados e expostos ao longo desta subseção é possível afirmar que o FS se apresenta como um tempo verbal predominantemente voltado à expressão do futuro no enunciado, e que, na maioria dos casos em que se verifica o valor de presente associado ao FS, outras forças voltadas à expressão do tempo presente encontram-se atuando simultaneamente no enunciado.

Para finalizar, distribuímos esses resultados no seguinte *continuum* de valores temporais associados ao FS num gradiente de força de codificação do tempo, começando pela mais fraca e indo até a mais prototípica: (i) indeterminação; (ii) presente relativo; (iii) presente; (iv) futuro.

5.1.5 O aspecto da situação no FS

Além da expressão do tempo, investigamos também o aspecto da situação denotada pelo verbo no FS. Conforme especificado na metodologia, a classificação aspectual das situações obedeceu à divisão de Vendler (1967) – *estado, atividade, achievement e accomplishment* –, acrescentando-se ainda uma ‘classe’ que agrupa os *verbos de modalidade e verbos modais*, de modo a incluir nesta mesma variável uma segunda distinção relativa à natureza do item verbal no FS. Observe-se, pois, que verbos de modalidade, que são tipicamente estáticos, foram controlados em separado.

O objetivo principal é descrever como se distribui quantitativamente o aspecto lexical das ocorrências de FS da amostra, e ainda buscar correlações possíveis entre o valor aspectual da situação descrita pelo FS e a função temporal dessa mesma situação, principalmente no que se refere ao tempo relativo entre o FS e outra situação no enunciado.

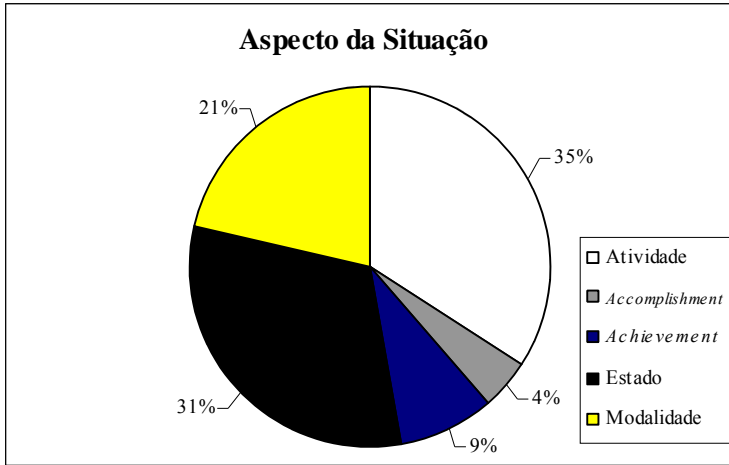
A hipótese geral quanto a essa variável é a de que muitas situações descritas pelos verbos no FS sejam *não dinâmicas*,²¹¹ sendo caracterizadas tanto por verbos de estado, como por itens verbais de modalidade inerente ou modais, em razão da forte expressão da modalidade nos contextos de uso FS, que favorece a presença de enunciados mais avaliativos.

Os resultados mostram que essa ideia inicial se confirmou nos dados, posto que, se considerarmos as situações do tipo *estado, modalidade e achievement*²¹², que não possuem o valor aspectual de dinamismo, juntas somam 61% dos casos.

²¹¹ Conforme discorremos na fundamentação teórica, as situações ‘não-dinâmicas’ se caracterizam pelo fato de todas as fases da situação descrita serem idênticas. Note-se que em: *João sabe onde eu moro*, em qualquer ponto temporal em que a situação seja recortada, o conhecimento de John é o mesmo, diferentemente de *João está correndo*, em que as fases da situação poderão ser diferentes, conforme o posicionamento do sujeito durante a corrida. Logo, uma *situação estática* não sofre alteração e não necessita de ‘esforço’ para permanecer estática, enquanto uma *situação dinâmica* envolve mudança e também esforço do sujeito que precisa fornecer energia para que ela prossiga. (Cf. COMRIE, 1976, p. 49)

²¹² Retomando o que já apresentou antes sobre aspecto, lembramos que as situações do tipo *achievement* têm a propriedade aspectual da pontualidade, que se refere à *qualidade de uma situação que não perdura no tempo*, ou seja,

Gráfico 5 – Aspecto da situação descrita pelo FS na oração



Consideramos ainda que a frequência dos verbos de modalidade foi relativamente significativa (21%), haja vista que esses verbos são um grupo pequeno se comparado a todo o restante de tipos verbais. Vale ressaltar que as proposições com esses verbos de natureza *irrealis* já apontam interações claras com a modalidade não factual no contexto.

Além disso, como já mencionado, examinamos esta variável com o intuito de traçar possíveis correlações entre aspecto da situação descrita pelo FS na oração e expressão temporal do FS, seja com o valor de tempo futuro, seja com relação de anterioridade a outra situação. A principal hipótese diz respeito ao segundo caso: a expectativa principal era de que se verificaria uma maior frequência do FS como anterior a outra situação (expressa na oração principal), nos casos em que o aspecto lexical do verbo no FS fosse de *atividade*, *accomplishment*, *achievement*, sobretudo esses dois últimos, por apresentarem um maior traço de ‘completude’, estando mais inclinados à perfectividade da situação, de acordo com a perspectiva de Givón (2001). Explica-se. De acordo com Givón (2001, p. 287), os ‘graus de perfectividade’ podem ser distribuídos ainda segundo o aspecto lexical dos verbos – e não somente em termos de categorias gramaticais, ponto esse que não foi

realiza-se momentaneamente. Logo, situações pontuais não possuem nenhuma duração e, portanto, também podem ser consideradas como não-dinâmicas, embora se diferenciem das situações inerentemente estáticas.

tratado na tese, uma vez que não lidamos com o aspecto gramatical. Para o autor, num extremo de perfectividade estão os verbos compactos (*achievement*), e os *accomplishment*, seguidos depois pelos verbos de *atividade*, ao passo que, no outro extremo, estão os verbos de *estado*, que possuem fortes interações com o aspecto imperfectivo, visto que tendem a denotar situações de longa duração e sem fronteiras iniciais ou terminais.

Essa visão é interessante, pois pode fornecer indícios de como algumas situações no FS parecem estar localizadas temporalmente de forma mais anterior à situação denotada pelo verbo principal do que outras. Por exemplo, considerando que um verbo do tipo *télico* já descreve uma situação que tem um ponto que necessariamente chega ao fim – quando então a situação descrita estará completa, concluída, de acordo com Comrie (1976) –, logo, as situações classificadas como *achievement* e *accomplishment* poderão incorporar uma noção de completude e anterioridade maior às situações no FS, se comparadas às outras classes aspectuais, principalmente na comparação com situações descritas por verbos de *estado*. Para clarear essa ideia, citamos o exemplo anteriormente mencionado, da gramática de Cegalla (2005): “Se *transpuserem* a fronteira, serão capturados”, cuja situação do tipo *accomplishment*, descrita pelo FS, implica o valor aspectual de completude que, por conseguinte, pode ressaltar a ideia de anterioridade ao evento principal.

Para melhor ilustrar essa hipótese, assim como para representar algumas ocorrências de cada tipo/fator averiguado, trazemos alguns dados, obedecendo à ordem escalar de Givón (2001), começando com situações mais perfectivas até chegar às menos perfectivas (representadas por um verbo de estado).²¹³

(163) [*achievement*] Se a senhora for viva e eu **MORRER** primeiro, a senhora **ponha** aquelas florzinha verdes. Uns galinhos. (CTB 08)

(164) [*accomplishment*] Ele falou: “Se não **TERMINAREM** (o trabalho) vocês não **jantam**.” (CTB 20)

²¹³ Para tanto, selecionamos para exemplificação os verbos mais ‘típicos’ de cada categoria. Por exemplo, além do próprio verbo ‘morrer’, um verbo comumente usado para ilustrar situações *compactas*, no caso das situações de *estado*, utilizamos um verbo de cópula.

(165) [**atividade**] Se você **SAIR** aqui – não precisa ir muito longe, dando uma volta aí – você **encontra** um cabra puxando fuminho. (CTB 17)

(166) [**modal**] As pessoas que moram aqui não dependem praticamente do Centro. Se **QUISEREM** trabalhar aqui, elas **trabalham** aqui. (CTB)

(167) [**estado**] Aí, se **FOR** só a couve-flor cozida, já é uma bases de oitocentos, novecentos, mil quilos de couve-flor. (FLN 07)

Observe-se que todos os casos selecionados são do mesmo tipo de construção subordinada, para que seja possível compará-los mais adequadamente, em termos de relação temporal entre as situações codificadas no período. E, como podemos notar, a ideia de anterioridade a uma situação parece ter sido mais clara nos três primeiros casos (164, 165, 166), sendo que, no último (167), a relação entre as situações é claramente de cotemporalidade. Assim, quanto aos resultados da correlação proposta entre o *aspecto da situação no FS* e a *relação temporal entre as situações*, segue a tabela 6, que descreve as frequências verificadas:

Tabela 6 - Correlação entre aspecto da situação no FS e relação temporal entre as situações

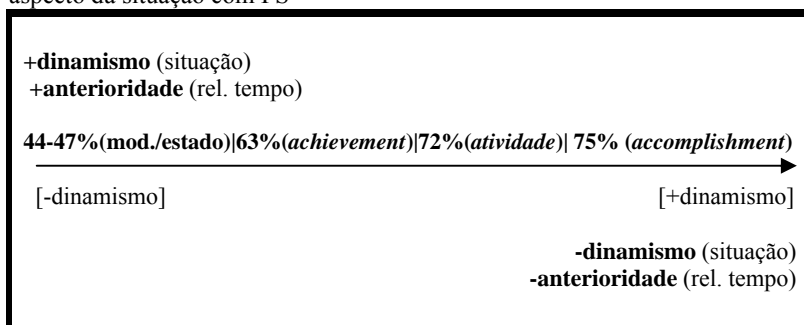
	Anteriori- dade	Cotemporali- dade	Posteriori- dade	Relação Fraca
	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.	Apl./Tot. Per
<i>Estado</i>	78/168 47%	63 / 168 38%	10/ 168 6%	15/168 9%
<i>Modalidade</i>	50/114 44%	34/ 114 30%	9 / 114 8%	20/114 18%
<i>Atividade</i>	129/182 72%	31 / 182 17%	12/ 182 7%	8/ 182 4%
<i>Accomplishment</i>	18/ 24 75%	2 / 24 8%	3 / 24 7%	2/ 24 8%
<i>Achievement</i>	29/ 46 63%	12 / 46 63%	2 / 46 8%	2/ 46 4%
Total ²¹⁴	304 / 529	142 / 529	36 / 529	47/529

²¹⁴ Observe-se que no total de 529 dados estão excluídos os cinco casos em que não houve uma situação principal no enunciado que estabelecesse uma relação de tempo com a ocorrência de FS.

Podemos dizer que nossa previsão se confirmou, visto que, em média, 70% das situações do tipo *atividade*, *accomplishment*, *achievement* estão inter-relacionadas à expressão do FS como anterior a outra situação, enquanto que, nos casos em que as situações são do tipo *estado* e *modalidade*, a presença da relação de anterioridade foi inferior (em torno de 45% dos casos). Mais precisamente, os verbos de *atividade* se destacaram mais nessa correlação hipotetizada do que os demais, tendo em vista que os outros dois denotam situações mais perfectivas, o que nesse ponto não era o mais esperado. Além disso, vale ressaltar o fato de que, quando a relação verificada é de cotemporalidade, apenas 17% dos verbos foram de *atividade*, e somente 8% de *accomplishment*. Ou seja, o traço aspectual *+dinamismo* foi o mais relevante nesta correlação.

A partir desses resultados, buscamos estabelecer um *continuum* (nos moldes do que realizamos anteriormente), agora entre anterioridade (relação temporal) e propriedades aspectuais da situação expressa pelo FS, com destaque para dinamismo, tendo como base o fato de que as situações do tipo *atividade* e *accomplishment* se mostraram como as que mais estiveram associadas à expressão da relação de anterioridade. Observe-se:

Figura 7 – Gradiente entre a relação de anterioridade entre as situações e aspecto da situação com FS



Por último, apresentamos os resultados da correlação realizada entre os valores temporais do FS e o aspecto da situação, os quais podem ser visualizados na tabela subsequente.

Tabela 7 - Correlação entre aspecto da situação e valor temporal de FS

	Futuro	Presente	Pres. Rel.	Indeterminado
	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.
<i>Estado</i>	105 / 168 63%	38 / 168 23%	8 / 168 5%	17 / 168 10%
<i>Modalidade</i>	97 / 114 85%	5 / 114 4%	-	12 / 114 11%
<i>Atividade</i>	171 / 182 94%	8 / 182 4%	2 / 182 1%	1 / 182 1%
<i>Accomplishment</i>	23 / 24 96%	1 / 24 4%	-	-
<i>Achievement</i>	40 / 46 87%	5 / 46 11%	1 / 46 2%	-
<i>Total</i>	436 / 534	57 / 534	11 / 534	30 / 534

Dentre esses dados, destacamos que a elevada frequência (95%) de situações mais dinâmicas (*atividade* e *accomplishment*) associadas às ocorrências de FS com valor de futuro, enquanto que, nos casos em que o valor associado ao FS foi o *presente*, prevaleceu a presença de verbos de estado. Contudo, essa correlação não se mostrou tão expressiva como a anterior, embora indique uma forte afinidade entre o traço aspectual de ‘atividade’ e a ideia de ‘futuro’ no dado, visto que 171 ocorrências de FS foram dessa natureza.

De modo geral, o que mais chamou a atenção nos resultados examinados através desta variável aspectual foi: (i) a maior recorrência de situações não-dinâmicas na amostra; (ii) a alta frequência das situações dinâmicas correlacionadas à expressão do FS como um tempo futuro e anterior a outra situação.

A seguir, discutimos acerca do aspecto referente à situação principal do período, dentro outros traços que a caracterizam.

5.1.6 Tipo do verbo da oração nuclear

Buscamos também investigar como se apresenta o verbo da oração principal em termos de aspecto lexical – basicamente através de uma subdivisão das situações em dinâmicas ou não-dinâmicas –, de sua caracterização como verbo modal ou de modalidade, e ainda em termos de sua atuação como um verbo pleno ou auxiliar, tudo através de um

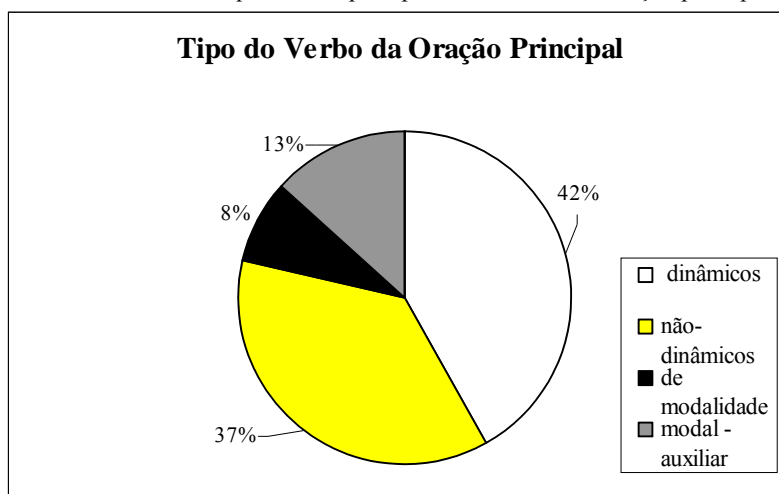
único grupo de fatores, com vistas a delinear um pouco mais o perfil, o tipo da situação codificada pelo verbo da oração principal do enunciado.

Em relação ao tipo aspectual do verbo da oração principal, a hipótese é de que a maioria dos dados sejam caracterizados como ‘não dinâmicos’, em consonância à hipótese anterior sobre o aspecto lexical do verbo no FS, o que, de certa forma, se confirmou nos dados.²¹⁵

Esclarecemos que, dentre os dados categorizados como de valor aspectual de dinamismo, estão as situações classificadas como *atividade* e *accomplishment* e, como ‘não dinâmicos’, estão as classes aspectuais de *estado* e *achievement*, e ainda os próprios verbos modais ou de modalidade, controlados separadamente.

Os resultados encontrados podem ser vistos através da disposição no gráfico abaixo:

Gráfico 6 – Resultados quanto ao tipo aspectual do verbo da oração principal



A partir desses números, percebemos que a distribuição entre dados dinâmicos e não dinâmicos é bastante aproximada. Contudo, se considerarmos também o somatório das ocorrências dos verbos de modalidade e modais, que se enquadram como verbos não dinâmicos,

²¹⁵ Uma outra hipótese era a de que a presença dos verbos auxiliares modais favorecesse a expressão de enunciados mais *irrealis* e voltados às modalidades não-epistêmicas – tema destinado à próxima seção, o que não se confirmou de forma significativa nos resultados.

teríamos uma frequência maior desses últimos, que englobariam 58% dos casos, o que está em consonância com a hipótese inicial.

Para finalizar, trazemos alguns dados que ilustram os fatores analisados:

[Verbos de perfil +dinâmico]

(168) Ah, não. Só **vou** se PUDER se Maria. Burro não vou ser mais. (CTB 20)

(169) O bagre, como um peixe de fundo, ele come qualquer porcaria que ESTIVER no fundo, ele **come**. (POA 15)

[Verbos de perfil -dinâmico]

(170) Eu gosto. Posso ficar cantando no meio da igreja feito uma boba, mas se FOR pra cantar no microfone, eu **sou** boba e meia. (CTB 20)

(171) Agora, eu se FICAR uma semana sem ir na missa, **parece que fico** uma semana pelada. (CTB 20)

[Verbos de perfil –dinâmico/de modalidade inerente]

(172) Quando eu MORRER, eu não **quero** nem flor e nem vela (CTB 08)

(173) Se ele não TIVER o seu estudo, ele não **consegue** nada mesmo (FLN 17)

[Verbos auxiliares com função modal]

(174) Ah, daí **tem que** encarar o que VIR, né? Fazer o quê? (CTB 07)

(175) Oh, se Deus PERMITIR e ACHAR que eu **deva fazer...** (CWA 06)

5.1.7 A presença de advérbios no contexto: algumas considerações

Esta subseção destina-se a expor os resultados investigados através de um grupo de fatores que verificou a presença de advérbios que poderiam influenciar na expressão do tempo (advérbios temporais), aspecto (advérbios de frequência) e modalidade (advérbios de dúvida) nos contextos.

O objetivo foi identificar e quantificar esses advérbios presentes no contexto discursivo maior em que se encontra nosso objeto, para

traçar correlações com a própria expressão do tempo pelo verbo no FS, além de descrever quais advérbios são os que mais frequentemente coocorrem nos contextos de uso do FS.

A hipótese inicial era de que a presença de advérbios de tempo como *amanhã* ou *hoje*, por exemplo, poderia ter alguma correlação com uma função temporal do FS, em sua expressão de presente e/ou futuro, ao passo que a ocorrência de um advérbio de dúvida, como o *talvez*, já colocaria o enunciado muito mais a serviço da modalidade *irrealis* (epistêmica/incerteza), e a presença de um advérbio de frequência, como *sempre*, já acrescentaria um traço aspectual de habitualidade ao enunciado.

Isso posto, cabe apresentar os resultados vistos, mas não sem retomar e elencar os fatores que compuseram este grupo voltado à identificação dos advérbios, que são: (i) *amanhã*; (ii) *hoje*; (iii) demais advérbios de tempo; (iv) *hoje em dia*; (v) demais expressões adverbiais de tempo; (vi) *sempre*; (vii) demais advérbios de frequência; (viii) advérbio de dúvida (*talvez*).

A tabela a seguir sintetiza a distribuição dos advérbios encontrados, que foram 175 no total.²¹⁶

Tabela 8 - Resultados concernentes à presença de advérbios no contexto

Advérbios Tempo ²¹⁷	<i>Amanhã</i>		<i>Hoje</i> ²¹⁸		Expressões ²¹⁹ adv.tempo		ADV. Freq. ²²⁰		<i>Sempre</i>		<i>Talvez</i>	
	Apl./Tot. Perc.	Apl./Tot. Perc.	Apl./Tot. Perc.	Apl./Total Perc.	Apl./Tot. Perc.	Apl./Tot. Perc.	Apl./Tot. Perc.	Apl./Tot. Perc.	Apl./Tot. Perc.	Apl./Tot. Perc.		
	36/175 21%	8/175 5%	52/175 30%	28/175 16%	11/175 6%	17/175 10%	15/175 9%					

Destacamos, dentre esses resultados, a elevada frequência do advérbio *hoje* nos dados, o que, de certa forma, está em consonância aos resultados sobre a temporalidade no contexto, quando foi visto que o

²¹⁶ Cabe observar que, na maioria dos enunciados investigados, não houve a presença de nenhum desses tipos adverbiais citados.

²¹⁷ Incluem todos os advérbios de, com exceção de *amanhã*, *hoje*.

²¹⁸ Além desses advérbios, “hoje em dia” ocorreu sete vezes, correspondendo a 4% dos casos.

²¹⁹ Incluem todas as locuções, expressões adverbiais de tempo, com exceção de *hoje em dia*.

²²⁰ Incluem todos os advérbios de frequência, com exceção de *sempre*.

tempo *presente* predominou nos dados analisados. As ocorrências a seguir ilustram o uso de *hoje* e *hoje em dia*.

(176) Bom, os professores *eram* rigorosíssimos, né? O negócio *era* de puxar os cabelos, de meter a mão na cara, né? Palmatória. Se uma professora *hoje*, se **FIZER** isso, ela vai pra cadeia. O negócio *era* na força. (CTB 02)

(177) *No tempo dos militares*, pelo menos, não sei se você se lembra? *Dava* pra gente programar: “Não, eu vou comprar tal coisa”. *Dava* pra você botar aquilo na cabeça e ir comprar. E *hoje em dia*, não está dando. Se **BOBEAR** nem a comida do mês você não dá conta. Nem a comida não compra. (CTB 03)

Nas duas passagens acima, podemos notar que o FS aparece em orações condicionais situadas no presente, já que estão ancoradas nos advérbios *hoje* e *hoje em dia*, respectivamente. Trata-se, contudo, de contextos em que o informante contrasta temporalmente duas situações: atitude dos professores no passado e no presente (176); e custo de vida no passado e no presente (177). Esse tipo de contexto discursivo é bastante recorrente no *corpus* analisado: o falante interrompe uma narrativa episódica, redirecionando sua fala ao presente, para fazer um comentário avaliativo ou para comparar situações em temporalidades distintas. Nesse caso, um dos recursos usados pelo falante para assinalar esse contraste temporal seria o uso de advérbios que façam referência a um intervalo de tempo não passado.

A seguir, ilustramos algumas ocorrências com a presença dos advérbios *sempre*, *amanhã* e *talvez*:

(178) [*talvez*] Se eu **DESCOBRIR** alguma coisa, *talvez* alguma coisa, eu trago, não tem problema. (POA 09)

(179) [*sempre*] O negro, ele tem pouca introdução em sociedade, né? Tem pouca. Se ele não **TIVER**, ele é *sempre* marginalizado, né? (FLN 17)

(180) [*amanhã*] Se eu **DEIXAR** o filho me mandar, daqui *amanhã* ele está querendo me bater. (FLN 03)

Nota-se, nesses casos, que cada advérbio imprime um certo matiz de *dívida*, *habitualidade* e *futuridade*, aos respectivos enunciados;

todavia, parecem não influenciar na expressão temporal do FS. No entanto, para investigar melhor possíveis inter-relações entre a presença desses advérbios com a expressão de cada valor temporal do FS, traçamos uma correlação entre essas variáveis de forma mais direta.

A hipótese principal era de que prevaleceria o valor de tempo futuro associado ao FS nos contextos com advérbios temporais de modo geral, uma vez que esses enunciados já teriam uma temporalidade mais marcada, sobretudo no caso do advérbio *amanhã*, que já assinala futuramente. Por outro lado, a expectativa era de que a presença de certos advérbios epistêmicos de dúvida, no caso o *talvez*, poderia motivar uma expressão temporal do FS mais indeterminada (mais voltada à modalidade).

De fato, a hipótese principal quanto aos advérbios de tempo se confirmou, principalmente no que se refere ao advérbio *amanhã*, ao passo que a segunda, sobre os advérbios de dúvida, não foi corroborada. Na realidade, nas ocorrências em que os contextos tiveram a presença de qualquer tipo de advérbio, houve maior recorrência do valor de futuro associado ao FS, como pode ser visto na tabela 9 com os resultados:

Tabela 9 - Resultados relativos à correlação entre presença de advérbios no contexto e valor temporal do FS

	Futuro Apl./Total Perc.	Presente Apl./Total Perc.	Pres. Rel. Apl./Total Perc.	Indeterminado Apl./Total Perc.
Adv. Tempo	34/38 85%	2 / 38 3%	4 / 38 12%	0 / 38
<i>Amanhã</i>	9 / 9 100%	0 / 9	0 / 9	0 / 9
<i>Hoje</i>	36/52 69%	4 / 52 8%	11/5 21%	1/52 2%
Expressões Adverbiais	26/28 93%	1 / 28 4%	0 / 28	1 / 28 4%
<i>Hoje em dia</i>	6 / 7 86%	0 / 7	0 / 7	1 / 7 14%
Adv. Freq.	6 / 11 55%	1 / 11 9%	2 / 11 18%	2 / 11 18%
<i>Sempre</i>	15/17 88%	0 / 17	2 / 17 12%	0 / 17
Dúv. Talvez	13/14 93%	0 / 14	1 / 14 7%	0 / 14
<i>Total</i>	146 / 175	7 / 175	21 / 175	5 / 175

Em face do exposto, podemos afirmar que este grupo de fatores não se mostrou muito significativo na interação com a expressão do tempo pelo FS, conforme se esperava, sendo, porém, relevante em termos descritivos, visto que mostra quais os advérbios que mais comumente são utilizados em enunciados com o FS. Dentre esses, destacamos o uso recorrente do advérbio *hoje* na amostra e a presença do advérbio *amanhã*, que ocorreu em 100% dos casos em que o valor temporal associado ao FS foi de futuro.

5.1.8 A expressão do FS no eixo da temporalidade: fechando a seção

Ao longo da seção 5.2 foi visto que, no eixo da *temporalidade*, o FS está predominantemente associado à expressão do futuro – em cerca de 80% das ocorrências da amostra –, mas também pode assumir valor de presente em alguns casos, e ainda se apresentar com uma expressão temporal mais ‘fraca’, quando identificamos o valor de presente relativo ou ainda de valor temporal indeterminado. Além disso, foi identificado que frequentemente o FS localiza uma situação (futura) como anterior a outra situação futura, mais precisamente em 57% dos casos.

Chamou a atenção ainda a alta recorrência dos verbos principais do período no presente do indicativo, cuja frequência na amostra girou em torno de 70%, além do fato de o *presente* ter se sobressaído em relação às outras projeções de tempo nos contextos que abrigam o FS, sendo predominante em aproximadamente 40% deles. Já quanto à caracterização do aspecto nas situações que compõem o período composto em destaque na análise, sobretudo em relação à situação descrita pelo verbo no FS, destacamos a maior frequência de situações não dinâmicas, que totalizaram 61% dos dados, ao passo que, no caso dos verbos principais, essa diferença foi um pouco menor, visto que essas somaram 58% dos casos.

No que se refere ao domínio funcional do FS em si, destacamos que as funções temporais previstas para o FS se confirmaram:

- ⇒ situar um evento/situação num intervalo de tempo ‘não-passado’, com destaque para a expressão de projeção futura;

- ⇒ localizar uma situação como cotemporal, posterior ou, sobretudo, anterior a outra situação codificada no enunciado.

Sobre a relevância dos grupos de fatores investigados para o estudo do FS, destacamos que: (i) o fator mais associado à expressão temporal do FS com valor de presente foi o predomínio do tempo presente, sobretudo o presente habitual no contexto; (ii) os fatores mais relacionados à expressão temporal do FS com valor de futuro foram: ‘expressão de tempo futuro codificada pelo tempo verbal da oração principal do período’, ‘aspecto +dinâmico na situação descrita pelo FS’, ‘presença do advérbio *amanhã*’, e ainda a correlação com ‘a relação de anterioridade estabelecida com outra situação do enunciado’; e (iii) os fatores mais correlacionados à expressão da relação de anterioridade entre a situação no FS e outra situação do enunciado foram ‘tempo verbal da oração principal no futuro’ e ‘valor aspectual de dinamismo presente na situação no FS’.

Por fim, definimos o domínio funcional do FS, no que tange à expressão da temporalidade, como de um tempo verbal cujo principal valor/significado é associado ao *futuro*, e que, no enunciado geralmente composto pela construção subordinativa na qual se encontra, é frequentemente um futuro anterior ou cotemporal a outra situação futura ou presente.

5.2 A EXPRESSÃO DA MODALIDADE

Esta seção destina-se à análise e discussão dos resultados referentes ao estudo da modalidade, a partir de três subseções. A primeira, e mais importante, trata do traço/noção modal (possibilidade, obrigação, etc.), conforme identificado no enunciado em que se encontra o FS, por conseguinte, da modalidade (epistêmica, orientada ao falante, orientada ao ouvinte) predominante. A segunda traz uma análise sobre a sequência discursiva/textual predominante no contexto recortado em que surge a ocorrência de FS, com o intuito de identificar quais a(s) sequência(s) predominante(s) nos dados, além de relacioná-las à expressão da modalidade nesses enunciados. Já a terceira subseção focaliza a pessoa do discurso na oração com o FS, de maneira a estabelecer uma relação com a modalidade identificada.

5.2.1 A modalidade

O propósito desta subseção é analisar a expressão da modalidade no contexto que abriga o dado do FS da seguinte forma: (i) identificando os valores/traços/nuances²²¹ modais presentes no enunciado que contém o FS, como, por exemplo, *(in)certeza, possibilidade, probabilidade, volição, obrigação*, dentre outras; (ii) quantificando a ocorrência de cada um desses valores modais de maneira a verificar quais noções são mais frequentes nos contextos de uso do FS, bem como a correlação dessa frequência com outros fatores, como os valores associados à expressão temporal do FS e o tipo de verbo no FS (no que se refere a sua natureza modal ou de modalidade inerente), com o propósito de testar hipóteses funcionais; (iii) examinando, assim, a distribuição das três modalidades principais: *epistêmica, orientada ao agente e orientada ao falante*, no enunciado.

5.2.1.1 Os traços modais identificados no enunciado da ocorrência de FS

Investigamos a presença de traços modais no enunciado que contém o dado de FS, através de um grupo de fatores específico que transformou os valores modais identificados em fatores que foram quantificados para que obtivéssemos a frequência de cada valor modal no contexto associado ao uso do FS, conforme especificado na metodologia.

Esclarecemos que o valor modal foi identificado a partir da oração que contém o dado de FS, considerando-se como contexto de análise o enunciado, ou seja, a unidade de sentido cujo escopo foi relevante para o dado, o que geralmente correspondeu ao limite do período composto.

A hipótese geral é de que as noções de *possibilidade, probabilidade e (in)certeza* sejam as mais recorrentes nos dados com FS. Nossa expectativa se justifica em razão de que tais valores: (i) se distribuem no eixo da modalidade epistêmica – esperada como

²²¹ Usamos indistintamente os termos “valor”, “noção”, “traço”, “nuance” ou ainda “atitude” para nos referir aos diferentes significados modais presentes no enunciado, contemplados pelos termos *valor* ou *noção*, utilizados preferencialmente no decorrer da seção.

predominante; (ii) se associam a orações condicionais que, por hipótese, seriam as orações mais frequentes nos dados.

A tabela a seguir dispõe o número de ocorrências de cada noção modal identificada, bem com a sua frequência na amostra.

Tabela 10 - Frequência das noções modais no contexto de FS encontradas na amostra

Noção/traço modal	Número	Porcentagem
<i>Possibilidade</i>	227	42%
<i>Certeza</i>	90	17%
<i>Probabilidade</i>	60	11%
<i>Fraca possibilidade; incerteza; dúvida</i>	42	8%
<i>Volição; desejo</i>	23	4,3%
<i>Conselho ou exortação</i>	20	4%
<i>Obrigação</i> ²²²	20	3,6%
<i>Volição + fraca possibilidade</i>	19	3%
<i>Convite ou sugestão</i>	10	2%
<i>Permissão</i>	5	1%
<i>Polidez</i>	5	1%
<i>Necessidade</i>	4	0,7%
<i>Outra</i> ²²³	9	2%
Total	534	100%

²²² Em alguns casos identificados como ‘obrigação’ houve sobreposição com a noção ‘possibilidade’, ou melhor, ‘fraca possibilidade’. Contudo, esses não foram distinguidos dos demais, em função do menor número de dados, diferentemente dos casos associados à ‘volição’.

²²³ ‘Outra’ noção modal refere-se aos casos que não faziam parte dos fatores iniciais que compuseram o grupo. Dentre esses valores, destacam-se *ordem* e *pedido*.

Como pode ser visto na tabela, os percentuais mais altos estão associados aos valores de ‘possibilidade’, ‘certeza’, ‘probabilidade’ e ‘fraca possibilidade/incerteza’ que, somados, atingem 78% dos dados da amostra analisada, confirmando a hipótese inicial, pois se distribuem num gradiente epistêmico. Esses valores, especialmente os primeiros, mostram-se fortemente correlacionados a contextos hipotéticos, como será visto.

Os valores modais depreendidos no enunciado podem ser rearranjados em um *continuum* de modalidade epistêmica > deôntica (essa recobrando a modalidade orientada ao agente e a orientada ao falante), como se pode ver no quadro abaixo.

Figura 8 - Gradiente de valores modais associados aos tipos de modalidade

Valores/Traços Modais												

Cert./Prob./Possib./Incert./Vol.+pos./Vol./Obrig./Neces./Per./Conv./Cons./Outra												
224												
17%	11%	42%	8%	3%	4%	4%	0,7%	1%	2%	4%	3%	
-----				-----				-----				
Epistêmica				Orientada ao agente				Orientada ao falante				
Modalidades												

A seguir, passamos à descrição de alguns dados, de modo a clarificar a análise:

(185) [**certeza**] Eles crescem, né? Ali sentadinhos com a mãozinha esticada e você dando, você dando, *quando eles **CRESCEREM***, eles não vão trabalhar. (CTB 19)

(186) [**possibilidade**] Agora, se **ESTIVER** mais ou menos num estado assim de ruim pra bom, sai mais em conta daí. (CTB03)

(187) [**volição/desejo**] Aí vou indo né? Até me operar, pra ficar bom, se Deus **QUISER**, vou ficar bom, se Deus **QUISER**. (POA 10)

²²⁴ Inclui os dados de ‘polidez’.

(188) [**obrigação**] Então, acho que *tudo que você TIVER que fazer melhor, pra ti, pro ser humano*, você deve fazer. Então, isso é a minha religião. (FLN 16)

(189) [**convite/polidez**] *Uma hora que vocês QUISEREM aparecer pra ver*, eu mostro todos eles, inclusive quanto eu ganhava de diária. (FLN 05)

(190) [**conselho/exortação**] Tu ficas no teu canto e eu vou ficar no meu. *Tu fazes o que tu QUISERES*, e eu faço o que eu QUISER. (FLN 03)

(191) [**incerteza**] É ou casas ou apartamentos, *seja lá o que FOR*, né? (FLN 11)

Observe-se que, nesta análise, maior destaque foi dado à função/significado da oração subordinada que contém o FS, embora o sentido do enunciado como um todo tenha sido considerado nesta tarefa de identificar valores modais. Por conseguinte, também da expressão da modalidade em seus três eixos: (i) epistêmica; (ii) orientada ao agente; (iii) orientada ao falante.

Vale ressaltar que a divisão tripartida da modalidade²²⁵ permite que sejam visualizadas não somente as noções epistêmicas, mas também certas noções modais deônticas já distribuídas entre as que recaem diretamente sobre o agente da oração, como, por exemplo, *obrigação*, *necessidade*, *desejo*, de outras noções deônticas que envolvem o papel dos interlocutores na situação comunicativa, como *ordem e exortação*, ou mesmo *convite*, *sugestão*, visto que o falante precisa ter algum grau de intimidade com o interlocutor ou uma certa posição social para que ‘oriente’ a modalidade no discurso, por isso consideradas modalidades orientadas ao falante.²²⁶

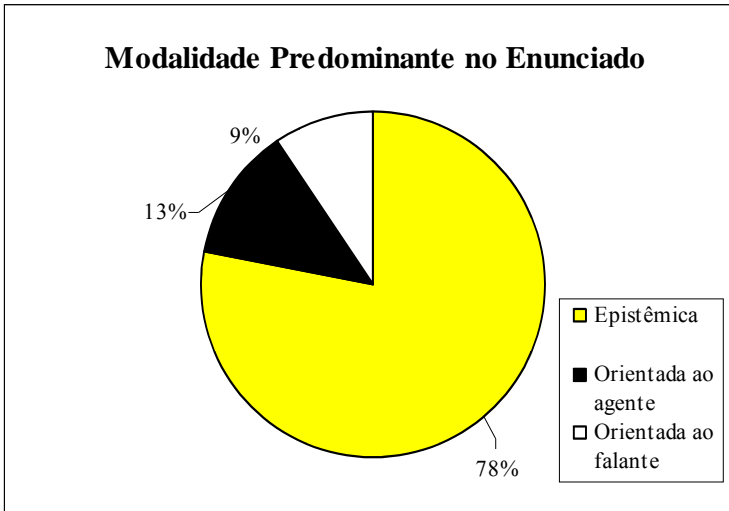
Devido à importância dessa distribuição das modalidades, apresentamos ainda um gráfico, que contempla os resultados apresentados na tabela 10 e na figura 8. Nesta quantificação,

²²⁵ Ao invés da divisão binária de modalidade: deôntica e epistêmica.

²²⁶ De fato, isso ficou claro nas entrevistas, pois percebemos que muitas dessas noções que caracterizam a modalidade orientada ao falante só apareceram nos casos em que havia alguma relação de intimidade entre entrevistador e informante, ou então quando faziam parte de discurso reportado que, por vezes, remete a situações comunicativas mais próximas da realidade.

consideramos os 419 dados de valores epistêmicos (certeza, probabilidade, possibilidade e incerteza); os 70 casos de noções orientadas ao agente (obrigação, necessidade, permissão²²⁷, volição e volição+possibilidade²²⁸); as 31 ocorrências de valores orientados ao falante (sugestão, exortação, convite) aos quais se somaram polidez (5) e outros (9)²²⁹. Assim, os resultados da frequência de cada modalidade podem ser vistos no gráfico 7.²³⁰

Gráfico 7 – Frequência da modalidade predominante no enunciado



²²⁷ Um dado de *permissão* foi considerado como de expressão da modalidade orientada ao falante.

²²⁸ Embora ‘volição+fraca possibilidade’ possa ser considerado um fator de sobreposição, consideramos que o sentido e a expressão do valor modal *volição* é mais forte no enunciado, além de ter um caráter mais discursivo/expressivo.

²²⁹ Esse fator ‘outra’ foi inserido no grupo da modalidade orientada ao falante, pois inclui vários valores dessa natureza, como ordem, pedido, dentre outras noções relacionadas à manipulação, que apareceram sobremaneira nos segmentos de discurso reportado, que foram os últimos a serem quantificados.

²³⁰ Mais precisamente, a quantificação de casos de modalidade orientada ao agente foi de 13,1%, enquanto de modalidade orientada ao falante foi 8,4% e de modalidade epistêmica foi de 78,4%.

Por último, apresentamos um enunciado para cada caso:

(192) [**Orientada ao falante**] “Quando vocês **SAÍREM** pra escola, têm que obedecer os professores. Se não **OBEDECEREM**, vão apanhar quando chegarem em casa”
[*ordem, exortação*]

(192) [**Orientada ao agente**] Não estou nem aí, se **TIVER** que pagar multa por buzinar indevidamente, né? (POA 23)
[*obrigação*]

(193) [**Epistêmica**] Mas marginalidade, a tendência dela é crescer, enquanto não **EXISTIR** no país desenvolvimento industrial, né? Pra que se gere uma grande escala de empregos e bons empregos, né? E assim bem remunerados, e só vão ser remunerados a partir do momento que **TIVER** mais emprego que mão-de-obra. Enquanto **TIVER** mais mão-de-obra do que emprego, não adianta fazer greve e não adianta fazer nada que mão-de-obra nunca vai ser bem remunerada, né? A partir do momento que **TIVER** esse desenvolvimento todo aí vai acontecer que todo mundo vai ter seu emprego, todo mundo vai ganhar bem, né? (POA 15) [*certeza, probabilidade – opinião/crença do falante*]

Contextos como o (193) foram os mais frequentes na amostra, caracterizando-se por (longas) exposições da opinião, crença do informante acerca de um fato, envolvendo diferentes graus de certeza do falante frente ao seu enunciado.

5.2.1.2 A hipótese acerca da correlação entre tempo e valores/attitudes modais

Nesta subseção, voltamos a atenção a uma das hipóteses principais da tese que, em linhas gerais, busca correlacionar a expressão das categorias modalidade e temporalidade no domínio funcional do FS. A expectativa é de que nos contextos em que predominam nuances modais epistêmicas, como certeza e probabilidade e, em menor proporção, possibilidade, o valor temporal mais associado ao FS seja o de futuro, ao passo que, em contextos em que prevalecem traços como incerteza, ou ainda outras noções relacionadas à modalidade orientada

ao falante, os usos do FS com função de orientar o tempo no enunciado sejam desfavorecidos.

Essa hipótese baseia-se na ‘escala modal *irrealis* em orações adverbiais’²³¹, proposta por Givón (1995, p. 134), ponto que será retomado na subseção sobre conectores. Em poucas palavras, essa escala correlaciona certeza epistêmica (atitude, traço modal) e função/significação da forma verbal gramatical.²³² Vejamos:

Quadro 10 - Escala modal *irrealis* de certeza epistêmica

CERTEZA EPISTÊMICA - FORMA GRAMATICAL	
(a) alta certeza	marcação de futuro/modal
(b) baixa certeza	marcação de subjuntivo/modal
(c) baixíssima certeza	marcação contrafactual

Fonte: Givón (1995, p. 134)

Podemos considerar que, no caso do português, o futuro do subjuntivo pode ser enquadrado tanto em (a), quando desempenharia uma função de futuro/modal (casos que associamos mais à temporalidade), como em (b), quando tem função mais de subjuntivo/modal. À vista disso, podemos defender que o FS tem uma dimensão dupla, se o definirmos como uma forma verbal que transita entre o *tempo* futuro – associado à de maior certeza do falante²³³; e o *modo* subjuntivo – mais vinculado à modalidade *irrealis* de baixa certeza ou de fraca manipulação deôntica, conforme Givón (1995;

²³¹ Observamos que a expectativa é de que os contextos sintáticos de adverbiais sejam os mais recorrentes na amostra, considerando-se que é o tipo de contexto que predomina largamente nas descrições gramaticais, e também foi o mais recorrente em Reis (2010), daí a pertinência de nos reportarmos à escala de Givón. Ademais, essa escala é voltada à modalidade epistêmica – a mais recorrente nos dados analisados.

²³² **Epistemic certainly grammatical form**

- (a) higher certainty future/modal marking
- (b) lower certainty subjunctive/modal marking
- (b) lowest certainty counter-fact marking

²³³ Maior certeza do falante acaba implicando numa leitura do enunciado como mais preditivo, sendo que ‘predição’ é a ideia mais comumente associado ao futuro, segundo Bybee (1985); Bybee *et al.* (1991; 1994), e Fleischman (1982).

2001).²³⁴ Como a grande maioria dos contextos sintáticos previstos para o uso do FS trata de adverbiais, buscamos aplicar essa ideia básica, só que numa visão mais alargada sobre o fenômeno, considerando que outros fatores podem se mesclar na expressão do FS, e não somente os traços e matizes modais captados no enunciado.

Para tanto, investigamos a correlação entre a expressão dos valores modais identificados e os valores temporais depreendidos para o FS nos dados (estes já mostrados na seção sobre tempo), tendo como hipótese básica a de que os traços *certeza* e *probabilidade* estariam mais associados aos usos do FS identificados como de *futuro* e, por conseguinte, o traço de *incerteza* favoreça a expressão do FS com valor temporal mais fraco e indeterminado. Os resultados dessa correlação podem ser exibidos na tabela 11 a seguir:

Tabela 11 - Correlação e entre traços modais e valores temporais do FS

²³⁴Um exemplo hipotético do FS como *futuro modal* poderia ser: “Quando João VIER, saímos para jantar.”, enquanto de futuro/subjuntivo modal seria: “Se João VIER, saímos para jantar”. Já um exemplo de subjuntivo/contrafactual seria: “Se João VIESSE, sairíamos para jantar”.

	Futuro	Presente	Pres. Rel.	Indeterminação
	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.	temporal Apl./Total Perc.
Certeza	79 / 90 88%	7 / 90 8%	3 / 90 3%	1 / 90 1%
Probabilidade	53 / 60 88%	7 / 60 12%	–	–
Possibilidade	192 / 227 85%	26 / 227 11%	6 / 227 2%	4 / 227 2%
Fraca possib.; incerteza	21 / 42 50%	6 / 42 14%	2 / 42 5%	13 / 42 30%
Volição+fraca possibilidade	16 / 19 84%	1 / 19 5%	–	2 / 19 11%
Volição	17 / 23 74%	2 / 23 9%	–	4 / 23 17%
Obrigação ²³⁵	11 / 20 55%	4 / 20 20%	–	5 / 20 25%
Necessidade	3 / 4 75 %	–	–	1 / 4 25%
Permissão	4 / 5 80%	–	–	1 / 5 20%
Conselho; exortação	20 / 20 100%	–	–	–
Convite; sugestão	7 / 10 70%	2 / 10 20%	–	1 / 10 10%
Polidez	3 / 5 60%	1 / 5 15%	–	1 / 5 15%
Total ²³⁶	426 / 526 81%	56 / 526 11%	11 / 526 3%	33 / 526 6 %

Ao olharmos os resultados horizontalmente na tabela, tomando como ponto de partida os valores modais, podemos notar que a grande maioria dos contextos de certeza (88%) e também dos contextos de probabilidade (88%) apresentam FS com valor temporal de futuro; e o valor modal de possibilidade ocupa a terceira posição (85%) – de acordo com nossa expectativa inicial. Já os contextos de fraca possibilidade

²³⁵ Estão reunidos nesse fator os dados de *obrigação* e *possibilidade + obrigação*.

²³⁶ A tabela apresenta 526 dados do total de 534 analisados, pois 8 ocorrências foram codificadas como ‘outros’ no grupo dos valores modais, sendo excluídas da tabela.

epistêmica (dúvida/incerteza) apresentam uma correlação menor com os dados de FS associado ao futuro (50%), se comparados com as outras noções epistêmicas; e uma correlação relativamente mais significada (30%) com os casos de FS cujo valor temporal é fraco e indeterminado.

Um olhar vertical aponta o futuro como o tempo que predomina largamente nas ocorrências com FS, seguido pelo presente, pela indeterminação temporal e pelo chamado presente relativo, conforme já visto na seção precedente. O FS com valor temporal de futuro se concentra nos enunciados cujo valor modal é de possibilidade ($192/429 = 45\%$), certeza ($79/429 = 18\%$) e probabilidade ($53/429 = 12\%$), totalizando 75% dos dados analisados – o que corrobora nossa hipótese que associa tempo futuro a modalidade epistêmica.

Ainda tomando como ponto de partida o valor temporal, notamos que, também em relação ao tempo presente, o valor modal mais fortemente associado é o de possibilidade ($26/56 = 46\%$), igualmente seguido de certeza, probabilidade e dúvida ($7/56 = 12\%$, em cada contexto). Vale destacar que a noção modal mais recorrente na amostra é a possibilidade (cerca de 45% dos dados) – o que talvez justifique a alta incidência dessa noção correlacionada a diferentes valores temporais. O presente relativo segue mais ou menos a mesma tendência do presente e se manifesta apenas em contextos de modalidade epistêmica, com destaque para a correlação com o valor modal de incerteza. Já os contextos em que o valor temporal do FS é indeterminado privilegiam o valor modal de dúvida/incerteza/fraca possibilidade ($13/30 = 44\%$), conforme dito acima. Ou seja, na maioria dos dados de ‘presente relativo’ e de ‘valor indeterminado’ o traço modal mais comum no enunciado é o de *incerteza*, noção mais comumente vinculada ao subjuntivo.

Considerando-se as nuances modais sob o escopo da modalidade deontica, observamos que aquelas associadas à modalidade orientada ao falante, como conselho e pedido, são que ocorrem acentuadamente com o FS com valor de futuro, enquanto convite e polidez correlacionam-se menos com a ideia de futuro. Os contextos modais em que o futuro é menos frequente (embora continue relativamente alto) são os de volição (74%), necessidade (75%) e obrigação (55%), isto é, aqueles sob o escopo da modalidade orientada ao agente.

Em suma, os resultados da correlação entre os valores modais e temporais captados no enunciado com FS corresponderam, em boa parte, a nossa expectativa. A correlação mais acentuada se verifica entre valores associados à modalidade epistêmica (certeza, probabilidade e possibilidade) e o FS expressando tempo futuro, confirmando a hipótese

aventada. Por outro lado, as noções modais voltadas à expressão da modalidade orientada ao falante também se mostram mais associadas ao tempo futuro do que aos outros valores temporais, o que não correspondeu à expectativa de que nesses casos a função temporal do FS poderia ser enfraquecida, embora não tivéssemos uma hipótese concreta sobre isso. Nesse sentido, sobressaíram-se certos valores modais associados à modalidade orientada ao agente, pois corresponderam aos contextos em que o valor de futuro foi menos frequente, depois dos casos de incerteza (epistêmica).

5.2.1.3 A força dos verbos modais ou de modalidade na expressão modal do enunciado

Uma segunda correlação que pretendemos discutir diz respeito à ligação entre os valores modais identificados no contexto e a natureza do item verbal no FS, no que tange à modalidade inerente desses verbos, de modo a identificarmos de que forma esse verbos de modalidade interagem com a expressão modal no enunciado, isto é, se estão mais associados a noções/attitudes epistêmicas ou deônticas.

Os resultados concernentes à modalidade inerente dizem respeito a um dos fatores da variável ‘aspecto da situação’, já discutida na seção anterior que trata da expressão do tempo. Dos 534 dados analisados, 114 (21%) apresentam matizes de modalidade, seja como auxiliar modal, seja como verbo pleno de modalidade inerente, o que foi um resultado significativo, uma vez que o ‘universo’ dos verbos sem matizes de modalidade é muito maior.

A hipótese é de que a presença desses verbos modais ou de modalidade seja mais frequente em enunciados com traços modais deônticos, sobretudo os relacionados à modalidade orientada ao agente, haja vista a ligação natural entre os sentidos desses verbos, como, por exemplo, necessidade (*precisar*), desejo (*quiser*), obrigação (*tiver que*), e a expressão de noções deônticas, as quais geralmente recaem sobre o agente da proposição.

Na tabela a seguir, os fatores correspondentes às noções modais estão arranjados conforme o tipo de modalidade envolvida: epistêmica ou deôntica. Observe-se que o fator ‘fraca possibilidade + volição’ – que se refere aos casos de certa sobreposição entre duas noções – foi alocado sob o escopo da modalidade deôntica, pois consideramos que volição/desejo tem uma expressão modal mais forte. O fator ‘polidez’, embora tenha um comportamento um tanto diferenciado, também foi

colocado junto aos demais valores deônticos, uma vez que se relaciona mais a essa modalidade.

Tabela 12 - Correlação entre noções modais da oração e natureza modal do verbo no FS

Noções/traços Modais	Verbos modais ou de modalidade		Demais verbos	
	Apl./Total	Perc.	Apl./Total	Perc.
<i>Certeza</i>	5 / 90	6%	85 / 90	94%
<i>Probabilidade</i>	3 / 60	5%	57 / 60	95%
<i>Possibilidade</i>	19 / 227	8%	208 / 227	92%
<i>Dúvida/incerteza</i>	7 / 42	17%	35 / 42	83%
TOTAL	34 / 114	30%	385 / 420	92%
nuances epistêmicas				
<i>Fraca pos.+volição</i>	15 / 19	79%	4 / 19	16%
<i>Volição</i>	21 / 23	91%	2 / 23	9%
<i>Obrigação</i>	11 / 20	55%	9 / 20	45%
<i>Convite/sugestão</i>	9 / 10	90%	1 / 10	10%
<i>Exort./conselho</i>	10 / 20	50%	10 / 20	50%
<i>Permissão</i>	5 / 5	100%	-	-
<i>Necessidade</i>	3 / 4	75%	1 / 4	25%
<i>Polidez</i>	4 / 5	80%	1 / 5	20%
<i>Outros valores</i> ²³⁷	2 / 9	22%	7 / 9	78%
TOTAL	80 / 114	70%	35 / 420	8%
nuances deônticas				
Total de ocorrências	114		420	

O resultado mais saliente diz respeito à alta concentração de verbos de modalidade inerente com valores deônticos: dos 114 dados, 80 (70%) apresentam nuances deônticas, seja de modalidade orientada ao agente ou ao falante. Assim, nota-se que os verbos modais ou de modalidade inerente estiveram presentes na maioria dos casos em que um dos valores modais deônticas se sobressaiu no enunciado – com exceção dos casos que envolvem obrigação e conselho, que tiveram uma distribuição semelhante entre os dois grupos de verbos. Por outro lado, em cerca de 90% dos casos em que houve a expressão de uma noção epistêmica, o verbo no FS não é do tipo modal ou de modalidade inerente.

²³⁷ Observamos novamente que como ‘outros valores’ estão noções modais deônticas como ordem e pedido.

Dessa forma, podemos afirmar que esses verbos com nuances modais têm papel importante na marcação da modalidade deôntica nos enunciados analisados, atuando como um meio/forma de expressão desse domínio.

Esses resultados indicam ainda que o subjuntivo não está exclusivamente associado à modalidade epistêmica, como tradicionalmente se descreve.

5.2.2 Sequência textual

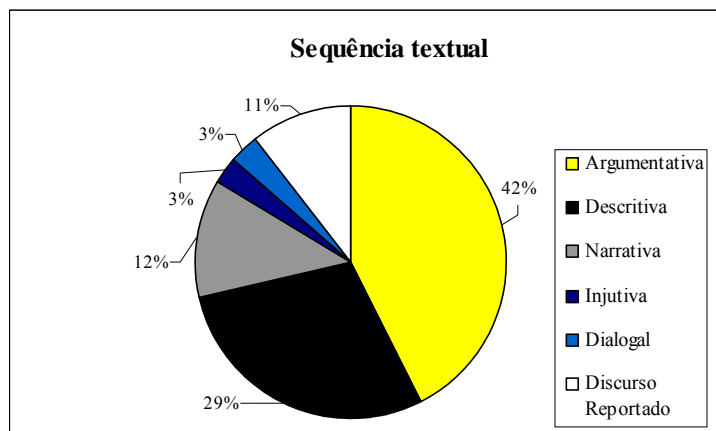
Nesta subseção que também compõe a seção sobre modalidade, analisamos os dados referentes à investigação acerca do tipo de sequência textual/discursiva predominante no contexto que permeia o dado de FS. Foram controlados os seguintes tipos de sequência: (i) argumentativa; (ii) narrativa; (iii) descritiva (mais prototípica, mais avaliativa, ou mais explicativa); (iv) injuntiva; (v) dialogal prototípica; (vi) discurso reportado'.²³⁸

Com a análise desses fatores, buscamos, além de verificar qual o tipo de sequência textual mais comum aos segmentos em que o FS encontra-se na entrevista, também estabelecer uma correlação entre o tipo de sequência textual e o tipo de modalidade predominante no contexto do dado em análise. A hipótese geral é de que predominem a sequência do tipo argumentativa, e que essas estejam correlacionadas aos contextos marcados pela modalidade epistêmica, tendo em vista que há interconexões claras entre essa modalidade e a argumentação: os julgamentos epistêmicos estão relacionados a fatos do mundo em geral (Cf. Givón, 2009), através da opinião do falante, enquanto o discurso argumentativo é marcado pela tentativa do sujeito de comprovar suas teses e opiniões gerais, através do uso de diferentes tipos de argumentos.

Como veremos a seguir, nos resultados, dispostos no gráfico 8 e na tabela 13, a hipótese geral se confirmou nos dados, tanto no que diz respeito à maior frequência de sequências argumentativas, como na própria correlação estabelecida entre esse tipo de sequência e a modalidade epistêmica.

²³⁸ Esse último fator foi incluído para darmos conta dos dados oriundos de 'discurso reportado', conforme especificado na metodologia.

Gráfico 8 - Frequência dos tipos de sequência textual predominante nos contextos com FS



Além da maior recorrência das sequências textuais argumentativas nos dados (42%), identificamos também uma frequência significativa das sequências descritivas (29%). É interessante observar também uma certa afinidade entre a sequência descritiva e a expressão da modalidade epistêmica, visto que o ato de descrever também envolve graus de certeza e de verdade que o falante imprime em seu enunciado. Cabe ainda lembrar que consideramos como sequência descritiva não somente os casos mais prototípicos em que o falante descreve ou caracteriza algo, mas também os trechos que se mesclavam com pequenas avaliações do falante, ou com pequenas explicações de um fato/objeto, que de certa forma podem ser consideradas sequências híbridas.

Para que fosse possível traçar uma correlação mais precisa entre sequência textual predominante no contexto e a modalidade predominante nesses contextos, reanalisamos a expressão de cada uma das modalidades nos enunciados anteriores, expandindo um pouco o escopo de análise (antes restrito ao período sintático, basicamente) para o contexto maior caracterizado por uma sequência discursiva. Em função dessa reanálise, a frequência de cada modalidade sofreu uma pequena alteração. Antes, a modalidade epistêmica predominante no enunciado correspondeu a 78% dos casos, enquanto que, agora, a modalidade epistêmica prevaleceu em 65% dos contextos discursivos. Logo, 13% dos casos categorizados anteriormente, no escopo do

enunciado, como marcados por valores epistêmicos se distribuíram agora, no escopo mais amplo da sequência discursiva, entre a modalidade orientada ao agente (6% deles) e a modalidade orientada ao falante (7% deles), uma vez que o escopo de análise foi ampliado, objetivando-se captar um pouco mais a expressão da modalidade na interação.

Isso posto, apresentamos então a distribuição das modalidades a partir dos contextos agrupados por sequência textual, a partir da tabela abaixo. Lembramos que a sensível alteração verificada no número das ocorrências em relação a tabelas anteriores deve-se, aqui, à reanálise acima descrita

Tabela 13 - Correlação entre tipo de modalidade predominante no contexto com FS e tipo de sequência textual

	Arg.	Des.	Des.	Des.	Nar-	Injun	Dia-	Disc.
	<u>Apl./T.</u>	<u>Apl./T.</u>	<u>Aval.</u>	<u>Expl.</u>	<u>rativa</u>	<u>-tiva</u>	<u>logal</u>	<u>Rep.</u>
	Perc.	Perc.	Perc.	Perc.	Perc.	Perc.	Perc.	Perc.
<i>Or. ao agente</i>	41/101 41%	11/101 11%	19/101 19%	11/101 11%	10/101 10%	-	2/ 101 2%	7/ 101 7%
<i>Epis-têmica</i>	171/350 49%	41/350 12%	21/350 6%	42/350 11%	53/350 15%	2/ 350 1%	4/ 350 1%	16/350 15%
<i>Or. ao falante</i>	15/83 18%	4 / 83 5%	1 / 83 1%	4 / 83 5%	2 / 83 2%	14/ 83 17%	9 / 83 11%	34 /83 41%
Total	227/ 534 42%	56/ 534 10%	41/ 534 8%	57/ 534 11%	65/ 534 12%	16/ 534 3%	15/ 534 3%	57/ 534 11%

Sobre esses resultados, destacamos que: (i) a *modalidade orientada ao agente* distribui-se principalmente nos trechos em que predomina a sequência argumentativa (41%), seguida dos trechos descritivos avaliativos (19%), o que também se justifica pela afinidade entre noções modais como *necessidade*, *volição*, *obrigação* e a própria avaliação, preferência do falante, que são atitudes que predominam nesses dois tipos de sequência; (ii) a *modalidade epistêmica* é mais recorrente nas sequências argumentativas (49%) e, em seguida, nas sequências descritivas (29%), resultado que está de acordo à expectativa inicial, que previa uma forte associação entre essa modalidade e o discurso argumentativo, embora esta tenha sido um pouco inferior ao que se esperava; e (iii) a *modalidade orientada ao falante* é mais recorrente nos dados de discurso reportado (41% dos casos),

provavelmente em razão de vários dados dessa natureza retratarem diálogos mais próximos dos reais e, em seguida, nos dados de segmentos do tipo injuntivo (17%), conforme também era esperado, visto que este tipo de texto é caracterizado por instruções procedimentais (para o interlocutor).

Em seguida, apresentamos alguns dados ilustrativos dessas correlações:

(86) [**Sequência argumentativa e modalidade epistêmica**]

O negro, ele tem pouca introdução em sociedade, né? Tem pouca. Se ele não **TIVER**, ele é sempre marginalizado, né? Mas a raça negra é marginalizada. Se ele não **TIVER** o seu estudo, ele não consegue nada mesmo, ele não vai conseguir nada, já tem pouca liberdade de conseguir alguma coisa. Ele só vai conseguir através do estudo mesmo. Estudar até pra poder fazer um concurso, ter um emprego, né? Daí, se ele tem um emprego bom, se ele faz, ele passa, né? É obrigatório ter aquele emprego, né? Ele consegue. Se, pelo contrário, se ele não estuda, se ele vive, assim, ele não é um marginal, mas vai se tornar um marginal. (FLN 17)

(87) [**Sequência descritiva explicativa e modalidade epistêmica**]

A malária fazendo tratamento ela não é mortal, ela só é mortal se não **FIZER** tratamento, porque a pessoa vai enfraquecendo, né? Então, pode inclusive passar pra hepatite, e tem um tipo ou dois de hepatite que mata em pouco tempo. (POA 04)

(88) [**Sequência injuntiva e modalidade orientada ao falante**]

É o que vai né? Na salada: uva, ervilha. Ervilha, uma latinha de ervilha, né? E se tu **QUISERES** colocar, tu podes colocar salame ou não. Cortar o salaminho, né? Mas, também, se não **QUISER**, também não precisa colocar que a salada fica ótima do mesmo jeito sem salame. [...] Lavas a uva e escorres a ervilha, né? Aí juntas tudo. Aí tu juntas tudo isso numa tigela, tudo junto, né? E se tu **USAR** o salame, tu podes acrescentar o salame na salada, ta? (FLN 01)

(89) [**Discurso reportado e modalidade orientada ao falante**]

“[...] Quando você saírem pra escola, tem que obedecer os professores. Se não **OBEDECEREM**, vão apanhar quando chegarem em casa.” (FLN 04)

(90) [**Sequênciadialogal e modalidade orientada ao falante**]

É lembranças. E a Ana Paula, Se tu **QUISERES** que eu fale sobre a Ana Paula? (FLN 11)

(91) [**Sequênciadescritiva avaliativa e modalidade orientada ao agente**]

E eu (não) gosto de conhecer lugar, pegar um ônibus e sair, né? Não gosto de viajar de noite, só de dia, pra conhecer os lugares. A gente quando fica velho tem que aproveitar alguma coisa, né? Agora eu quero ver, se Deus **QUISER** as minhas férias do ano que vem eu vou pro Rio de Janeiro.

(92) [**Sequência narrativa e modalidade orientada ao agente**]

Ah, eu gostava porque era um homem [o Collor] que não *atacava* ninguém, e eu não sei, as ideias dele, que ele *falava* na televisão, né? Eu achava que era um homem ideal pra se votar nele. Eu *votaria* nele. Mas isso eu tinha pensado ainda... depois quando *ficou* esse Lula e esse Collor eu vou de Collor. Seja o que **FOR**, mas eu em Lula, não voto. (POA 05)

Com base nessa análise dos dados, podemos, então, presumir que os contextos em que o FS foi usado na amostra investigada são caracterizados principalmente pela forte expressão da modalidade epistêmica e pela recorrência de sequências discursivas argumentativas.

À vista disto, buscamos estreitar um pouco mais essa relação entre modalidade epistêmica, argumentação e um terceiro elemento, ainda recorrente nos contextos de uso do FS – a condicionalidade –, sob um olhar mais qualitativo direcionado a alguns dados. É disso que se ocupa a subseção a seguir.

5.2.2.1 Argumentação, enunciados hipotéticos e modalidade epistêmica

A correlação identificada entre modalidade epistêmica e sequência argumentativa não foi uma associação inesperada, visto que outros estudos já registram, de uma forma ou de outra, essa ligação. Por exemplo, trabalhos sobre construções condicionais reportam que os enunciados hipotéticos (contexto sintático mais esperado para o uso do FS) se adéquam muito bem ao discurso/texto argumentativo, enquanto outros observam a forte relação entre modalidade, sobretudo epistêmica,

e condicionalidade, como Ferrari (2005), Reis (2012). Nessa direção, Neves (1999, p. 539) afirma que qualquer construção hipotética é sempre colocada em foco num enunciado, portanto, servindo muito bem ao trabalho argumentativo. Por sua vez, Gryner (1990) defende que o enunciado hipotético pode servir à argumentação como uma estratégia, fornecendo razões que sustentem a posição do locutor e/ou favorecendo exemplos de validade de posição assumida, “quando o enunciado hipotético constitui uma ilustração da posição do locutor”. (p. 282) Em consonância com essa ideia, em estudo anterior investigamos várias funções discursivas (função/contexto) para enunciados hipotéticos, com destaque ao que denominamos ‘exemplificação’, que serve como um argumento para corroborar uma opinião anteriormente defendida pelo falante, por isso a ligação com a expressão da modalidade epistêmica, que envolve a opinião, a (in)certeza do sujeito. (Cf. REIS, 2012)

Mesmo que uma análise dessa natureza não se constitui como parte dos objetivos principais da tese, ao constatar que muitas ocorrências de FS em enunciados hipotéticos se apresentavam dessa forma, consideramos relevante descrever um pouco mais essa inter-relação, pois é também uma forma de caracterizar melhor os contextos de uso do FS. Para tal propósito, selecionamos alguns casos que ilustram diretamente essa associação entre enunciado hipotético com o FS, modalidade epistêmica e sequência argumentativa. Em alguns desses, verifica-se ainda o uso de enunciados hipotéticos com função de exemplificação/ilustração da posição defendida pelo falante²³⁹.

(194) Eu conheço o Brasil inteiro aí, né? Eu acho Porto Alegre uma província, sim, em relação a outras capitais que eu conheço [...] Agora assim, pra **exemplificação**, o próprio aspecto mesmo. Bom, cultural, cultural, no que tange a parte de diversões, não podemos nem comparar Porto Alegre com uma São Paulo ou Rio de Janeiro. Porque em São Paulo, *por exemplo, se eu PEGAR o jornal, eu tenho ‘ene’ opções ali de teatro ou cinema, ou boate, ou bares, onde, que ‘ene’ tipo de... Se eu QUISER ver um conjunto de rock, tem, se eu QUISER ver uma cantora ‘xis’ tem, né?* Porto Alegre não tem isso, no caso, né? As opções são bem menores aqui, bem menores. (POA 15)

²³⁹ Em destaque, sublinhado, está o que identificamos como a principal posição defendida pelo falante na sequência.

Esse contexto representa bem a ideia apresentada, pois nele podemos identificar claramente: (i) a posição/opinião do falante – “Eu acho Porto Alegre uma província” –; (ii) o uso das construções condicionais como um argumento que exemplifica, com o propósito de ‘comprovar’ que a posição do informante está correta. Logo, essa postura do falante frente ao seu enunciado caracteriza o predomínio da modalidade epistêmica no contexto todo.

Seguem outros contextos deste mesmo perfil:

(195) Olha, eu **acho** que preço, difícil um lugar que você encontra, né? Coisas mais baratas. *E se você **FOR** analisar, cem, duzentos cruzeiros que você aqui, **por exemplo**, se você vai de táxi, você vai pagar em táxi. Ou se você vai de condução própria é a gasolina, né? Então eu acho que cem, duzentos cruzeiros que você economize indo em outro supermercado, não influencia muito.* (CTB 19)²⁴⁰

(196) Bastante difícil de se trabalhar, não existe controle de preços, você compra uma mercadoria hoje, amanhã outro preço. Então, às vezes, *se você não **ABRIR** bem o olho, você está vendendo abaixo do custo,* muito difícil a inflação, um algo perigoso pra gente, tanto pode se ter bastante lucro, como pode-se ter prejuízo. Imprevisível, né? (POA 04)²⁴¹

(197) Engraçado que o povo reclama do Brasil. Como eu disse, nós temos a liberdade que **acho** país nenhum tem, né? Aqui, nós temos aqui, em matéria, de tudo, de riquezas, né? Você vê a pessoa: “Ah, porque aqui é ruim, porque, isso.” Você sai ali, você compra uma carne. *Você compra dez quilos, se você **PUDER**, você compra vinte quilos. Tem pão. Se você **PUDER** comprar dez pães, você compra dez, e você tem vinte.* Ter dinheiro e não ter o que comprar ou não ter dinheiro. (CTB 04)

Em termos de descrição de usos, uma análise dessa natureza indica que o FS pode ser frequentemente usado como parte de uma estratégia argumentativa que se utiliza de períodos hipotéticos para exemplificar e confirmar um posicionamento do falante, em enunciados

²⁴⁰ Pergunta do entrevistador: “E em relação a preços e os mercados daqui?”

²⁴¹ Pergunta do entrevistador: “E com a inflação, como é que anda o comércio?”

marcados pela modalidade epistêmica. Isso porque, como será visto adiante, grande parte dos usos do FS se dá em orações condicionais.

5.2.2.2 Os dados de discurso reportado e a modalidade orientada ao falante

Cabe ainda tratar de outro contexto discursivo: os constituídos por discurso reportado, em razão das particularidades que o caracterizaram: (i) a alta frequência da modalidade orientada ao falante, provavelmente em função da maior proximidade desses contextos com situações comunicativas naturais; e (ii) o fato de que a maioria desses dados emerge em sequências narrativas, com várias referências de tempo passado. Logo, observamos que o FS nasce como um futuro (ou presente) cujo ponto de referência está no passado, e não no momento de fala. Observe-se:

(198) [...] Até ela mora aqui, é minha nossa vizinha que é a única que faz operação de catarata em cachorro, não sei o quê... a operação do Radar, e eu queria porque queria fazer pro Vitor: “*Vende qualquer coisa lá de casa, se não **TIVER** dinheiro. Vamos operar o Radar*”. Mas daí ela disse que, eu perguntei se era garantido e ela disse que não, que não garantia, então daí eu fiquei pensando, também, né? (POA 13)

(199) Ah, eu tinha uma prima, também engravidou antes de casar. [...] Ela que me criou, era responsável por mim. Ela dizia: “*Ó, toma cuidado! Olha, quando tu **NAMORARES**, tu não vais te entregar pro namorado antes de casar*”, ela dizia pra mim. [...] Já estava na hora das outras ir embora que as mães das outras estavam chamando as outras. E eu dizia pra elas: “*Pelo amor de Deus, vocês não me deixem aqui, que se vocês me **DEIXAREM** com ela braba, né? *Aí vocês me deixam aqui, ela vai me acabar aqui no pau.*” [...] *Aí ela foi na casa da Maria dos Anjos, ver se eu estava lá. Chegou lá, a mão dela disse: “Não, ela não está”. “Donde é que ela foi?”. “Ah, de certo ela saiu com a Alzira”, que era outra irmã, que a outra irmã foi a minha sorte, porque a outra irmã não estava. “Então ela saiu com a Alzira, está bom. Então ela saiu com a Alzira. Quando ela **VIER** manda ela ir pra casa, porque eu sei que ela estava conversando com vagabundo.*” (FLN 08)*

Entretanto, para que fosse possível quantificar esses casos (57 ao todo) com os demais, consideramos apenas a associação do FS com o futuro, considerando o momento de enunciação descrito pelo informante como se fosse o momento de fala²⁴².

Registramos ainda que 86% dos segmentos de discurso reportado apareceram em sequências narrativas. Logo, se esses dados (49 ao todo) fosse somados aos de sequência narrativa, essa totalizaria 103 ocorrências, passando a ter 20% de frequência na amostra, em vez de 12%.

5.2.3 A pessoa do discurso

Um último grupo de fatores analisado referente ao contexto discursivo foi a ‘pessoa do discurso’. Isso porque, desde o início, percebemos uma recorrência significativa da terceira pessoa do discurso, isto é, o sujeito da oração em que estava o FS comumente era algo ou alguém, que não se tratava nem do informante, nem do entrevistador.

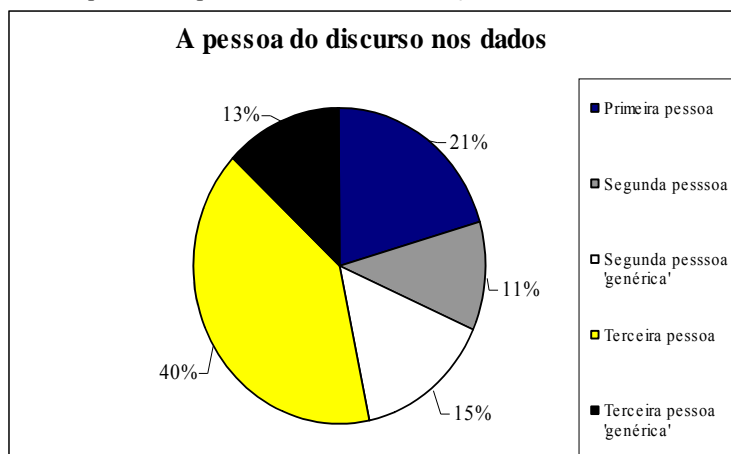
Assim, por meio desta variável, foram quantificados os casos em que o sujeito da oração subordinada com o FS correspondia: *ao próprio falante* – a primeira pessoa do discurso; *ao interlocutor* (entrevistador) – que consideramos a segunda pessoa do discurso; ou ainda a uma *terceira pessoa*, que não era nenhum dos dois.²⁴³ Além dessa divisão, também distinguimos os casos em que o sujeito/referente era do tipo *genérico*, tanto na segunda pessoa, quanto na terceira, conforme especificado na Metodologia. Com essa subdivisão, procuramos quantificar os casos considerados de sujeito/referente genérico no *corpus*, posto que esse tipo de dado se mostra comum em contextos oracionais com o FS, apontando alguma relação com a noção de genericidade nesses enunciados, e com o próprio domínio da modalidade epistêmica.

²⁴² Registramos ainda que, em 54 ocorrências desse tipo, o FS localizou uma situação cujo ponto de referência não era o momento de fala, visto que fazia parte de um sequência narrativa cuja referência temporal era o passado, em relação ao momento/situação de fala constituído pela entrevista.

²⁴³ Observamos que, nos casos de discurso reportado, quando a segunda pessoa não correspondeu ao entrevistador, esses dados (que totalizaram 20 casos) não fizeram parte do fator correspondente a P2, mas foram analisados à parte.

A hipótese é de que há uma correlação entre os resultados concernentes a esse grupo de fatores e os relativos aos tipos de modalidade no enunciado, da seguinte forma: que prevalecesse a primeira pessoa do discurso nas orações com FS que compunham enunciados marcados pela modalidade orientada ao agente; a segunda pessoa, nos casos de modalidade orientada ao falante; e a terceira pessoa nos epistêmicos.

Gráfico 9 - Frequência da pessoa do discurso na oração com FS



Nossas hipóteses em relação à frequência geral de pessoa do discurso foram corroboradas, visto que houve predomínio de terceira pessoa nos dados (53%). Já quanto à correlação com os tipos de modalidade, vejam-se os resultados na tabela a seguir.²⁴⁴

²⁴⁴ Para essa correlação foram considerados os resultados pertinentes à expressão das modalidades no contexto discursivo, para que fosse possível comparar esses resultados com os anteriores que correlacionaram modalidade e sequência textual, tendo em vista que esses três grupos de fatores estão inter-relacionados.

Tabela 14 - Correlação entre modalidade predominante no contexto e pessoa do discurso

	Primeira Pessoa Apl./Total Perc.	Segunda pessoa Apl./Total Perc.	Segunda p. genérica Apl./Total Perc.	Terceira pessoa Apl./Total Perc.	Terceira p. genérica Apl./Total Perc.
Or. ao agente	33 / 101 35%	7 / 101 8%	10 / 101 11%	31 / 101 33%	12 / 101 13%
Epis-têmica	52 / 350 17%	22 / 350 7%	48 / 350 16%	141 / 350 46%	46 / 350 15%
Or. ao falante	10 / 86 16%	22 / 86 36%	12 / 86 20%	15 / 86 25%	2 / 86 3%
Total ²⁴⁵	95 / 463 21%	51 / 463 11%	70 / 463 15%	187 / 463 40%	60 / 463 13%

Novamente os resultados vão ao encontro da hipótese inicial, posto que, na maioria dos contextos de *modalidade orientada ao agente*, prevaleceu a primeira pessoa do discurso (35%), assim como na maioria dos enunciados de *modalidade orientada ao falante*, as ocorrências de segunda pessoa foram as mais frequentes (36%, mais 20% de segunda pessoa ‘genérica’), e também nos contextos marcados pela *modalidade epistêmica* predominou a terceira pessoa (46%, além dos 15% de terceira pessoa ‘genérica’). Dentre esses, destacamos que os resultados concernentes à modalidade epistêmica foram os mais expressivos quanto à correlação esperada.²⁴⁶

Em seguida, transcrevemos alguns dados que representam essa correlação:

(200) [*1ª. Pessoa – Orientada ao agente*] Se **eu** **QUISER** ver um conjunto de rock, tem. (POA 15)

²⁴⁵ Observe-se que o total de dados não corresponde a 534 ocorrência, pois foram excluídas as orações sem sujeito, além dos casos em que a segunda pessoa não foi o entrevistador, conforme está especificado no capítulo de procedimentos metodológicos.

²⁴⁶ Cabe observar que dentre os 20 casos de segunda pessoa nos contextos de discurso reportado, que não entraram nessa quantificação, a maioria ocorreu em enunciados marcados pela modalidade orientada ao falante, o que aumentaria os casos dessa correlação, se fossem incluídos.

(201) [2ª. Pessoa – Orientada ao falante] E se **tu** **QUISERES** **colocar**, tu podés colocarsalame ou não (FLN 01)

(202) [2ª. Pessoa ‘genérica’ – Epistêmica] Hoje, se **você** **FALAR**, eles nem querem saber se tem ou não tem, eles saem,né?(CTB 04)

(203) [3ª. Pessoa – Epistêmica]Olha, a seleção em si não, mas se, na realidade o nosso técnico **CHEGAR** a ser um dos entendidos em futebol, como você sabe que é o Falcão, certo? Se **ele** **CHEGAR** a ser o técnico da seleção, não meterem política, dizer: “Não! Esse que tem que jogar”. Se **ele** **DISSER**: “Não, a minha seleção é essa!” E essa seleção jogar, o Brasil tem condições de tirar o Tetracampeonato. (FLN 02)

(204) [3ª. Pessoa ‘genérica’ – Epistêmica] Não, não, o segredo é ser amigo do açougueiro, né? Se o açougueiro te **DER** uma carne macia, vai ficar bom. (POA 15)

Por fim, mostramos os resultados da correlação que foi estabelecida entre a pessoa do discurso e o tipo de sequência textual predominante no contexto do dado.

Tabela 15 - Correlação entre tipo sequência discursiva e pessoa do discurso

	Primeira Pessoa Apl./Tot. Perc.	Segunda pessoa Apl./Tot. Perc.	Segunda pes. gen. Apl./Tot. Perc.	Terceira pessoa Apl./Tot. Perc.	Terceira pes. gen. Apl./Tot. Perc.
<i>Argumentativa</i>	23 / 211 11%	14 / 211 7%	38 / 211 18 %	89 / 211 42%	37 211 22 %
<i>Descritiva</i>	39 / 139 28%	15 / 139 11%	16 / 139 11%	57 / 139 41%	16 / 139 11%
<i>Narrativa</i>	14 / 52 27%	8 / 52 15%	7 / 52 13%	22 / 52 42%	1 / 52 2%
<i>Injuntiva</i>	1 / 15 7%	6 / 15 40 %	6 / 15 40%	2 / 15 13%	6 / 15 40%
<i>Dialogal</i>	4 / 15 27%	7 / 15 47%	0 / 15	4 / 15 27%	0 / 15
<i>Dis. Report.</i>	14 / 31 45%	1 / 31 3%	3 / 31 10%	13 / 31 42%	0 / 31
Total ²⁴⁷	95 / 463 21%	51 / 463 11%	70 / 463 15%	187 / 463 40 %	60 / 463 13%

Dentre esses resultados, destacamos a maior associação que pode ser vista entre sequência argumentativa e terceira pessoa (89 ocorrências), assim como entre sequência descritiva e terceira pessoa (57 ocorrências), sendo que elas se aproximam bastante das correlações encontradas entre essas duas sequências discursivas e a modalidade epistêmica nos dados, assim como entre essa modalidade e a terceira pessoa do discurso. Com base nisso, podemos afirmar que no contexto discursivo em que aparece o dado de FS sobressaiu-se mais: (i) a expressão da modalidade epistêmica; (ii) a presença das sequências discursivas: argumentativa (principalmente) e descritiva; (iii) a recorrência da terceira pessoa do discurso na oração com o futuro do subjuntivo.

5.2.4 A distribuição do FS no eixo da modalidade: fechando a seção

Como foi visto, na amostra analisada, o uso do FS distribui-se principalmente em enunciados em que há predomínio da modalidade

²⁴⁷ A justificativa para este total está na nota 245.

epistêmica. Dessa forma, podemos atribuir como função ao FS atuar frequentemente como um dos meios de expressão dessa categoria, juntamente com outras forças *irrealis* do contexto, conforme representa o dado abaixo:

(205) Quando ele **TIVER** dezoito anos [*certeza/probabilidade*] quando ele **ENTRAR** no quartel [*probabilidade/possibilidade*], ele sempre diz pro irmão dele que ele não quer entrar como soldado. (CTB 18) [modalidade epistêmica]

No que concerne à hipótese aventada a partir de Bybee (1985; 1998) e Bybee *et al.* (1991; 1994), segundo a qual as formas de subjuntivo estão atreladas à marcação das modalidades (ou noções modais) epistêmicas – uma vez que as flexões de modo se voltam mais para assinalar a atitude menos assertiva do falante frente ao seu enunciado –, diremos que esta foi parcialmente corroborada. Isso porque identificamos também vários usos do FS associados à expressão de noções (deônticas) orientadas ao agente, como *obrigação*, *desejo*, e até funções comunicativas, como *polidez*, *convite*, em enunciados marcados pela modalidade orientada ao falante, como ilustram as seguintes ocorrências:

(206) Se está frio e se **TIVER** que sair, eu não vou. (CTB 12)
[*obrigação*; modalidade orientada ao agente]

(207) Quando você **QUISER** ver, a minha vó chama Isolina Borga. (CTB 14)
[*convite*, *polidez*; modalidade orientada ao falante]

5.3 CONTEXTOS MORFOSSINTÁTICOS

Nesta seção, descrevemos os contextos morfofossintáticos que caracterizam a realização do FS através de quatro subseções: as duas primeiras destinadas, respectivamente, (i) aos conectores que introduzem a oração subordinada (e, conseqüentemente, aos tipos de oração) e suas correlações com valores modais e temporais na oração e no enunciado mais amplo, e (ii) à ordenação das orações no período; e as duas últimas reservadas, respectivamente, (iii) à natureza gramatical do verbo que expressa o FS (se pleno ou auxiliar) e (iv) ao próprio item

lexical marcado morfológicamente (de forma irregular ou regular) pelo FS.

A hipótese principal é de que o tipo de oração subordinada (depreendido a partir dos conectores), assim como a especificidade do item verbal no FS, sejam fatores significativos na caracterização descritiva mais formal dos contextos de uso do FS, visto que alguns poucos conectores e certas formas verbais irregulares tendem a se repetir constantemente em sua expressão, conforme será visto nas subseções seguintes.

5.3.1 A oração subordinada com o FS: tipos de conectores

A partir da análise dos dados, verificamos que raramente o FS aparece num enunciado sem a presença de um conector o antecedendo, o que indica a força da relação entre FS e conector. Portanto, investigar quais os tipos de conectores que são usados com o FS, bem como identificar os mais frequentes, é um objetivo necessário à descrição dos contextos de uso do FS.²⁴⁸

A hipótese inicial era de que prevaleceria o conector condicional *se*, haja vista que tanto descrições gramaticais como estudos linguísticos acerca de condicionais registram a forte recorrência do FS nesse tipo de construção. Com base nessa expectativa, aventamos ainda que o período hipotético tenha forte relação com a expressão da modalidade nos enunciados com o FS, sobretudo com a epistêmica.²⁴⁹

Além da afinidade entre enunciados hipotéticos e noções modais epistêmicas, a hipótese se estende ainda a possíveis correlações entre os principais tipos oracionais (condicionais, temporais e relativas) previstos para o emprego do FS e a sua expressão num *continuum* entre

²⁴⁸ As raras vezes em que o FS aparece sem um conector ocorreu quando: (i) a ocorrência se enquadrava como de outros ‘domínios funcionais’ – como em: “tanto faz você estar aqui ou *FOR* (infinitivo: *ir*) a Porto Alegre” (CTB 01) –, dados que não foram quantificados com os demais; (ii) o falante usou o conector apenas na primeira oração subordinada, que foi seguida por outras coordenadas – casos que entraram na quantificação. Exemplificamos um desses contextos: Nem a comida não compra. *Se* você BOBEAR aí, você FOR tomar uma cervejinha e tal, DAR uma saidinha aí e tal, você tem que olhar: se a mulher ESTIVER na cozinha, você tem que ficar na sala. (CTB 03)

²⁴⁹ Essa correlação foi de certa forma antecipada quanto descrevemos a ligação entre enunciados hipotéticos, modalidade epistêmica e argumentação.

temporalidade e modalidade *irrealis* nesses contextos sintáticos. Mais precisamente, a expectativa é de que, em construções adverbiais temporais, o FS se estabeleça num domínio mais temporal, ao passo que, em certas orações relativas, usos mais modais do FS sejam favorecidos, enquanto em condicionais o seu uso tenha um comportamento tipicamente multifuncional, de acordo com as particularidades de cada contexto.

Ainda nessa direção, no que concerne ao uso das adverbiais temporais e condicionais, consideramos como ponto de partida para a hipótese a escala modal apresentada por Givón (1995, p. 135) para orações adverbiais *irrealis* temporais com o conector *when* (*quando*) e *condicionais* com *if* (*se*) no inglês, a qual acreditamos se aplicar aos usos em português também, como mostra a tradução na coluna da direita.²⁵⁰

Quadro 11 - Escala de certeza epistêmica para as adverbiais *irrealis*

ADV-clauses in English <i>Higher certainty</i>	Orações Adverbiais em português (tradução nossa) <i>Alta certeza</i>
a. Irrealis 'when': When she comes, we will consider it.	a. Irrealis 'quando': Quando ela VIER, nós consideraremos isso.
b. Irrealis 'if': If she comes, we will/may consider it	b. Irrealis 'se': Se ela VIER, nós vamos/podemos considerar isso.
c. Subjunctive 'if': If she ever come, we would/may consider it.	c. Irrealis 'se': Se ela 'já/realmente' VEM/VIER, nós poderíamos/podemos considerar isso.
d. Counterfact 'if': If she had come, we would/might have consider it.	d. Contrafactual 'se': Se ela TIVESSE vindo, nós poderíamos ter considerado isso.
<i>Lowest certainty</i>	<i>Baixa Certeza</i>

Fonte: Givón (1995, p. 135)

A partir desses exemplos, podemos visualizar que o uso de construções temporais envolve uma atitude de maior certeza do falante, o que justifica o predomínio de uma interpretação mais temporal (futura) para os enunciados com *quando*, em comparação aos com

²⁵⁰ Os enunciados factuais ficam excluídos da análise das adverbiais *irrealis*, na escala givoniana.

condicionais. Não obstante, conforme foi visto na seção precedente, Givón (1995, p. 134) ainda prevê que atitudes de alta certeza envolvem a marcação de um futuro/modal, ao passo que a baixa certeza envolve a marcação de subjuntivo modal, em enunciados de advérbiais *irrealis*. Ademais, com base em Declerck (1997, p. 21) temos razões para considerar que a oração temporal tenha como função orientar o tempo da oração principal, ou o tempo ao qual ela está relacionada, transmitindo maior factualidade ao enunciado, do que as condicionais.

Acreditamos, pois, ser possível considerar que o emprego de um certo tipo de construção subordinada já esteja atrelado, pelo menos em algum grau, a certas modalidades presentes no enunciado, o que acaba implicando numa expressão do FS mais voltada à temporalidade (futuro) ou à modalidade (subjuntivo). A expectativa ainda é de que o FS em orações temporais dificilmente descreverá uma situação no presente, posto que o conjunto: ‘conector temporal e FS’ parece que já projeta a situação para o futuro, sobremaneira se for o conector de base nominal (ex.: *o dia que, no momento que*).

Para testar a hipótese funcional, bem como para verificar outras relações possíveis entre o tipo de conector e outras variáveis investigadas, traçamos algumas correlações, cujos resultados serão discutidos ao longo desta subseção. Mas, antes, cabe apresentar os resultados mais gerais, que apontam o percentual de ocorrência dos tipos de conectores encontrados na amostra, bem como dos tipos mais frequentes de oração subordinada, conforme ilustram a tabela 16 e o gráfico 10, respectivamente.

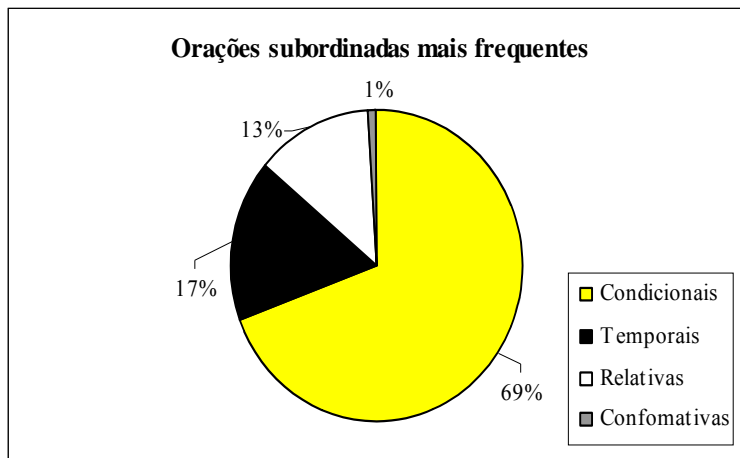
Tabela 16 - Frequência dos conectores que introduzem orações com FS

Tipo de Conector	Número / Percentagem
Condicional: <i>se</i>	364 / 68%
Condicional: <i>caso</i>	2 / 0,4%
Temporal: <i>quando</i>	44 / 8%
Temporal: <i>enquanto</i>	20 / 4%
Temporal: <i>(n)a hora que; (n)o dia que; no; a partir do momento que; na semana que; assim que; outros de base nominal</i>	26 / 5%
Temporal: <i>sempre que; toda vez que</i>	1 / 0,2%
Relativo: <i>o que, que</i>	48 / 9%
Relativo: <i>onde</i>	6 / 1%
Relativo: <i>quem</i>	14 / 3%
Relativo: <i>quanto</i>	2 / 0,4%
Conformativo: <i>conforme</i>	4 / 0,4%
Proporcional: <i>quanto</i>	2 / 0,4%
Outro	1 / 0,2%
Total	534 dados

Como podemos notar, não são muitos os tipos de conectores usados na oração subordinada com o FS. Na verdade, se considerarmos a ocorrência de *se*, *quando* e *que*, juntos, eles representam cerca de 86% dos casos, com maior destaque para o conector condicional, que esteve presente na maioria das vezes em que FS ocorreu (68,4%). E, com base nesse índice elevado de ocorrência do *se*, aventamos que haja uma influência desse conector na própria definição, por vezes, atribuída ao FS de futuro hipotético e futuro potencial.

A partir da identificação desses conectores, foi possível quantificar os dados em termos de tipo de oração subordinada: condicional, temporal, relativa e conformativa. Os resultados para esses tipos de oração podem ser conferidos no gráfico a seguir.

Gráfico 10 - Orações subordinadas mais frequentes



Os resultados confirmam a expectativa inicial e mostram que: (i) a oração condicional é realmente o contexto oracional mais comum ao uso do FS; (ii) os conectores adverbiais são de fato os que mais antecedem o FS, visto que, juntos, *temporais*, *condicionais* e *conformativos* correspondem a cerca de 85% dos casos. Além disso, destacamos que esses resultados estão de acordo com o previsto nas gramáticas normativas que, de modo geral, descrevem as orações adverbiais temporais, condicionais, conformativas, proporcionais, além das adjetivas, como os tipos de orações subordinadas onde se emprega o FS em português.

A seguir, apresentamos correlações entre as seguintes variáveis e os tipos de oração: (i) tipo de modalidade do enunciado, (ii) noções modais da oração com FS, (iii) valor temporal do FS e (iv) relação de tempo entre o FS e outra situação. Tencionamos verificar em que medida o contexto sintático-semântico representado pelos tipos de oração se mostra relevante na expressão da modalidade e da temporalidade da oração com FS e do enunciado mais amplo.²⁵¹

²⁵¹ Nesta quantificação, consideramos os resultados da modalidade no contexto, visto a maior aproximação com o sentido geral captado na leitura do período sintático, e também para a comparação com a sequência discursiva ser coerente, no que concerne à inter-relação descrita entre 'sequência

Tabela 17 - Correlação entre tipos de modalidade no contexto e tipos de construção de subordinação

	Orações condicionais	Orações temporais	Orações relativas
	Apl./Tot. Perc.	Apl./Tot. Perc.	Apl./Tot. Perc.
Modalidade orientada ao falante	52/ 83 63%	24/ 83 28%	7/ 83 8%
Modalidade orientada ao agente	69/ 101 68%	18/ 101 17%	14/ 101 14%
Modalidade Epistêmica	245/342 70%	48/ 342 13%	49/ 342 14%
Total	366/ 526 69%	90/ 526 17%	70/ 526 13%

A partir desses números, percebemos que as três modalidades se distribuem de forma similar entre os enunciados compostos pelos principais tipos de construções, *condicionais*, *temporais* e *relativas*. No entanto, chama a atenção que a maioria das orações condicionais – 245/70% – se concentra em enunciados marcados pela modalidade epistêmica, confirmando a hipótese inicial acerca da afinidade entre esses dois fatores. Na verdade, esse número corresponde a quase metade dos dados totais da amostra (composta por 534 ocorrências), o que evidencia a força desse conjunto ‘enunciado hipotético e modalidade epistêmica’ na própria expressão do FS.²⁵²

Não obstante, um olhar vertical na tabela aponta algumas particularidades interessantes. A distribuição dos contextos oracionais não segue a mesma direção em relação às modalidades: enquanto as *condicionais* privilegiam a modalidade epistêmica (245/366 = 67%), seguida da orientada ao agente (69/366 = 19%) e da orientada ao falante (52/366 = 14%), as *temporais* invertem a ordem das modalidades deonticas, com predomínio menor da epistêmica em relação às condicionais (48/90 = 53%), seguida da orientada ao falante (24/90 = 27%) e da orientada ao agente (18/90 = 20%); as *relativas*, por sua vez, também privilegiam a modalidade epistêmica (49/70 = 70%), mais até

argumentativa, modalidade epistêmica e enunciados condicionais’, como pode ser vista no exemplo (208) adiante.

²⁵²Ressalta-se ainda que a elevada frequência, tanto dos casos de condicionais, como de modalidade epistêmica resulta numa discrepância entre esses dois fatores e os demais, o que dificulta comparações mais apuradas entre todos eles.

do que as condicionais, seguida pela orientada ao agente (14/70 = 20%) e pela orientada ao falante (7/70 = 10%).

O trecho a seguir ilustra a correlação entre *modalidade epistêmica* e *enunciado hipotético*²⁵³:

(208) Não adianta você ensinar pra criança o ‘bê-a-bá’, se não **DER** a ele educação. Ele pode ser um bom professor, um bom matemático, um bom pai de família, mas se ele não **TIVER** educação, ele está perdido. (FLN 13) [modalidade epistêmica]

Ainda no que tange à modalidade, buscamos averiguar de forma mais direta a correlação que se apresenta entre valores modais captados na proposição com o FS e os tipos oracionais. Nesse caso, a hipótese se assenta na perspectiva inicialmente posta de que, em contextos de adverbiais temporais, prevaleça uma maior certeza epistêmica do falante, se compararmos com os contextos de condicionais.

Os resultados dessa correlação podem ser conferidos na tabela seguinte:

²⁵³ Esses enunciados estão sublinhados no trecho.

Tabela 18 - Correlação entre noção modal identificada na proposição e os tipos de oração

<i>Traço/Noção Modal</i>	Orações	Orações	Orações
	Conacionais	Temporais	Relativas
	Apl./ Total Perc.	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.
<i>Certeza</i>	33 / 89 37%	41 / 89 46%	15 / 89 17%
<i>Probabilidade</i>	34 / 56 57%	19 / 56 32%	3 / 56 3%
<i>Possibilidade</i>	202 / 223 89%	12 / 223 5%	9 / 223 4%
<i>Fraca</i>	13 / 42 31%	2 / 42 5%	27 / 42 64%
<i>possib./incerteza</i>			
<i>Volição + fraca</i>	13 / 19 68%	2 / 19 11%	4 / 19 21%
<i>possibilidade</i>			
<i>Volição</i>	12 / 23 52%	4 / 23 17%	7 / 23 30%
<i>Obrigaçào</i>	18 / 19 95%	1 / 19 5%	0 / 19
<i>Necessidade</i>	4 / 4 100%	0 / 4	0 / 4
<i>Permissào</i>	4 / 5 80%	0 / 5	1 / 5 20%
<i>Permissào</i>	4 / 5 80%	0 / 5	1 / 5 20%
<i>Conselho;</i>	15 / 20 75%	2 / 20 10%	3 / 20 15%
<i>exortação</i>			
<i>Convite; sugestào</i>	9 / 10 90%	0 / 10	1 / 10 10%
<i>Polidez</i>	3 / 60%	1 / 30%	–
Total	366 / 526 69%	90 / 526 17%	70 / 526 13%

De fato, os resultados atestam que o traço de maior certeza do falante frente a sua proposição está mais associado aos usos do FS em orações temporais (tanto numa leitura horizontal como vertical da tabela, constata-se a forte correlação entre certeza e oração temporal), assim como o traço de incerteza é mais recorrente em orações condicionais e, principalmente em relativas. Não obstante, percebe-se que o traço de certeza foi pouco frequente nas construções relativas.

Em seguida, passamos aos resultados das correlações investigadas entre tipo oracional e funções temporais do FS, as quais podem ser vistas através de duas tabelas, uma para o grupo de fatores ‘valor temporal do FS’, e outro para ‘relação temporal do FS com outra situação’. Observe-se:

Tabela 19 - Correlação entre valor temporal do FS e os tipos de oração

	Condicionais		Temporais		Relativas	
	Apl./ Total Perc.	Apl./ Total Perc.	Apl./ Total Perc.	Apl./ Total Perc.	Apl./ Total Perc.	
FS: Futuro	304/ 427 70%	81/ 427 19%	42/ 427 10%			
FS: Presente	40/ 58 69%	9/ 58 15%	9 / 58 15%			
FS: Pres. Relativo	8/ 11 73%	0 / 11	3 / 11 27%			
FS: <i>indeterminado</i>	14/ 30 47%	0 / 30	16 / 30 53%			
Total	366/ 526 69%	90/ 526 17%	70/ 526 13%			

Numa leitura horizontal da tabela, destaca-se o alto percentual associado à correlação entre os valores temporais de futuro, presente e presente relativo com as condicionais. Por outro lado, o valor temporal indeterminado distribui-se equilibradamente entre os contextos de condicionais e relativas (com leve inclinação para estas últimas), sem nenhuma ocorrência com as temporais (nem tampouco se verifica presente relativo nas temporais). Dessa forma, ressaltamos dois resultados que se sobressaíram mais nos dados de FS: (i) o valor de presente, que ocorreu em quase 70% dos casos em condicionais, quando geralmente teve uma ideia/leitura de *presente hipotético*, como nos dados: “Se TIVER são poucas”; “Se ele ESTIVER com AIDS”; (ii) o valor temporal indeterminado ocorreu principalmente em relativas (53%) – mesmo estas sendo em número bem menor do que as condicionais –, como podemos observar nos dados: “Seja o que Deus QUISER”; “Podes sentar onde FOR”.²⁵⁴

Já numa leitura vertical, a grande maioria das ocorrências de FS se situa na correlação entre valor temporal de futuro e oração condicional apresentando valor de futuro ($304/366 = 83\%$) – correlação que equivale a 56% de toda a amostra. Mas o resultado que mais se sobressai é a forte correlação entre construções temporais e FS com valor de futuro ($81/90 = 90\%$), confirmando a expectativa quanto a isso.

²⁵⁴ Esses dados são respectivamente dos informantes: CTB 19, CTB 03, CTB 08, POA 14.

Considerando-se os resultados das correlações expostas nas tabelas anteriores, podemos afirmar que uma parte significativa dos usos do FS é caracterizada por: (i) sua associação ao *futuro*; (ii) sua grande recorrência em orações *condicionais*; e (iii) pela forte presença da modalidade *epistêmica* nos enunciados em que o FS está.

A tabela que se segue traz os resultados da correlação entre relação temporal do FS com outra situação no período (ou seja, a relação entre o tempo da oração subordinada e o da principal) e tipos de oração com o dado.

Tabela 20 - Correlação entre relação temporal do FS com outra situação e tipos de oração

	Condicionais			Temporais			Relativas		
	Apl./ Tot.	Percc.		Apl./ Tot.	Percc.		Apl./ Tot.	Percc.	
Rel. <i>Anterioridade</i>	245/302	80%		41/ 302	13%		16/ 302	5%	
R. <i>Cotemporalidade</i>	78/ 139	55%		33/ 139	23%		28/ 139	19%	
Rel. <i>Posterioridade</i>	20/ 37	56%		9/ 37	22%		8/ 37	22%	
Rel. <i>Fraca ou nula</i>	23/48	49%		7/ 48	13%		18/ 48	36%	
Total	366/526	69%		90/ 526	17%		70/ 526	13%	

De modo geral, esses resultados indicam que: (i) o contexto predominante são as condicionais em que o FS apresenta uma relação temporal de anterioridade frente ao tempo da principal, seguido de cotemporalidade (tanto numa leitura horizontal como vertical); (ii) as orações temporais também correlacionam-se predominantemente a relações de anterioridade e cotemporalidade, nesta ordem; (iii) as orações relativas associam-se preferencialmente a relações de cotemporalidade; (iv) em todos os contextos oracionais (à exceção das temporais), as relações de posterioridade são as menos frequentes; e (v) as condicionais e as relativas são os contextos preferidos pela relação temporal fraca ou nula.

Assim, no que se refere à hipótese de que a expressão da categoria tempo (e modalidade, conforme visto anteriormente) pode variar conforme o contexto sintático em que o FS aparece, os dados têm mostrado principalmente que: (i) como tempo verbal futuro e anterior a outra situação, sua ocorrência é proporcionalmente maior nas adverbiais condicionais e temporais; (ii) os casos de FS com valor temporal indeterminado, assim como os casos em que a relação de tempo estabelecida com a principal é do tipo simultânea ou fraca, estiveram (proporcionalmente) mais associados a contextos de construções relativas. Contudo, novamente observamos que, em função de ter muito

mais dados de adverbiais do que de relativas, é mais difícil comparar os resultados entre elas de forma mais precisa, devendo-se estar atento às devidas proporções de cada caso.

Para finalizar, exemplificamos algumas das principais correlações vistas até agora, através de alguns dados que as representam.

(209) Não, eu não pretendo assim, oh, quando me **APOSENTAR**, *viajar* um pouco, não tem? Descansar bastante, um pouco, depois voltar. (FLN 16)

[**Oração Adv.Temporal – Valor do FS: futuro – Relação temporal: anterioridade – Modalidade: orientada ao agente**]

(210) A partir do momento que **TIVER** esse desenvolvimento todo aí vai acontecer que todo mundo vai ter seu emprego.(POA 15)

[**Oração Adv. Temporal – Futuro – Anterioridade – Orientada ao falante**]

(211) Se elas **ESQUITAREM** isso, *ficarão* apavoradas. (FLN 11)

[**Oração Adv. Condicional – Futuro – Anterioridade – Epistêmica**]

(212) Se não **FIZER**, vai ter que pagar multa. (CTB 08)

[**Oração Adv. Condicional – Futuro – Anterioridade – Epistêmica**]

(213) Se eu **PEGAR** pra fazer, eu *gosto de estar fazendo* toda vida, né? Pra ver terminar. (FLN 17)

[**Oração Adv. Condicional – Presente – Cotemporalidade – Orientada ao agente**]

(214) *Seja* com quem **FOR** que eu *esteja conversando*, ele volta assim, naturalmente, tu entendes?] (FLN 11)

[**Oração Relativa – Presente Relativo – Cotemporalidade – Epistêmica**]

(215) Então, acho que tudo que você **TIVER** que fazer melhor, pra ti, pro ser humano, você *deve fazer*. (FLN 16)

[Oração Relativa – Indeterminação Temporal ²⁵⁵ –
Cotemporalidade – Orientada ao falante]

5.3.2 Posição da oração subordinada com o FS em relação à principal

No que diz respeito ao período sintático, investigamos também a ordem da oração subordinada (em que está o dado de FS) em relação à oração nuclear da construção. Com isso, objetivamos analisar qual das posições, *anteposta* ou *posposta* à oração principal, é a mais recorrente nos dados, além de buscar correlações entre a posição da oração subordinada e a expressão da temporalidade e da modalidade no enunciado e, por conseguinte, da própria ocorrência de FS.

A expectativa é de que predomine a posição anteposta da oração subordinada – sobretudo no caso das orações adverbiais, que respondem por cerca de 87% das construções da amostra – visto que essa é a ordem ‘não marcada’ na língua, de acordo com Givón (2001; 2005), dentre outros autores. No caso dos períodos hipotéticos, tradicionalmente representados pela ideia: “se *p*, então *q*”, essa ordem não marcada é mais clara ainda, visto que a condicional – também chamada *antecedente* ou *prótase* – tende a expressar uma condição que, se satisfeita, acarreta a consequência descrita na oração principal – denominada também de *apódose* ou *consequente*.

Além disso, em termos de inter-relações possíveis entre esta variável e outros fatores do contexto, uma hipótese é de que a oração anteposta esteja mais voltada a funções temporais no enunciado (e consequentemente também o FS), uma vez que comumente ela pode orientar a referência de tempo do enunciado, já que vem antes da principal, acabando assim por introduzi-la. Quanto à oração adverbial posposta, esta pode estar mais voltada ao ofício discursivo, e menos a assinalar o tempo no enunciado, podendo muitas vezes servir como ressalva ou ênfase do que foi dito anteriormente na oração principal. Para tal hipótese, tomamos alguns pontos vistos em Neves (1999)²⁵⁶ e

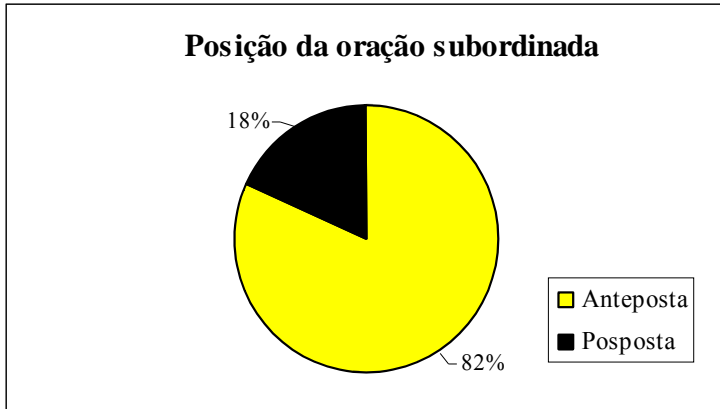
²⁵⁵ Neste caso, consideramos que o valor do FS é indeterminando, além de mais fraco, embora o enunciado como um todo tenha projeção futura.

²⁵⁶ Neves (1999, p. 526) discute algumas relações que vão além de causal em períodos hipotéticos, como ‘ressalva’ – *É muito bom passear em Florianópolis, se tu tiveres dinheiro* –, ‘condição necessária e suficiente’ – *Eu*

Givón (2001; 2005). Por exemplo, para o autor²⁵⁷, as orações adverbiais antepostas em cadeias iniciais de orações tendem a iniciar a marcação do tópico referente, da temporalidade, entre outras categorias que são ‘lançadas’ para o resto do enunciado, enquanto as pospostas tendem a ser mais integradas semanticamente à principal, tanto em termos de correferencialidade entre os sujeitos, como de cotemporalidade.²⁵⁸

Os resultados verificados corresponderam à expectativa inicial acerca do predomínio das orações antepostas, conforme descrevemos a seguir, inicialmente através do gráfico 11.

Gráfico 11 - Frequência da posição da oração subordinada com FS em relação à principal



Conforme aponta o gráfico, o número de orações subordinadas que antecedem as principais na construção sintática é muito maior, sendo essa, então, a ordem dominante nos dados. E um dos fatos que provavelmente justifique essa proporção seria a própria frequência

darei aula no próximo semestre, somente se vocês quiserem –, e ‘implicação’ – *Mesmo se eu reformar a casa, ela continuará sendo antiga*, por exemplo.

²⁵⁷ Inclusive, o autor afirma que é bem mais comum uma adverbial anteposta vir distante, ou seja, mais separada da oração principal, do que uma posposta, o que se justificaria em função de sua maior ‘autonomia’ em relação à oração principal, bem como sua maior integração pragmática ao discurso.

²⁵⁸ Algumas dessas características associadas à ordenação das adverbiais foram também constatadas por Görski (2000), ao examinar orações temporais com *quando*, em amostra do Varsul/Florianópolis.

elevada de construções adverbiais temporais e condicionais na amostra, que tendem a apresentar-se nessa disposição, como registram também outros estudos. Para confirmar essa ligação, traçamos uma correlação entre tipo oracional e ordem da oração subordinada. Os resultados podem ser vistos na tabela abaixo.

Tabela 21 - Correlação entre posição da oração subordinada e tipos de oração

	Condicionais Apl./Total Perc.	Temporais Apl./Total Perc.	Conformativas Apl./ Total Perc.	Relativas Apl./Tot. Perc
Posição Anteposta	307/403 76%	67/403 17%	3/ 403 1%	26/403 5%
Posição Posposta	38/ 90 42%	12/90 13%	1/ 90 1%	39/90 43%
Total²⁵⁹	345 / 493	79 / 493	4 / 493	65 / 493

Lendo verticalmente a tabela, percebe-se que, enquanto nas condicionais e nas temporais o número de ocorrências da subordinada anteposta dispara ($307/345 = 89\%$ e $67/89 = 85\%$, respectivamente), nas relativas, é a posição posposta que é mais recorrente ($39/65 = 60\%$). E, para testar a hipótese de que, em orações antepostas, o FS teria uma expressão temporal mais marcada, distribuímos os resultados relativos à presença de cada valor temporal atribuído ao FS entre os dados de anteposição e posposição da oração subordinada. Os resultados dessa correlação estão expostos na tabela abaixo:

²⁵⁹ Observamos que o total agora é menor (495 ocorrências), pois várias orações subordinadas com o FS não estabeleceram uma ordem/posição como uma principal. Isso porque nesses casos não foi possível identificar uma oração principal para o período: ou ela precisava ser subentendida, ou o falante começou a discorrer sobre um outro tema e ‘cortou’ o período, ou ainda em razão de enunciados dessa natureza “Se quiser, tudo bem”. Além das 493 orações descritas na tabela, houve mais 2 proporcionais.

Tabela 22 - Correlação entre posição da oração subordinada e valor temporal do FS

	FS: futuro Apl./Tot. Perc.	FS: presente Apl./Tot Perc.	FS: pres. rel. Apl./Tot. Perc.	FS: fraco Apl./Tot. Perc.
Posição <i>Anteposta</i>	336/403 84%	48/403 12%	8/ 403 2%	10/ 403 2%
Posição <i>Posposta</i>	64/ 90 70%	7/ 90 8%	3/ 90 3%	17/90 19%
Total	400 / 493	55 / 493	11 / 493	27 / 493

Uma leitura interessante desta tabela é a seguinte: somando-se as ocorrências de cada posição, temos: 405 dados de antepostas e 91 de pospostas com FS. Na posição anteposta, os tempos futuro e presente somados são responsáveis por 95% das ocorrências de FS nessa posição (387/405). Na posição posposta, a taxa desses valores temporais cai para 78% (71/91), com consequente aumento de presente relativo e principalmente dos casos em que o valor temporal é indeterminado.

Esses resultados estão ainda de acordo com os apresentados na subseção anterior, onde se identificou uma maior relação entre orações relativas e traços modais de incerteza, bem como entre relativas e valores temporais fracos no FS, visto que a maioria das orações relativas ocorre na posição posposta.

A seguir, apresentamos alguns dados organizados segundo o tipo de oração subordinada, com o objetivo de ilustrar as inter-relações constatadas.²⁶⁰

Iniciamos com dados de construções relativas:

(216) [**posposta**] É. Fica uma delícia. Não fazes idéia como fica gostoso pra comer com salada mesmo, né? Se põe com o que **QUISER**, né? Fica super gostoso, uma delícia! (FLN 01)

(217) [**anteposta**] Eu queria que eles, o que eles escolhessem, o que eles **QUISEREM**, eles podem seguir. Mas eu queria que eles estudassem sempre, né? (FLN 17)

²⁶⁰ Segue um dado de oração subordinada conformativa: “Cadê a saia? Não tinha. E agora tudo, né? *Conforme FOR vamos*. Aí os caras estão lá, com os instrumentos, tocando e coisa, né?” (POA 01)

(218) [**posposta**] Principalmente pras crianças, que as mães não ligam, os pais não ligam. A educação pode vir do jeito que FOR, porque não sei se pela correria do trabalho, hoje, ou pela própria formação. (FLN 04)

(219) [**anteposta**] Então, a comunidade nossa, então eu digo que quem QUISER pertencer a essa comunidade tem que caminhar em cima da água. Quer dizer, tem que ter fé, em primeiro lugar. (POA 02)

Nesses enunciados, consideramos que as orações relativas antepostas têm uma expressão temporal mais clara, sendo que as situações estão nitidamente localizadas no futuro, ao passo que as pospostas parecem ser mais dependentes do tempo e do sentido da oração principal, estando mais integradas a elas, e interagindo mais com a expressão de matizes modais do que com a temporalidade no período. Casos com essa interpretação foram bem frequentes na amostra, mas cabe observar que não representam o comportamento de todas as construções relativas analisadas, visto que fatores de diversas naturezas interferem no contexto discursivo. Contudo, eles representam uma tendência observada.

Já os próximos dados são de condicionais. Vejamos:

(220) [**posposta**] Puxa, agora que você já me deixou meio confuso, mas eu acho que isso ficaria hoje em torno bem, bem dos quinhentos cruzeiros, pra você sair, chupar bala, comprar pipoca, pagar o ônibus, e pagar a entrada do cinema; e se não FOR um pouco mais. (FLN 02)

(221) [**anteposta**] Bom, os professores eram rigorosíssimos, né? O negócio era de puxar os cabelos, de meter a mão na cara, né? Palmatório. Se uma professora hoje, se FIZER isso, ela vai pra cadeia. O negócio era na força. (CTB 02)

(222) [**posposta**] O Brizola, pra ser presidente da república, ele enforca a própria mãe, se FOR preciso. (POA 18)

(223) [**anteposta**] [...] e eu vósábado pra lá, pra ver se tem vaga e vou. Se não TIVER vaga, vou domingo. Aí vou indo né? (POA 10)

(224) [**posposta**] Quando ele chega em casa cansado do trabalho, vai tomar um banho, vai descansar, naquelas alturas, os filhos também já estão dormindo, **ainda mais se FOR o pequeno.** (CTB 17)

Nesses enunciados hipotéticos, percebemos que as orações condicionais antepostas têm um papel maior na orientação do tempo no enunciado, como podemos ver em (221) e (223), visto que já localizam as situações denotadas no futuro e, como essas vêm antes das principais, de certa forma já antecipam que a asserção principal do período se situa no futuro. Já as orações pospostas têm uma leitura menos temporal, ou melhor, não teriam como função assinalar alguma referência de tempo para o enunciado (período), posto que as orações nucleares já realizam essa tarefa. Ademais, identificamos ainda uma atuação mais discursiva para elas. Por exemplo, em (220), a oração condicional transmite uma ideia de ressalva em relação ao que foi dito anteriormente, isto é, o falante indica que talvez não tenha tanta certeza quando ao fato “ficaria quinhentos cruzeiros hoje”. Já em (222) e (224), a condicional parece que enfatiza um pouco a ideia anteriormente colocada, segundo a nossa interpretação. Por outro lado, as antepostas enquadram-se mais como condicionais hipotéticas canônicas, ou seja, assinalando a relação lógica entre antecedente (causa) e consequente.

A seguir, transcrevemos algumas ocorrências de construções adverbiais temporais com o FS:

(225) [**anteposta**] “[...] Não tem mulher, não. **Quando eu FICAR bom,** eu vou me embora.” (FLN 03)

(226) [**posposta**] Porque que ele tem o direito de voto? **Tem depois que ele FOR cidadão,** que ele serviu. (CTB 15)

(227) [**anteposta**] Ela precisa, atualmente ainda não dá, **mas quando DER,** meu planos é só ir pra casa, fazer todo o trabalho de casa, e atender mais a filha. (FLN 07)

(228) [**posposta**] Porque aqui em Florianópolis, aqui é muito calmo. Até aqui no bairro, né? **Você pode andar durante a noite, a hora que QUISER,** que não acontece nada. (FLN 14)

Nesses dados de adverbiais temporais, parece que a posição da adverbial como anteposta ou posposta parece não produzir diferenças

de sentido no enunciado, nem interfere na expressão da oração adverbial temporal que, naturalmente, já assinala o tempo no enunciado, tendo em vista a significação dos conectores temporais.

À vista disso, afirmamos que a ordem da oração subordinada que contém o dado de FS pode influenciar na função desempenhada pelo FS, visto que as orações pospostas, sobretudo as condicionais e relativas, mostraram uma maior atuação expressiva, discursiva e menos conectada à expressão do tempo no enunciado, se comparadas às antepostas. Contudo, observamos que somente um estudo mais qualitativo, que analise minuciosamente cada contexto discursivo, poderá fornecer conclusões mais consistentes sobre essa questão.

Concluindo, consideramos que o maior destaque desta análise foi: (i) a grande recorrência da ordem anteposta verificada nos dados; (ii) a maior frequência de ocorrências de FS com valor de futuro em orações antepostas do que em orações pospostas.

5.3.3 O futuro do subjuntivo como verbo auxiliar ou pleno

Analizamos se o verbo no FS era pleno ou auxiliar em cada ocorrência, com o intuito de quantificar qual seria o caso mais frequente na amostra, e também investigar possíveis correlações entre esses fatores e a função do FS no contexto.

A hipótese básica é de que, ao se apresentar como auxiliar, o FS vai se voltar mais ao eixo da modalidade, onde poderá exercer uma função de auxiliar modal, dependendo da natureza do item verbal, acarretando assim um enfraquecimento do seu significado temporal.

Em seguida, estão os resultados relativos à frequência de cada fator, *pleno* ou *auxiliar*, dispostos através do gráfico 12:

Gráfico 12 - Frequência do tipo gramatical do verbo FS – pleno ou auxiliar



Como é possível notar, a ocorrência do FS como verbo pleno foi muito maior do que os casos de locução verbal em que o FS funciona como auxiliar. E, no que concerne à hipótese de que, como auxiliar, o FS se presta mais à expressão da modalidade, traçamos uma correlação direta entre a expressão de valores modais no contexto oracional do dado e o tipo gramatical do verbo.

Observe-se:

Tabela 23 - Correlação entre noção modal e FS *pleno* ou *auxiliar*

<i>Noção Modal</i>	Verbo Pleno	Verbo Auxiliar
	Apl./ Total Perc.	Apl./ Total Perc.
<i>Obrigaçào</i>	2/ 20 6%	18/ 20 94%
<i>Convite; sugestão</i>	3/ 10 30%	7/ 10 70%
<i>Conselho; exortação</i>	9/ 20 45%	11/ 20 55%
<i>Volição + fraca possib.</i>	11 / 19 58%	8/ 19 42%
<i>Permissão</i>	3/ 5 60%	2/ 5 40%
<i>Necessidade</i>	3/ 5 60%	2/ 5 40%
<i>Volição</i>	20/ 23 87%	3/ 23 13%
<i>Incerteza/ dúvida</i>	40/ 42 95%	2/ 42 5%
<i>Possibilidade</i>	185/ 227 81%	42/ 227 19%
<i>Probabilidade</i>	49/ 60 82%	11/ 60 18%
<i>Certeza</i>	83/ 90 92%	7/ 90 8%
Total ²⁶¹	415/ 534 78%	114/ 534 21%

Nota-se que tanto o verbo pleno como o auxiliar se distribuem por todas as noções modais. O percentual mais alto de FS como verbo pleno (acima de 70%) se concentra principalmente entre as noções epistêmicas (certeza, probabilidade e incerteza) e o valor deôntico de volição; já o percentual mais alto de FS como auxiliar se concentra em outros valores deônticos (principalmente obrigaçào – notadamente com o auxiliar *tiver que*). Assim, em muitos casos, podemos relacionar o uso do FS como verbo auxiliar a uma provável expressão da modalidade (deôntica) *orientada ao agente*. Por exemplo, na ocorrência abaixo, é possível notar que ‘*tiver que*’ expressa uma *obrigaçào* (uma força/condição externa) que recai sobre o agente ‘ele’:

²⁶¹ Não foram incluídas na tabela as cinco ocorrências de *polidez* e *outras*.



⇒ “Se eu **TIVER** que sair?.” (CTB 12)

Em seguida, descrevemos alguns dados com objetivo de representar um pouco algumas ocorrências de FS como verbo pleno ou em locução, e ainda algumas das principais correlações vistas.

(230) [**Auxiliar**] Se eu **TIVER** que sair? (*obrigação*) Sim, a gente vai pro centro, que aqui não. Então, é muito difícil eu sair. Conforme a gente sai assim, tipo as meninas no centro, serviço, né? ²⁶² (CTB 12)

Em (230), percebemos a presença do FS como um verbo auxiliar e com uma função tipicamente modal, representando a força da modalidade orientada ao agente na proposição, visto que a obrigação recai sobre o agente da oração, o sujeito ‘eu’. Ademais, identificamos que a ideia de tempo associado ao FS fica mais indeterminada, nesse caso, permitindo-se uma leitura da situação tanto no futuro, como no presente (inclusive sendo intercambiável por *tenho que*).

(231) [**Verbo pleno e auxiliar**] Quando eu **FICAR** velha, que eu não **PUDER** dançar, daí eu vou, né? Porque aí não dá pra dançar. (CTB 08)

Esse enunciado é interessante, pois apresenta uma ocorrência de FS como verbo principal *ficar*, e outra do FS como auxiliar *puder*, de modo que, além de visualizá-las, podemos ainda compará-las: enquanto o primeiro tem um valor de futuro muito claro, o segundo, além do valor temporal, expressa ainda uma noção modal (capacidade/possibilidade) em razão do significado inerente do próprio item verbal. Além disso, novamente identificamos a expressão da modalidade orientada ao agente no enunciado.

De modo geral, podemos dizer que essas duas ocorrências do FS como verbo auxiliar, em (230) e (231), representam vários outros casos em que houve a correlação entre determinados verbos modais no FS como auxiliares e a marcação de noções modais deonticas. No entanto,

²⁶² O entrevistador pergunta: “Se você tiver que sair de casa, você fica aqui no Boqueirão ou o que você faz?”

ressalvamos que essa correlação não resultou num padrão único para o comportamento dos dados, como de fato é possível constatar através da tabela 23, que aponta também uma frequência significativa do FS como verbo pleno associado a valores modais deônticos (especialmente com valor de volição e, em menor frequência, necessidade). Uma explicação para isso seria o fato de que, sobretudo o verbo *quiser*, mas também o verbo *precisar*, dentre outros, sejam itens verbais de modalidade inerente, que estão diretamente associados à codificação de noções, como desejo/volição e necessidade, e aparecem muito como verbos plenos, e não como auxiliares modais. É o que se vê na próxima ocorrência, que contém dois verbos plenos como itens de modalidade inerente:

(232) [pleno] Que nada! A hora que vocês **QUISEREM, PRECISAREM**. Que eu penso assim, se hoje eu estou fazendo alguma coisa por vocês, tem alguém que faça algo pros meus sobrinhos, né? Mais tarde (CTB 04).²⁶³

A partir desses dados, em que percebemos a influência do status gramatical e do significado lexical do item verbal na expressão do FS, já antecipamos o teor da próxima subseção, que versa sobre o próprio item verbal, controlado lexicalmente, e sua morfologia (ir)regular.

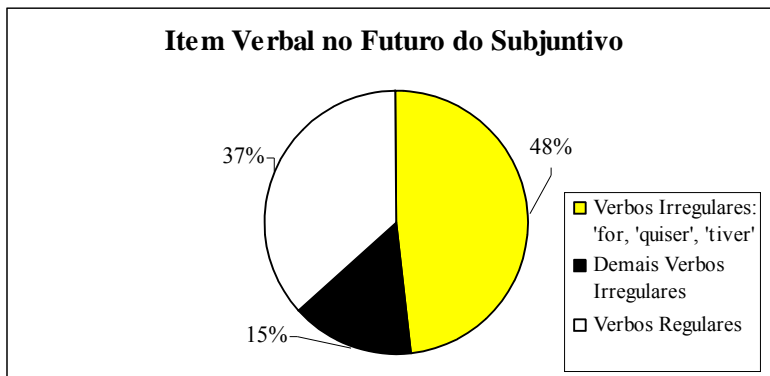
5.3.4 O item verbal no FS e (ir)regularidade morfológica

Investigar as categorias envolvidas na expressão do FS, considerando cada item verbal, isto é, levando em conta tanto a natureza lexical como a (ir)regularidade morfológica do verbo no FS, foi um dos objetivos da análise. Dessa maneira foi possível averiguar correlações entre um dado item verbal no FS e a presença de determinados fatores no contexto delimitado e, principalmente, quantificar a frequência das formas irregulares na amostra, visto que, desde o início do estudo, essas se sobressaíam nos dados, sobretudo associadas à ocorrência de determinados itens verbais. Também na amostra de Reis (2010), encontramos uma frequência maior de formas irregulares de FS em relação às regulares.

²⁶³ Entrevistador: “Mas a gente agradece, então, tá? A tua participação, a tua colaboração com a gente...”

Assim, apesar de a hipótese inicial já prever uma frequência significativa de formas irregulares, os resultados encontrados ainda surpreenderam pelo seu número elevado na amostra, que totalizaram 336 dados de verbos irregulares, e ainda mais pela grande recorrência de itens, como *quiser*, *tiver* e *for* que, juntos somaram 256 dados. Para ilustrar essa frequência, apresentamos o gráfico 13, que ilustra os percentuais de ocorrência desses três verbos juntos, assim como dos demais verbos irregulares encontrados e também dos regulares.

Gráfico 13 - Frequência de ocorrência de verbos (ir)regulares na amostra



Sobressaiu-se nos resultados que, a ocorrência das formas irregulares de FS atingiu 63% da amostra, embora o universo dos verbos regulares seja muito maior que o dos irregulares, ainda mais porque esses 336 dados se distribuíram apenas em onze formas verbais: *for*, *quiser*, *tiver que*, *der*, *estiver*, *fizer*, *puder*, *houver*, *disser*, *souber* e *vier*, cujas frequências de ocorrência e porcentagens estão detalhadas na tabela subsequente.

Tabela 24 - Frequência de cada verbo irregular encontrado na amostra

Item verbal Irregular	Apl./Total	Perc.
For 'ser'	82 / 534	15 %
<i>Quiser</i>	75 / 534	14 %
<i>Tiver</i>	57 / 534	11 %
<i>For 'ir'</i>	42/ 534	8 %
<i>Der</i>	20/ 534	4 %
<i>Estiver</i>	16/ 534	3 %
<i>Fizer</i>	14/ 534	3 %
<i>Puder</i>	10/ 534	2 %
<i>Houver</i>	8 / 534	1,5%
<i>Disser</i>	5/ 534	1%
<i>Souber</i>	5/ 534	1%
Vier	2/ 534	0,4%
Total	336/ 534	63%

Além disso, sobressaiu-se nos resultados o fato de que 48% das ocorrências de FS *no corpus*, ou seja, praticamente metade delas, tenha sido dos verbos *for* (ser e ir), *quiser* e *tiver*, visto que, juntas, somam 256. Esse é um registro importante na caracterização dos usos do FS em português, assim como também é: (i) o domínio dos conectores condicionais; (ii) a maior expressão de tempo futuro associada ao FS;²⁶⁴. Por exemplo, identificamos que, em cerca de 65% dos casos em que houve uma ocorrência *seja* da forma verbal *for*, *seja* de *quiser* ou de *tiver*, o conector 'se' esteve copresente, como podemos notar na correlação descrita na tabela 25. Observe-se novamente que os percentuais presentes na tabela são calculados em relação a 534 dados, correspondentes ao total da amostra, e não em relação ao total desses quatro verbos irregulares (238). Além disso, o total de cada verbo na

²⁶⁴ Além da forte presença da modalidade epistêmica

tabela (71 dados), por exemplo *for/ser* não corresponde ao total geral, que seria 84 dados, pois está sendo considerado somente os dados de *for* em orações condicionais e temporais, ou seja, o restante dos dados distribui-se nos outros tipos oracionais.

Tabela 25 - Correlação entre os itens verbais no FS mais frequentes em tipos orações mais frequentes

	Oração Condicional Apl./Total Perc.	Oração Temporal Apl./Total Perc.
<i>For 'ser'</i>	50 / 71 61%	21 / 71 26%
<i>For 'ir'</i>	38 / 40 95%	2 / 40 5%
<i>Quiser</i>	48 / 65 64%	17 / 65 23%
<i>Tiver</i>	38 / 43 67%	5 / 43 9%
<i>Der</i>	17 / 19 86%	2 / 19 10%
Total	191 / 238	47 / 238

Os resultados acima têm uma relevância maior em termos descritivos do domínio do FS, haja vista que, se considerarmos o total de dados da tabela, 238, podemos afirmar que quase metade das ocorrências (que no total somam 534) teve como padrão a presença de um conector condicional ou temporal, sobretudo *se* e *quando*, na oração subordinada, juntamente com a presença de alguma das quatro formas verbais: *for*, *quiser*, *tiver* e *der*.

A partir disso, uma questão que surge diz respeito à provável influência desses itens verbais na própria expressão do FS o que, infelizmente, é difícil de examinar através de correlações simples entre duas variáveis. Todavia, podemos considerar que, em boa parte dos casos em que há expressão de noções modais, como *desejo*, *obrigação*, isso está relacionado com a presença de itens, como 'quiser' e 'tiver que' nos enunciados. Ademais, em vários casos em que valores epistêmicos se sobressaem nas proposições, há a presença das formas verbais *for* e *der*, que carregam um matiz de possibilidade epistêmica, muitas vezes

A seguir, transcrevemos várias ocorrências com os verbos irregulares mais frequentes e depois traçamos algumas considerações concernentes a *for*, que foi o item verbal mais recorrente nos dados, aparecendo em quase um quarto da amostra.

(233) [*fizer*] Se o pessoal não FIZER, nenhum movimento, esses acabam com todo o Brasil, né? Toda a cobertura florestal, né? (CTB 21)

(234) [*fizer*] Mas se FIZER um abaixo-assinado dali da Aparício Borges, digamos, até vamos me alongar um pouquinho mais, até a Santana ali, a entrada da Santana, eu acho que dá certo, (POA 03)

(235) [*puder*] Se PUDER, se eles pudessem ainda, ainda com o restinho aqui por perto da casa. (FLN 10)

(236) [*puder e for*] Sou favorável, e o governo que privatize, eu acho que o que ele PUDER privatizar, ele que privatize, né? Se FOR possível privatizar, né? (CTB 21)

(237) [*estiver*] O bagre, como um peixe de fundo, ele come qualquer porcaria que ESTIVER no fundo, ele come. (POA 10)

(238) [*tiver*] Enquanto TIVER mercado, sempre vai ter alguém que vai produzir, né? (POA 15)

(239) [*tiver*] Se TIVER uma ervinha e coisa ali, se arranca, né? (POA 07)

(240) [*der*] Mas quando DER, meu planos é só ir pra casa, fazer todo o trabalho de casa, e atender mais a filha. (FLN 07)

(241) [*der*] “[...] Nós vamos tentar. Mas se não DER hoje, amanhã de manhã, a primeira hora encosta o caminhão aí.” (POA 03)

(242) [*quiser*] Então, tem sessão tarde e noite ali. Se tu QUISERES ter uma consulta li, tu deixas teu nome, teu endereço, tudo bonitinho. (POA 19)

(243) [*quiser*] É, lembranças. E a Ana Paula, Se tu QUISERES que eu fale sobre a Ana Paula? (FLN 11)

(244) [*quiser*] Se eu QUISER ver um conjunto de rock, tem, se eu QUISER ver uma cantora ‘xis’ tem, né? (POA 15)

(245) [*estiver e for*] Eu tenho certeza que vai acontecer isso, né? Ela vai ficar naquela dívida, né? Enquanto ela vai, mesmo quando ela ESTIVER lá, assim não FOR o caso dela fazer aquele escândalo, aquele choro, né? Mesmo assim ela pode ficar numa baita dívida, né? (POA 20)

(246) [*for*] E aí se vai pra lá e se reúne, né? E se não FOR festa, pelo menos se reúne pra conversar, queimar uma carne ali, um churrasquinho, né? (POA 15)

(247) [*for*] Quem sabe se o Dunga FOR pegar e levar a Lilian, também? Numa dessas, você que já tem uma base. (CTB 20)

(248) [*for*] Que a gente, né? Se FOR pensar só coisa ruim, então [...] Não deixa a gente nem sair de casa. (CTB 20)

(249) [*for*] Hoje, se a gente FOR pedir a um guri desse pra fazer qualquer coisa, Deus o livre. Ficam xingando. (FLN 04)

(250) [*for*] Se você FOR ver aí – Não sei em que página que está aí “Sepultura Antônio Morato” (CTB 02)

Em primeiro lugar, cabe observar uma particularidade quanto ao uso da forma verbal *der*. Percebemos que, na maioria dos casos, o seu sentido foi semelhante ao que vemos nessas ocorrências (240) e (241), ou seja, com uma nuance modal de possibilidade, cujo sentido é muito próximo de ‘for possível’, como no dado (236): “Se FOR possível privatizar” que, inclusive, parece ser intercambiável por “Se DER (para) privatizar”.

Em segundo, destacamos a expressão muito particular da forma verbal *for*. Observe-se que, em muitos dados, o *for* se apresenta como um verbo auxiliar, cuja função parece mais relacionada a marcar que a situação principal está no futuro do subjuntivo, ao invés de se usar o verbo principal no FS, como em: “Se FOR pensar só coisa ruim” (158), que aparentemente pode ser substituído por “Se PENSAR só coisa ruim”, assim como nos outros dados acima. Logo, uma pergunta que surge é: estaria o ‘for’ acrescentando alguma nuance de sentido à situação descrita pelo verbo principal da locução na oração? Ou melhor:

estaria o ‘for’ reforçando a ideia de que a situação descrita está localizada no futuro ou estaria acrescentando alguma nuance modal à situação? De fato, essas são questões que merecem um estudo mais rigoroso sobre o uso específico de *for*, não cabendo à presente pesquisa respondê-las, mas sim apontar esse uso como uma tendência verificada nos dados.

Além disso, destacamos ainda um segundo uso do *for* como ‘auxiliar’. Dessa vez, junto à preposição *para* (*pra*), que se coloca entre ele e o verbo principal, num conjunto: ‘*for* + *pra* + verbo principal’, como pode ser observado através dos dados abaixo:

(251) Se FOR pra comprar disco, entre brasileiro e estrangeiro, prefiro comprar estrangeiro. Era solteiro, gostava de ouvir muito era Led Zeppelin, Deep Purple, né? (FLN 10)

(252) Agora se HOUVER essa necessidade e se realmente FOR pra melhorar, eu acho que é válido, né? (CTB 05)

(253) Mas se FOR pra ela viver uma vida boa, que nem se ela quer arrumar a casa dela, né? Ela quer fazer uma coisa, outra, não dá. (CTB 08)

(254) Tem tanta gente ainda não paga aluguel, mora aqui ainda por meu pai, né? Deou esse pedacinho pra gente aqui, mas se FOR pra dividir tudo, se fosse todos os filhos que precisasse, se fosse pra dividir um pedacinho pra cada um aqui, bah! Não cabia. (CTB 08)

(255) Só pra quando FOR pra decidir a taça, aí eu gosto de ir. Gosto também de muita praia. (FLN 10)

(256) Senão, você está ralado. Se FOR só pra pegar o sequinho, não adianta. (CTB 01)

(257) Posso ficar cantando no meio da igreja feito uma boba, mas se FOR pra cantar no microfone eu sou boba e meia. (CTB 20)

Nesses usos, acreditamos que essa forma acrescenta algum traço modal à situação descrita pelo verbo principal da construção, pelo menos em alguns desses casos. Por exemplo, em (257), parece possível substituir “se for pra cantar” por “se eu for *obrigada* a cantar” ou “se for

necessário eu cantar”, o que nos permite aventar que essa construção acrescente algum traço de obrigação à situação descrita em alguns dos dados. Ademais, registramos que chamou atenção o fato de que não houve nenhuma ocorrência dessa construção nos dados de Porto Alegre, somente ocorrendo em Florianópolis e em Curitiba, principalmente.

Um último uso da forma verbal *for* que destacamos aqui, trata-se da construção “seja o que *for*”, que apareceu algumas vezes nos dados. Nesse caso, a expressão semântica do verbo *for*, cujo sentido seria ‘ser’, é um tanto quanto vazia, parecendo que a construção como um todo tem um sentido único: trata-se de uma construção fixa. Observe-se:

(258) É ou casas ou apartamentos, seja lá o que FOR, né. Tantas favelas, tantas pessoas precisando de ajuda. (FLN 11)

(259) Mas isso eu tinha pensado ainda, depois quando ficou esse Lula e esse Collor eu vou de Collor. Seja o que FOR, mas eu em Lula, não voto. (POA 05)

(260) Mas, quanto tem capoeira, chuva, caia pedra, seja lá o que FOR, ele se arranca. (CTB 12)

(261) Então ele trazia vinte pães, trazia um potezinho de mel, um vidrinho, seja lá o que é que FOR. Mas mel puro. (FLN 02)

Cabe ainda observar que, além dessa construção, encontramos em alguns dados a seguinte oração “Se Deus quiser”, que também parece ter um sentido próprio, além de uma função discursiva tipicamente modal, pois marca um desejo do falante quanto à informação dada na oração principal da construção condicional. Vejamos:

(262) Visitar, se Deus QUISER, eu vou ainda. Se Deus QUISER. Que sempre dizia assim: “Eu não vou morrer sem ir na Bahia.” Eu já fui e estou aqui. (FLN 16)

(263) Entregar pra amanhã, se ENTREGAR, se Deus QUISER. Salvo algum problema, né? (POA 03)

(264) Tem vale-restaurante, vale-passagem, bom. Mas daqui dois anos e pouco eu estou saindo também. Estou aposentando, se Deus QUISER. (POA 06)

(265) Vamos, se Deus QUISER. (CTB 20)

(266) Ali, bom. Vou baixar lá, ver se eu fico bom, né? Se Deus QUISER eu vou ficar bom. (POA 07)

(267) Não vou dizer pra ti que ele está ganhando mal, mas também não ganha bem pra gente viver bem. Se Deus QUISER a gente ajuda a minha mãe. (FLN 11)

Nesses contextos, o FS volta-se nitidamente à expressão da modalidade deôntica, em contextos fortemente *irrealis*, visto que estão envolvidos numa interconexão de noções assinaladas pelo falante no enunciado, que vão desde crença, desejo, predição, intenção até projeção futura.

Chamou a atenção ainda uma ocorrência em particular que, de certa forma, é uma construção que inclui esses dois casos anteriores. Abaixo, a sua transcrição:

(268) Pois eu vou te dizer, eu vou ser sincero pra você, olhe eu de política eu não (falo) nada, não. Quer dizer, a obrigação que tem é assim, votar lá, você vai lá e vota e daí seja o que Deus QUISER. (CTB 07)

Ainda no que diz respeito ao verbo *for*, em virtude do seu caráter homônimo, visto que no FS serve tanto para o verbo ‘ser’, como o verbo ‘ir’, resolvemos realizar uma correlação entre os valores temporais atribuídos ao FS em cada um desses dois casos, ou seja, quando tem o sentido de ‘ser’ e quando tem o sentido de ‘ir’. A hipótese era de que, quando o sentido fosse de ‘ir’, prevaleceria nos dados a leitura do FS associado a futuro, haja vista que o verbo *ir*, além de ter em sua origem a ideia de moção, funciona como auxiliar de futuro nas perífrases do modo indicativo.

Os resultados encontrados estão dispostos através da tabela seguinte:

Tabela 26 - Correlação entre os valores temporais do FS e o uso da forma verbal *for*

	<i>For</i> : ‘ser’	<i>For</i> : ‘ir’
	Apl./ Total Perc.	Apl./ Total Perc.
FS: futuro	43/ 82 52%	39/ 82 48%
FS: presente	15/ 16 94%	1/ 16 6%
FS: pres. relativo	7/ 8 88%	1/ 8 13%
FS: indeterminado	17/ 18 94%	1/ 18 6%
Total	82/ 66%	42/ 34%

Nota-se, através deles, que a hipótese se confirmou, visto que, em 39 ocorrências, ou 93% dos casos em que o *for* teve significado de ‘ir’, a expressão temporal do FS esteve associada ao futuro. Já no caso do *for/ser*, o FS teve um comportamento multifuncional, inclusive apresentando alguns dados em que o significado temporal do FS foi considerado fraco ou indeterminado, além do valor de futuro.

A partir de todos esses casos discutidos, foi possível visualizar alguns dos usos mais frequentes do FS nos dados, seja através da expressão recorrente de alguns itens verbais, sobremaneira o verbo *for*, seja a partir da descrição mais detalhada de algumas construções mais específicas que apareceram nos dados.

Assim, como foi visto, embora o FS tenha se apresentado vários traços em comum em boa parte dos dados, posto que ocorreu principalmente em construções condicionais, sendo frequentemente codificado por um grupo pequeno de itens verbais de morfologia irregular, a sua expressão é tipicamente multifuncional, resultante de fatores tanto estruturais, como discursivos e semânticos, que se atravessam frequentemente no seu domínio. Inclusive, a própria expressão do verbo *for* – um item já inerentemente homônimo – mostrou-se multifacetada, estando esse item mais voltado, ora à expressão de nuances modais, ora à codificação de valores mais temporais e ainda, por vezes, mais integrado à construção sintática em que se encontra.

Para finalizar, cabe registrar que as formas dos verbos irregulares foram pouquíssimas vezes regularizadas pelo falante – a partir das formas do infinitivo pessoal, como em *ter* ao invés de *tiver* – talvez em razão de as formas de uso menos frequente, como: *compuser*, *retiver*, *propuser*, não terem aparecido na amostra. Todavia, encontramos alguns poucos dados de ‘ser’ (Inf.), ao invés de ‘for’ (FS); ‘querer’, ao invés de ‘quiser’; ‘vir’, ao invés de ‘vier’ que, juntos, não totalizaram dez

ocorrências.²⁶⁵ Como sugestão, vale ressaltar que seria muito interessante um estudo sobre o uso variável dessas formas irregulares do FS, de preferência com base em dados de fala, que levasse em conta a frequência de uso de cada item verbal na análise, pois, dessa forma, seria possível verificar quais são as formas verbais que mais sofrem variação – no sentido de passarem pelo processo de regularização, conforme descreveu Macedo (1980), a partir das formas do infinitivo pessoal, uma vez que o paradigma verbal do FS e do infinitivo são iguais, no que diz respeito às formas ditas ‘regulares’ –, conforme especificamos anteriormente.

5.3.5 A influência de fatores morfossintáticos na expressão do FS: fechando a seção

Em face do exposto na seção 5.3, consideramos que os fatores *tipo da oração subordinada que contém o FS* e o *tipo de item verbal no FS* foram os mais relevantes, em termos de descrição dos contextos morfossintáticos que permeiam os usos do FS, visto que este ocorreu repetidas vezes em contextos de orações adverbiais (87%), com destaque para as condicionais (69%), e recorrentemente através de formas verbais irregulares (63%), sobretudo das formas ‘for’, ‘tiver’, ‘quiser’ (48%).

Além disso, esses dois fatores são significativos para o domínio funcional do FS, uma vez que se inter-relacionam diretamente com a expressão da modalidade no contexto oracional. Por exemplo, o conector condicional (*se/if*) já projeta escopo *irrealis* nos termos que o seguem, segundo Givón (2002), bem como a ideia de hipótese, que tem a ver com a noção epistêmica de possibilidade, ao passo que o conector temporal já projeta mais certeza à informação expressa na proposição. Quanto à natureza da forma verbal, sublinhamos que, a depender do item lexical, a expressão de uma ou outra noção modal já se insere no contexto oracional a partir da presença desse item, como, por exemplo, *quiser* – noção modal: desejo. Logo, percebe-se que esses são fatores

²⁶⁵ Entretanto, cabe observar que um estudo, cujo objetivo seainvestigar essa variação das formas irregulares do FS e que se preste a ‘escutar’ repetidamente a pronúncia de cada ocorrência de FS pelo falante, de modo a comparar sistematicamente a transcrição das entrevistas com a fala do informante, pode encontrar mais alguns verbos irregulares que tenham sido ‘regularizados’ pelo falante.

que interferem na própria função/significado da forma verbal de futuro do subjuntivo.

Retomando alguns resultados das seções precedentes, agora os inter-relacionamos com esses dois fatores: tipo de conector e item verbal no FS, de forma a identificar funções/significados mais específicos para o FS nas situações descritas:

(269) Quando **CHEGAR** na hora eu vou dizer [...] ²⁶⁶ (POA 20)
Probabilidade/-irrealis ⇒ [futuro provável]

(270) Mas se **ACONTECER** alguma coisa lá não tem como.
(POA 23) *Possibilidade/ irrealis* ⇒ [futuro hipotético]

(271) “Então você vai, faz a tua pinturazinha, e o outro fica aqui,
se eu **PRECISAR.**” (FLN13) *Fraca/mera
ossibilidade + ‘necessidade’/+irrealis* ⇒ [futuro hipotético+fraco]

(272) Seja o que Deus **QUISER** (CTB 03).
Incerteza + ‘volição’/+irrealis ⇒ [incerteza]

É importante salientar essa perspectiva, pois é um dos pontos que sustentam a discussão que será apresentada no capítulo, que delinea alguns padrões funcionais para o FS.

²⁶⁶“Nanda, pega suas coisas e vamos embora.”

5.4 OS FATORES DE NATUREZA EXTRALINGUÍSTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Esta seção trata da descrição de parte dos resultados referentes à análise dos grupos de fatores de natureza extralinguística, que se mostraram mais relevantes para o estudo.

Dado o alto grau de expressividade atribuído na tese aos contextos linguísticos para esta abordagem de cunho funcionalista, o estudo quantitativo dos grupos de fatores extralinguísticos analisados passou a assumir, neste sentido, papel secundário no que se refere a possíveis motivações não linguísticas que se entrecruzam no uso do FS em português.

A composição desses grupos obedeceu à estratificação social do banco do Varsul – conforme pôde ser visto na seção 4.1 (Amostra) – sendo assim formados:

- ⇒ **grupo 1**, refere-se ao *sexo* do informante, e compõe-se pelos fatores: (i) *feminino* e (ii) *masculino*;
- ⇒ **grupo 2**, refere-se à ‘idade’ do informante, sendo composto pelos fatores: (i) *faixa etária A*: contém falantes que têm entre 25 a 49 anos; (ii) *faixa B*: com falantes que têm entre 50 a 75 anos;
- ⇒ **grupo 3**, contempla a ‘escolaridade’ do informante e se distribui entre aqueles que têm: (i) *até quatro anos* de escolarização; (ii) *de cinco a oito anos*; (iii) *de nove a onze anos* de escolaridade;
- ⇒ **grupo 4**, ‘localidade’, que, especificamente no que se refere à amostra desta tese, é formado pelos fatores: (i) *Curitiba*, (ii) *Florianópolis*, (iii) *Porto Alegre*, ou seja, pelas três capitais da Região Sul.

Dentre esses grupos analisados, maior destaque é dispensado ao fator ‘localidade’, posto que descrever os usos do FS a partir de cada cidade era um dos objetivos secundários da tese. Portanto, a seção subdivide-se em duas subseções: a primeira volta-se à descrição dos resultados reagrupados por capital; a segunda apresenta algumas considerações referentes aos demais grupos de fatores investigados.

5.4.1 O fator localidade

Essa discussão se pauta, sobretudo, na descrição de correlações estabelecidas entre os grupos de fatores linguísticos e a *localidade*, visto que, dentre os grupos de fatores extralinguísticos controlados, este tem se mostrado o de resultados mais significativos, além de se constituir num dos propósitos do estudo, que previa analisar possíveis diferenças entre os usos do FS em cada uma das capitais (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre), com intuito de tentarmos captar algumas diferenças regionais na caracterização dos contextos de uso do FS, bem como em sua expressão nos eixos da modalidade e da temporalidade.

Para tanto, selecionamos os resultados de dez grupos de fatores linguísticos (dentre os quinze anteriormente discutidos), que se mostraram mais expressivos para a investigação e descrição do domínio funcional do futuro do subjuntivo, os quais são apresentados em duas tabelas a seguir.

A tabela 27 contempla os principais resultados concernentes à temporalidade nos enunciados selecionados, assim como nos dados de FS, os quais foram averiguados através de cinco grupos de fatores: *tempo no enunciado*, *tempo do verbo na oração principal*, *relação de tempo com outra situação*, *valor temporal do FS* e *aspecto da situação FS*. Observe-se:

Tabela 27 - Distribuição dos principais resultados referentes à análise da temporalidade na expressão do FS entre as três cidades da amostra

	CURITIBA Número/ Porcentagem			FLORIANÓPOLIS Número/ Porcentagem				PORTO ALEGRE Número/ Porcentagem				
tempo do enunciado	futuro 80 / 38%	Presente 117/ 56%	Pas- sado 13 / 6%	Fu- turo 34 / 22%	Pres- ente 94 / 60%	Pas- sado 29 / 18%	Fu- turo 59 / 35%	Pres- ente 90 / 54%	Pas- sado 18 / 11%			
tempo do verbo principal	Pres. Ind 147/ 77%	Fut. Ind. 27 / 14%	Pres. Sub 6 / 3%	Pres. Ind 97 / 65%	Fut. Ind. 28 / 18%	Pres. Sub 11 / 7%	Pres. Ind 101/ 65%	Fut. Ind. 30/ 19%	Pres. Sub 4 /3%			
	Imp. 2/ 1%	Infin. 2/1%	Outr 6/3%	Imp. 5/3,3%	Infin. 5/3,3%	Outr. 4/2,6%	Imp. 11/7%	Infin. 7/5%	Outr. 2/1%			
Rel. tempo outra situaç.	ant. 122/ 58 %	cot 52/ 25 %	pos 17 /8 %	fr. 19 / 9%	ant 84 / 55 %	cot 50/ 32 %	pos 5 / 3 %	fr. 15 / 10%	ant 98 /59 %	cot 40 /24 %	pos 14 /8 %	fr. 13 / 8%
Valor temporal do FS	fut 17 4/ 83 %	pres 21 / 10%	rel 4 / 2%	in. 11 / 5%	fut 124 /	pres 14/ 9%	rel 4/ 3 %	in. 15 / 10%	fut 13 83 %	pres 22/ 13 %	rel 4/ 2 %	in. 3 / 3%
Aspec. da situação FS	Ativ. 77 / 37%	Acc 16 / 8%	Acco. 15 / 7%	Ativ. 53 / 34%	Ach 13 / 8%	Acco. 3 / 2%	Ativ. 52 / 31%	Acch. 17 / 10%	Acc. 6 / 4%			
	Estado 71 / 34%	Modalid. 31 / 15%		Estado 47 / 30%	Modalid. 41 / 26%		Estado 50 / 30%	Modalid. 42 / 25%				

Destacamos, de modo geral, que os resultados de cada grupo de fatores se apresentam muito similares entre as três cidades. Entretanto, algumas nuances de uso diferenciado ficaram evidenciadas, como por exemplo a que segue: os dados de Curitiba e Porto Alegre mostram um comportamento muito mais semelhante entre si, se comparados aos de Florianópolis, conforme, se percebe a partir do grupo de fatores *tempo no enunciado* e *tempo verbal* da oração principal. Quanto ao primeiro: (i) em relação ao predomínio do tempo *passado*, este ocorre Curitiba três vezes mais do que em Florianópolis (18% a 6%); porém numa diferença menor com os de Porto Alegre: 18% a 11%; (ii) quanto ao *futuro*, Curitiba (38%) também apresenta um comportamento distinto de Florianópolis (22%), atingindo quase o dobro dos dados, já em relação a Porto Alegre (35%) a distribuição fica aproximada; (iii) em relação ao predomínio do tempo *presente*, os resultados também foram nesta

direção: em Curitiba (56%) e Porto Alegre (54%), mais proximidade e, em Florianópolis, um pouco mais de distanciamento (65%).

Na análise da *frequência do tempo verbal na oração principal*, percebemos: em relação ao fator *presente do indicativo*, houve o predomínio deste nas três cidades, somando uma média de 69% do total de usos, todavia, em Curitiba o total foi de 77%, enquanto em Porto Alegre e Florianópolis foi de 65%; média de 17% de *futuro do indicativo* (14% em Curitiba, 19% em Porto Alegre e 18% em Florianópolis) e uma média de quase 5 % de tempo *presente do subjuntivo* (3% em CTB e POA, enquanto 7% em FLP). Assim, em relação a esse grupo de fatores, em geral, Florianópolis se aproxima mais de Porto Alegre, e Curitiba mostra um comportamento mais diferenciado.

Ou seja: via de regra, em relação à *temporalidade*, sobretudo considerando os grupos de fatores: projeção de tempo no enunciado e tempo verbal da oração principal, ou Curitiba se mostra um pouco diferente das demais cidades, ou se mostra mais próxima aos dados de Porto Alegre, mas não aos de Florianópolis.

A tabela 28 (abaixo) traz os resultados dos principais dos fatores referentes à análise da *modalidade* e dos grupos de fatores de natureza morfossintática nos dados do FS.

Tabela 28 - Distribuição dos principais resultados referentes à análise da modalidade e de fatores de natureza morfossintática na expressão do FS entre as cidades

	CURITIBA			FLORIANÓPOLIS			PORTO ALEGRE		
	Número/ Porcentagem			Número/ Porcentagem			Número/ Porcentagem		
Modalidade no enunciado	Epis.	Or. agen.	Or. falan.	Epis.	Or. agen.	Or. falan.	Epis.	Or. agen.	Or. falan.
	144/ 69%	41/ 20 %	25/ 12%	89/ 57%	38/ 24%	30/ 19%	117/ 70%	22/ 13%	28/ 17%
Sequen. discursiva	Arg.	Des.	Nar.	Arg.	Des.	Nar.	Arg.	Des.	Nar.
	88/ 42%	73 /35%	25/ 2%	72 /46%	39 /19%	15/ 10%	67/ 40%	42/ 25%	25/ 15%
	Inj.	Dial.	D. R.	Inj.	Dial.	D. R.	Inj.	Dial.	D. R.
	4/ 2%	10/ 5%	10/ 5%	4/ 3%	3/ 2%	24/ 15%	8/ 5%	2/ 1%	23/ 14%
Tipo de conect. oração subordinada	Condic.	Tempor.		Condic.1	Tempor.		Condic.	Tempor.	
	164/ 78%	25 / 11%		04 / 66%	27 / 15%		96 / 61%	38 / 24%	
	Relativas	Outras		Relativas	Outras		Relativas	Outras	
	20 / 10%	3 / 1%		29 / 18%	1 / 1%		21 / 14%	4 / 3%	
Posição Subordinada	Ante-posta	Posposta		Ante-posta	Posposta		Ante-posta	Posposta	
	155/ 82%	35 / 18%		125/ 83%	26 / 17%		125/ 81%	30 / 19%	
Morfologia (ir)regular	Verbo Regular.	Verbo Irregul.		Verbo Regular.	Verbo Irregul.		Verbo Regular.	Verbo Irregul.	
	85/ 43%	125/ 57%		51/ 26%	106/ 74%		62/ 31%	105/ 69%	

Na tabela 28, destacamos que, embora os resultados tenham se dado numa distribuição muito similar entre as três capitais da Região Sul, novamente os dados de Curitiba, quando diversos das outras capitais, apresentam um comportamento sutilmente mais distinto dos dados de Porto Alegre e, em maior grau, dos de Florianópolis, salvas raras exceções.

No grupo de fatores *Modalidade* (tipo) *no enunciado*, na expressão da *modalidade epistêmica*, a amostra de Curitiba assemelhou-se à de Porto Alegre, girando em torno de 70% (69% em CTB e 70% em POA), ao passo que, em Florianópolis, o resultado alcança 57% dos casos. Neste grupo, a variante *orientada pelo agente* em Florianópolis mostra-se mais recorrente, com 24% de dados e, contrariamente à maioria dos casos, ela se aproxima mais dos dados de Curitiba (20%) do que dos de Porto Alegre (13%). Já a descrição do uso da *orientada pelo*

falante volta à tendência encontrada na pesquisa, em relação ao grupo de fatores localidade: 12% em Curitiba, 19% em FLP e 17% em POA.

No grupo *Sequência discursiva*, em Curitiba houve mais casos de seqüências textuais do tipo *descritiva* (35%), se compararmos aos resultados das outras duas capitais (19% em Florianópolis e 25% em Florianópolis), assim como houve mais ocorrências de orações *condicionais* (78%) na capital paranaense, ao passo que esse tipo oracional ocorreu em 66% dos casos em Florianópolis, e 61% dos casos em Porto Alegre no grupo de fatores *Tipo de conector da oração subordinada*.

Ainda neste último grupo (*Tipo de conector da oração subordinada*), chamou atenção a maior recorrência de orações *temporais* nos dados de Porto Alegre, com 24% de uso, e uma aproximação do uso entre Curitiba (11%) e Florianópolis (15%), mais uma vez.

Com relação à maior frequência de orações *relativas*, destaca-se Florianópolis, com 18% dos usos, sendo 14% em Porto Alegre e 10% em Curitiba.

Ademais, a presença de *verbos regulares* foi maior na amostra de Curitiba (totalizando 43%), uma vez que, nas outras duas cidades, girou entre 26% (Florianópolis) e 31% (Porto Alegre), no que se refere ao grupo de fatores *Morfologia (ir)regular*.

Por fim, numa análise mais qualitativa registramos a presença da construção ‘for pra + verbo principal’ nos dados de Curitiba, que não houve em Porto Alegre, ocorrendo ainda em Florianópolis, em pouquíssimos dados. Observe-se:

- ⇒ Mas se **FORpra ela viver** uma vida boa, que nem se ela quer arrumar a casa dela, né? Ela quer fazer uma coisa, outra, não dá. (CTB 08)
- ⇒ Senão, você está ralado. Se **FOR só pra pegar** o sequinho, não adianta. (CTB 01)

Em linhas gerais, podemos dizer que Curitiba é a capital que mais se particulariza, em relação às demais, aproximando-se um pouco mais de Porto Alegre nos resultados de alguns grupos de fatores, mesmo que as diferenças sejam sutis.

5.4.2 Sexo, idade e escolaridade

Os grupos de fatores *sexo*, *idade* e *escolaridade* mostram-se menos relevantes para a determinação das funções do FS, seja na dimensão mais temporal ou mais modal do fenômeno, e ainda no que concerne à descrição dos traços de natureza morfossintática que delinham o uso do FS. Entretanto, alguns aspectos – especialmente relacionados a valores temporais associados ao FS (presente, presente relativo, futuro e indeterminado) e à expressão da modalidade no enunciado (epistêmica, orientada ao agente e orientada ao falante), que são componentes importantes no domínio funcional do FS – serão considerados a seguir.

Um primeiro ponto que cabe sublinhar diz respeito à *escolaridade*. Primeiramente, registramos que a maioria dos dados de FS distribui-se entre a fala de informantes com menor tempo de escolarização, sobretudo entre os que têm até quatro anos de escolaridade; em contraponto, o menor número de ocorrências de FS se concentra entre os informantes com mais escolaridade. Para melhor ilustrar esses resultados, assim como a correlação entre valores temporais associados ao FS e tempo de escolarização trazemos a tabela 29:

Tabela 29 - Correlação entre os valores temporais do FS e escolaridade dos informantes

	Até 4 anos de estudo	5 a 8 anos de estudo	9 a 11 anos de estudo
	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.
FS: futuro	174 / 210 83%	147 / 177 83%	115 / 147 78%
FS: presente	21 / 210 10%	19 / 177 11%	17 / 147 12%
FS: pres. relativo	3 / 210 1%	3 / 177 2%	5 / 147 3%
FS: indeterminado	12 / 210 6%	8 / 177 5%	10 / 147 7%
Total	210 / 534	177 / 534	147 / 534

Observa-se que a distribuição dos dados dos diferentes valores temporais de FS é bastante equilibrada entre os três níveis de escolaridade: o *futuro* predomina (entre 78% e 83%), independentemente da escolarização, seguido pelo presente (entre 10% e

12%), pelo valor indeterminado (entre 5% e 7%) e, por fim, pelo presente relativo (entre 1% e 3%).

Já na correlação entre *modalidade* e *escolaridade*, observamos que o maior grau de escolaridade está mais associado o uso da modalidade epistêmica em relação às modalidades orientadas pelo falante e pelo agente, conforme tabela 30:

Tabela 30 - Correlação entre a *modalidade* predominante no enunciado e *escolaridade*

	Até 4 anos de estudo	De 5 a 8 anos de estudo	De 9 a 11 anos de estudo
	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.
Epistêmica	130 / 210 62%	105 / 177 59%	115 / 147 78%
Orientada ao agente	41 / 210 20%	40 / 177 23%	20 / 147 14%
Orientada ao falante	39 / 210 19%	20 / 177 14%	12 / 147 8%
Total	210 / 534	177 / 534	147 / 534

Observa-se que, em relação à modalidade, a escolaridade parece exercer um sensível efeito: os mais escolarizados fazem mais uso da modalidade epistêmica (78%) e menos uso da modalidade orientada ao falante (8%); e os menos escolarizados usam mais a modalidade orientada ao falante (19%), situando-se proximamente ao nível intermediário nas demais modalidades.

No confronto entre *modalidade* e *sexo* do informante, vale ressaltar que a maioria dos dados de FS ocorreu na fala de informantes do sexo masculino.

Tabela 31 - Correlação entre *modalidade* predominante no enunciado e *sexo* do informante

	Sexo feminino	Sexo Masculino
	Apl./Total Perc.	Apl./Total Perc.
Epistêmica	126/ 229 55%	224/ 305 73%
Orientada ao agente	53/ 229 23%	48/ 305 16%
Orientada ao falante	50/ 229 22%	33/ 305 11%
Total	229 / 534	305 / 534

Percebe-se que ocorreram muito mais casos de *modalidade epistêmica* na fala de informantes do sexo masculino (73%) do que na fala de informantes do sexo feminino (55%). E, na variável *modalidade*

orientada ao falante, constatamos que as mulheres têm o dobro de uso que os homens, somando 22% contra 11% respectivamente. Tal resultado pode indicar uma tendência das informantes do sexo feminino de codificarem enunciados em que o falante – aquele que orienta a modalidade, através de uma ordem ou sugestão, tem, supostamente, maior autoridade ou intimidade com interlocutor, visto que profere declarações que se caracterizam como *ordem*, *conselho*, *sugestão*, *convite*, ou outros atos de fala indiretos que caracterizam enunciados que envolvem fraca manipulação deôntica, aqui enquadrados sob o rótulo geral da modalidade orientada ao falante.

A variável *sexo* se mostrou insensível aos *valores temporais* de FS conforme indica a tabela que se segue:

Tabela 32 - Correlação entre os *valores temporais* do FS e *sexo* do informante

	Sexo feminino Apl./Total Perc.	Sexo Masculino Apl./Total Perc.
FS: futuro	187/ 229 82%	249/ 305 82%
FS: presente	23/ 229 10%	34/ 305 11%
FS: pres. relativo	6/ 229 3%	5/ 305 2%
FS: indeterminado	13/ 229 6%	17/ 305 6%
Total	229 / 534	305 / 534

Do mesmo modo, a relação entre os grupos *valores temporais* e *faixa etária* não se mostrou significativa, conforme podemos notar através da tabela 32:

Tabela 33 - Correlação entre os *valores temporais* do FS e *faixa etária* do informante

	Faixa etária A Apl./Total Perc.	Faixa etária B Apl./Total Perc.
FS: futuro	218/ 268 81%	218/ 266 82%
FS: presente	31/ 268 12%	26/ 266 10%
FS: pres. relativo	2/ 268 1%	9/ 266 3%
FS: indeterminado	17/ 268 6%	13/ 266 5%
Total	268 / 534	266 / 534

Quanto ao fator ‘idade’ ainda, a correlação vista entre faixa etária do informante e expressão das três modalidades também não foi expressiva. Vejam-se os resultados através da próxima tabela:

Tabela 34 - Correlação entre *modalidade* no enunciado e *faixa etária* do informante

	Faixa etária A Apl./Total Perc.	Faixa etária B Apl./Total Perc.
Epistêmica	172/ 268 64%	178/ 266 67%
Orientada ao agente	58/ 268 22%	43/ 266 16%
Orientada ao falante	38/ 268 14%	45/ 266 17%
Total	268 / 534	266 / 534

Para finalizar, ressaltamos que, embora os resultados indiquem que o controle dos grupos de fatores de natureza extralinguística (*localidade, sexo, idade e escolaridade*) se mostraram pouco (ou nada) relevantes na expressão do futuro do subjuntivo no português, não considerá-los seria desprezar uma certa dimensão social da linguagem (aquela controlada no banco de dados utilizado na pesquisa), bem como desconsiderar eventuais motivações de natureza extralinguística que poderiam interferir na expressão do fenômeno, mesmo este não sendo um trabalho de cunho variacionista.

Concluindo, ao tratarmos da distribuição do FS através desses grupos de fatores extralinguísticos, identificamos, sobretudo, que:

- a) quanto à localidade: Curitiba, quando apresenta alguma divergência em relação às demais capitais, via de regra, tal diferença se dá, predominantemente, na seguinte direção: maior grau de diversidade em relação a Florianópolis e menor grau em relação a Porto Alegre;
- b) quanto aos grupos de fatores sociais (sexo, idade e escolaridade): mostraram-se indiferentes quando correlacionados aos *valores temporais*, mas um pouco expressivos quando relacionadas à *modalidade*, com exceção da variável idade’.

6 DELINEANDO PADRÕES DE USOS E FUNÇÕES PARA O FUTURO DO SUBJUNTIVO

Neste capítulo, realizamos uma discussão geral sobre a expressão do FS com base na análise dos resultados e dos dados discutidos ao longo das três seções precedentes. O objetivo é buscar estabelecer alguns padrões funcionais de uso para o FS a partir da expressão das principais categorias que envolvem o seu domínio: tempo e modalidade.

6.1 PRESSUPOSTO FUNCIONAL

Tendo em vista que a descrição de um fenômeno linguístico melhor se sustenta e se clarifica quando fundamentada dentro de um quadro teórico, retomamos um pressuposto que norteou a nossa visão do objeto, o qual diz respeito à natureza das formas verbais de futuro. A partir de Fleischman (1982) e Comrie (1985), assumimos que, sendo o FS um tempo verbal de futuro, os valores de modalidade e temporalidade sempre coexistiram em seu uso. Por exemplo, para Comrie (1985), os tempos verbais de futuro tendem a carregar ambos os sentidos *modal* e *temporal* em seu significado, o que dificulta, muitas vezes, eleger uma única categoria (entre tempo ou modalidade) como a determinante para sua significação e conseqüente qualificação como um modo e/ou tempo verbal, em todos os seus usos. Já em Fleischman (1982), destacamos uma analogia apresentada pela autora, de que, nas formas gramaticais de futuro, a temporalidade e a modalidade se comportam como se estivessem cada qual de um lado de uma *balança*, que pende ora para uma expressão mais temporal, ora para uma expressão mais modal.

Assim, a ideia implícita na descrição do FS é de que ambos os valores – temporalidade e modalidade – estão sempre copresentes em seu uso, mesmo que em diferentes proporções, de acordo com as diferentes forças – semânticas, pragmáticas, estruturais – que podem se atravessar em seu domínio, entendido como multifuncional.

Além disso, quanto à categoria subjuntivo, consideramos ainda o pressuposto defendido por Givón (1995; 2001), segundo o qual o *subjuntivo* se distribui e se gramaticaliza através de noções, como baixa certeza epistêmica e/ou fraca manipulação deôntica, em contextos *irrealis*, bem como a afirmação de Bybee (1985) de que o subjuntivo assume mais especificamente os sentidos do contexto em que ocorre.

Em face do exposto, justifica-se a intenção da uma proposta que busque delimitar as funções do FS através de um *gradiente funcional* que se distribui entre tempo, modo e modalidade, conforme detalhamos na próxima subseção.

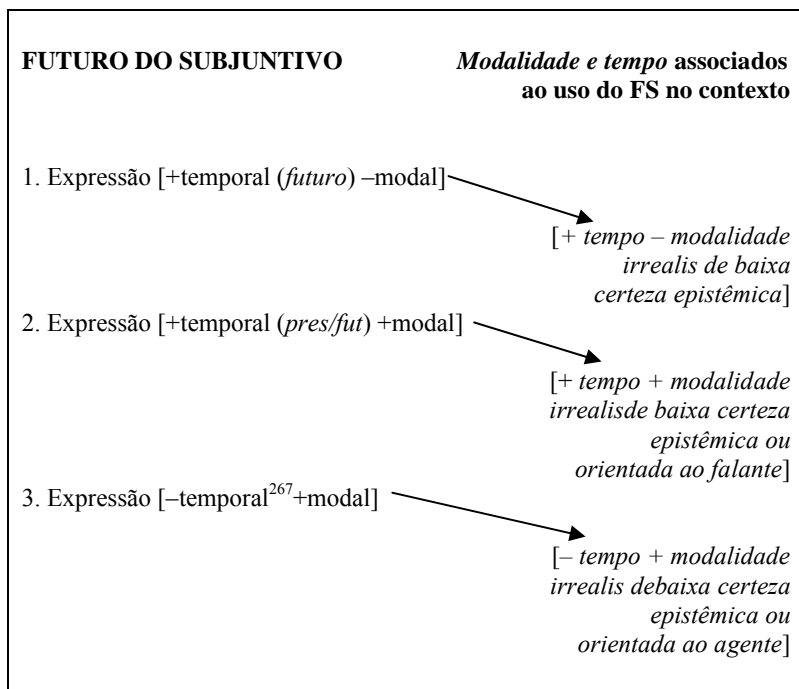
6.2 DISTRIBUIÇÃO DO FS: ENTRE TEMPORALIDADE E MODALIDADE

De acordo com os resultados apresentados nas seções precedentes, foi visto que o FS está frequentemente associado ao *valor temporal* de futuro, mas também de presente (em alguns casos), ou mesmo pode ter uma expressão temporal mais fraca, quando identificamos o valor de presente relativo ou ainda de valor temporal indeterminado. Além disso, vimos que frequentemente o FS descreve uma situação futura como anterior a outra situação (também futura), mas também, embora com menos recorrência, uma situação futura como coterporal ou mesmo posterior a outra situação futura. Já no eixo da *modalidade*, identificamos uma maior associação entre FS e expressão de noções modais epistêmicas no contexto imediato que circunda o dado, bem como uma maior relação com enunciados marcados pela modalidade epistêmica no contexto mais amplo; não obstante, certas noções modais deônticas também foram encontradas associadas a FS. A análise empreendida e os resultados obtidos nos permitem considerar que as hipóteses gerais acerca do domínio funcional do FS foram empiricamente validadas, já que apontam para tendências de uso na direção do que havia sido hipotetizado. O fato de praticamente não termos identificado contextos categóricos de uso é um indício de que o em questão é multifacetado.

Além de termos investigado minuciosamente as inter-relações entre as variáveis controladas no que tange à expressão do FS e a seus contextos de uso, testando diferentes hipóteses relativas ao seu domínio funcional, buscamos ainda identificar os contextos de expressão do FS mais recorrentes na amostra, de modo a descrever o que estamos denominando *padrões funcionais de uso*.

Para levar a cabo essa tarefa, tomamos como ponto de partida a expressão das duas categorias verbais que mais se sobressaem no seu domínio: tempo e modalidade. E, a partir da hipótese de que ambas as categorias estão sempre copresentes no FS, apenas numa expressão maior [+] ou menor [-] na ocorrência analisada, propomos a seguinte representação para o domínio funcional do FS:

Quadro 12 – Representação do domínio funcional do FS



Dessa forma, distribuímos os dados do FS na amostra a partir desses três usos mais gerais, tomando como critérios alguns fatores ou traços – pertinentes tanto ao contexto mais amplo do recorte da ocorrência, como ao contexto mais imediato ao qual o FS está circunscrito – que consideramos mais significativos com base nos resultados anteriores, para a delimitação e caracterização do domínio funcional do FS: (i) presença de uma referência de tempo no enunciado, que geralmente corresponde ao período sintático que articula a oração principal e a subordinada com FS; (ii) ocorrência de verbos de modalidade ou modais no enunciado que se associam, via de regra, à expressão da modalidade orientada ao agente; (iii) valor temporal atribuído ao FS no contexto oracional.

²⁶⁷ Como [–temporal] estamos considerando os casos em que o dado do FS teve valor de *presente relativo* ou de *indeterminação temporal*.

No primeiro caso, quando consideramos os usos do FS cuja expressão/função está mais associada ao eixo da temporalidade [+temporal –modal], enquadram-se os dados em que o FS é antecedido por um *conector temporal*, visto que este já assinala o tempo no enunciado e/ou as ocorrências em que o tempo do verbo da oração principal é o *futuro do presente do indicativo* que atua como principal expressão de tempo da construção sintática e como um ponto de referência para o FS. Além disso, o valor temporal atribuído ao FS teria que ser de *futuro*. Foram excluídas desse grupo as ocorrências de enunciados que, embora apresentassem alguma dessas características, eram marcados ainda pelo traço aspectual de habitualidade²⁶⁸, que geralmente coocorre com o valor de FS associado ao presente, bem como por traços modais relacionados à expressão da modalidade orientada ao agente, visto que aventamos que esta noção modal se sobrepõe à temporal.

No que concerne especificamente aos dados enquadrados como [+temporais], em razão da presença de um tempo verbal de futuro na oração principal, cabe observar que nessas ocorrências, independente da definição do FS como tempo absoluto-relativo ou como tempo absoluto, a situação que ele denota provavelmente será posterior ao MF. Já quanto ao caso das adverbiais com conector temporal, baseamo-nos na assunção de que as orações adverbiais temporais têm como função especificar: (i) o tempo da oração principal; (ii) o tempo ao qual a situação principal está relacionada (Cf. DECLERCK, 1997).²⁶⁹

²⁶⁸ Muitas vezes, a habitualidade está ligada à ideia de atemporalidade no enunciado, que por sua vez pode ocorrer nos casos em que identificamos o contexto como de *presente gnômico*. Exemplo: “Então, há uma transformação muito grande, mas tudo parte do princípio da educação. *Se TIVER educação, tudo é aceito*. Eu acho assim, certo?” (FLN 13). Nesse dado, percebemos que a verdade da proposição é tida como certa e perene para o falante, sendo que esta pode ser substituída por “Se TEM educação, tudo é aceito (sempre)”. Casos dessa natureza não se incluem na ‘expressão mais temporal do FS’, mesmo quando se tratar de orações temporais.

²⁶⁹ No que se refere às *when-clauses* canônicas, o autor explicita essas duas funções. A primeira se verifica em: “John will leave when I arrive”, enquanto a segunda em: “When I arrive John will already had left.” Um terceiro caso seria a ‘ocasião’ que atualiza o tempo da oração principal, como em: “Brian John Bedford, a service engineer, of 28, Grange Road, Bushey, Hertfordshire,

Ademais, Braga e Paiva (2013, p. 3) trazem à baila duas definições para as orações temporais em português, tendo como base duas gramáticas tradicionais, que vão ao encontro das funções propostas por Declerck: (i) a oração temporal subordinada denota “o tempo de realização do fato expresso na principal” (BECHARA); (ii) “é papel da oração temporal trazer à cena um acontecimento ocorrido antes de outro, depois de outro, ao mesmo tempo que outro”.²⁷⁰ À vista disso, acreditamos ter argumentos para defender que o FS em orações temporais distribui-se mais ao domínio da temporalidade, uma vez que junto ao conector temporal exerce uma função clara de orientar o tempo no enunciado, o que permite nossa visão de que sua expressão é [+temporal], bem como menos associada às noções modais de baixa certeza epistêmica.

Já no terceiro caso, quando consideramos os usos do FS cuja expressão/função está mais associada ao eixo da modalidade [-temporal +modal], incluem-se: (i) os dados cujo valor temporal associado ao FS foi o de *presente relativo* e de *valor temporal indeterminado*; (ii) as ocorrências que tiveram como modalidade predominante na proposição a *orientada ao agente* e a epistêmica de baixa certeza e dúvida.

Por fim, no segundo caso, quando consideramos os usos do FS cuja expressão/função se dividem entre os eixos da temporalidade e da modalidade [+temporal +modal], inserem-se os dados que não atendem aos critérios observados em relação ao primeiro e ao terceiro grupo. A esse segundo grupo corresponde a grande maioria dos dados, nos quais identificamos valores temporais de presente ou de futuro para o FS e uma expressão variada da modalidade nos enunciados.

O quadro abaixo oferece uma amostra representativa dos padrões funcionais de usos do FS, de acordo com a nossa proposta de análise.

said he was acting manager of the coffee car. When he went to it one morning, the first thing he notices was that the shelf on the which chocolates and sweets were place, was bare.” (DECLERCK, 1997, p. 21)

²⁷⁰ Ainda segundo as autoras, quando essas estão antepostas às principais tendem mais a criar o pano de fundo e a orientação temporal para os eventos que se seguem, se comparadas às pospostas.

Quadro 13 – Padrões funcionais de uso funcionais de usos do FS: ocorrências

<i>Expressão</i> [+temporal-modal]	<i>Expressão</i> [+temporal+modal]	<i>Expressão</i> [-temporal+modal]
A gente <u>quando FICAR</u> velho tem que aproveitar alguma coisa, né? (POA 06)	Se ele não TIVER , ele é sempre marginalizado, né? (FLN 17)	Aqui se o gaúcho TIVER que andar cinco minutos de carro ele fica ‘p’. (POA 15)
“Meus Deus, como será o <u>dia que</u> a minha mãe MORRER , meu pai MORRER ” (CTB 04)	Se ela FOR pra lá é uma pata choca, né? (FLN 06)	Mas quando tem capoeira, chuva, caia pedra, seja lá o que FOR , ele se arranca. (CTB 12)
“ <u>Quando</u> eu VIER amanhã do serviço, eu tenho o vale da Panvel, e eu vou comprar, vou trazer pra mãe.” (FLN 03)	Se FOR tomate, se FOR vinte e quatro saladeiras, já vem vindo e quatro caixas de tomate. (FLN 07)	Você vai lá vota e daí seja o que Deus QUISER . (CTB 07)
<u>A partir do momento que</u> TIVER esse desenvolvimento todo aí <u>vai acontecer</u> que todo mundo vai ter seu emprego, vai ganhar bem, né? (POA 15)	Aí não faço muito. Que se eu PEGAR pra fazer, eu gosto de estar fazendo toda vida, né? pra ver terminar. (FLN 17)	Então, acho que tudo que você TIVER que fazer melhor, pra ti, pro ser humano, você deve fazer. (FLN 16)
Se não FIZER <u>vai ter que</u> pagar multa. (CTB 08)	E agora me realizo se eu TIVER um Versailles. (CTB 04)	Cada um faça o que ACHAR melhor da sua vida. (POA 15)
Se ACABAR uma quadrilha <u>vai aparecer</u> outra. (POA 15)	Aí depende muito do carro que você PEGAR . (CTB 07)	Visitar, se Deus QUISER , eu vou ainda. (FLN 16)
Se não HOVER um ajuste do Plano, adequadamente, nós <u>vamos ter</u> recessão, realmente. (FLN 21)	Quem ESTIVER com problema, né, é sanado o problema imediatamente. (POA 02)	Se FOR pra cantar no microfone eu sou boba e meia. (CTB 20)
Acredito na lei do carma, né? Que tudo que tu FIZERES tu <u>vais prestar</u> conta um dia. (POA 18)	E se não FOR festa, pelo menos se reúne pra conversar, queimar uma carne ali, um churrasquinho, né? (POA 15)	Agora ela vai me ajudar me operar, se Deus QUISER eu vou de ônibus. (POA 07)

A seguir, esmiuçamos um pouco mais esses padrões funcionais de uso do FS. Acreditamos que as ocorrências expostas no quadro ilustram os principais fatores que definem um dado como parte de um desses padrões, que se resumem em: (i) grau de certeza epistêmica do falante frente a sua proposição; (ii) temporalidade do enunciado e valor temporal atribuído à ocorrência de FS; (iii) presença de traços modais correspondentes à modalidade orientada ao agente (ou ainda à baixa certeza epistêmica ou fraca manipulação deontica).

Assim, nos dados considerados com expressão/função mais temporal (e menos modal), é possível identificarmos uma maior certeza ou probabilidade de ocorrer o evento codificado na oração com o FS, que pode ser captada por vários elementos no contexto, mas que, sobretudo, se assegura pela presença de uma forte referência de tempo futuro no enunciado (fornecida pelo verbo da oração principal e/ou pelo conector temporal). Logo, esses enunciados têm um caráter mais preditivo, assim como o FS tem leitura de um de futuro certo ou provável.

Nas ocorrências categorizadas como contendo valores de tempo e modalidade, em que não é possível identificar, com certa segurança, qual dessas categorias tem uma força maior, percebemos graus variados de certeza do falante frente a sua proposição, de acordo com o contexto. Todavia, na falta de um elemento explícito de marcação de futuridade no período, o enunciado tende a ter uma leitura menos preditiva e assertiva. Nesse contexto, encontramos dados de FS tanto com valor de presente (muitas vezes associado à habitualidade), como de futuro, cuja principal ideia seria de um presente/futuro hipotético, com maior ou menor possibilidade de ocorrer.

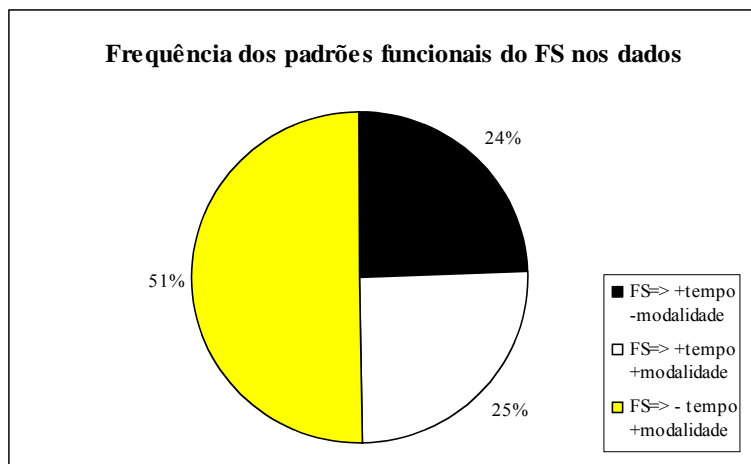
Por fim, nos dados em que o FS foi considerado com uma expressão mais modal, identificamos uma atitude de menor certeza epistêmica do falante e/ou ainda a presença de traços modais deonticas mais fortes, sobretudo aqueles, como desejo, obrigação, necessidade, que orientam a modalidade para o agente da proposição. Nesses casos, consideramos que as forças modais se sobrepõem às temporais. Não por acaso, muitas dessas ocorrências apresentaram um valor temporal mais fraco (relativo ou indeterminado).

Em resumo, os critérios para o estabelecimento dos três padrões funcionais, bem como o número de ocorrências associado a cada um foram: (i) para [+tempo-modalidade] (131 dados): FS com valor de futuro; orações temporais; ausência de habitualidade (no enunciado); ausência da maioria dos valores modais orientados ao agente e de incerteza epistêmica; (ii) para [-tempo+modalidade] (135 dados): valor

temporal indeterminado; maioria dos valores modais orientados ao agente; alguns valores da modalidade orientada ao falante, e presença do valor incerteza epistêmica; (iii) para [+tempo+modalidade] (268 dados): todas as ocorrências que não atenderam aos critérios anteriores.

Isso posto, passamos ao resultado de frequência dos dados, segundo esses três padrões funcionais:

Gráfico 14 – Frequência dos padrões funcionais do FS nos dados



Como podemos observar, metade das ocorrências de FS compartilha equilibradamente as categorias de tempo e modalidade, o que está de acordo com a definição, recorrente na literatura, de uma forma verbal de futuro e de subjuntivo. Já a distribuição igual do FS entre os padrões de usos [+temporais e +modais] chamou atenção pela mesma proporcionalidade e, sobretudo, por não ter ocorrido mais casos em que se sobrepõe à modalidade, que era o mais esperado.

Por fim, cabe destacar que essa distribuição em padrões de uso é um recurso importante para que a multifuncionalidade do FS seja visualizada de forma ampla, a partir de categorias gerais, como resultado do somatório de vários fatores, detalhados nas seções precedentes. Essa identificação de padrões de uso constituiu-se então um dos objetivos da tese, que busca descrever e entender a multifuncionalidade do FS em seus diferentes contextos, buscando captar as forças que se entrecruzam no seu domínio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese apresentou uma análise funcionalista da expressão do futuro do subjuntivo em português, contemplando diversos fatores de natureza distinta que se relacionam e/ou intervêm no domínio funcional dessa forma verbal, seja numa dimensão semântico-pragmática, seja numa dimensão morfossintática.

A hipótese básica, assim como os principais objetivos da pesquisa voltaram-se à distribuição do futuro do subjuntivo em dois eixos principais: da *categoria tempo* e da *categoria modalidade*, que se inter-relacionam ainda com o *modo*, neste caso, o subjuntivo, e o *aspecto*, neste caso, da situação descrita pelo futuro do subjuntivo. Buscamos analisar essa distribuição dos usos do FS distinguindo aqueles mais voltados para a expressão da modalidade, daqueles cuja função se relaciona mais à expressão do tempo –, tendo como pressuposto que os valores de modalidade e temporalidade estarão sempre copresentes, mas com força ou graus distintos de expressão, nos usos das formas verbais associadas ao futuro (Cf. FLEISCHMAN, 1982). Em resumo, verificamos que, no eixo da temporalidade, os valores temporais associados ao futuro do subjuntivo distribuíram-se num *continuum* entre (i) *tempo indeterminado* (fraco); (ii) *presente relativo*, (iii) *presente* e (iv) *futuro*, ao passo que, no eixo da modalidade, o futuro do subjuntivo ocorreu principalmente em enunciados marcados pela expressão da *modalidade epistêmica*, com destaque para presença dos traços modais de *possibilidade* e *probabilidade* nesses contextos.

Para concretizarmos esta análise, a tese foi composta pelas seguintes partes: no primeiro capítulo apresentamos o objeto, assim como problematizamos o fenômeno, sobretudo enfatizando sua dimensão multifuncional, a partir de um olhar sobre o uso do futuro do subjuntivo no discurso, e em razão de sua natureza *irrealis* (futuro e subjuntivo). Além disso, mencionamos a carência de estudos acerca do objeto nas descrições do português do Brasil, o que inclusive nos fez pautar boa parte da descrição do FS em prescrições gramaticais, além do que, justifica ainda a realização do presente estudo sobre o futuro do subjuntivo, assim como de futuras pesquisas sobre o objeto.

No segundo capítulo, buscamos descrever com mais especificidade o futuro do subjuntivo, salientando algumas definições encontradas e exemplos de usos em construções de subordinação, sobretudo tendo como base a literatura gramatical. Uma contextualização histórica sobre sua origem, que remonta ao latim

antigo, foi realizada na segunda parte desse capítulo, com o objetivo de retratar um pouco seu traço arcaico, bem como seu desenvolvimento complexo, que oscilou entre subjuntivo e futuro em sua trajetória de gramaticalização, de acordo com Flesichman (1982). E, na terceira parte do capítulo, descrevemos algumas considerações encontradas em estudos linguísticos que tratam do FS ou mencionam esse tempo verbal, inclusive retomando alguns apontamentos traçados em nossa pesquisa anterior. Por fim, a hipótese central da tese foi retratada em mais detalhes.

O capítulo três foi destinado à fundamentação teórica dos principais pontos tomados como base para análise das categorias *tempo* e *modalidade*, além de modo e aspecto (em menor destaque), através de uma abordagem funcionalista assentada principalmente em Fleischman (1982), Givón (1995; 2009); Bybee (1984; 1998); Bybee *et al.* (1994), além de Comrie (1976; 1985) e Klein (2009), no que concerne ao estudo dos tempos verbais.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa foram descritos no capítulo quatro, que incluiu: (i) a descrição da natureza do *corpus*, que se constitui de dados: sincrônicos, de fala e oriundos de falantes de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, pertencentes ao banco Varsul; (ii) as etapas da análise; (iii) os grupos de fatores criados para podermos investigar o fenômeno em toda sua dimensão, isto é, seja na codificação do tempo, seja na expressão da modalidade, ou ainda na inter-relação estabelecida com fatores discursivo-textuais, semânticos e morfossintáticos que se apresentam no contexto.

O quinto capítulo foi dedicado a uma análise sistemática dos usos do futuro do subjuntivo, com o propósito de discutir com mais profundidade o que ‘acontece’ no seu domínio funcional, ou melhor, como este se apresenta. Para tanto, analisamos a expressão do FS em três momentos: primeiro, através dos resultados dos grupos de fatores voltados a investigar a expressão do tempo no contexto maior, no período composto, através do tempo descrito pela situação codificada na oração principal do enunciado e da relação temporal estabelecida entre os tempos do período, bem como na forma verbal de FS (associada a valores de presente, futuro e indeterminação), além dos grupos de fatores relacionados à aspectualidade das situações codificadas no período e do grupo voltado a verificar a presença de advérbios temporais, modais e aspectuais no contexto. Depois, num segundo momento, a partir dos resultados dos grupos de fatores referentes à análise da modalidade no enunciado, que investigaram a expressão dos valores modais no enunciado, assim como distribuíram as ocorrências

segundo o tipo de modalidade predominante: epistêmica, orientada ao agente e orientada ao falante. Além desses, analisamos os resultados que permitiram caracterizar as principais sequências textuais/discursivas no contexto que abrigava o dado, além de indicarem a ‘pessoa do discurso’ mais comum nas orações com o FS.

Ainda no quinto capítulo, num terceiro momento foi possível verificar quais são os tipos oracionais em que o FS mais aparece, além de analisar qual a ordem mais comum da oração subordinada com FS, em relação à principal do período com base nos resultados relativos à investigação dos grupos de fatores morfossintáticos. Também averiguamos se o FS aparece mais como verbo pleno ou auxiliar, assim como a frequência das formas irregulares de FS, sobretudo dos verbos *for*, *quiser* e *tiver*, que foram muito recorrentes na amostra. Por último, dedicamos uma seção para a descrição do papel dos fatores extralinguísticos na expressão do futuro do subjuntivo, em que destacamos os resultados vistos em cada grupo de fatores distribuídos entre as três capitais da região Sul.

O sexto capítulo apresentou uma distribuição para os usos/funções do futuro do subjuntivo em três dimensões: mais temporal; mais temporal e modal; mais modal, tendo como base os resultados averiguados nos principais grupos de fatores, ou seja, naqueles que estavam diretamente relacionados à verificação da expressão do tempo e da modalidade. Além desses, certos grupos relativos ao estudo da constituição da construção sintática, bem como da natureza de certos itens verbais de modalidade no FS mostraram-se relevantes para delimitar esses padrões funcionais de usos para o futuro do subjuntivo.

A partir da análise realizada, destacamos a presença dos seguintes fatores (seguindo a ordem apresentada nos capítulos quatro e cinco), considerados como as dez ‘forças’ principais que mais se atravessaram no contexto de realização do FS:

- (i) *projeção temporal de presente e presente habitual no enunciado*: na maioria das vezes em que o valor temporal do FS esteve associado ao presente (em 77% dos casos), isso ocorreu em contextos assinalados por várias marcas que codificam o presente, incluindo advérbios de tempo;
- (ii) *tempo verbal da oração principal no futuro do presente do indicativo*: parece ter atuado como uma forte referência temporal de futuro na construção, marcando a projeção futura no enunciado, uma vez

que a sua presença esteve correlacionada quase sempre (94% das vezes) a usos do FS com valor de futuro, além de associado, frequentemente (80% das vezes), aos casos em que o FS estabeleceu uma relação de anterioridade com a situação codificada na oração principal do enunciado;

- (iii) *aspecto da situação no FS caracterizado pelos traços dinamismo e telecidade*: comumente estiveram associados aos casos em que o FS estabeleceu uma relação de anterioridade com a situação principal;
- (iv) *verbos modais ou de modalidade inerente no FS*: frequentemente estiveram associados a usos e funções do futuro do subjuntivo direcionadas ao eixo da modalidade, sobretudo da orientada ao agente.
- (v) *maior certeza epistêmica do falante*: foi associada a usos do FS mais temporais, sobretudo com valor de futuro;
- (vi) *valores modais deônticos, como obrigação, necessidade* (orientados ao agente), ou ainda *ordem, sugestão/convite* (orientados ao falante): sua expressão no enunciado esteve mais relacionada a usos do FS com funções fortemente modais;
- (vii) *conectores temporais*, a presença desse tipo de conector favoreceu funções e usos de FS associados à marcação do tempo, provavelmente porque esses conectores já assinalam maior certeza do falante frente a sua proposição (em relação aos condicionais e relativos), além de já terem como uma de suas funções orientar o tempo da oração principal e, por conseguinte, do período;
- (viii) *conectores condicionais*: essas conjunções, principalmente o conector ‘se’, estiveram correlacionadas à grande parte dos usos mais frequentes do FS, marcados duplamente e proporcionalmente pela coexistência dos sentidos de temporalidade e modalidade, bem como fortaleceram uma leitura do FS como um *futuro hipotético*;
- (ix) *conectores relativos*: estiveram mais associados tanto a uma expressão mais modal do FS, sobretudo nos casos em que a oração subordinada estava anteposta à

- principal, como a fraca relação de tempo estabelecida entre o FS e situação principal do enunciado;
- (x) *itens verbais irregulares como 'quiser', 'tiver (que)', 'der' e 'for'(ser):* foram recorrentes na amostra, e muitas vezes já deslocam a modalidade para um eixo mais dêontico e, por conseguinte, o FS a funções mais modais e expressivas, em que seu valor temporal fica enfraquecido.

Salientamos ainda que a correlação mais direta entre tempo e modalidade foi percebida principalmente em dois casos: (a) quando houve a expressão da modalidade orientada ao agente – que muitas vezes envolveu o uso das: construções “*tiver que*” e “*Se Deus quiser*” –, sendo que nesses casos o valor do FS se relacionava à codificação de traços modais, como *obrigação* e *desejo*; (b) quando houve a expressão de atitudes epistêmicas de *probabilidade* e *certeza* – que geralmente estiveram relacionadas à noção de predição (futuro projetado, mais provável/certo) –, em que o valor de futuro esteve frequentemente associado ao FS. Ressalta-se ainda que essas expressões citadas refletem a hipótese, corroborada na análise dos dados, de que no domínio do FS interagem forças de natureza diversa, tanto morfossintáticas (tipo oracional), como semântico-lexicais (item verbal no FS, neste caso, de modalidade inerente), além de discursivas (nuance modal, atitude do falante, neste caso, de maior certeza), haja vista que a modalidade é entendida como um subsistema voltado ao discurso (Cf. GIVÓN, 2001; 2005).

Quanto às hipóteses funcionais que ajudaram a compor a hipótese central da tese, cabe ressaltar que, tanto Givón (1995; 2001) como Bybee (1985) e Bybee *et al.* (1994) associam mais o subjuntivo à modalidade epistêmica – sobretudo de baixa certeza – ou ainda à fraca manipulação deontica, conforme Givón; foi visto, porém, que, no caso do nosso objeto, várias foram as ocorrências de FS relacionadas à expressão da modalidade orientada ao agente (19%), e também orientada ao falante (16%), embora a maior recorrência tenha sido em enunciados de natureza epistêmica (65%).

De fato, constatamos que essa subdivisão para modalidades – em epistêmica, orientada ao agente e ao falante, conforme proposta por Bybee (1985) –, mostrou-se mais refinada e útil para a descrição do fenômeno associado à expressão dessa categoria complexa, que é a modalidade, se compararmos ao estudo anterior de Reis (2010), em que optamos por analisar o futuro do subjuntivo num gradiente entre as

modalidades epistêmica e deôntica (Cf. GIVÓN; 1995; 2009), quando destacamos a força do domínio *irrealis* nos contextos discursivos em que o FS era empregado. Isso porque, através dessa classificação tripartida foi possível distinguir os usos do FS mais voltados à dimensão discursivo-pragmática, nos casos de enunciados orientados ao falante (ordem, sugestão, convite), dos usos mais relacionados ao seu papel mais semântico-pragmático, como suposto auxiliar modal (de obrigação, necessidade, capacidade, volição), nos casos em que a modalidade orientada ao agente foi predominante no enunciado. Com base nisso, constatamos que as funções e usos *+modais –temporais* do FS estiveram associados à expressão da modalidade orientada ao agente.

No que diz respeito às prescrições gramaticais, destacamos que a ideia de futuro do subjuntivo como um ‘futuro anterior a outro futuro’, comumente ressaltada nas gramáticas normativistas, foi confirmada em apenas metade dos dados da amostra, uma vez que outras relações temporais relativas ao tempo da oração principal foram identificadas nas ocorrências, como de posterioridade e de cotemporalidade. Além disso, a prescrição gramatical de que o tempo verbal ordinariamente utilizado em construções compostas que têm o FS na subordinada é o futuro do presente do indicativo não se confirmou nos dados, já que o presente do indicativo esteve presente em cerca de 70% dos casos, enquanto o futuro do indicativo ocorreu apenas em 17%.

Vale ressaltar ainda que muitas hipóteses discutidas na tese podem servir de inspiração para novos estudos sobre o futuro do subjuntivo – que poderão complementá-las, aprimorá-las ou até mesmo confrontá-las –, mas que, de todo modo, fazem-se necessários, em função da escassez de trabalhos acerca do FS em português, sobremaneira no Brasil. Ademais, muitos são os enfoques e perspectivas que ainda podem (e devem) ser direcionados à compreensão e descrição sistemática dos usos e mapeamento de funções do futuro do subjuntivo, para atender a demanda de que pouco (ou quase nada) tem sido descrito sobre a sua expressão e uso.

Por exemplo, um fator que merece ser objeto de reflexão de futuras pesquisas é a alta frequência de verbos irregulares que se verificou na amostra, sobretudo das formas verbais *for*, *quiser* e *tiver*, de modo que hipóteses cognitivas e funcionais possam melhor contemplar e explicar esse fenômeno, haja vista que esses são verbos frequentes na língua, além, é claro, da investigação de motivações linguísticas e sociais que podem estar por trás dessa expressão.

Para finalizar, apresentamos uma definição concisa para o futuro do subjuntivo como sendo um meio/forma de codificação das

modalidades *irrealis*, sobretudo a epistêmica em seus domínios conceituais (possibilidade e probabilidade), assim como um tempo verbal que geralmente expressa o futuro, e que frequentemente se localiza anteriormente ou simultaneamente a outra situação codificada no enunciado, mas que também pode estar associado ao presente. Trata-se ainda de um tempo/modo verbal frequentemente associado à noção de ‘hipoteticidade’, visto que ocorre expressivamente em contextos oracionais de condicionais. Ainda quanto à descrição dos seus contextos de uso, chamou atenção que: (i) o FS apareceu principalmente em seqüências discursivas argumentativas, em que se notou uma clara inter-relação entre argumentação, modalidade epistêmica e períodos hipotéticos; (ii) em quase metade da amostra, o futuro do subjuntivo coocorreu junto ao conector *se*, paralelamente ao fato de que foi expresso através das formas verbais mais frequentes: *for*, *quiser*, e *tiver*.

Em função da alta recorrência do conector *se* ao lado do futuro do subjuntivo nos dados (em quase 70% dos casos), retomamos aqui a citação de Becker (2010, p. 190), na qual o autor afirma que desde o latim mais antigo, a forma verbal que certamente deu origem ao futuro do subjuntivo, o *futurum exactum*, já mantinha uma forte ligação com a conjunção condicional latina *si*: “uma correlação que pode ser rastreada através das primeiras manifestações da língua latina, como, por exemplo, na famosa tabela das 12 leis de 451 a.C.” Isso pode indicar uma certa estabilidade no domínio funcional do futuro do subjuntivo, ou seja, em sua expressão mais comum de *futuro* que se relaciona ao *hipotético*. Ademais, sugerimos a realização de futuras pesquisas que busquem investigar sistematicamente essa correlação estreita entre o *futuro do subjuntivo* e o conector *se*, assim como apontar trajetórias de gramaticalização para o futuro do subjuntivo no português antigo, o que inclusive poderá esclarecer muitos dos seus usos atuais.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **Introdução à análise textual do discurso**. São Paulo: Cortez, 2008.

ALLEN, Keith. **The Western Classical Tradition in Linguistics**. Equinox: London, 2007.

ALMEIDA, Napoleão M. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 1995

_____. **Gramática Latina**. 20. ed. São Paulo: Saraiva, 1980.

AMARAL, Luís I. C. **Varbwin: Varbrul através do windows**. Pelotas: UFPel, 2001.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

AZEREDO, J. C. *et al.* **Gramática Comparativa Houaiss: quatro línguas românicas**. São Paulo: Publifolha, 2010.

BACK, Angela C. Di Palm. **A multifuncionalidade da forma verbal SSE no domínio tempo-aspecto-modalidade: uma abordagem sincrônica**. Tese (Doutorado em Linguística). Florianópolis, UFSC. 2008.

BARROS, João de. **Gramática da língua portuguesa**. 1.540. Disponível em: <<http://www.bnportugal.pt/>> Acesso em 13.09.2012.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1980 [1968/2009].

BECKER, Martin. *Mood in Portuguese*. In: Rothstein, B; Thieroff, R. **Mood in the Languages of the Europe**. Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 2010.

BRAGA, Maria Luiza; Paiva, Maria Conceição. **Estabilidade e instabilidade sistêmica: as orações de tempo sob uma perspectiva diacrônica**. Revista de Estudos da Linguagem, v. 21, p. 111-133, 2013.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo.** 1ª ed. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo, EDUC, 1999.

BUENO, Francisco. Silveira. **Formação histórica da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959 [1968].

BYBEE, Joan L. **Frequency of use and the organization of language.** New York: Oxford University Press, 2007.

_____. **Irrealis as a grammatical category.** *Anthropological Linguistics* 40, p. 257-271, 1998.

_____. **Morphology: a study of the relation between meaning and form.** John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1985.

BYBEE, Joan, PERKINS, Revere, PAGLIUCA, William. **The Evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in the Languages of the World.** Chicago: University of Chicago Press. 1994.

_____. **The semantic development of past tense modals in English.** Symposium on Mood and Modality, UNM, Albuquerque, 1992.

_____. Back to the Future. In: Traugott and Heine (Eds.). **Approaches to grammaticalization**, p. 17-58, 1991.

BYBEE, Joan, FLEISCHMAN, Suzanne. **Modality in Grammar and Discourse.** Amsterdam: Benjamins, 1995.

CASTILHO, A. T. (Org.). **Gramática do português falado.** Campinas: Unicamp, 1990.

CEGALLA, Domingos P. **Novíssima gramática da língua portuguesa.** 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005[2008].

COATES, Jennifer. **The Semantics of Modal Auxiliaries.** London: Croom Helm, 1983.

COAN, Márluce. **As categorias Tempo, Aspecto, Modalidade e Referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito**: correlação entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente. Tese. (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística. Florianópolis, UFSC, 2003.

_____. **Anterioridade a um ponto de referência passado**: pretérito (mais-que) perfeito. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística. Florianópolis, UFSC, 1997.

COMRIE, Bernard. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

_____. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COSTA, A. R. **Gêneros e tipos textuais**. Afinal, do que se trata? Revista ProLíngua, n. 1, 2011.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CUNHA, Celso. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: MEC Fename, 1980.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo de acordo com a nova ortografia**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

_____. **Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUTRER, M. **Time and Tense in Narratives and everyday language**. Ph.D. Dissertation. University of California, San Diego, 1994.

DECLERCK, Renaat. **When-clauses and Temporal Structure**. London: Routledge, 1997.

_____. Is there a Relative Past Tense in English? *Lingua*, p.1-36, 1995.

_____. **Tense in English: Its Structure and Use in Discourse**. London: Routledge, 1991.

DUCROT, O. **Princípios de Semântica Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1972.

EBERENZ. R.Sea como fuere. En torno a la historia del futuro del subjuntive espanol. In Bosque I. **Indicativo y Subjuntivo**. Madrid: Taurus, 1990.

FARACO, Carlo E, MOURA, Francisco M. **Gramática**. São Paulo: Editora Ática, 1991/1996.

FERRARI, L. V. . Reportar condicionais: uma questão de ponto de vista. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 16, 2008.

_____. **Modalidade e condicionalidade no português do Brasil**. In: Recort – revista de linguagem, cultura e discurso, n. 3, 2005.

FLEISCHMAN, S. **The Future in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

_____. Temporal Distance: A basic linguistic metaphor. In: VERHAAR, J. W. M. (org.) **Studies in Language**.Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 1989.

FREIRE, Antônio. **Gramática grega**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREITAG, Raquel Meister Meister Ko. **A expressão do passado imperfeito no português**: variação/gramaticalização e mudança. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2007.

GIBBON, Adriana. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis**: gramaticalização e variação. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis. 2000.

GIVÓN, Talmy. **The genesis of syntactic complexity**: diachrony, ontonegy, neuro-cogniton, evolution. Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 2009.

_____. **Context as other minds**. Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 2005.

Bio-linguistics: The Santa Barbara Lectures. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.

Syntax. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. v. 1 e 2.

Functionalism and grammar. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

Syntax: a functional typological introduction. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.

On understanding grammar. New York: Academic Press, 1979.

GÖRSKI, Edair Maria; VALLE, Carla Regina Martins. variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes. **Variação estilística** – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014.

GÖRSKI, Edair Maria. Mesa-redonda: Sociofuncionalismo. XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – GELNE. Natal, UFRN, 04-07 de setembro de 2012.

Motivações discursivas em competição na ordenação de orações temporais. *Letras de Hoje*, v.35, p. 97-120. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita. Tese Doutorado e Linguística. Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

GRYNER, Helena. A sequência argumentativa: estrutura e funções. **Veredas Revista de Linguísticos**, JUIZ DE FORA, v. 4, n.2, p. 97-112, 2001.

Consectio Temporum:tendências em conflito no complexo condicional. *Diacrítica*. No. 22, p. 9-24, 2008.

_____. **A variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais do português.** Teses de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

HEINE, Bernd, KÖNIG, Ekkehard. Gramatical Hybrids. In: Dressler, W.U; Kastovsky, D; Pfeiffer, O.E; Franz, R. (orgs.). **Morphology and its demarcations.** Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.

HIRATA-VALE, Flávia B. M. . **Para uma interpretação condicional de construções temporais do português:** contextos de uso. Alfa (ILCSE/UNESP), v. 52, p. 167-177, 2008.

_____. **A condicionalidade em construções paratáticas:** um uso argumentativo. Estudos Lingüísticos (São Paulo), v. 37, p. 204-213, 2008.

HOPPER, Paul, TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HORTA, Parreiras, G. N. **Os gregos e seu idioma.** Rio de Janeiro: J. di Giorgio, 1987.

INFANTE, Ulisses; NICOLA, José de. **Gramática contemporânea da língua portuguesa.** 4ª. ed. São Paulo: Scipione, 1990.

INFANTE, Ulisses; CIPRO NETO, Pasquale. **Gramática da Língua Portuguesa.** São Paulo: Scipione, 2010.

JASONOFF, Jay. **The origin of the Italic imperfect subjunctives.** In: Historische Sprachforschung, p. 84-105, 1991.

JUSTINO, V. Mercia. **A distribuição e a expressão gramatical do futuro do conjuntivo no português de Moçambique.** Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa, 2011.

KLEIN, Wolfgang. How time is encoded. In: Klein W., Li P. **The Expression of Time.** Berlin: de Gruyter, 2009.

LABOV, William. **Sociolinguistics Patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LIMA, Carlos Henrique Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 15^a. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

LUENGO, J. L. Ramirez. El futuro de subjuntivo en La banda oriental del siglo XVII. **Revista de Filologia**, p. 305-317, 2002.

LYONS, Jonh. **Semantics**. Cambridge University Press, Cambridge, 1977.

MACEDO, Alzira. **O uso do futuro do subjuntivo em português: regularização de uma forma verbal**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980.

MATEUS, Maria H. M.; BRITO, Ana M.; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel. **Gramática da Língua Portuguesa**. 3^a. ed. Lisboa: Editorial Caminho, [1983] 1989.

MAURER, Theodore H. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da língua portuguesa**. 8^a. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

MICHAELIS, Laura A. Tense and Time. In: Aarts and MacMahon (eds.). **The Handbook of English Linguistics**. Oxford: Blackwell, 220-243, 2006.

NETO, Serafim da Silva. **História do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1977.

NEVES, Maria H. M. As construções condicionais. In: NEVES, M. H de M. (org.) **Gramática do português falado V. VII**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP; Campinas: Ed. da Unicamp, p. 497-544, 1999.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.

NUNES, José J. **Crestomatia Arcaica: exertos da literatura portuguesa**. Rio de Janeiro, 1984.

OLIVEIRA, Ednei N. Habitual: atualização do aspecto verbal em perífrases ‘costumava mais infinito’. **Vereda**, p. 106-121, p. 2010.

OLIVEIRA, Fernão. **Gramática da linguagem portuguesa**. Disponível em: <<http://www.bnportugal.pt/>> Acesso em 20.09.2012.

PALMER, Frank R. **Mood and Modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

_____. **Modality and the English modals**. London: Cambridge University Press, 1979.

PHILPS, Betty. *Lexical diffusion, lexical frequency, and lexical analysis*. In: BYBEE, Joan, HOPPER, Paul. (eds.) **Frequency and emergency of linguistic structure**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. **Uso variável do presente do subjuntivo**. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2012.

REICHENBACH, Hans. **Elements of Symbolic Logic**. New York: Macmillan. Company, 1947.

REIS-BITTENCOURT, Diana Liz. A construção condicional hipotética e a modalidade epistêmica: uma inter-relação lógica. **Cadernos do IL**, no. 44, p. 57-74, 2012a.

_____. O uso futuro do subjuntivo: variação e frequência. In: **Revista Interdisciplinar**. Vol. 16, p. 117-130, 2012b.

REIS, Diana Liz. **O uso do futuro do subjuntivo**: um estudo funcionalista sobre verbo e modalidade. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2010.

_____. **Variação no uso do futuro do subjuntivo no PB**: um estudo sociofuncionalista. In: Anais do VIII Encontro do Celsul. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

REIS, Mariléia Silva dos. **Atos de fala não declarativos de comando na expressão do imperativo**. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2003.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa: prefácio de Serafim da Silva Neto**. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

ROSCH, Eleanor. **Natural categories**. *Cognitive Psychology*, v.4, p.328-350, 1973.

ROST SNICHELOTTO, Cláudia A. **“Olha” e “vê”**: caminhos que se entrecruzam. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2009.

SANTOS, M. L. **Semântica de condicionais e contexto**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Linguística. UFSC, Florianópolis, 2006.

SACCONI, Luiz. **Gramática essencial da língua portuguesa: teoria e prática**. Atual editora: São Paulo, 1987.

SWEETSER, Eve. **From etymology to pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

TAVARES, Maria Alice. Variação estilística e gênero textual? O caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero *entrevista sociolinguística*. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane M. Nunes. **Variação estilística** – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014.

TRAUGOTT, Elizabeth; DASHER, Richard (2005). The development of modal verbs. In: **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge Univ. Press. 2005.

TRAVAGLIA, L. C. Composição tipológica de textos como atividade de formulação textual. **Revista GELNE**, vol. 4, 2002.

_____. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 3 ed., Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1994

.VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: **Linguistics in philosophy**. New York: University Press, p.97-121, 1967.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro-síntese do FS nos estudos linguísticos e gramáticas

Quadro-síntese do FS nos estudos linguísticos e em gramáticas

GRAMÁTICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
GRAMÁTICA COMPARATIVA HOUAISS: PORTUGUÊS ; FRANCÊS; ITALIANO; ESPANHOL	<p>(1) Esta particularidade do português é motivo de dificuldades para os falantes de outras línguas românicas. Por isso, é importante realçar as condições de seu uso: ele não é empregado senão em oração subordinadas, para a expressão de uma ação ou estado hipotéticos, prováveis, que ordinariamente se situam no futuro, mas também podem situar-se no presente. (AZEREDO; BRITO; LOHSE & NETO, 2010, p. 210) (grifos nossos)</p>
GRAMÁTICA HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA	<p>(2) Futuro do subjuntivo. Representando o fato como não concluído, situa-o num intervalo de tempo simultâneo ou posterior ao presente: <i>Voltem sempre que vocês desejarem. (posterior ao presente). Quem não souber o caminho deve aguardar o guia. (simultâneo ao presente).</i> Formas compostas. Representando o fato como concluído, situa-o num intervalo de tempo anterior ao presente ou ao futuro. Tem, portanto, o mesmo conteúdo temporal do pretérito perfeito, do qual se distingue apenas pelo contexto sintático. Repete-se aqui a mesma variação já descrita entre o presente e o futuro do subjuntivo simples: <i>Se eles não tiverem enchido (= Caso eles não tenham enchido) o tanque, podem ficar sem combustível no caminho. (anterior ao presente).</i> (AZEREDO, 2008 p. 366).</p>
GRAMÁTICA CONTEMPORÂNEA DA LÍNGUA PORTUGUESA	<p>(3) Futuro do subjuntivo – Emprega-se o futuro do subjuntivo para indicar um fato futuro já concluído em relação a outro fato futuro: “Quando eu voltar, saberei o que fazer”. (NICOLA & INFANTE, 1990, p. 111)</p>
NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CONTEMPOR	<p>(4) Ofuturo do subjuntivo simples marca a eventualidade no futuro, e emprega-se em orações subordinadas: a) <i>adverbiais</i> (condicionais, conformativas e temporais), cuja principal vem enunciadas no futuro ou no presente: <i>Se quiser, irei vê-lo./ Se quiser vê-lo, vá a sua casa./ Farei conforme mandares./ Faça como souber./ Quando puder,</i></p>

RÂNEO	<i>passarei por aqui. [...]</i> b) <i>adjetivas</i> , dependentes de uma principal também enunciada no futuro ou no presente: <i>Direi uma palavra amiga aos que me ajudarem.</i> / O futuro do subjuntivo composto indica um fato futuro como terminado em relação a outro fato futuro: [...] <i>Se o houver lido até aqui, abandone o resto [...]</i> (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 289)
GRAMÁTICA MODERNA DA LÍNGUA PORTUGUESA	(6) Indica um acontecimento futuro em relação a outro também futuro. Ex.; <i>“Quando eu estudar, passarei no almejado concurso.”</i> (SHOCAIR, 2012, p. 602) (grifos nossos)
GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA	(7) Na forma simples, indica fatos possíveis, mas ainda não concretizados quando se fala ou escreve: <i>Quando comprovar sua situação, será inscrito. Quem obtiver o primeiro prêmio receberá bolsa integral Se ela for a Siena, não quererá mais sair de lá.</i> Esse tempo geralmente se associa ao futuro do presente do indicativo quando se expressa circunstância de condição <i>“Se fizer o regime, emagrecerá rapidamente.”</i> O futuro do subjuntivo composto expressa um processo <u>futuro</u> que estará terminado antes de outro, também <u>futuro</u> : <i>“Quando tiverem concluído os estudos, receberão o diploma.”/ “Iremos sempre depois que ela tiver adormecido.”</i> (NETO & INFANTE, 2010, p. 197) (grifos nossos)
NOVÍSSIMA GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA	Emprega-se o modo subjuntivo para exprimir um fato possível, incerto, hipotético, irreal ou dependente de outro (CEGALLA, 2005, p. 588). O Futuro simples emprega-se em orações adverbiais condicionais, temporais e outras [...]. Futuro composto. Usa-se em orações subordinadas e enuncia um fato futuro relacionado a outro também futuro, ou um fato passado, mas hipotético: <i>Depois que tiver visto o filme, darei minha opinião./ Se tiver acertado na loteria comprarei uma fazenda.</i> (p. 591)
LITERATURA FUNCIONALISTA	
Fleischman (1982, p. 137)	(1) <i>The future subjunctive functions as a sequencing device for future time, signaling the simultaneity or slight anteriority of R (marked by the future</i>

	<i>subjunctive) to E (marked typically by the simples future or present indicative)</i> ²⁷¹
Lausberg apud Fleischman (1982, p.137)	(2) <i>Used primarily in temporal and conditional clauses, the future subjunctive functioned to underscore the uncertainty or mere possibility of an already contingent event, i.e. a kind of reinforced dubitative subjunctive.</i> ²⁷²
Becker (2010, p. 196)	(3) <i>The Future Subjunctive turned out to be the verbal category <i>par excellence</i> for marking future indeterminacy.</i> ²⁷³
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL	
Pereira (2001, p. 78)	(1) <i>O Futuro do Subjuntivo, que era inexistente até o latim, é usado em certas orações subordinadas que sugerem ideia de futuro.</i>
Gryner (1990, p. 107)	(2) <i>A ausência de um futuro do subjuntivo latino fez com que este ficasse especialmente sujeito a interpretações contraditórias. É interessantes mencionar a gramática espanhola de Bello & Cuervo (1958) que descreve o futuro do subjuntivo como um modo hipotético a parte.</i>
Gryner (1990, p. 168)	(3) <i>A função semântico-pragmática do FS é caracterizada como associada ao conteúdo não-factual, não-realizado, não conhecido, hipotético, eventual, da contingência, da possibilidade e da dúvida.</i>
Macedo (1980, p. 21)	(4) <i>De maneira geral, os autores (gramaticais) fazem referência ao sentido de dúvida ou incerteza do modo subjuntivo, dentro do qual o futuro do subjuntivo designa ideia de futuro.</i>

²⁷¹ O futuro do subjuntivo funciona como um dispositivo de sequenciação de tempo futuro, assinalando a anterioridade ou leve simultaneidade de R (marcado pelo futuro do subjuntivo), para E (marcado pelo presente do indicativo ou futuro simples) - (tradução nossa)

²⁷² Usado primariamente em condicionais e temporais, o futuro do subjuntivo funcionava para sublinhar a incerteza ou mera possibilidade de um evento já contingente, como um reforçador do subjuntivo dubitativo - (tradução nossa).

²⁷³ *O futuro do subjuntivo* veio a ser por excelência a categoria verbal marcadora da indeterminação futura - (tradução nossa).

